



A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

J.W. Rochester
Wera Krijanowskaia

A Morte do Planeta



boanova

Instituto Beneficente Boa Nova
Entidade coligada à Sociedade Espirita Boa Nova
Av. Porto Ferreira, 1.031 | Caixa Postal 143
Catanduva/SP | CEP 15809-020
www.boanova.net | boanova@boanova.net
Fone: (17) 3531-4444 | Fax: (17) 3531-4443

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER



Capítulo I

Sob maciço rochoso da antiga pirâmide de consagração, repousa desconhecido e para todo o sempre inacessível para os mortais comuns, o mundo subterrâneo. Lá sobrevive o que restou do Antigo Egito, lá se esconde os tesouros de sua portentosa ciência, que permanece envolta em mistérios, protegida dos olhos de curiosos, tal como ocorria naquela época em que o povo de Kemi ainda reverenciava seus hierofantes, enquanto os Faraós saíam com ostentação para guerrear contra seus vizinhos. Os hierofantes e os Faraós foram paulatinamente descansar em seus túmulos subterrâneos; o tempo — que a tudo destrói — continuou a destronar e a transformar a civilização antiga. Outros povos, outras crenças começaram a surgir no Egito e jamais alguém chegou a suspeitar que toda uma falange de pessoas misteriosas — que viveram muitos séculos antes, quando ainda começaram a surgir as maravilhosas obras, cujas ruínas provocam admiração — continua a viver no abrigo fantástico, conservando piamente seus trajes, tradições e ritos da fé em que nasceram.

Ao longo de um comprido canal subterrâneo, que se estendia a partir da esfinge de Gizé até a pirâmide, deslizava silenciosamente um barco de proa dourada, enfeitada com flor de lótus, Um egípcio de tez escura que parecia ter acabado de descer vivo de um antigo afresco, remava lentamente, Dois homens, vestidos em trajes de cavaleiros do Graal, em pé no barco, contemplavam os amplos salões abertos em ambos os lados do canal, onde se podiam ver sábios misteriosos inclinados sobre as mesas de trabalho.

Quando o barco atracou junto a uma escadaria de apenas alguns degraus, os adventícios foram recebidos por um venerável ancião vestido numa longa túnica branca e Klasta, portando uma insígnia no peito e tendo três fochos de luz fulgurante sob a frente, indicando a importância da ascendência do mago.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

— Supramati! Dakhir! Meus queridos irmãos, bem-vindos ao nosso abrigo. Após tantas provações terrenas, venham recuperar suas forças em um trabalho novo! Revigorem-se com novas descobertas no campo ilimitado da sabedoria absoluta.

E acrescentou afetuosamente:

- Deixe-me abraçá-los a todos fraternalmente e apresentá-los a novos amigos.

Aproximaram-se alguns hierofantes e novamente beijaram os recém-chegados.

Após uma conversa amistosa o velho mago disse:

— Vão, irmãos, lavem-se e descansem antes de lhes serem mostrados os locais de suas atividades. E tão logo os primeiro raios de Rá iluminem o horizonte, nós estaremos esperando por vocês no templo para o divino ofício, que será realizado, como sabem, segundo os rituais de nossos antepassados.

Ao sinal do hierofante, dois jovens adeptos que se mantinham até aquele momento discretamente de Aldo, aproximam-se e foram acompanhar os visitantes.

Atravessando primeiro um longo e estreito corredor, eles desceram por uma escada íngreme e apertada que dava numa porta decorada com a cabeça da esfinge com lâmpadas azuladas no lugar dos olhos.

A porta levava a uma sala redonda com aparelhos e instrumentos científicos e mágicos, enfim, havia nela tudo de que o laboratório que um mago iniciado poderia precisar.

Nesta sala havia três portas, sendo que uma dava para um pequeno quarto com banheira de cristal, cheia de água azul clara, que vinha escorrendo pela parede. Nos banquinhos já estavam prontos os trajes de linho e listradas. Outras duas portas levavam a quartos totalmente idênticos, com camas e móveis de madeira entalhada e almofadas de seda; a mobília dos quartos, devido a seu estilo inusitado e desconhecido reproduzia, pelo visto, o ambiente de uma antiguidade lendária.

Junto à janela, fechada por uma cortina pesada de tecido azul com desenhos e franjas, havia uma mesa redonda e duas cadeiras. Um grande baú entalhado, junto à parede, destinava se, por certo, a guardar vestimentas. Nas estantes de parede amontoavam-se rolos de antigos papiros.

Antes de tudo, Dakhir e Supramati tomaram um banho. Com o auxílio de jovens adeptos, vestiram novas túnicas de linho com cintos decorados por pedras mágicas e colocaram as Klastas e as insígnias, obtidas em virtude de seu grau hierárquico. Assim,

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

em indumentárias antigas, tornaram-se eles contemporâneos àquele ambiente estranho em que se encontravam.

- Venha me chamar, irmão, quando precisar - disse Supramati ao adepto, sentando-se na poltrona junto à janela. Dakhir recolheu-se em seu quarto, uma vez que ambos sentiam uma necessidade incontrolável de ficarem a sós, Seus espíritos ainda estavam oprimidos pelo peso do último período de suas vidas na Terra, mas a saudade daquilo, ainda que tivessem triunfado, arrastava-os invariavelmente a um pensamento: seus filhos e esposas.

Soltando um triste suspiro, Supramati debruçou-se sobre a mesa; o jovem adepto, antes de se retirar, puxou a cortina que ocultava a janela.

Supramati se pôs em pé, impressionado com a extraordinária beleza e austeridade do espetáculo: jamais tinha visto algo igual.

Diante de seus olhos estendia-se a superfície de um lago, liso feito um espelho; as águas imóveis, sonolentas e azuis como safira, era de transparência cristalina; ao longe podia ver-se o pórtico branco de um pequeno templo, cercado de árvores com folhagem escura que fazia com que ela parecesse preta, sem ser agitada sequer por um sopro mínimo de vento.

Em frente da entrada do templo, sobre a ara de pedra ardia um grande fogo que, feito um luar, difundia para longe suas luzes, envolvendo, como uma névoa prateada, a dormente natureza imóvel, atenuando seus contrastes de contorno.

Mas onde está o firmamento deste fantástico quadro da natureza? Supramati ergueu os olhos e viu que, em algum lugar próximo, em cima, perdido na escuridão cinzenta, abria-se uma cúpula violeta. O deslumbramento de Supramati foi interrompido por Dakhir, que havia admirado o mesmo quadro de sua janela e viera compartilhar a sua descoberta com o amigo, sem saber que este já estava se deliciando com a fascinante visão.

Que grandioso! Um deleite para a alma esta tranqüilidade da imóvel natureza, placidamente adormecida! Quantos mistérios novos e ainda inimagináveis terão que estudar – observou Dakhir ao sentar-se.

Supramati não teve tempo de responder, surpreendido por um novo fenômeno ocorrido, e ambos soltaram um ai de admiração. Da abóbada cintilou um feixe largo de luz brilhante, de cor dourada, iluminando tudo ao redor... Luz solar sem sol? De onde vinha e como penetrava ali aquela luz dourada, eles não tinham a menor idéia.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Instantes depois, seus ouvidos captaram os sons de um canto remoto, poderoso e harmônico.

Não deve ser um canto das esferas, mas sim de vozes humanas – observou Dakhir. – Veja ali estão os nossos acompanhantes. Eles estão vindo nos buscar de barco. Voce não notou que de seu quarto há uma saída para o lago? – acrescentou ele, levantando-se e dirigindo-se com o outro para a porta de saída.

Feito uma flecha, o barco deslizou pelo lago, indo parar junto à escadaria de um templo egípcio em miniatura. Uma comunidade misteriosa estava lá reunida; homens em trajes antigos, com semblantes austeros e concentrados; mulheres, vestidas de branco, com aros dourados na cabeça, cantavam sob o acompanhamento de harpas

As estranhas e poderosas melodias ressoavam sob as abóbadas e o ar era impregnado de um aroma suave. A cena impressionou profundamente Supramati e seu amigo.

Aqui, o tempo também se deslocou em mil anos; era uma visão ao vivo do passado, uma dádiva que lhes era concedida para dela participarem em virtude de um acontecimento estranho em suas extraordinárias existências.

Assim que silenciou o último som do hino sacrificial, os presentes Formaram duas fileiras e junto com o superior dirigiram-se, através de uma galeria arqueada, a sala onde já os aguardava o desjejum matinal.

Era simples, porém bem substancioso para os iniciados. Compunha-se de pãezinhos escuros, que derretiam na boca, verduras, mel, vinho, e de uma bebida branca, densa e espumante, que não era creme de leite, mas parecia muito.

Dakhir e Supramati estavam famintos e honraram o alimento. Ao notar que o hierofante supremo, ao lado do qual ambos estavam sentados, olhava para eles, Dakhir comentou um tanto sem jeito:

- Não é uma vergonha, mestre, que os magos tenham tanto apetite?

O ancião sorriu.

- Comam, comam meus filhos! Seus corpos estão esgotados devido ao contam com a massa humana que lhes sugou toda a força vital. Aqui, na paz de nosso retiro, isso será superado. O alimento que nós retiramos da atmosfera é puro e fortificante; seus componentes são adequados ao nosso modo de vida. Comer não é t1m pecado, pois o corpo, ainda que seja de um imortal, necessita de alimento.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Após o desjejum, o hierofante supremo fez com que os visitantes conhecessem todos os membros da comunidade.

- Antes de tudo, aproveitem para descansar, meus amigos — observou ele ao se despedir. — Por cerca de duas semanas vocês dedicarão seu tempo para conhecerem nosso abrigo, repleto de tesouros históricos e científicos; além disso, vocês encontrarão entre nós muitas pessoas interessantes, com as quais terão muito prazer em conversar. Mais tarde, juntos, planejaremos suas tarefas: não aquelas que dizem respeito à Ebramar, mas a outras, com que vocês terão que se familiarizar.

Depois de agradecerem ao hierofante supremo, Supramati e Dakhir foram até seus novos amigos, travando com eles uma animada conversa. Pouco depois os membros da comunidade se dispersaram, indo cada um cuidar de seus afazeres até a hora do desjejum seguinte.

Permaneceu somente um dos magos que propôs aos visitantes mostrar o local e algumas das coleções de antiguidade lá guardadas. A caminhada pelo local e o exame das coleções despertaram um interesse profundo em Supramati e Dakhir. O relato do acompanhante sobre a origem da pirâmide, da Esfinge e do templo, sepulto sob a terra ainda na época de primeiras dinastias, abriu lhes os horizontes longínquos da origem da Humanidade.

E quando algum objeto valioso de 20-30 mil anos ou uma folha metálica com inscrições ilustrava a narração, eles, involuntariamente, eram dominados por respeitoso tremor de admiração, ainda que, já há muito tempo, fossem mimados com conhecimentos da Antiguidade.

Após o jantar, Supramati e Dakhir recolheram-se em seus quartos, cada um sentindo a necessidade de ficar a sós. Seus espíritos ainda sofriam as conseqüências da ruptura dos vínculos carnis, que os acatam durante alguns anos a vida de humanos mortais.

Sentado, com a cabeça abaixada nas mãos, Dakhir estava triste e pensativo. Ele sentia o pensamento que lhe vinha de Edith e a Saudade o atormentava. Até então ele não tinha a consciência de quanto havia se apeado àqueles dois seres, que passaram

Sentado, com a cabeça abaixada nas mãos, Dakhir estava triste e pensativo. Ele sentia o pensamento que lhe vinha de Edith e a Saudade o atormentava. Até então ele não tinha a consciência de quanto havia se apeado àqueles dois seres, que passaram

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

rapidamente por sua longa, estranha, laboriosa e solitária existência, à semelhança de raios quentes e do sol vivificante.

Esse vínculo verificou-se ser muito forte e não podia ser rompido a bel-prazer. Ele tocara nas cordas do coração e essas vibravam agora em duas direções como um fio eletrizado. Por isso a troca de pensamentos e sentimentos não cessava. Da mesma forma como as ondas se batem contra as margens, os pensamentos recíprocos repercutem em ambos os lados.

Dakhir sentia a dor de Edith; e esta, ainda que desejasse, não conseguia dominar o poderoso sentimento que invadia todo o seu ser e abafar a dor cruciante da separação da pessoa amada.

Ebramar, que tão bem pôde estudar o coração humano — e até de um mago - ao se despedir de Dakhir disse que, enquanto o tempo e as ocupações não conseguissem acalmar a saudade dolorida do espírito, ele poderia ver Edith com a criança no espelho mágico e conversar com a esposa. Agora, lembrando-se dessas palavras. Ele saiu apressado para o laboratório.

Aproximando-se de um grande espelho mágico, Dakhir pronunciou as fórmulas e desenhou sinais cabalísticos. Ocorreu o que era esperado: a superfície do instrumento embaralhou-se, encheu-se de faíscas, a névoa se dissipou e como se através de uma grande janela divisou-se diante dele o interior de uma das salas do palácio do Himalaia, onde habitavam as irmãs da irmandade.

Era um local amplo e luxuosamente decorado; no fundo, junto à cama com cortinas de musselina, podiam ser vistos dois berços com acabamento em seda e rendas. Em frente do nicho, no fundo do qual havia uma cruz, encimada por um cálice de ouro dos cavaleiros do graal, estava Edith em posição genuflexa. Vestia uma longa túnica branca - vestimenta de irmãs - e os maravilhosos cabelos soltos envolviam-na como um manto de seda.

As belas feições de Edith estavam pálidas e cobertas de lágrimas: diante de sua visão espiritual pairava a imagem de Dakhir, Não obstante, era visível que ela lutava contra esta fraqueza, procurando na oração um apoio para preencher o vazio que se formou com a partida da pessoa amada.

O amor preenchia-lhe tudo o ser; no entanto, esse sentimento era puro, como pura era a alma de Edith; não havia nela sombra mínima de lascívia, somente o desejo

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

de ver, ainda que uma vez ou outra, a pessoa adorada, ouvir no silêncio da noite a sua voz e saber o que ele achava dela e da criança.

Um arrebatamento profundo de carinho e compaixão apoderou-se de Dakhir:

- Edith, - sussurrou ele,

Por mais fraco que tenha sido este sussurro, a audição espiritual da jovem mulher o havia captado; ela estremeceu e levantou-se, sentindo a presença do ser querido.

No mesmo instante, ela viu uma faixa de luz formada pelo espelho mágico que já conhecia, e nele a imagem de Dakhir, Sorrindo-lhe e saudando-a com a mão.

Soltando um grito. Edith correu e estendeu-lhe a mão, mas, subitamente, enrubescou-se e parou embaraçada.

- Meus pensamentos o atraíram, Dakhir, eu talvez tenha interrompido seus importantes afazeres. Oh! Perdoe querido a minha fraqueza incurável. De dia, eu trabalho, e ainda consigo, de certa forma, enfrentar a dilacerante saudade de voce. Sinto sua falta como do ar que respiro; tendo a nítida impressão de que em voce ficou uma parte de meu ser e sofro por causa desta ferida aberta.

Todos aqui são bons comigo. Estudo uma nova ciência que me revela maravilhas; mas nada me faz mais feliz. Perdoe-me por ser fraca e indigna de voce.

- Nada tenho a perdoar-lhe, minha boa e dócil Edith. Assim como voce, eu sofro devido à nossa separação, mas devemos obedecer à lei imutável de nosso estranho destino, que nos obriga a caminhar sempre para frente e para frente... Com o tempo, a tensão dessa nostalgia vai passar e voce acabará pensando em mim com sentimento tranqüilo até a nossa reunificação derradeira. Hoje eu vim à sua presença para lhe dar uma boa notícia. Ebramar deixou-me vê-la uma vez por dia; e a estas horas tranqüilas, vou visitá-la e à criança. Nós vamos conversar, eu vou guiá-la, ensiná-la e acalmá-la, sabendo que eu estou a seu lado, vai sofrer menos por causa de separação.

Enquanto ele falava, o rosto encantador de Edith modificou-se totalmente. As faces emagrecidas ficaram coradas, os grandes olhos irradiavam felicidade e a voz denotava alegria.

- Oh! A bondade de Ebramar é infinita! Como posso expressar-lhe a gratidão por esta graça que faz voltar o ânimo e a felicidade? Agora eu poderei viver sempre de um encontro a outro, e esses momentos serão a recompensa por meu trabalho diário.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Voce irá me explicar o que eu tenho dificuldade de entender e seus fluídos acalmarão meu coração rebelde...

Repentinamente ela se calou e correu em direção a um dos berçários, e tirando dele uma menina, mostrou-a a Dakhir.

- Veja como ela está ficando bonita e se parece com voce; seus olhos, seu sorriso. O que seria de mim sem esse tesouro? – acrescentou ela toda feliz, apertando apaixonadamente a criança contra o peito.

A pequenina acordou, sem chorar em seguida, e, sorrindo ao reconhecer o pai, estendeu-lhe os bracinhos.

Dakhir mandou-lhe um beijo pelo ar.

- Esta menininha revela-se uma maga – disse Dakhir sorrindo. – Voce disse que ela se parece comigo? Ela é o seu retrato.

Quando Edith deitou a criança, que logo adormeceu, Dakhir perguntou:

Como está Airavala? Eu creio que amanhã Supramati vai querer visitar o filho.

- Será ótimo, porque ele anda muito triste e só se anima vez ou outra quando vê a mãe; até a chama pelo nome e estende os bracinhos. Pobre pequeno mago!

Após conversarem por cerca de uma hora, Dakhir observou:

- Está na hora de voce se deitar e dormir, querida Edith. Agora que voce me viu e sabendo que logo nos encontraremos de novo, tenho certeza de que vai se acalmar e o sono irá fortificá-la.

- Ah! Como o tempo passou rápido! – suspirou Edith. Eu vou me deitar – acrescentou, dirigindo-se obediente à cama -, mas não vá embora antes de eu pegar no sono.

Dakhir desatou a rir e ficou junto à sua janela mágica; quando ela se deitou, ele levantou a mão e através de seus dedos jorrou uma luz azulada que envolveu Edith como um véu radiante.

Quando a luz se apagou e a névoa havia se dissipado, a jovem dormia um sono profundo e são.

Enquanto o descrito acontecia no quarto de Dakhir, Supramati deitado na cama refletia sobre o passado. Há muito tempo seu espírito não era tão incomodado com o peso do destino fatídico que lhe facultava amar algo para em seguida tirá-lo dele.

Pondo-se de pé, ele se sentou à mesa e começou a por em ordem folhas antigas de papiro, para serem examinadas mais tarde, dadas de manhã por seu acompanhante

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

como documentos extremamente interessantes. Como era de seu hábito, ele queria dissipar seus pensamentos desagradáveis com aquele trabalho.

Mal ele havia começado a ler as primeiras linhas, estremeceu subitamente e retesou-se: sua audição aguçada captou um leve ruído como o farfalhar de asas que batiam contra alguma coisa. Em seguida, ouviu-se um som trêmulo, pungente e lastimoso, à semelhança de um choro contido.

Olga, ela está a minha procura! –pensou alto Supramati, pondo-se de pé. – Pobrezinha! – A aflição esta a cegando e a imperfeição impõe um muro entre nós!

Ele pegou se bastão mágico girou-o cerca de um minuto no ar e em seguida desenhou no chão um círculo de linhas ígneas; depois fez um gesto com se dissipasse a atmosfera com o bastão, e, acima do círculo, formou-se u facho de luz; o espaço transparente e azul que se via nele parecia estar envolvido por um gás gelatinoso, que tremia e crepitava.

Agora, no meio do círculo, pairava uma cinzenta sombra humana que rapidamente ia se corporificando e adquirindo forma e cor determinadas.

Era Olga. Em seu rosto encantador a expressão de melancolia e infortúnio parecia ter-se congelado, e, os olhos, expressando receio e ao mesmo tempo uma clara felicidade, miravam aquele que para ela era um deus terreno. Irradiadas de Supramati, grandes correntes de luz e calor eram absorvidas pelo corpo transparente da visão, conferindo a ela uma forma viva e beleza exuberante. A chama fulgurante acima da frente iluminava as feições do rosto e a vasta cabeleira dourada. Por fim a visão adquiriu o aspecto de mulher viva e Olga, com ar suplicante, estendeu as mãos fechadas a Supramati, que a acompanhava com o olhar de afeição e ternura.

- Olga, Olga! Onde estão as suas promessas de ser corajosa e forte, de trabalhar e aperfeiçoar-se com as provações terrenas? Voce anda vagando tristemente no espaço feito um espírito sofredor, enchendo-o ar com seus gemidos. Voce é esposa de um mago! Não esqueça minha pobre Olga, voce ainda tem muito trabalho pela frente. Voce terá que enriquecer o seu intelecto, desenvolver as forças e as capacidades espirituais para que eu receba o direito de levá-la ao mundo novo, para onde o destino me arrasta.

Seu tom de voz era levemente severo e o rosto de Olga adquiriu a expressão de susto e vergonha de uma criança que fez algo de errado.

Perdoe-me a fraqueza, Supramati; é tão difícil ficar longe de voce, consciente dos obstáculos que me impedem de aproximar-me.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- À medida que se aperfeiçoe os obstáculos irão diminuindo, até desaparecerem por completo. Eu já lhe disse que voce terá de purificar-se e trabalhar no espaço. Na atmosfera terrena, repleta de sofrimentos e criminalidade. Haverá sempre muito trabalho para um espírito bem intencionado.

- Oh! Eu estou repleta de boas intenções. Envie-me para a Terra num corpo novo para qualquer provação, por mais penosa que seja, e eu suportarei submissa todos os sofrimentos, quaisquer privações, porque quero ser digna de segui-lo; e, por fim, poderá esquecer, pelo menos por algum tempo, aquela felicidade da qual eu pude usufruir.

Seus lábios tremiam as lágrimas a sufocavam. Supramati abaixou-se e disse carinhosamente:

- Não se aflija minha querida! Não tenho a menor intenção de repreendê-la pelo infinito amor que voce tem por mim, porque ele me é extremamente caro e eu a amo: mas voce não pode deixar que ele a domine. Esteja certa de que eu nunca vou perdê-la de vista e vou observá-la durante as suas provações terrenas; mas voce deverá aproveitar e aperfeiçoar suas forças morais e intelectuais e isso voce tem bastante, pois voce é minha discípula. Empregue os poderes e os conhecimentos que eu lhe transmiti para ajudar as pessoas; encontre entre esses aqueles que voce poderá orientar para o bem e tente provar-lhes a imortalidade da alma e a responsabilidade de cada um por seus aros; estude as leis fluídicas que lhe possibilitarão proteger e auxiliar seus irmãos mortais.

Em seguida, Supramati abriu uma caixa tirou dela um pedaço de uma espécie de massa fosforescente, fez dela uma bolinha e entregou ao espírito.

- E agora, olhe bem para mim. Eu estou aqui, voce não me perdeu. Nossos espíritos estão se comunicando e, com o auxilio desta bolinha, poderá chegar a mim: mas só depois que aproveitar com dignidade o tempo para o trabalho e o estudo, e não para lamentos insensatos.

Denotando alegria e candura, Olga pegou a bolinha. Levantando para Supramati seus grandes e radiantes olhos, com sorriso desconcertado, sussurrou timidamente:

- Vou cumprir tudo o que voce disse; vou procurar um médium para trabalhar e não me queixar; dê-me apenas um beijo para que eu tenha certeza de que voce não está zangado pelo fato de a esposa do mago andar vagando feito uma mendiga, ao redor do paraíso perdido.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Supramati, sem poder conter um riso, puxou-a para si e beijou-lhe os lábios e a cabeça de cabelos louros.

- E agora, minha incorrigível turrona, vá e cumpra com suas promessas. Eu a abençôo. E se voce precisar de minha ajuda, me chame em pensamento e a minha resposta terá a forma de uma corrente tépida e vivificante.

Ele Fez alguns passes e o espírito rapidamente descorporificou-se, tornou-se transparente e feito uma névoa desapareceu no éter.

Supramati sentou-se empurrando as folhas e debruçando-se sobre a mesa começou a pensar. Uma mão sobre o seu ombro o tirou das reflexões e levantando a cabeça encontrou o olhar afetuoso de Dakhir.

- Olga esteve aqui. Coitada! A separação é demais pesada para ela: mas eu acho que seu forte amor vai ajudá-la em suas provações, elevando-a até voce.

Em seguida ele contou sobre o seu encontro com Edith e acrescentou:

— Venha amanhã, quando eu for conversar com Edith. Airavala está muito triste segundo ela; ficará muito feliz em vê-lo. Pobre criança subtraída subitamente do pai e da mãe.

Ambos suspiraram. Quem sabe se não despertarão no fundo dos espíritos dos magos os sentimentos que afligem os mortais comuns?

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



Capítulo II

Eles utilizaram o tempo de seu descanso para conhecerem mais detalhadamente o extraordinário sítio onde se encontravam e para apreciar as impressionantes coleções ali guardadas.

À noite, quando no quarto de Dakhir se abria à enigmática janela para a sala de Edith, Supramati também ia conversar com a jovem mulher e dar uma olhada no filho. A alegria da criança, que impaciente lhe estendia os braços, e a sua frustração em não poder alcançar o pai, produziam no coração de Supramati sentimentos de felicidade e amargura.

Dentre os novos conhecidos, eles se afeioaram principalmente a dois. O primeiro – um mago, portando um único facho, era um jovem bonito de rosto pensativo e no resplendor dos anos. Chamava-se Cleofas.

Durante o exame de coleções antigas, entre as quais havia maquetas de monumentos, conhecidos ou não, mas que se destacavam pela sua arquitetura e ornamentação chamou a atenção de Supramati um magnífico trabalho de um templo em estilo grego.

- É o templo de Serápis em Alexandria e a maqueta é de minha autoria – explicou Cleofas, e, com um pesado suspiro, acrescentou: - Fui um sacerdote de Serápis e testemunha da destruição selvagem daquela obra arquitetônica, santificada pelas orações de milhares de pessoas.

Dakhir e Supramati se restringiram a apertar-lhe solidariamente as mãos, e, à noite, quando os três se reuniram no quarto de Cleofas para conversar, Supramati perguntou se não era penoso contar sobre o passado.

- Ao contrário – respondeu Cleofas sorrindo. – Causa-me prazer reviver com meus amigos aquele passado remoto que já não me aflige.

E após um instante de reflexão, começou a falar:

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Nasci justamente na época de declínio da nossa antiga religião. A nova fé do Grande Profeta de Nazaré dominava o mundo. Entretanto, a eterna verdade da luz e do amor, propagada pelo Deus-homem, já estava distorcida, tendo adquirido tal ferocidade e brutal fanatismo que até o Filho de Deus, em sua humildade e misericórdia, teria censurado severamente.

Mas eu, naquele tempo confuso de lutas, não o percebia, sendo um ardoroso adepto de Serápis, assim como os outros eram de cristo. Eu odiava os cristão tanto como eles a nós.

Pois é, meus amigos, a história de Osíris, morto por Tifão, que depois espalhou os restos ensangüentados do deus da luz pela face da Terra, é tão antiga quanto o mundo e permanecerá viva até o fim dos tempos. Não pleiteiam os homens entre si o Criador inconverso do Universo e a verdade única que Dele emana, imaginando inocentemente que podem enclausurá-lo exclusivamente em sua crença, em detrimento de todos os outros? Seu ódio fratricida e as guerras religiosas – não será isso a disseminação dos restos ensangüentados da Divindade? Contudo, passarei a contar sobre mim.

Sendo filho do Sumo Sacerdote, eu cresci no templo e desde a infância servi ao deus. Eram tempos difíceis. Nós, os assim chamados “sacerdotes pagãos”, já éramos desprezados, odiados e perseguidos. Só de pensar que os nossos santuários estavam sendo destruídos -, e este seria também o destino do templo de Serápis, deixava-me louco de desespero. E o terrível dia chegou...

Cleofas calou-se por um instante e apontou para uma estatueta de marfim que repousava sobre uma pequena coluna junto à cama:

- Eis, meus amigos, a miniatura da estátua do deus. Ela pode dar-lhes uma idéia aproximada da beleza ideal e da expressão realmente divina que um genial artista conseguirá dar a essas feições. É claro que vocês entendem como me senti quando a mão sacrílega de um fanático levantou o machado para quebrar esta incomparável obra de arte, como se fosse cortar uma relevo de madeira.

Muitos dos nossos sacerdotes foram assassinados naquela dia, enquanto eu escapei por um milagre ou destino. Gravemente ferido fui levado por companheiros à casa de um amigo de meu pai, um sábio, que morava retirado nos arredores da cidade.

Lá, eu me restabeleci e fiquei curado; e com o tempo tomei consciência da terrível realidade: o templo de Serápis, arrasado até as fundações, não mais existia. Não vou tentar descrever-lhes o desespero que tomou conta de mim.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

No início, fiquei tecendo planos de vingança; mas depois percebendo a inviabilidade, caí num profundo marasmo e decidi suicidar-me. Certa noite cheguei ao meu protetor e implorei-lhe que me desse veneno.

“Agora que não posso servir ao meu deus... a não ser assistir aos insultos e humilhações de tudo aquilo que eu adorava, eu prefiro morrer”.

O ancião ouviu-me em silêncio. Depois, tirou do armário uma taça e despejou nela algumas gotas de um líquido flamejante. Em seguida, estendeu-me a taça e, com um sorriso enigmático, disse: “Tome e morra por tudo o que já foi destruído; renasça para reverenciar e servir à Divindade de sua fé...”

Eu tomei e caí fulminado. Quando voltei a mim, já estava aqui, vivo cheio de energia, cercado de paz, silêncio e novos amigos, com amplas possibilidades de estudar e solucionar os imensos e terríveis problemas que nos cercam. Vivo assim já há muitos séculos, absorto no trabalho, esquecendo até que em algum lugar existe ainda outro mundo, no qual nasce e morre a humanidade efêmera...

O outro adepto, com quem Dakhir e Supramati estabeleceram um relacionamento estreito, também era um homem de tipo incomum, no vigor dos anos, de rosto vermelho-cobre, e grandes e profundos olhos negros feito breu.

Chamava-se Tlavat e a história de sua vida causou uma profunda impressão nos ouvintes... Eles contemplaram, quase com um sentimento de superstição, aquela criatura semilegendária – o representante vivo da poderosa raça-vermelha dos Atlantes, cujos pés pisaram o chão do que restou do imenso continente que ficou na memória sob o nome de ilha de Poseidon.

Combinaram encontrar-se sempre à noitinha para conversar, após os afazeres diários, revezando os seus aposentos a cada encontro.

A conversa com Tlavat foi extremamente interessante. A história do continente desaparecido, contada por uma testemunha viva daquele fabuloso passado, adquiria uma nova vitalidade.

Os olhos negros do Atlante brilhavam apaixonadamente quando ele descrevia as terríveis catástrofes que arrasaram o seu continente; fatos que não presenciou pessoalmente, mas as lembranças das mesmas estavam vivas e claras na memória de seus contemporâneos.

Tlavat descrevia, com toque de orgulho étnico, a cidade dos portões de ouro – a capital da grandiosa nação já desaparecida no tempo, mas que deixou mapas, vistas e

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

descrições pormenorizadas no santuário dentro do qual Tlavat foi iniciado, e com cujos sacerdotes emigrou para o Egito antes da reviravolta geológica, prevista pelos iluminados, que afundou a ilha de Poseidon.

É claro que o ponto de maior interesse se constituía da história do Egito primitivo, das pirâmides onde habitavam, da Esfinge e do templo sepultado pelas areais. Pelas contas de Tlavat, aqueles monumentos, erigidos por iniciados que emigraram da Atlântida, tinham no mínimo, vinte mil anos. Os mesmos emigrantes construíram o mundo subterrâneo, onde agora viviam, concentrando nele a realização das consagrações, lá compondo os poderosos talismãs para se protegerem dos cataclismas cósmicos.

O tempo do descanso passou rápido e certa manhã, após a oração no templo, os cavaleiros do Graal foram convidados a falar com o hierofante supremo.

- Chamei-os aqui, meus filhos, para montarmos em conjunto o programa de seu trabalho. Vocês já aprenderam muito, mas... Na trilha que caminhamos, o campo de conhecimentos que ainda nos resta é praticamente ilimitado. Proponho-lhes dedicarem-se ao estudo do espaço de nosso sistema solar, desconhecido de vocês. Da mesma forma, vocês terão a oportunidade de estudar a cadeia planetária e a influência dos planetas, visíveis ou não, que cercam a nossa Terra tanto física como psiquicamente. Paralelamente vocês conhecerão as particularidades das leis cósmicas que regem o nosso sistema.

Esta “geografia” do espaço, a nós acessível, representa um grande interesse e abrirá para vocês horizontes inesperados, um novo campo da infinita e imensurável sabedoria do Ser Supremo.

Dakhir e Supramati concordaram em se submeter à decisão do seu guia e, ao receberem as primeiras instruções juntamente com o material necessário, iniciaram no mesmo dia o trabalho, com a paixão que lhes era característica.

Para um simples mortal, o tempo é um fardo de lamentações e falhas do passado, grandes preocupações do presente e fastio e incerteza do futuro. A paz e a quietude, tão valiosas para os sábios, parecem entediantes para um ser imperfeito, de cabeça oca, para o qual o tempo é um tirano cruel, caso ela não seja preenchido por diversões torpes, intrigas e paixões não satisfeitas.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

E esse turbilhão de hostilidade mútua, inveja mesquinha e desejos selvagens é arrebatado pelo microcosmo, chamado de organismo humano, de forma não menos destrutiva que os terremotos que sacodem o mundo físico.

Pelas nossas veias correm, no oceano purpúreo do sangue, milhares de pequenos mundos, nos quais se refletem as tempestades do coração humano, transmitindo-lhes instintos, paixões e desejos. Oxalá o olho clarividente do homem pudesse enxergar a devastação causada por uma tempestade moral de sua alma, por um acesso de ira! Lá, naquele sangue rebelde, ocorrem catástrofes similares às cósmicas; milhões de células e glóbulos perecem afogados e queimados, lançando-se à aura os restos contagiosos desses organismos microscópicos mortos, enquanto que o homem, exaurido por abalos internos, sente-se pesado, fraco e desesperado.

Para um ser humano purificado, que trabalha com o espírito, o nascer e o pôr-do-sol indicam apenas o início e o término de um dia de trabalho.

O mundo espiritual, o silêncio e o êxtase da oração criam uma paz beatífica, proporcionando ao ser humano saúde física e moral; nada perturba o mundo interior que ele controla, e a irritante presença do formigueiro humano ao seu redor não exerce sobre ele qualquer influência.

Envoltos pela impressionante harmonia da atmosfera da pirâmide, Supramati e Dakhir readquiriram o equilíbrio espiritual, alterado pela vida terrena e, com o costumeiro afinco, iniciaram a difícil tarefa.

Seu guia, neste novo trabalho, era o hierofante Siddarta – de aparência jovem, mas cuja idade se perdia nas nebulosas profundezas dos séculos. Com a arte e a paciência próprias de um ser superior, Ele conseguiu aos poucos transmitir seus imensos conhecimentos aos dois irmãos mais novos, alegrando-se com a luz que os iluminava, respondendo às suas manifestações de gratidão sempre da mesma maneira.

- Vocês nada me devem; estou lhes dando somente o que recebi e o que, por sua vez, vocês darão a outros irmãos, que, como nós, estão subindo os degraus do conhecimento perfeito. Irmãos, os meus conhecimentos, que lhes parecem tão grandes, nada são comparados com o que ainda lhes resta adquirir.

Entretanto, apesar de seus esforços, energia e esperança no futuro e apoio do pai Celestial, Supramati e Dakhir eram acometidos por momentos que, se não eram de desespero, seriam pelo menos de fraqueza.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Isso acontecia quando alguma nova verdade, como um raio ofuscante, abria repentinamente os horizontes desconhecidos, de opressiva imensidão, dos arcanos do Universo de cuja existência eles nem suspeitavam.

Com angustiante tristeza no espírito, os magos se perguntavam se havia algum objetivo, um limite para esse conhecimento tão ilimitado quanto o próprio infinito. Conseguiram eles saber, alcançar e acomodar todo este conhecimento colossal em seus míseros cérebros?

Um dia Siddarta notou um desses momentos de fraqueza e quando Dakhir e Supramati, respondendo à sua pergunta, expressaram seus receios e dúvidas, o sábio balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

- Estou surpreendido, irmãos, como vocês, magos de dois fochos, não entenderam ainda que a indestrutível faísca psíquica, criada pelo Ser Superior, contém embriões de seu conhecimento e de seu poder, e a nossa tarefa se resume somente em desenvolver e trabalhar esses dados.

A cada degrau superior do conhecimento adquirido, forma-se no cérebro um novo núcleo de fogo, um foco de conhecimento e poder. E este mesmo cérebro, que nos degraus inferiores da evolução era simplesmente uma massa de material inerte, com alguns poucos e mal enraizados fios elétricos, transforma-se num mundo especial, num laboratório dinâmico de terrível força, capaz de controlar os elementos e criar mundos. Possui tal poder e permanecer humilde, pondo obsequiosamente o conhecimento adquirido a serviço da vontade Divina: esse é o maior objetivo

Dos magos e a única ambição que lhes é permitida.

- Meus filhos, penso que seria agradável animar com música este nosso trabalho insípido, ainda que muito interessante. A arte é um ramo da magia; e se até agora vocês foram obrigados a dispensá-la em função de outros afazeres mais complexos, chegou à hora de estudar também esta grande força em que se propaga o pensamento divino...

- Mestre, o senhor adivinhou o nosso desejo – respondeu animado Supramati. – Nós, tanto Dakhir como eu, adoramos a música – um presente dos céus, que alegra, eleva e consola o ser humano. Mas, confesso que não a estudamos como ciência mágica.

- Dediquem a ela uma parte do seu tempo. Os magos do seu nível devem conhecer a composição química do som e das vibrações, como também as dimensões dessa força. As pessoas comuns, com sentidos não desenvolvidos, mesmo que sintam o

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

encanto da música, não possuem nenhuma noção sobre a variedade dos efeitos causados por ela. No arsenal de um mago, a música é uma arma a mais.

- De maneira geral, eu só sei que as vibrações harmônicas acalmam, reúnem e animam, enquanto que as dissonantes funcionam destrutivamente; provocam tempestade, terremotos, etc.. Sabe-se também, que as vibrações musicais podem acalmar ou excitar os desejos humanos e até agir sobre animais. Isto é tudo que sabemos neste campo – explicou Dakhir.

- Está claro. Mas vocês devem aprender a controlar de maneira totalmente consciente esta força geradora tão poderosa; saber regular o ritmo, composição e gradação do vigor da harmonia vibratória, de forma a controlar a energia astral e conter os elementos caóticos, se o desejarem; ou, ao contrário, provocá-los e dar-lhes liberdade. Vocês ainda não tentaram por meio de vibrações produzirem venenos perigosos ou praticar as curas que os profanos certamente chamariam de “milagrosas”? Ou fecundar a terra, sem ser com fórmulas ou essências primevas, mas com música, já que tudo se move e se mantém em equilíbrio através de vibrações? A natureza ao redor do profano ressoa, exala perfumes, brilha com milhares de cores, mas ele não se apercebe disso porque não enxerga nem sente o invisível. E agora vamos – disse Siddarta, levantando-se.

- Vocês irão ouvir uma música mágica e vou introduzi-los no mundo astral onde verão o trabalho das vibrações harmônicas. Assim como o ímã atrai o ferro, os sons atraem os sons e as ondas harmônicas juntam-se em vibrações cada vez mais poderosas. A tarefa de vocês é aprender a medir, avaliar e controlar esse poder – continuou ele.

E o hierofante levou seus discípulos à sala de iniciação musical.

Era uma caverna ampla, redonda e totalmente escura. Possuidores de visão espiritual, os magos sentaram-se em poltronas baixinhas. Siddarta pegou uma lira de cristal e disse rindo:

- Fechem seus olhos espirituais e vejam como a música provocara a luz.

Ouviram-se então sons vibrantes de estranha modulação, e, e, seguida, fulgurou na escuridão um facho ígneo que se fragmentou em milhões de faíscas multicoloridas.

À proporção que a música aumentava de volume, os sons tornavam-se cada vez mais cheios e poderosos, espalhando-se feito fagulhas e cruzando-se como estrelas cadentes, formando incríveis desenhos geométricos diferentes.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Este fogo de artifício transformou-se em correntes de raios de arco-íris que, caindo sobre a terra, fragmentavam-se em milhares de gotículas claras fazendo um ruído de água. De repente, a caverna iluminou-se por uma luz ofuscante e o ar encheu-se de um aroma atordoante forte, porém agradável.

O hierofante parou de tocar e baixou a lira. Dakhir e Supramati como se subitamente acordados, olharam em volta e só então perceberam que de um lado da caverna havia se formado uma campina. Siddarta apontou para ele e tornou a tocar.

A melodia agora era diferente. A luz ofuscante perdeu o brilho adquirindo matiz esverdeado, enquanto a terra parecia transparente, avistando-se nela claramente diversos grãos e embriões. De chofre, teve-se a impressão de que as luzes multicores se cravaram na terra assimilando-se aos embriões, e, à medida que aumentava a força das vibrações harmônicas, sobre o solo começaram a cair ondas esverdeadas; os embriões neste meio tempo entumesciam e lançavam rebentos.

O hierofante fez uma pausa, e mudo, com o olhar fixo no espaço, ficou extasiado, mas os sons da lira que em seguida se ouviram eram de uma beleza divina.

A luz tornava-se cada vez mais fraca, adquirindo uma tonalidade azulada e, nesse suave fundo aveludado, começaram a se desenhar quadros de rara beleza.

Como que partindo de um caleidoscópio, vinham surgindo prados verdes, vales sombreados, florestas com vegetação gigantesca e penhascos fantásticos, em cujas fendas ferviam e borbulhavam cataratas multicoloridas. Nos ramos fluorescentes, esvoaçando de uma flor a outra se via seres de meiga beleza – irradiação imaculada do cérebro do mago, sua aspiração à luz... Eram também seres dotados de conhecida vitalidade que faziam parte do mistério da força criadora, ignorada pelos profanos.

Supramati estava fascinado e ouvia tudo esquecido, sem sentir nada além do deleite em admirar tantas maravilhas. De repente, uma idéia inesperada veio-lhe ao pensamento: “Suponhamos que eu fosse capaz de alcançar e aprender isso com meus sentidos para transmitir e explicar esses mistérios às multidões... Em que língua eu lhes falaria para convencê-los, uma vez que eles só querem enxergar e compreender aquilo que conseguem tocar e perceber com seus sentidos vulgares?... Eles ririam de mim e me tomariam por habitante de manicômio, se eu, apontando para um criminoso, lhes dissesse isso: Olhem para a miríade de demônios criados por ele com sua mente criminosa; vejam como torvelinham no espaço essas larvas à procura de grudar-se em alguém... Ou então: Eu lhes mostrarei os pensamentos puros e esplendorosos de um

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

eremita e abstinente, mensageiro da paz e harmonia... Oh, que sagrada verdade foi dita por Cristo:” Bem-aventurados são os pobres de espírito porque deles será o reino de Deus “““.

Não, não, os grandes mestres da verdade estavam totalmente certos: não se pode revelar tudo às multidões; a iniciação deverá ser feita na quietude e mistério, longe do caos hediondo de paixões humanas; os surpreendentes e terríveis conhecimentos devem ficar ocultos como os tesouros e o inviolável juramento de silêncio deverá ser guardado neste sagrado lugar secreto...

Quando Siddarta parou de tocar, Supramati exclamou admirado: - Como isso é belo! Serei eu, algum dia, capaz de produzir sons de tal beleza e força?

O hierofante sorriu e pôs a mão sobre o seu ombro.

- Não pensa voce por acaso, que durante o tempo que eu dedico a algum trabalho sério, utilizo para tocar um método didático pré-estabelecido e regras especiais? Não, os sons que voce acabou de ouvir, eu crio das profundezas do meu ser; eles são a expressão da harmonia do meu espírito. Pegue a lira e tente...

- Mas, eu não sei tocar lira. Vou dilacerar seus ouvidos com minha cacofonia – disse Supramati enrubescendo.

- Não tenha medo. Eleve seu espírito até a beleza divina, se entregue à inspiração, ore, e o arrebatamento de seu espírito irá jorrar em vibrações maravilhosas como as que acabaram de deixá-lo impressionado.

Submisso às palavras do mentor, Supramati pegou a lira e, concentrando-se em oração ardente, colocou os dedos sobre as cordas. Todo o seu ser mergulhou no amor, fé e aspiração respeitosa às moradas supremas...

Sem qualquer esforço, seus dedos, como se movidos por força superior, tocaram nas cordas, espalhando magníficos e suaves sons, provocando formas de rara beleza, iluminadas por correntes de luz multicolorida. A harmonia formava-se, tornando-se cada vez mais bela e emocionante. Surpreendido com a própria música, o mago ouvia e perguntava a si mesmo se suas aspirações ao Bem eram realmente tão fortes que se revestiram de som e se tornaram acessíveis à percepção.

Quando cessaram os últimos acordes, Siddarta abraçou Supramati e disse:

- Veja meu filho, o quanto seu espírito se purificou e se tornou belo. Não houve sequer uma dissonância que pudesse quebrar o encantamento da paz alcançada. Agora,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Dakhir, deixe-nos ouvir o eco harmônico de seu espírito e depois vocês ouvirão uma música desordenada e não harmoniosa, que ocasiona males e pode até matar.

A apresentação de Dakhir, assim como de seu amigo, mereceu total aprovação do hierofante. Posteriormente, ele os levou à escola de arte musical e chamando um dos alunos da classe mais atrasada, ordenou-lhe que os seguisse.

Para surpresa de Dakhir e Supramati, eles saíram da Pirâmide. Era noite. A luz fraca da lua, da última fase, envolvia com penumbra pálida o deserto inóspito. Tudo ao redor era só vazio e quietude.

Instruído pelo hierofante, o aluno começou a tocar e, enquanto o ar era perpassado por sons estrídulos e agudos, ao longe se ouviram em resposta urros e rosnados. Em seguida, da escuridão surgiram diversos animais selvagens: um casal de leões, algumas panteras, hienas e chacais. Todas estas feras, visivelmente irritadas e assustadas, saíram de tocas, gretas e covas abandonadas onde se escondia de dia.

Com urros ensurdecedores e pêlos em pé, fustigando as ancas com o rabo, os predadores irados observavam-se uns aos outros com os olhos fosforescentes na escuridão. Quanto mais bruscos e potentes eram os sons do instrumento, tanto mais crescia a irritação dos animais. Subitamente, eles lançaram-se uns contra os outros pondo em uso dentes e garras. Não era um combate de vida, mas de morte. Até as hienas e os chacais, normalmente medrosos e ladinos, enlouqueceram de raiva.

A briga por certo, terminaria com vítimas se a música não tivesse parado. Depois, submetendo-se à vontade do mago, as feras dispersaram-se aos seus covis.

- Estão vendo, meus amigos – disse Siddarta quando todos retornaram à Pirâmide – como os sons dessa natureza invocam os espíritos do Mal? As pessoas de audição vulgar e estúpida não conseguem ouvir a música diabólica que bandos de demônios dirigem um a outro, enquanto que a mente astral ouve e sente as vibrações dissonantes do ar, sendo dominada por agitação furiosa.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO III

Anos e séculos passavam ao largo. Dakhir e Supramati estudavam com fervor.

Finalmente, chegou o dia em que eles foram chamados para a reunião com os hierofantes, e o superior da comunidade secreta saudou-os com as palavras:

- Amigos e irmãos: Os estudos que nós lhes planejamos terminaram. Vocês estão bastante versados e munidos para dar início às provações necessárias à sua elevação. Irão como missionários para levar a luz às trevas. O que vou dizer-lhe, Supramati, refere-se também a você, Dakhir, pois salvo pequenas diferenças, a missão de vocês é idêntica.

Assim, Dakhir, você irá só ao mundo, onde reina o ateísmo. Mesmo tendo repudiado a Deus, aquela humanidade alcançou um alto nível de cultura, mas seus costumes e leis são cruéis e sanguinários. Sem admitir qualquer princípio divino e atribuindo toda criação às cegas forças cósmicas. Os homens fizeram do egoísmo a sua lei básica de vida.

Sua tarefa será árdua, pois não será fácil pregar as verdades eternas àqueles seres. Não obstante, sua palavra e fé deverão provocar uma reviravolta e renascimento moral.

Sua pregação advirto, suscitará uma feroz animosidade, mas, não obstante, jamais e sob pretexto algum, você poderá se utilizar seus conhecimentos ou do seu poder para defender-se ou sequer fazer com que o seu trabalho seja menos duro. Seus conhecimentos apenas poderão servir para aliviar os sofrimentos alheios.

Lá, você será uma pessoa pobre, desprovida de tudo, exceto da força espiritual adquirida e da fé em Deus e em seus mentores. Entretanto, se você suportar as provações, será coroado de glória e alegria pela consciência de que, num mundo impuro, você acendeu um foco de chama sagrada de amor a Deus.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Lembre-se de que a luta que o espera é árdua e pungente. A hediondez humana se desmoronará sobre você com toda a sua torpeza. Em troca do bem que você fizer às pessoas, receberá somente o ódio e sofrimento. Apesar disso, do alto de seu desenvolvimento espiritual e da clarividência do mago, você deverá ser piedoso e amar aquelas criaturas, que ainda rastejam ao pé da escada da perfeição. Você não deverá condená-las, mas nivelar-se a elas, como um sábio faz diante de um ignorante.

Um ser humano comum combate com as mesmas armas; a inimizade é paga com inimizade, o ferimento, com ferimento, pois a multidão é cega, nela imperam e competem entre si os sete princípios carnavais, os assim chamados sete pecados capitais. E aquele que triunfar sobre esses pecados, estará armado com as sete virtudes capitais e deverá semear somente o amor, pagar a escuridão com a luz, a ofensa com o bem.

Agora, meus filhos, digam-me se vocês se sentem suficientemente fortes para iniciar as provas, dominar todas as fraquezas humanas e, voluntariamente, assumir toda a responsabilidade por essa difícil, mas gloriosa missão, com todos os seus imprevistos e dificuldades.

Respondam com sinceridade e lembrem-se de que vocês são livres; nós somente sugerimos essas provas, sem impô-las.

Supramati e Dakhir ouviram pálidos e confusos: tudo o que lhes restava de humanos comuns tremia com um sentimento doloroso e horripilante de homens puros, que teriam de partir à cloaca do Mal.

Quase que involuntariamente, Supramati fitou vagamente o hierofante, cuja roupa alva parecia coberta com pó de diamante e, por debaixo da Klufta, irradiavam-se raios de luz – símbolos da vitória no campo do combate espiritual; os grandes e radiantes olhos do sábio olhavam-no penetrantes e severos.

E ele sentiu, instintivamente, que chegara o importante momento de sua vida antes de seu último passo que o elevaria cima de um se comum, que o libertaria da escravidão da carne para torná-lo mestre da luz e um ser realmente superior.

Subitamente uma grande claridade envolveu sua cabeça, um raio de fé e de força de vontade brilhou em seus olhos e, estendendo as mãos ao hierofante, ele exclamou:

- Discípulo será digno de seus caros mestres. É com alegria e confiança que eu aceito essas provas, pois para o espírito, liberto da ignorância e do fardo do corpo, não poderá haver nenhum obstáculo. Já não terei eu vencido a matéria, apagado as paixões e derrotado o dragão da dúvida? Poderei eu depois de tudo isso temer descer a

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

escada, quando, graças aos seus ensinamentos e apoio, subi vários degraus? Ordene mestre, quando deverei iniciar as minhas provações?

- E voce, Dakhir? -, perguntou o hierofante, sorrindo bondosamente.

- Mestre, o meu espírito faz coro a cada palavra de Supramati. Assim como ele estou pronto para as provações e espero não fraquejar, cumprindo a tarefa sagrada a mim incumbida pelos dirigentes, e propagar a magnificência do Criador.

Nesse instante a sala encheu-se de uma névoa; uma música suave como o canto das esferas, propagou-se no ar em poderosas ondas, e, junto à poltrona do hierofante, surgiu à figura alta de Ebramar; seu rosto irradiava a alegria.

Deixem-me abraçá-los e abençoá-los, filhos queridos de minha alma. A resposta de vocês é uma certeza de nova vitória! – exclamou, estendendo as mãos sobre eles.

Uma corrente de luz dourada envolveu seus discípulos amados e sobre suas cabeças começou a radiar uma cruz radiante, diamantina, enquanto Supramati e Dakhir caíram de joelhos, como simples mortais diante de seu iniciador.

Ao se levantarem, foram cercados por hierofantes. Em amistosa conversa, o hierofante supremo informou-lhes que eles deveriam preparar-se para as provações com um regime especial, porque dentro de três semanas seriam levados à gruta de Hermes.

- Voce Supramati, irá primeiro. Os iniciados de lá, membros de irmandade secreta, irão recepcioná-lo e dirigir os seus primeiros passos. Dakhir partirá no dia seguinte – acrescentou Ebramar.

Na noite do mesmo dia, Ebramar e Siddarta acomodaram-nos numa gruta isolada, passando com eles longas horas, dando instruções especiais, esclarecendo-lhes as dúvidas e preparando-os para a importante missão. Além disso, foram-lhes ministrados os fundamentos da língua do país onde eles agiriam.

Eles alimentaram-se com uma substância especial, muito aromática, parecida com mel, e bebiam um líquido azulado e fosforescente, que os transportava ao estado de êxtase.

Ao término da preparação, à gruta vieram Ebramar e o hierofante supremo, acompanhados de seis outros sábios. Todos usavam vestimentas sagradas, portando no peito as insígnias que denotavam suas ascendências. Atrás dos magos vinham os adeptos, carregando em pratos de ouro diversos trajes, seguidos por cantores com harpas na mão.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Supramati percebeu que havia chegado o momento decisivo e levantou-se prontamente. Os adeptos rodearam-no e o vestiram numa malha, parecida com a de seda, mas fina como teia de aranha. Por fim colocaram uma túnica branca e curta com cinto vermelho. A cabeça ficou descoberta, mas entre os dois fachos do mago agora reluzia, feito um brilhante gigante, uma cruz, invocada do espaço por Ebramar.

Ebramar e o hierofante postaram-se nos dois lados de Supramati e saíram da gruta, na entrada da qual os aguardava uma numerosa multidão. O cortejo perfilou-se e à frente dos hierofantes, quatro adeptos carregavam uma espécie de lume, onde ardiam crepitando ervas e substâncias que difundiam um aroma surpreendentemente vivificante. Atrás seguiam os sacerdotes, entoando cânticos e cobrindo o caminho dos magos com pétalas de flores.

O cortejo parou junto à gruta sagrada de Osíris; os que carregavam o lume retiraram-se, colocando-o sobre a cuba de mármore no meio da gruta. No local permaneceram apenas os hierofantes e Supramati, que carregava a cruz dos magos. Seu rosto belo e extasiado denotava concentração.

Diante do lume erguia-se uma mesa do altar e nela resplandecia o cálice da irmandade do Graal, encimado por uma cruz. O altar era rodeado por cavaleiros em suas armaduras prateadas; entre eles estava Dakhir.

Supramati ajoelhou-se nos degraus do altar, sendo seguido por todos os presentes; fez-se um silêncio solene, apenas quebrado por um canto baixo e suave que vinha de fora.

O superior da irmandade do Graal pegou o cálice com as essências fumegantes da vida e da luz e passou-o a Supramati; e quando este tomou do cálice, o Superior pôs as mãos sobre a cabeça do missionário e fez uma oração.

Em seguida aproximou-se Ebramar, e retirando do altar um instrumento estranho, entregou-o a Supramati. Era algo parecido com uma harpa, só que de suas cordas vertiam cores do arco-íris.

- Leve com voce este instrumento de consolo e de apoio. A harmonia divina que voce extrair dele o erguerá acima dos infortúnios quotidianos – disse Ebramar, beijando Supramati.

Tomado por alegria, Supramati, agradecido, pegou o instrumento e beijou em despedida os presentes. A última e mais longa despedida foi com Dakhir. Em seguida,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

em companhia apenas dos hierofantes e de Ebramar, ele desapareceu atrás de uma pesada cortina metálica que ocultava a gruta de Hermes.

Ali reinava uma escuridão azulada com redemoinhos de nuvens prateadas.

Os magos levaram Supramati a um sarcófago aberto, no qual ele deitou sobre uma almofada de pedra. Seus dedos dedilharam as cordas da harpa e soou uma magnífica melodia, estranha e poderosa; toda a beleza do espírito do grande artista vertia-se em sons por ele criados, que se extinguíam pouco a pouco.

Ebramar e os hierofantes prostraram-se genuflexos elevando as mãos, enquanto que em cima iam se juntando nuvens, salpicadas por faíscas cintilantes. Formas com contornos indefinidos, como se urdidas de fogo branco, envolveram o sarcófago em que o mago jazia imóvel, submerso em sono mágico.

Uma espécie de trovoada rolou remotamente; depois uma rajada brusca de nuvens e, no meio delas, ergueu-se uma coluna de fogo cintilante. Instantaneamente, a massa de nuvens alçou-se para as alturas e dissipou-se na escuridão, seguindo-se um silêncio.

O sarcófago estava vazio; somente em seu fundo ficaram espalhadas algumas flores brancas, exalando um forte aroma.

* * *

Os raios avermelhados do sol iluminavam um quadro estranho e selvagem: um local desértico, cheio de altas e escarpadas montanhas azuladas, apenas cobertas aqui e ali por ralos arbustos cinzentos.

Entre as pontiagudas escarpas e precipícios serpenteava uma estreita vereda, pela qual caminhavam duas pessoas em capas escuras. Pela aparência, via-se que eles pertenciam a raças diferentes.

Um muito alto, magro, mas de complexão robusta, com feição angulosa e imberbe; seus olhos eram de cor indefinida e o rosto de uma lividez surpreendente, como se em suas veias corresse sangue da cor branca e não vermelha. Ágil e decididamente ele subia pelo caminho abrupto de pedras – o que denotava sua jovialidade.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Seu acompanhante era um jovem de uns trinta anos de idade, esbelto e ágil, grandes olhos claros, rosto de boa aparência, como se de uma pessoa terrena, e densos cabelos escuros saindo do capuz abaixado.

Falavam num linguajar estranho – a língua interplanetária, sagrada para todos os iniciados de grau superior.

- É irmão Supramati, voce dominou bastante bem a nossa língua local para dar início a sua missão.

A gruta para onde eu o estou levando é bem apropriada para sua primeira aparição. Lá foi o último santuário à Divindade existente em nosso maléfico mundo.

O caminho nessa parte do local ia-se curvando. O acompanhante e Supramati contornaram alguns rochedos e adentraram uma fenda estreita que depois se alargou e deu lugar a uma ampla galeria subterrânea, que através de numerosas curvas sinuosas descia do alto.

Por fim, eles vieram parar numa ampla caverna; num dos lados da mesma havia uma saída que dava para uma larga plataforma. Aparentemente, este local antigamente servia de capela, a julgar pelo fato de que no fundo, na altura de dois degraus, via-se um altar de pedra, de um azul de safira, encimado por uma cruz.

Sobre o altar havia um grande cálice metálico com gravação de símbolos do zodíaco e duas trípedes com ervas.

Numa pequena gruta anexa achavam-se um leito, uma mesa e um banco, feitos de madeira. Do interior da parede, junto à mesa, jorrava uma nascente de água pura e cristalina, que, borbulhando, caía num reservatório oval bastante profundo.

O acompanhante de Supramati levou-o à esplanada sobre um grande precipício, no fundo do qual retumbava e espumava um rio agitado.

A margem oposta do precipício era bem mais baixa e mais adiante descia íngreme para uma imensa planície, onde pastava gado... Bem ao longe, desenhavam-se vagamente prédios altos e construções maciças de uma grande cidade.

- Voce está vendo, irmão, a nossa capital – disse o hierofante deste outro planeta, retornando à caverna.

- Permita-me abençoá-lo e invocar a benção do Ser Supremo, aos pés do qual voce quer devolver seus filhos pródigos.

Ele abriu os braços e imediatamente sobre a sua cabeça surgiram cinco fochos de luz ofuscante e seu peito resplandeceu em luzes multicoloridas. De suas mãos caíram

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

feixes de fagulhas sobre Supramati genuflexo: em seguida, formou-se um redemoinho de névoa azulada, e, quando Supramati se levantou, o hierofante já na mais estava lá.

Ficando a sós, ele tirou debaixo da capa a harpa de cristal e colocando-a sobre o banco, junto à sacola de couro que trouxera consigo, foi orar diante do altar.

À medida que realizava suas preces, sobre o altar acenderam-se duas pequenas trípodes; depois surgiu uma chama dourada, iluminando o líquido purpúreo que o preencheu.

Quando Supramati terminou as preces, a noite já havia descido sobre a Terra. Ele saiu para a rampa diante da caverna e sentou sobre uma grande pedra, olhando pensativo o céu cor de cobre, semeado de estrelas que brilhavam como diamantes róseos. A saudade do mundo distante – sua pátria – apertou-lhe o coração e, naquele instante, a tarefa assumida pareceu-lhe pesada e improdutiva.

Mas essa fraqueza foi fugaz e ele venceu-a com um esforço da vontade. Este planeta, como outro qualquer, era a “morada” na casa do Pai Celestial, cujo amor se estende igualmente a todas as suas criaturas, aqui, como na Terra, ele está trabalhando para a glória do Criador e deve cumprir isso com alegria.

Nos vales que Supramati via do alto do seu abrigo, havia naquele dia uma grande agitação. Ali pastavam grandes rebanhos pertencentes a cidadãos ricos. E eis que diversos pastores, que tomavam conta do gado, gente alta e forte, começaram a juntar-se em grupos ou correr confusos, apontando para cima do precipício. Todos viram quando o céu iluminou-se de repente por um grande clarão e uma esfera de fogo, coroada por um estranho sinal, pareceu elevar-se por trás dos picos das montanhas ao mesmo tempo em que ao longe se ouvia o ribombar do trovão e, à noite, sob a esplanada pairava um círculo de fogo resplandecente. O que poderia significar aqueles estranhos fenômenos, e ainda mais junto ao abismo – lugar tenebroso, amaldiçoado, que todos evitavam?

No distante e montanhoso vale, protegido de todos os lados por rochas e precipícios, com acesso somente através de passagens subterrâneas, os iniciados construíram seu refúgio. Lá estavam os palácios dos sábios, templos e bibliotecas secretas, onde eram guardados os tesouros da ciência e os arquivos do planeta.

Entre os habitantes corria a lenda sobre uma comunidade de homens misteriosos que se escondiam nas montanhas, possuíam grande poder e permaneciam fiéis ao Deus rejeitado. Mas ninguém jamais os havia visto e esta tradição permanecia principalmente entre a classe trabalhadora. Já a aristocracia, o meio científico e toda a *intelligentsia* do

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

planeta, não se dando ao trabalho de verificar a verdade, eles riam de todos aqueles “contos da carochinha”.

Foi nesse abrigo dos hierofantes que Supramati acordou do seu sono mágico e foi cercado de cuidados e amor.

Assim, ele passou as primeiras semanas no novo e desconhecido mundo, submetendo-se a uma dieta especial para adaptar seu organismo às condições estranhas, inclusive atmosféricas. Ao mesmo tempo ele se aperfeiçoava no conhecimento da língua local, estudava concomitantemente a história, geografia e situação política desta pequena Terra, que pela sua dimensão se assemelhava aproximadamente à Lua. Ele soube que no planeta habitavam somente duas raças: os Marautas – população operária, povo de estatura alta, forte e ativo, mas pouco desenvolvido intelectualmente e totalmente escravizado pelos Rudrassos, povo aristocrático e intelectualmente desenvolvido de cujo meio emergiam cientistas, artistas, burocratas e todo tipo de “intelligentsia”. Esta raça dominante era fraca e frágil sujeita a certas enfermidades neuro cerebrais, paralisias sem causa aparente, demência repentina, cegueira e outros males.

Um monarca vitalício reinava no planeta; entretanto os Marautas eram governados pelo vice-rei, seu preposto. E esse povo monárquico encontrava-se numa situação totalmente excepcional, com pretensão de ser originário de dinastias divinas que na aurora da civilização governavam a Terra e deram início a todas as ciências e artes.

Supramati passou seu período de preparação totalmente sozinho, chegando apenas a se relacionar com alguns membros da comunidade, entre os quais um homem de aparência jovem, chamado Sarta, que prometeu visitar Supramati após o mesmo se instalar no local escolhido, e ajudá-lo no estudo das novas condições de vida.

No dia seguinte à sua chegada à caverna, Supramati ficou contente com a visita do amigo. Sarta presenteou-o com frutas e ambos acomodaram-se para conversar junto à entrada.

- Não me é permitido visitá-lo irmão, pois voce deverá fazer tudo sozinho, e a tarefa que voce tem pela frente é muito difícil, uma vez que o nosso gênero humano é muito cruel, egoísta e absorvido por coisas materiais – observou Sarta, suspirando.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- deus me ajudará e concederá a felicidade de despertar neles a fé, a misericórdia e o amor – retrucou Supramati com certeza inabalável. – E vocês nunca tentaram orientar os cegos para o caminho da verdade?

- É claro que tentamos, mas todas as nossas tentativas fora inúteis. Talvez ainda não tenha chegado à hora. Além do mais, as leis daqui são tão severas que as pessoas têm medo até de ouvir pregações religiosas. Independente disso, os rumores que correm sobre nós são considerados tão absurdos e risíveis que, se alguém suspeitasse de que está vendo um “montanhês”, como eles nos chamam, daria no pé rapidamente, pois eles estão convencidos de que regressando à sua primitiva doutrina religiosa, nós lhes enviamos, a cada solenidade toda sorte de desgraças, tempestades, inundações, doenças contagiosas e toda espécie de prazeres.

Ambos desataram a rir.

- Esta é a nossa sina: não sermos reconhecidos – observou brincando Supramati. – Mas, diga-me, irmão Sarta, quais foram os motivos que levaram seu gênero humano até esse ódio feroz à Divindade, que interpôs até barreiras de lei contra o Pai Celeste? Creio que preciso saber isso.

- Levaria muito tempo para contar tudo em detalhes, entretanto eu de bom grado relatarei resumidamente o que levou a essa situação lamentável – respondeu Sarta refletindo um pouco.

- Não há necessidade de contar-lhe que nós tivemos a nossa “época de ouro”, quando reinavam os iluminados que, tanto nós aqui, como vocês lá chamavam de “dinastias divinas”. Era um tempo de apogeu da civilização e naturalmente do desenvolvimento de capacidades espirituais. Em seguida, veio à decadência, começaram os abusos com a prática de feitiçaria e magia negra, culminando com a ruptura do governo dos iniciados.

À medida que ia se ampliando a prática da magia negra, os instintos sórdidos do homem prevaleceram e agiram sedutoramente. A depravação e crueldade adquiriram dimensões terríveis e o povo bestificado chegou até a prática de sacrifícios humanos. Entretanto, apesar de tudo isso restava ainda adeptos dos mestres e perceptores do ensinamento das dinastias divinas. A população dividiu-se em dois pólos: o de Deus branco e o de Deus negro, loteados para um rei branco e um rei negro. Começaram guerras cruéis, que iam adquirindo, com o decorrer do tempo, caráter cada vez mais selvagem e sangrento. Sob a influência das paixões desenfreadas, os defensores de Deus

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

branco conservaram só o nome de seu partido, esquecendo os princípios básicos e as leis que ele deveria representar. O banditismo, os sacrifícios humanos, a utilização para o mal de todas as forças espirituais criaram uma situação incrível.

Foi aí que no cenário mundial apareceu um homem extraordinário, cujo destino era, por fim, transformar o mundo. As reviravoltas cósmicas, em consequência da disseminação do Mal, devastaram o nosso planeta; um dos continentes estava tomado de água e pérfidas enfermidades ceifavam a vida da população. Amocra – esse era o nome do homem – aproveitou-se desse momento angustiante de confusão geral para tomar o poder.

Sua origem era obscura. Na época de matanças que precederam a inundação, ele perdera todos os seus parentes. Para consolidar sua posição, ele adotou um pequeno órfão que considerado o filho do antigo rei branco.

Medidas enérgicas e sensatas tomadas por ele para restabelecer a ordem, reparar os estragos, desenvolver o comércio e a indústria, logo lhe trouxeram amor e confiança gerais. Então, certo de estar gozando de ilimitada autoridade, ele deu início a uma inédita reforma social que excluía até o nome de nossa Divindade no planeta.

Qualquer profissão de fé do ser supremo - fosse ele branco ou negro, foi eliminada. As cerimônias religiosas foram proibidas sob pena de castigos severos; da mesma forma as relações com o mundo invisível, devido ao fato de que qualquer religião, sendo uma relação com seres extraterrenos, somente dava origem à desordem, animosidade, guerras e desencadeava paixões selvagens. Pois, se existia um mundo do além-túmulo que os próprios espíritos libertados do corpo se arranjassem cada um a seu gosto, que fossem recompensados ou expiassem seus pecados, contanto que não perturbassem os vivos! Em função disso, eram sujeitos à queima imediata e, em suma, ao aniquilamento total todos aqueles locais onde aparecessem visões, fossem ouvidos sons ininteligíveis ou ocorressem fenômenos estranhos. No que se refere à magia branca ou negra, os culpados eram castigados com a pena de morte.

E assim nós vamos vivendo, há cerca de mil anos, segundo esse belo programa, deliciando-nos com a surpreendente civilização, impossível de ser imaginada. É verdade: as artes e a indústria alcançaram um alto nível, mas, por outro lado, não menos floresceu o egoísmo, a crueldade e a injustiça.

O princípio básico de nossa “cultura” é o utilitarismo: qualquer um tem o direito de defender seus interesses, ainda que inescrupulosamente; enquanto que os crimes

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

contra os interesses estatais são punidos severamente. Existem leis positivas terríveis, mas em geral, o conceito de justiça foi totalmente atrofiado.

Sarta calou-se, suspirando pesadamente e, no olhar enérgico de Supramati, continuo brilhando a mesma fé e esperança.

Numa conversa posterior. Sarta propôs a seu novo amigo, ir incógnito à cidade para familiarizá-lo com o local de sua futura atividade. Supramati aceitou agradecido o convite. Algumas horas depois, eles saíram da caverna vestidos modestamente em trajes usados pela população e se dirigiram à cidade.

O caminho era bem conservado, os campos excelentemente trabalhados, surpreendendo com a variedade de plantações. A vegetação, em suma, era exuberante e Supramati interessou-se pelas explicações de Sarta sobre as diferentes árvores frutíferas que cresciam pelo caminho. A mais incrível que ele achou era uma árvore com frutos grandes parecidos com pepinos terrenos, porém brilhantes, como se fossem cobertos por esmalte.

- Esta vendo, Supramati, esta árvore com tronco grosso, verde embaixo e escuro em cima? No outono, quando os frutos amadurecerem, todo o tronco ficará seco e oco por dentro. Ao colherem seus frutos, todo o tronco é coberto por uma massa resinosa, substituída duas semanas depois e deixada desse jeito para o inverno. Na primavera, a árvore começa a cobrir-se de folhas e flores, como se não tivesse morrido.

- Em todo lugar a natureza nos aponta um exemplo de ressurreição – observou Supramati sorrindo.

- Eu ainda não lhe disse que desta árvore original é produzido um excelente licor, o qual, quanto mais velho fica-se, torna-se mais forte, acrescentou Sarta.

A capital verificou-se ser uma cidade enorme, dividida em duas partes totalmente diferentes. Uma, a parte maior, pertencia aos Marautas. Eles pelo visto, gostavam de cores vivas, a julgar pelas casas rodeadas de pomares que luziam com as cores azuis, vermelhas, amarelas, e assim, por diante. Da mesma tonalidade eram também os tecidos vendidos em amplos pavilhões redondos, vazados de todos os lados.

Havia também teatros, pois os Marautas gostavam de diversão não menos que de trajes e enfeites, enquanto que os Rudrassos, que usavam os Marautas

Como seus criados e que tinham neles excelentes compradores, protegiam-nos e organizavam todo tipo de diversão possível. E pelo fato de que as classes operárias se acostumaram a obter tudo dos Rudrassos, de cujo meio, exclusivamente, saiam

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

cientistas, médicos, artistas, músicos e artífices de tudo que é requintado, os Marautas veneravam-nos e até os temiam, considerando uma grande honra servi-los.

A cidade de Rudrassos era de tipo diferente, mais elegante e artística: pequenos sobrados, decorados e acabados como objetos de joalheria, mergulhavam na sombra da vegetação exuberante; e até seus moradores diferiam em muito dos altos e fortes Marautas.

Os Rudrassos, ao contrário, eram de estatura baixa, frágeis de traços finos, feições intelectuais; mas seus olhos escondiam algo cruel e diabólico, o que fazia com que eles não parecessem simpáticos.

Inúmeras vezes a atenção de Supramati foi atraída para faixas largas de tecidos da cor lilás-escuro, penduradas nas portas de entrada de algumas casas.

- Diga-me irmão, o que significam estas faixas de tecidos? Todas estão marcadas por um símbolo vermelho, e acham-se tanto nas casas dos Marautas como nas dos Rudrassos, e, o que é mais estranho, nas moradias que pertencem, pelo visto, às pessoas de diferentes posições sociais.

No rosto de Sarta, apareceu uma expressão de descontentamento e sorriso amargo.

- Aquelas faixas, caro Supramati, é um símbolo da vergonha para nosso mundo e significam que no meio dos habitantes desta ou daquela casa há um doente desenganado ou aleijado condenado à morte, ou melhor, fadado aos espancamentos com base numa lei vergonhosa.

Supramati continuou sem entender e olhou interrogativamente para Sarta.

- O que significa isso? Aqui os doentes são assassinados? Com que direito e como uma família pode concordar com tal crueldade inaudita?

Sarta pôs-se a rir.

- Com que direito? Para o bem da sociedade, Mas eu tenho que lhe explicar mais detalhadamente para que voce entenda a sutileza utilitária da lei que voce chama de cruel.

É de seu conhecimento que o ideal espiritual e tudo que se refere às leis divinas é proibido aqui. Isso significa que, livre de qualquer freio ético, a humanidade viu-se definitivamente, em poder dos instintos da carne. A moral está mais do que fraca e, sob o ponto de vista, por exemplo, poder-se-ia dizer que ela simplesmente não existe; ao contrário, vicejam em profusão todos os gêneros de vícios e paixões vergonhosas, e o

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

povo, principalmente os Rudrassos, devido ao fato de serem mais fracos fisicamente, tornou-se suscetível a diferentes tipos de enfermidades, tais como: demência repentina, paralisia, convulsões, que deformam totalmente os membros, chagas, semelhantes à nossa lepra, e finalmente, a perda da visão para sempre. Todas essas doenças são extremamente contagiosas e de difícil tratamento, e, uma vez que os médicos estudam e só conhecem a matéria, podem tratar apenas do corpo, sem buscar qualquer motivo oculto do mal; as doenças motivadas por obsessão, mau-olhado de terceiros, sofrimentos espirituais, entre outras, permanecem fora de sua competência.

Além do mais, a criminalidade, os vícios e a depravação atraem os espíritos malignos e seu número cresce a cada dia que passa; e visto que a humanidade cega está desprovida de defesa contra as terríveis forças ocultas, as devastações por elas causadas aumentam mais e mais... Pois tudo que mantém e purifica – a prece, a fé em Deus, a invocação das forças do bem – é proibido e até perdeu o seu significado.

Devido ao fato de que todo o nosso sistema governamental é baseado exclusivamente no utilitarismo, só tem direito à vida aquele que tiver alguma utilidade que puder servir para seu próprio prazer ou prazer de um estranho. Desta forma fica claro que os dementes incuráveis, os cegos, os portadores de câncer, os filhos retardados, ou seja, os seres que não poderão ter alguma utilidade para o governo.

Representam apenas focos de contágio e um fardo incomodo para a família, pois exigem, ao mesmo tempo, gastos desnecessários, atrapalhando as pessoas de gozarem a vida e tratarem de seus afazeres.

Entretanto, apesar da bestificação da população, a faísca divina oculta nas profundezas do ser humano não raro provoca um apego aos doentes desditosos e uma amargura ao conscientizar-se de que a sua eliminação é necessária.

Em função de numerosos e fortes protestos, a legislação, por fim, foi atenuada no sentido de que, para o tratamento de doentes, foi estabelecido um prazo fixo com uma ressalva: se ao término desse prazo às esperanças de cura não se concretizarem, esse ser “prejudicial” e “inútil” deve ser eliminado.

- Oh, Deus todo poderoso! E como eles são mortos? – perguntou Supramati, pálido de horror.

- Bem, não há por que fazer cerimônia! Mensalmente, num dia marcado, um funcionário do governo passa em todas as casas com doentes e verifica a duração da enfermidade baseada na determinação médica. Se o prazo estiver vencido, então se

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

marca o dia da pena de morte. Saindo da casa, ele pendura um faixa de tecido em sinal da certificação de que ali se encontra um dos sentenciados.

Todos os condenados do mês corrente são executados num mesmo dia. Ao alvorecer, eles são levados juntos ao abismo, sob o qual se encontra o seu abrigo, e lá o mesmo funcionário em companhia de alguns subalternos lê uma ata explicando os motivos da execução capital, relacionando as pessoas “inúteis”, acompanhadas por seus parentes próximos. Em seguida, dão-lhes uma bebida que as deixa drogadas e as jogam no abismo.

- Que horror! O abismo já deve estar quase cheio, se no transcorrer de séculos lá são lançadas tantas vítimas.

- Oh, não! A corrente, cujo barulho voce ouve no fundo do precipício, desemboca, pelo visto, numa fenda insondável, arrastando consigo os cadáveres. A propósito, Supramati, voce terá a oportunidade de ver tudo isso pessoalmente, pois uma execução semelhante esta marcada para amanhã ao alvorecer.

Supramati ficou pensativo e em silêncio.

- Será que nenhuma mãe tenha se revoltado, tenha se insurgido contra essa monstruosidade? – Perguntou ele finalmente.

O que se pode fazer? Todos estão submetidos à lei e devem obedecer a ela, inclusive o próprio rei. Ocorrem. É claro, gemidos e lágrimas, mas ninguém se atreve a opor uma resistência aberta.

- Bem, se aqui são severos com os doentes, simplesmente porque são inúteis, que punição, então é dada aos criminosos/ - perguntou Supramati a caminho da caverna.

Sarta desatou a rir.

- Com esses a cerimônia é menor. Os culpados de crime do Estado, em assassinatos de pessoas úteis, roubam de dinheiro destinado a causas sociais, e assim por diante, são enforcados como base na sentença sumária. No que se refere aos vagabundos, vigaristas e pedintes e as pessoas em geral que saíram do convívio da sociedade e não trabalham, querendo viver à custa dos outros, esses são levados a locais inóspitos e depois, ainda que para isso não haja propriamente uma ordem de execução, caso isso aconteça, o assassino normalmente

Não é procurado não é procurado e desta forma, não fica sujeito ao castigo.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

- Que estado lamentável de coisas! – observou com tristeza Supramati. – Pedirei a Deus que ele me apóie para que eu possa dissipar a escuridão e orientar para o caminho da perfeição essas almas perdidas.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO IV

Supramati passou a noite inteira orando fervorosamente e só ao alvorecer, quando ao longe se ouviram passos, gemidos e choro da multidão chegando, ele levantou-se dos degraus do altar e olhou para fora.

Do lado da cidade, pelo caminho em direção ao abismo, arrastava-se uma numerosa procissão, à frente da qual uma pessoa levava, como se fosse um estandarte, uma faixa de tecido lilás-escuro, que Supramati já tivera a oportunidade de ver nas portas das casas. Atrás, seguia um grupo de funcionários e, por fim, numa fileira sem fim, em carroças ou em macas iam os condenados, rodeados por familiares chorosos. Os mais desesperados, pelo visto, eram as mulheres carregando filhos aleijados, corcundas e paraplégicos, que se agarravam com as mãozinhas no pescoço de suas mães.

Ao chegar à beira do abismo, a procissão macabra parou e se perfilou em um grande semicírculo, no meio do qual se postaram os funcionários com capacetes dourados, adornados com uma ave de asas abertas – símbolo da liberdade incondicional -, e o secretário, segurando o livro de registros da cidade, do qual ele iria riscar os nomes dos infelizes à medida que eles iam desaparecendo no abismo. Havia até uma orquestra, mas sua presença destinava-se a abafar com música os gemidos dos presentes e das vítimas, caso alguém, apesar de drogado, ainda tivesse forças para gritar. Em cima de uma mesa, posta adiante, os médicos começaram a distribuir em taças a bebida anteriormente preparada.

Quando um dos representantes do governo se preparava para ler a sentença, na esplanada que se erguia sobre o abismo apareceu um homem em trajes brancos com uma harpa na mão.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

O primeiro raio do sol nascente iluminou com a cor púrpura suas alvas vestimentas, seu belo rosto exaltado e o instrumento de cristal que brilhava feito um diamante.

Um minuto após, os dedos finos do homem misterioso tocaram as cordas e ouviu-se então uma melodia estranha, ora suave, ora áspera.

A multidão reunida no lado oposto ficou imóvel, como encantada, e todos os olhares se fixaram no músico desconhecido, enquanto este continuava a tocar e cantar. Os sons tornavam-se cada vez mais fortes, enlevando e estremecendo com sua harmonia cada fibra, fazendo despertar sentimentos vagos e desconhecidos, elevando o espírito dos homens e amolecendo-os como cera.

A multidão, incluindo os funcionários, como sob hipnose, começou aos poucos a se prostrar de joelhos; centenas de pássaros vindos de todos os lugares sobrevoaram a esplanada e, rodeando destemidamente o músico, pousaram a seus pés e nos ombros.

Ele, entretanto, parecia nada notar e continuava a tocar. Agora, dele partia uma névoa azul prateada que o envolvia com larga aura. E desse foco jorravam raios de luz, caindo como serpentinas sobre os enfermos, sendo absorvidos por seus organismos.

Então se deu um espetáculo magnífico. Do corpo dos doentes levantaram-se redemoinhos de fumaça negra, e, à medida que os miasmas fétidos se desprendiam de seus organismos, os membros paralisados começaram a se mover; os olhos dos cegos – a recuperar a vista; as feridas – a cicatrizar; e as faces anêmicas e definhadas – a adquirir vitalidade.

Sem acreditar em seus olhos, as mães fitavam perplexas seus filhos, que em pouco tempo estariam mortos e agora alegres moviam livremente as mãos e os pés afetados ou endireitavam as costas corcundas ou o corpo curvado. Não passou nem uma hora e as carroças e as macas ficaram vazias. Todos os condenados, agora devolvidos à vida e ao trabalho por força desconhecida, ajoelhados como todos os outros, contemplavam o misterioso músico repletos de gratidão.

Subitamente, os sons interromperam-se. O desconhecido baixou a harpa, olhou satisfeito para a multidão de joelhos e desapareceu no interior da gruta.

Como que despertado do feitiço, o povo levantou-se e ouviram-se gritos de alegria; os familiares dos condenados à morte beijavam seus entes queridos restituídos à vida.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Perplexos com os acontecimentos, os funcionários confirmaram que não havia mais doentes, não havendo, portanto, a necessidade da execução, e deram ordens para retornar à cidade.

Uma agitação e curiosidade tomaram conta da multidão e cada um era atormentado por uma pergunta: quem poderia ser aquela pessoa que só com sons de uma harpa havia curado doentes desenganados? Ninguém sabia quem ele era e de onde viera, mas, já após algumas horas, em toda a capital corriam relatos sobre o misterioso forasteiro e os seus feitos milagrosos.

Os rumores sobre o acontecimento inusitado chegaram até o palácio do rei. No início ele não quis dar ouvidos a ninguém, mas, quando um dos funcionários que estivera presente no local lhe confirmou o fato, o rei expressou a vontade de ver alguns dos ex-doentes conhecidos.

Então levaram ao palácio um homem, outrora paralítico, uma mulher leprosa e cega, uma criança surda-muda, um homem que sofria de convulsões, cujo rosto e membros deformados eram assustadores, e várias outras pessoas anteriormente doentes.

Convencido com seus próprios olhos de que todos estavam perfeitamente sadios, o rei mandou que eles descrevessem o que sentiram durante o processo de cura. Todos unanimemente, disseram que tão logo o desconhecido começou a tocar, sentiram uma comichão no corpo inteiro. Em seguida viram raios de cor azulada que desceram em ziguezague sobre eles e absorveram-se em seus corpos. No mesmo instante, começou a percorrer-lhes uma corrente de fogo, perfurando-os feito flechas pontiagudas, enquanto eles sentiam o bafejo de uma brisa fresca e aromática, que lhes proporcionava um indescritível deleite.

De que forma tinha ocorrido à cura?... Disso os beneficiados não tinham a menor idéia; mas os sofrimentos haviam cessado, os olhos recuperaram a visão, as mãos e os pés ganharam a flexibilidade, desapareceu até qualquer vestígio da doença.

Ao ficar sozinho com o velho presidente do Conselho, um amigo já experimentado, o rei expressou sua preocupação perguntando, meio sem jeito, que pessoa seria aquela e de onde teria vindo. Que objetivos, enfim, ele perseguia e o que, em suma, eles deveriam pensar sobre toda aquela história?

O provector ancião refletiu e depois disse meio inseguro:

- Eu espero majestade que por força de tais circunstâncias excepcionais me permitirá desta vez expressar algumas questões proibitivas.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Sem dúvida. Estamos a sós e eu lhe permito falar abertamente de tudo – respondeu o rei.

- Assim, o próprio lugar, escolhido pelo forasteiro para praticar esses trabalhos surpreendentes, já me leva a tirar as seguintes conclusões. A gruta, onde ele buscou o abrigo, era o templo do antigo Deus branco. Naquele abismo, segundo dizem, foi lançada a última estátua divina juntamente com o fiel sacerdote que relutara em abandonar o local sagrado. A lenda reza que, antes de morrer, ele vaticinou que

Naquele mesmo lugar seria erguido o primeiro templo da Divindade branca e a luz triunfaria sobre as trevas.

- Preocupa-me o fato de que no futuro ele possa provocar desordens, mas, neste momento, eu creio ser insensato agir com crueldade em relação ao homem que salvou a vida de tantos infelizes. Esperemos e vejamos o que vai acontecer – ponderou o rei depois de refletir.

A cidade toda nesse ínterim, estava alvoroçada. Nas casas dos ex-condenados à morte amontoavam-se visitantes e tudo foi tomado por um clima de festa. Os outrora doentes – agora sadios e felizes – circulavam entre os amigos e conhecidos sem apresentar algum cansaço e recontavam as sensações e as impressões vividas por eles e seus familiares, produzidas pelo extraordinário homem.

Esses relatos causavam impressões ainda mais fortes nas famílias onde havia enfermos que seriam, com toda certeza, condenados ao extermínio no mês seguinte.

Na alma dessas pessoas confrontavam-se o infortúnio que se avizinhava e uma vaga esperança de salvação, pois o coração humano é feito de modo que nenhuma lei ilegítima pode modificá-lo e arrancar do seu interior os sentimentos de faísca psíquica, indestrutível, colocada pelo Criador.

No dia seguinte, uma caravana dirigiu-se ao abismo levando e carregando doentes. Ao chegar ao local, prostrou-se em silêncio de joelhos, ansiosa e sem saber o que fazer.

Através de todos aqueles séculos, jamais alguém lhes ensinara como se dirigir a Deus e como se deveria orar. Feito uma manada assustada, eles ficaram de joelhos olhando ansiosos para Supramati, que acabara de aparecer na esplanada sobre o precipício.

O coração magnânimo do mago encheu-se de uma profunda misericórdia em relação àqueles infelizes, cruelmente privados de qualquer idéia sobre Deus, que sequer

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

desconfiavam da poderosa força neles adormecida que poderia acender a chama da fé e reuni-los ao Criador.

Com os olhos cheios de lágrimas, Supramati contemplava esses deserdados e pobres de espírito que, feito crianças desamparadas, comprimiam-se assustados uns nos outros, olhando para ele com tristeza nos olhos.

Uma prece fervorosa verteu-se de sua alma ao Pai onipresente para dar-lhe forças para salvar os infortunados, devolver-lhes a mais valiosa das dádivas, a inesgotável riqueza a todos acessível – a fé em Deus e o amor ao Bem.

Nesse instante, no coração de Supramati – que nada mais era que o próprio mundo ali enviado – despertou o amor a esses habitantes de outra terra e ele sentiu claramente uma afinidade fraterna que unia todos os seres de todos os mundos e todas as esferas – desde um átomo até o arcanjo – como uma corrente indivisível, a qual, como um raio cintilante, irradiava-se do coração do Eterno, percorria todos os sistemas e retornava à sua fonte primitiva.

Então, era esse o grande mistério do sopro divino que, à semelhança da chama que acende milhares de outras, nunca se extingue, mas se transfere de um átomo a outro, animando a matéria e extraindo do protoplasma um mago com conhecimentos perfeitos!

...

Nesse momento de elevado significado, Supramati compreendeu a recôndita e divina idéia: lançar no exato momento da criação, no pequeno e frágil ser, o poderoso sentimento do amor que une as pessoas e os mundos – a alavanca da criação.

Tudo que até aquele momento era obscuro tornou-se claro; o peso da missão aliviava-se; a tarefa por ele assumida já não era uma obrigação, mas se constituía em felicidade de poder fazer o bem àqueles que amava. Entre ele e os pobres de espírito, que se dobraram de joelhos diante dele, formou-se, graças à comiseração, um poderoso elo que unia os seres de Deus. Uma imensa alegria invadiu o coração do profeta: sua missão tornava-se maravilhosa e ele recebia a recompensa...

Toda a aura de Supramati encheu-se de fulgores dourados e todo o seu ser respirava com força gigantesca. Ele pegou a harpa e os sons por ela tirados eram a música das esferas – uma vibração poderosa que subjugava os elementos da natureza e reunia os mundos.

Como uma corrente de fogo, sua poderosa vontade transmitia-se à multidão ignara que ele contemplava com amor. Todos os olhares estavam pregados à figura

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

branca do mago, lágrimas corriam e ninguém suspeitava que aquilo fosse o despertar da alma com o orvalho dadivoso que neles reacenderia a fé no Criador.

Todos os enfermos ficaram curados e o fluido da força vivificante que se irradiava de Supramati era tão forte que até o tronco de uma velha e ressequida árvore, junto ao abismo, voltou à vida e se encheu de seiva.

Esse novo “milagre” provocou uma estupefata admiração e os relatos a respeito do homem “sobrenatural”, que vivia na gruta, ganharam repercussão lendária. Essa agitação chegou novamente ao palácio, visto que ainda, entre os que tiveram a cura milagrosa, encontrava-se a jovem Medkha, amiga da princesa Vispala, neta do rei.

O rei, de nome Nikhazadi, já era velho e seus dois únicos filhos foram vítimas da terrível lei, descrita anteriormente. Os príncipes sofriam de incurável doença e, não obstante a sua elevada posição, perderam, seqüencialmente, as suas vidas no abismo. Restava ao velho monarca apenas a sua neta, sua herdeira, filha do caçula, pela qual nutria uma excepcional adoração.

Vispala era uma moça encantadora, no auge da juvenil beleza, e Medkha, desde a infância, era sua melhor amiga. A idéia de perdê-la custou à jovem princesa muitas lágrimas, podendo-se imaginar o quanto ela ficou feliz ao ver sua amiga totalmente saudável. Vispala enchia-a de perguntas sobre o misterioso homem que fazia tantos milagres, enquanto Medkha, feliz com a cura, descrevia entusiasmada como era Supramati.

- Jamais eu vira um homem tão belo... E o que é surpreendente é que ele em nada se parece com os nossos homens. Ainda que seu rosto seja pálido, percebe-se que seu sangue é vermelho, pois as faces estavam rosadas. Seus cabelos são ondulados e de cor indefinida, de tonalidade dourada. Seus olhos... É difícil descrevê-los... Só mesmo vendo. Eles parecem respirar fogo, mas expressam tal vigor físico e ao mesmo tempo tanta bondade que eu poderia ficar a vida inteira ajoelhada admirando-os – dizia Medkha.

- Eu preciso vê-lo! – exclamou Vispala, e seus olhos brilharam. – mas como e de que jeito?

- Não há nada mais simples princesa. Todos os dias, diante da escarpa onde se processam as curas se amontoam o povo, ele fica bem à beira da esplanada com a harpa nas mãos e pode ser visto sem problemas. Enquanto que à noite, contou-me a tia, uma luz azulada envolve a gruta e a esplanada, e ele fica tocando e cantando fora. Jamais

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

alguém ouvira cantos semelhantes; cada fibra parece estremecer, no coração sente-se um comichão e as idéias mais estranhas vem à mente.

Até os animais parecem ficar enfeitiçados por ele; os pássaros, por exemplo, pousam nos ombros, nos joelhos e diante dos pés desse estranho homem. Simplesmente não dá para acreditar.

Dias após, Vispala com sua amiga conseguiram chegar a altas horas da noite ao abismo, onde já havia uma multidão de pessoas, entre as quais elas se misturaram. De fato, uma luz estranha, azul prateada, envolvia com amplo espectro o abrigo do mago. A esplanada estava vazia, mas nuvens de pássaros pontilhavam o solo e as saliências das escarpas.

Logo depois, apareceu Supramati, sentando-se numa grande pedra que lhe servia de banco e começou a cantar. Em meio ao crepúsculo misterioso, sua esbelta figura branca, seu belo rosto expressando inspiração, as inusitadas e desconhecidas melodias que partiam de seus dedos finos, sua possante e aveludada voz provocavam um profundo arrebatamento. Muda, como se estivesse enfeitiçada, Vispala olhava para ele; todo o seu ser tremia com uma sensação desconhecida e ela só conseguiu voltar para casa depois que ele voltou à gruta

A fama de Supramati correu com rapidez inacreditável: o povo vinha de todos os cantos para dar uma olhada no misterioso desconhecido... Tratar da saúde e ouvir seus cantos maravilhosos.

Sem ter mais forças para vencer a curiosidade, o velho rei decidiu ir à gruta e interrogar o forasteiro enigmático, dotado do incrível dom da cura. Os caminhos subterrâneos à esplanada não eram conhecidos ao rei, mas, na parte externa, ainda se conservava uma escada esculpida na escarpa, que nos velhos tempos levava à capela, sendo que esse caminho, apesar de estar danificado, ainda servia para passar. A muito custo o rei conseguiu subir e, muito acabrunhado e agitado, parou em frente da entrada da gruta.

Tudo no interior estava inundado por uma luz azul-clara, como já haviam lhe contado, e saturado por um aroma suave. No fundo, sobre a mesa do altar, fulgurava envolto por feixes de raios, o cálice dos cavaleiros do Graal encimado pela cruz. Sobre o banco de pedra estava sentado o próprio homem misterioso, que já enxugara tantas lágrimas e minorara tantos sofrimentos dos outros, lendo rolos de pergaminho.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Ávido de curiosidade, o rei examinou pescurtadoramente Supramati, que se levantou com a sua chegada. Perplexo com a beleza de Supramati, o monarca compreendeu, assim que o viu que diante dele estava um homem diferente, de raça desconhecida. Após alguns instantes de exames mútuos, eles trocaram as reverências.

- Quem é voce, forasteiro, de onde veio, pois voce não se parece com gente de nossa Terra, e onde adquiriu essa força de arrancar a morte dos seres condenados pela ciência? – perguntou Nikhazadi.

- Sou um enviado de nosso Criador. Vim trazer a luz para as trevas e lembrar à gente dessa Terra a sua origem divina. Chegou a hora de restabelecer o contato do Criador com a sua criação; já faz muito tempo que seu gênero humano perdeu o apoio da fé. Vim falar aos corações dos homens e interpretar-lhes a infinita bondade do seu Pai Celeste. Eu lhes preservo a vida e recupero a saúde para que eles glorifiquem o nome de Deus e dêem graças ao Senhor...

- Desgraçado! – Bradou o rei, pondo-se de pé bruscamente. – As suas intenções já condenam voce à morte. Será que desconhece que a nossa Terra rompeu voluntariamente qualquer relação com o Céu? Qualquer enviado daquele que voce chama de Deus será rejeitado aqui; além do que uma lei implacável o condena à morte.

Supramati sorriu:

- Não temo a morte e a salvação de meus irmãos é-me mais cara que a vida. Para o ser humano, o alimento espiritual é mais necessário do que o material. Ele só deverá se conscientizar que é cego, e de que onde a ciência terrena é impotente deverá prosternar-se e invocar o invisível. Assim, eu vim para lembrar à sua humanidade as verdades esquecidas e ensinar-lhes a orar. Vaticino-lhe, rei, que voce será um dos primeiros a render-se ao poderoso símbolo da eternidade e salvação.

Nikhazadi estava lívido e respirava com dificuldade.

Sob o olhar poderoso de Supramati, sua alma alvoroçou-se e de repente ele foi tomado por uma vontade irresistível de ouvir sobre aquele invisível, aquilo a que se recorre em momentos difíceis da vida.

Um minuto depois, ele sentou-se no banco e disse vacilante:

- Fale-me daquilo que voce pretende pregar aos meus súditos. Eu tenho o direito de ouvir primeiro.

Quando, uma hora depois, Nikhazadi saiu da gruta, em sua testa formou-se uma ruga e seu olhar demonstrava pensamentos sombrios.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Nas semanas seguintes não houve nada de especial. As curas continuavam e a multidão que se reunia à beira do terrível abismo, que já engolira tantas vítimas, crescia cada vez mais. No entanto agora, o estado de ânimo das pessoas havia mudado um pouco; a música, o estranho canto e a agitação provocada pela volta da saúde e da vida comoviam as almas.

Nessas pessoas, que até perderam a noção do Bem e do aperfeiçoamento espiritual, que viviam apenas em função de seus desejos e prazeres do presente, despertavam as aspirações de fundir-se com algo lúcido e puro que se irradiava daquele que os curava e conhecer um pouco, se possível, sobre sua ciência maravilhosa.

Como resultado, sete daqueles que tinham vontade de se tornarem discípulos de Supramati galgaram certa noite a velha escada de pedra e em seguida pararam timidamente junto à entrada da gruta. Eles ficaram profundamente impressionados com a visão do altar e da cruz radiante. O incrível encantamento que reinava no abrigo do mago subjugou-os a todos e as radiações puras que saturavam o ar tontearam-lhes a cabeça.

Quando Supramati apareceu no degrau da gruta alva, os corajosos caíram de joelhos e estenderam suplicantes as mãos em sua direção.

Aproximando-se rapidamente, Supramati ajudou a levantá-los e disse em tom afável:

- Bem vindos os primeiros sedentos da luz da Verdade. Vocês querem ser meus discípulos? Eu os aceito de boa vontade, porque seu pobre mundo tem muita necessidade de pregadores que possam ensinar-lhes a reencontrar o caminho da perfeição ainda que, meus amigos, seja de minha obrigação preveni-los de que a tarefa a que se propõem é muito difícil. Os ensinamentos que eu vou transmitir-lhes devem ser passados a seus irmãos até com risco de vida, uma vez que a fé, sem as ações, não tem vida. Reflitam, assim, se vocês se sentem bastante fortes para assimilar na prática os meus ensinamentos.

Deliberando entre si cerca de um minuto, um deles saiu à frente e disse sem hesitar:

- Mestre, somos tão fracos, tão ignorantes e cegos, que nos parece por demais corajoso prometer aquilo que talvez não possamos cumprir. Seja magnânimo, teste-nos e prometemos fazer todo o possível para sermos dignos de seus ensinamentos.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- A resposta de vocês dá muitas esperanças. Aquele que reconhece ser cego tem diante de si a possibilidade de conhecer a luz eterna, enquanto que o vaidoso permanecerá cego, porque não vê nada além de sua pretensa “grandeza”. Vou dizer-lhes novamente, amigos, sejam bem-vindos! Vocês ficarão aqui comigo, mas antes eu devo purificá-los e tirar-lhes o invólucro de miasmas.

Ele levou-os a uma gruta anexa, mandou que se despissem, entrassem no reservatório e ficassem de joelhos – o que foi feito sem objeções. Então Supramati estendeu a mão, desenhando-se no ar um símbolo cabalístico, e, no mesmo instante, surgiu do espaço um amplo feixe de luz e sob as cabeças curvadas acenderam-se, feito uma abóbada ígnea, luzes multicoloridas que em seguida pareceram serem absorvidas pelos seus corpos.

Ao notar que seus rostos expressavam pavor e perplexidade, Supramati explicou:

- Nada temam. Esse fogo purificador do éter irá penetrá-los e eliminar os maus fluídos que os envolvem.

Depois disso, ele deu-lhes túnicas brancas comuns, calçados de palha trançada e levou-os junto ao altar, onde eles ficaram ajoelhados, e, após, deixou que eles beijassem o cálice e colocassem em seus peitos pequenos crucifixos de madeira aromática.

A partir daquele dia, as horas matutinas e as noites eram dedicadas aos ensinamentos. Em primeiro lugar, Supramati explicou-lhes a natureza dual do homem – a material e a astral – e a lei imutável que unia as pessoas com o mundo invisível, de onde essas saíam para a encarnação e voltavam ao morrerem.

Ele mostrou-lhes a população invisível do espaço e explicou seus perigos para a alma e o corpo dos mortais.

Mais tarde, como dedução óbvia, ele indicou a única arma efetiva contra esses riscos e começou a ensinar-lhes a grande arte de fazer preces.

- Essa força, tão poderosa como os elementos da natureza, à imagem de um raio, acende a chama divina nos altares, fertiliza a terra e penetra nas profundezas do oceano, e passa como um furacão no espaço, desconhecendo obstáculos: a prece, a primeira das ciências, poder extraordinário, talismã mágico que aciona forças desconhecidas. E não apenas um mago, mas qualquer um que possuir uma fé ardente e pura poderá dispor dessa gigantesca força, governar sobre os elementos da natureza, apaziguar as tempestades, acabar com as epidemias, reunir e colher finos e delicados elementos para a cura de doenças...

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Atônitos e entusiasmados, os alunos ouviam reverenciosos o mago. E esses homens. Que até aquele momento viviam apenas em função dos prazeres da carne, humildemente e em toda a fé se curvavam diante da cruz e tentavam orar.

Inúmeras vezes eles sofriam fracassos, ficavam extenuados e caíam em desânimo – porque a capacidade de orar não é tão fácil como se imagina. Esses têm três aspectos: primeiro – exige concentração; segundo – renúncia de tudo que é material e que sobrecarrega a alma e acorrenta-se à terra; e, terceiro – uma poderosa força de vontade que ascende e desprende uma chama pura, dispersando a aura do homem pecaminoso para a percepção de irradiações divinas.

De qualquer modo, graças a seus esforços e apoio do mago, os discípulos tiveram rápidos progressos. Agora, eles já sabiam que tinham espírito desencarnável, cuja principal destinação era a perfeição.

Eles alcançavam o mistério da existência e a grande lei do amor que dita ao ser humano suas obrigações com o próximo. Aos poucos, Supramati preparava seus discípulos para sua missão – jorrar luzes de fé nas almas obscurecidas de seus irmãos carnis.

- Os seus deveres são devolver aquilo que vocês mesmos receberam. É difícil, é claro, inculcar nas pessoas as grandiosas leis do Bem, detê-los no caminho trilhado de abusos e vícios. Não odiá-los, pagar o bem com o mal, mas isso não poderá assustá-los; e se a sua missão for marcada com sangue, essa será uma vitória das mais gloriosas. Saibam que o nosso sangue é um orvalho vivificante que se derramará sobre o solo estéril da descrença e egoísmo e, ao lembrarem-se de vocês como uma chama imortal, acenderá a fé nas almas de muitos. Assim, queridos irmãos, não temam a morte, porque a morte de um mártir é um aroma celeste que dispensa os miasmas pestilentos que cercam a atmosfera de um malfeitor.

- Mestre, se eu entendi bem os seus ensinamentos – observou um dos discípulos -, nós nunca devemos pagar o mal com a mesma moeda, para nos defendermos; mas, uma vez que as nossas leis estimulam a vingança e a destruição de tudo que possa se constituir em vantagem, então seremos mortos, sem nenhuma utilidade.

Supramati sorriu.

- São justamente as suas pregações que devem acabar com suas leis selvagens e injustas; mas não pensem que vocês estarão desarmados. Aquele que prega a verdade, inspirado por amor a seu dever e armado da cruz, é invencível.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Mestre, por favor, explique-nos por que voce acredita que a cruz é dotada de força especial? Sei muito bem que este símbolo era antigamente muito venerado aqui, entretanto eu não consigo entender as origens dessa adoração – indagou Khaspati, um dos discípulos mais zelosos de Supramati, que a este se afeiçoou sobremaneira.

Quando voes amadurecerem e fizerem avanços nas ciências, voces aprenderão a entender, ainda que parcialmente, as particularidades benévolas deste símbolo da eternidade e salvação. A cruz, meu filho, terrível no que se refere a seu poder, é um símbolo, é uma arma de ataque e defesa. Sendo artífice e força destruidora, ela é a bússola do iluminado. Onde quer que seja, em todos os mundos visíveis no firmamento, a cruz revela o seu poder, pois suas linhas, sendo orientadas para os quatro lados penetram o Universo.

Certa noite, Supramati estava sentado na esplanada com os seus discípulos e ensinava-lhes a arte de desenvolver o domínio da vontade, comprovando com exemplos práticos a potência dessa energia. Sob a ação de sua força de pensamento, floresceu um arbusto ressequido e desabou uma tempestade que a seguir foi acalmada a seu comando.

- Vêem, meus filhos, esta vontade desenvolvida e consciente faz submeterem-se os elementos cósmicos, tornando-os maleável feita cera derretida. É claro que para alcançar o grau do meu poder é necessário muito tempo e trabalho; mas isso é possível através da persistência e compreensão dos objetivos a serem alcançados.

Os discípulos contemplavam-no com um misto de fascínio e quase um medo supersticioso. Khaspati perguntou hesitante:

- Mestre, diga-nos quem é voce, de onde veio e de quem obteve esses conhecimentos colossais? Explique-nos por que no transcorrer de tantos séculos, antes de voce não apareceu ninguém para revelar-nos as grandes verdades por voce propagadas?

Supramati refletiu um pouco olhando para o espaço, e retrucou:

- Sou de longe; sou um filho humilde da ciência, enviado por tutores do bem e da verdade para dissipar as trevas de equívocos humanos e devolver ao Senhor seus filhos pródigos; pois todos voces são filhos dele, partículas indestrutíveis e divinas dele originadas. Vendo-os perdidos na intransitável selva da ignorância, escravizados pela carne, cruéis e cheios de vícios, os grandes tutores da humanidade enviaram-lhes um dos seus leais servos, armado da cruz e do amor, para orientá-los ao caminho da verdade. E a minha vinda não será inútil: não estou sozinho, já tenho discípulos fiéis

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

que transmitirão meus ensinamentos a seus irmãos e prosseguirão com a minha causa, se eu perecer.

- O que voce diz mestre! Voce, que é o benfeitor de santos sofridos, perecerá? Seria horrível? O que será de nós sem os seus ensinamentos? Nós não teremos condições de continuar a sua causa! – Exclamou Khaspati com lágrimas nos olhos, abraçando-se ao seu consagrador.

Supramati afagou a cabeça abaixada de seu discípulo.

- A causa de salvar a alma da morte de ignorância e descrença não raro é paga com a vida. Mas isso não tem a menor importância; a semente da verdade por mim plantada, a libertação dos grilhões seculares de ateísmo brutal pro mim preconizada a meus irmãos sobreviverá à minha existência carnal. Enquanto que voces, meus filhos, não deverão ter medo ao ficarem sem os dirigentes. Invoquem os mentores que habitam as montanhas em retiro espiritual e eles lhes trarão em profusão, o pão e o vinho espirituais que alimentarão as suas almas.

- Por que então eles não apareceram até agora para nós iluminar e nos curar? – atalhou visivelmente desgostoso, um dos jovens discípulos.

- Evite julgar sem fundamento aquilo que voce não entende – admoestou Supramati. – Como saber? E se o aparecimento deles tivesse ocorrido antes da hora certa e provocasse morte indolor? Eu vim para preparar-lhes o caminho, lanças as bases de um empreendimento que mais tarde será desenvolvido por meus irmãos. Serão eles que reativarão a sua antiga fé, restabelecendo aquilo que foi deturpado ou esquecido por séculos. E depois, se for necessário, aparecerão outros e sustentarão a verdade. Seu caminho será iluminado por fochos de luz. Assim como eu, eles cumprirão seus desígnios – compartilharão com seus irmãos da verdade e da luz, por sua vez obtidas de outros.

A observação de Supramati embaraçou Khaspati.

- Agradeço mestre. Na próxima vez serei mais cuidadoso e vou me conter para não fazer conclusões por demais apressadas.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO V

Era com grande satisfação que Supramati observava os rápidos progressos de seus discípulos, cujas habilidades pessoais começaram a se revelar claramente. Enquanto um se interessava exclusivamente pela música, outro, pelo estudo da força oculta dos planetas, e um terceiro pelas maravilhas do céu estelar. Só num único juntavam-se todas as aspirações, sem exceção, de estudar a misteriosa e poderosa força da vontade, essa grandiosa alavanca de forças cósmicas, força motriz que governa os elementos da natureza. A vontade, sendo desenvolvida e disciplinada, representa a força semelhante aos próprios elementos da natureza.

Agora Supramati, em companhia de seus discípulos, saía às vezes da gruta fazendo curas em povoados e cidades circunvizinhas, eventualmente pregando e inculcando nos seus ouvintes a necessidade do amor a Deus para que nas provações e sofrimentos da existência se buscasse nele ajuda e apoio.

A fama que cercava o homem sobrenatural acabava por protegê-lo, e ninguém ousava detê-lo pela violação insolente da lei que proibia até pronunciar o nome de Deus.

Assim, convenientemente, todos silenciavam, enquanto que em surdina, os inimigos do mago tornavam-se coesos e seu número crescia rápido.

Nas primeiras fileiras estavam os médicos, que se julgavam prejudicados em termos de dinheiro. Além de feridos em seu amor próprio “de cientistas”. Não menos descontentes eram todos aqueles que achavam mais cômodos não serem constrangidos por uma norma de moralidade, consciência ou dever, visto que o próprio conceito de Deus e suas leis eram odiados por se tornarem um freio de suas desorganizadas e animaiscaas paixões. E o número desses adversários transformava-se numa legião.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Supramati que lia a alma humana e os pensamentos alheios via obviamente a hostilidade crescente, sem dar-lhe, entretanto, qualquer atenção prosseguindo com as curas e as pregações.

Certo dia, ao voltarem de uma visitação dentro de uma floresta, o mestre e os discípulos sentou-se exaustos para descansar e comer um pouquinho. No bosque cerrado, coberto de arbustos e vegetação rasteira, Supramati divisou atrás de um amontoado de ramos quebrados um monte de ruínas.

- Vêm aqueles restos do templo destruído? Espero que ele seja reerguido e, sob a sua abóbada, soem os cânticos sagrados; e que a prece conjunta atraia aos crentes as poderosas e renovadoras ondas da bem-aventurança divina.

- Mestre voce realmente tudo sabe e enxerga o passado. Caso contrário como iria adivinhar que aquelas ruínas disformes eram outrora um dos mais majestosos templos em nosso país? – Exclamou Khaspati surpreso.

Todos evitam esse local, porque, durante a destruição do santuário, aqui aniquilaram um grande número de sacerdotes que nele buscavam esconderijo – continuo o jovem discípulo. – Dizem até que o lugar está encantado, mas ninguém a lembrar o fato temendo punição.

Que tempos horríveis foram aqueles! Espero que jamais se repitam – afirmou um dos jovens presentes. – Mas, diga-me, mestre, voltará novamente o sacerdócio, quando por fim se restabelecer a adoração a Deus?

- Sem dúvida. O ofício requer sacerdotes e eu suponho que voce, meus amigos, assumirão este mister grandioso e difícil em função de sua responsabilidade – respondeu sério Supramati.

- Não pensem que tudo correrá sem luta – continuou ele. – O Bem sempre tem adversários, pois as trevas odeiam a luz.

Do sorvedouro sairá um monstro de mil cabeças da descrença e dúvida, cobrindo tudo com seu cuspe venenoso em nome da “ciência”. O monstro obviamente atacará o templo e tentará de tudo para abalar seus alicerces; mas uma das atribuições dos guerreiros da fé é a defesa do santuário, que representa a idéia da Divindade e é para a humanidade uma inesgotável fonte de salvação da alma e do corpo.

Ai daqueles sacerdotes iniciados que permitirem que se profane, humilhe ou rapine o tesouro a ele confiado.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Um sacerdote é o primeiro cultor de Deus, um intermediário direto das forças divinas do mundo invisível. Um mistério singular envolve os servidores do altar, foco de luz para o qual desce e onde se concentra o poder Divino. Sua vida deve ser casta e seus pensamentos dirigidos para o céu, pois ele é o vaso dentro do qual é vertida e do qual é distribuída para os mortais a bem-aventurança da salvação.

Ai do sacerdote que, sendo impuro de alma e corpo, ousar aproximar-se do altar para apreender a luz Celestial; ele apenas a obscureceria e macularia, dela privando os que buscam ajuda e salvação.

È grandiosa e sublime a missão do sacerdote, cultor verdadeiro de Deus. Sua tarefa é preservar no coração e praticar todas as verdades por Ele propagadas, de modo que o crente olhe para esse agente da luz de baixo para cima.

Não se esqueçam meus filhos, de que o declínio da religião começa a partir do momento em que na alma do homem se insinua desdém ao sacerdote de Deus. Da mesma forma que um pastor é responsável por todas as ovelhas do rebanho, o pastor do rebanho do Senhor deverá conhecer a alma de suas ovelhas.

Khaspati se inclinou e beijou a mão de seu guia.

- Jamais, honrado mestre, esqueceremos as suas palavras e pediremos a Deus que Ele nos transforme em verdadeiros sacerdotes, como voce acabou de nos descrever.

À medida que aumentava o número dos seguidores, Supramati agia cada vez mais abertamente. Fazendo suas pregações até na capital, ele conseguiu juntar os crentes em comunidades que se reuniam para fazer preces conjuntas e usavam no pescoço pequenos crucifixos de madeira, feitos de árvore aromática, distribuídos por seu mestre adorado.

É evidente que todos os inimigos de Supramati – e eram numerosos – espumavam de ódio quando viam sua impunidade. Alguns membros do Conselho Monárquico exigiam abertamente nas reuniões a detenção do feiticeiro e seu julgamento pela corte, visto que sua insolência crescia dia a dia, enquanto que suas “tolas” pregações ameaçavam provocar distúrbios e por abaixo as leis vigentes.

- Se a maioria do Conselho optar pela detenção, eu não me pronunciarei contra – respondeu Nikhazadi. – Reflitam bem, entretanto, antes de sua decisão, tomando o cuidado de se certificar de que a detenção do homem que salvou

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Da morte centenas de pessoas não resulte em distúrbios que vocês, tanto temem. O desconhecido dispõe para as curas de indiscutíveis e poderosos meios, e qual de vocês poderá garantir que amanhã mesmo não terá que recorrer à ajuda do curandeiro?

Um silêncio fez-se na sala. O último argumento era irrefutável e a decisão final foi adiada.

Entretanto, esse adiamento enfureceu os mais intransigentes; então, eles resolveram agir escondido e eliminar o “feiticeiro” a qualquer custo. Nesse ínterim, a ocorrência de um fato novo fortaleceu a sua intenção ignóbil.

Após ter visto Supramati, Vispala ficou acometida por uma ardente e desvairada paixão por ele, própria das pessoas daquele mundo pervertido. Todas as noites ela se dirigia com Medkha para a beira do penhasco para espiar o mago, enquanto este conversava com seus discípulos, tocava ou cantava. Como enfeitizada, ela não conseguia

Despregar o olho do belo semblante de Supramati, iluminado por insólita luz azul-clara que parecia irradiar-se dele. Sua paixão ia crescendo a cada dia. Aproveitando a visitação da cidade pelo mago, Vispala conseguiu passar-lhe uma mensagem. Em sua carta, ela declarou-lhe o seu amor desmedido, dizendo que o elegia para seu esposo, o que lhe daria direito ao trono. “Meu avô não possui sucessor de sexo masculino e eu sou a sua única herdeira e o meu esposo dera o rei, porque eu tenho direito de dar ao povo um monarca, sem poder, entretanto, governar eu mesma”.

Essa mensagem, assim como a segunda do mesmo gênero, ficou sem resposta e, conseqüentemente, Supramati deixou de aparecer na esplanada à noite.

Vispala achava que ia enlouquecer. Dia e noite ela só pensava no profeta desconhecido; o sangue lhe fervia nas veias e os planos – um mais arrojado que o outro – fervilhavam em sua cabeça excitada.

Certa vez, ela conseguiu aproximar-se do mago quando este estava na cidade. Pelo visto, Supramati não a havia notado, mas, no instante que ela quis tocá-lo com a mão, sentiu um forte choque que a arremessou para o lado, como se por uma rajada de vento.

Vispala perdeu o sono e o apetite e caiu em tal desespero que acabou ficando doente. As longas e contínuas emoções provocaram uma daquelas terríveis doenças de fundo nervoso, contra as quais os médicos, não conheciam a cura. A jovem perdeu a visão e convulsões horríveis contorciam-lhe os braços e as pernas.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Nikhazadi ficou desesperado e mesmo o povo compartilhava de seu infortúnio, pois todos gostavam demais da encantadora mulher. Em virtude disso, à gruta dirigiu-se um séqüito de representantes das diversas classes da população. Se alguém pudesse salvar a princesa, esse era, sem dúvida, somente Supramati.

O mago prometeu visitar Vispala e ordenou a seus discípulos que orassem na sua ausência. Dirigiu-se então ao palácio onde foi imediatamente levado ao aposento da enferma.

Terrivelmente deformada pelo mal, Vispala estava deitada no leito, Supramati olhou penalizado para aquela criatura, vítima do contágio de suas próprias radiações impuras, que parecia em plena juventude.

Seu sensual e perturbado amor causava-lhe aversão, mas... Não era para desprezar os seus irmãos inferiores que ele viera para este mundo. Ele devia amá-los, burilar os diamantes brutos, e com exemplos de pura afeição enobrecer o sentimento congestionado, onde, apesar de diversas sombras a obscurecê-lo, permanece, ainda assim, um sentimento sublime, chamado amor.

Supramati notou ao primeiro olhar, a fétida e pegajosa névoa que envolvia, como um gelatinoso invólucro, o corpo da doente. Seres asquerosos atraídos do além pela sua paixão carnal rastejavam por seu corpo e sugavam-lhe a vitalidade feito sanguessugas. Supramati ordenou que o deixassem a sós e, quando todos se retiraram, ele encheu com água uma pequena bacia e colocou dentro dela o anel que retirou do dedo.

A água tornou-se azulada com tonalidade prateada. Molhando uma toalha na bacia, Supramati esfregou com ela o rosto, as pernas e os braços da jovem. Enclausurando a doente num círculo mágico, ele persignou-a e, quase imediatamente, o círculo por ele desenhado acendeu-se em fogo e circundou o leito com uma chama multicolor.

Crepitando e lançando fagulhas, o fogo do espaço, começou a absorver a negra e pegajosa atmosfera que envolvia Vispala. Assobiando e contorcendo-se em turbilhões, os abjetos seres iam se espatifando por todos os cantos ou acabavam sendo devorados pelas chamas. Aos poucos, a nuvem escura foi desaparecendo e deu lugar a uma maravilhosa luz vermelha que preencheu todo o aposento, iluminando o corpo de Vispala deitado exânime. Enquanto as forças renovadoras trabalhavam, ele perdera os sentidos.

A MORTE DO PLANETA J. W. ROCHESTER

Agora, do interior do corpo da enferma começaram a se desprender nuvens de fumaça preta, rapidamente absorvidas pela luz vermelha.

Cessado o fenômeno, Supramati molhou outra toalha que parecia salpicada com pó de diamante, passou por todo o corpo da doente e cobriu-a.

Em seguida, pegou a harpa, sentou-se junto à cabeceira e começou a tocar.

Jorraram sons de extraordinária harmonia e o quarto encheu-se de um suave aroma. A maravilhosa luz pareceu apagar-se, sendo substituída por um lusco-fusco violeta. E neste fundo escuro de ametista surgiram seres transparentes, como se urdidos daquela mesma névoa, rodeando o leito da princesa que jazia imóvel. Suas formas aéreas oscilavam pelo corpo imóvel de Vispala. Aos poucos, as visões começaram a embaraçar-se e dissiparam-se dentro da névoa.

Enquanto isso, Supramati prosseguia a tocar e em seu rosto congelou-se a expressão de alegria extasiada. Neste momento, quando mais uma vez ele conseguira devolver à vida um ser sofrido e condenado á morte, ele deliciava-se com os frutos do seu trabalho. O deleite produzido pela melodia, o dom de ordenar aos poderosos agentes dos aromas e cores, encheu-lhe o coração de felicidade e gratidão.

Entregue aos seus pensamentos, Supramati não percebeu que Vispala abrisse os olhos e, levantando-se devagar, observava-o com olhar tímido e amoroso.

Ela se sentia recuperada, mas todo o seu ser passou por uma surpreendente transformação. A impetuosa e voraz paixão que dilacerava seu coração havia desaparecido, dando lugar à compreensão do abismo que a separava do ser superior por ela amado, e essa conscientização apresentou-se a ela com toda a clareza.

Ao mesmo tempo, todo o seu íntimo encheu-se de infinita gratidão e felicidade profunda em poder vê-lo ali, junto dela.

Descendo da cama, ela ajoelhou-se diante dele e, levantando as mãos em prece, murmurou com a voz embargada.

- Mestre, como eu posso agradecer-lhe por ter-me salvado a vida?

Supramati parou de tocar, abençoou-a e, reerguendo-a, disse-lhe:

- Não é a mim que voce deverá agradecer, mas a Deus, seu Criador e Pai Celeste. Seja digna de sua saúde espiritual e carnal que lhe foi concedida. Não se esqueça de que no calabouço carnal arde uma chama imortal que lhe mostrará o caminho do farol que ilumina, apóia e protege tudo o que existe.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Ele levantou a mão e apontou para uma cruz clara que no ar brilhava feito um diamante.

- Você, benfeitor de todos os infelizes, ensine-me a grande ciência: crer e amar, não com o corpo, mas com o coração! – Murmurou Vispala.

- Creia em seu Criador; tenha fé em Sua misericórdia; ame-o com todo o seu ser e você encontrará o caminho da salvação. À medida que sua alma for se purificando, você aprenderá a amar com o coração e dominará as impuras paixões carnis. E agora, vá aos braços de seu avô, que passou por muitos sustos e sofrimentos durante a sua enfermidade.

Vispala segurou impetuosamente a mão de Supramati e encostou-a aos lábios. Em seguida levantou-se e correu aos aposentos do rei, onde este, rodeado por alguns acólitos, esperava receoso pelos resultados da cura. O rei ficou profundamente feliz ao ver a neta totalmente sadia, e, quando ele e seu séquito quiseram agradecer ao mago, este já havia sumido.

Ao alvorecer do dia seguinte, o rei foi à gruta expressar sua profunda gratidão pela cura de Vispala. O velho rei estava muito emocionado. Ele ficou um longo tempo conversando seriamente com o mago, após o que, como já predissera Supramati, ajoelhou-se humildemente ante o altar, professando a Divindade e pronunciando o nome do qual era proibido por lei.

A cura da herdeira da coroa causou uma enorme repercussão e a popularidade do mago aumentou ainda mais; na mesma razão, praticamente, cresceu o ódio de seus adversários. A gota d'água foram os boatos de origem desconhecida que começaram a correr no meio do povo.

À boca pequena, é verdade, mas em todos os lugares corriam os rumores sobre o futuro rei, pois Nikhazadi já estava velho e o seu fim estava próximo, em virtude do que, na opinião geral, Supramati deveria ser o seu sucessor.

- Poderia a princesa escolher para esposo alguém melhor que esse benfeitor de todos os sofredores? – Falava-se na sociedade. – Ele é jovem e belo; sua origem, claro, é obscura, mas pelo menos a princesa é de estirpe nobre. Além do mais, ele é pobre... Mas isso apenas comprova o seu desinteresse, pois do contrário... Fosse ele mais prático... Poderia ser a pessoa mais rica do planeta. Quanto não lhe pagariam por salvar um ente próximo e querido de morte certa?

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

A conclusão que se tirava dessas conversas era de que seria preferível que o futuro monarca fosse um homem bondoso, belo e sábio.

Mas, se os anseios do povo em ter em Supramati o seu rei eram enormes, a simples possibilidade de tal combinação provocava uma verdadeira tempestade oposicionista e trazia às suas hostes pessoas bastantes. Dentre esses, havia alguns jovens que por sua origem e elevada posição nutriam esperanças de serem eleitos por Vispala. Mas a paixão da jovem pelo belo mago já não era um segredo e nisso as aspirações nacionais poderiam lograr êxito.

O meio mais certo de prevenir os aborrecimentos seria eliminar o perigo, e, assim, numa reunião secreta, os inimigos decidiram acabar com ele, custasse o que custasse.

Dando-se seqüência à conspiração. Supramati foi surpreendido por um atentado à sua vida quando saía de uma fazenda, onde acabara de tratar do gado acometido por uma doença malévola. Um golpe desfechado às pressas não acertou, contudo, seu peito, pegando apenas o ombro. O malfeitor tentou fugir, mas acabou sendo detido e trazido pelos pastores indignados. Verificou-se em seguida que ele era uma das pessoas que Supramati havia salvado da morte.

Com toda a certeza a multidão o teria linchado, não fosse a interferência do mago, que afirmou que ninguém tinha o direito de puni-lo, pois ele próprio perdoava ao culpado. Não obstante, o criminoso teria vindo por um dos adeptos mais fervorosos de Supramati, caso ele não prevenisse o patife, ajudando-o, inclusive a fugir.

O segundo atentado foi bem mais engenhoso e para cuja consecução foi escolhido um animal.

Era uma fera que habitava os pântanos, meio-leão, meio-touro, mas de extraordinária força e astúcia. Medindo menos que o touro que habitava o planeta, tinha uma juba parecida com a de leão. O uru – como era conhecido o animal – tinha três chifres, retos e afiados feito punhais, uma enorme goela cheia de dentes fortes e suas patas mais pareciam com os pés de macaco.

A domesticação desse animal era impraticável, mas o público sempre gostou de assistir as lutas desses urus, muito em voga antigamente. O fato que tornava o espetáculo ainda mais interessante é que esse animal era difícil de ser dominado, além de que era uma raça em extinção. Naquele dia acabavam de trazer do pântano duas

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

daquelas enormes excepcionalmente ferozes feras, escolhidas para dar cabo traiçoeiramente de Supramati.

As feras eram mantidas em jaulas de ferro, guardadas num galpão aberto. No instante em que o mago atravessava a rua, acompanhado por dois discípulos e uma grande multidão, um dos animais escapou da jaula e cego de fúria, atizado com os gritos de perseguição, partiu para cima do mago, prestes a pegá-lo com os chifres. O perigo era inevitável e mortal. A fera enraivecida voava em direção de Supramati, enquanto a multidão em pânico se espalhava por todos os cantos.

Subitamente, porém a dois passos de Supramati o animal estacou bruscamente, cheirou o ar e virou-se em direção de um dos discípulos; Supramati, neste ínterim, levantou a mão e o uru caiu com as patas dobradas, como se tivesse recebido uma forte pancada na cabeça. Os espectadores ouviram pasmados o mago pronunciar umas palavras desconhecidas, estranhamente repetidas por todos, tocando em seguida a harpa.

Ao ouvir a música, o uru, como se encantado, aproximou-se vagarosamente de Supramati e deitou-se a seus pés. O mago acariciou-lhe a cabeça, deu-lhe um pedaço de pão, tirado do bolso, e o animal começou a comê-lo. Continuando a tocar e a cantar a meia-voz, Supramati foi ao galpão, seguido do uru que, obedecendo a seu comando, entrou submisso na jaula.

- Da próxima vez sejam mais cuidadosos e não deixem a jaula aberta. Eu não sou o único a andar pela rua e quantas pessoas inocentes poderiam ser vitimadas em meu lugar – advertiu calmamente Supramati aos guardas, visivelmente embaraçados.

Esse acontecimento originou um tremendo barulho e ao mesmo tempo uma insatisfação na população, que começava a pressentir um atentado contra a vida de seu benfeitor.

Os conspiradores sossegaram, suspendendo por algum tempo seu intento sanguinário. Odiando ainda mais seu “inimigo”, decidiram esperar por um momento oportuno enquanto iam arregimentando mais partidários.

Pouco depois, Nikhazadi teve morte súbita. O velho rei era muito amado e seu falecimento provocou comoção geral.

Somente aqueles que o acusavam de fraqueza e de haver permitido as pregações de Supramati alegraram-se com o fim do monarca.

Para Vispala foi um golpe muito duro. A conscientização de estar sozinha no mundo atormentava-a.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Todo o período de luto, ela passou totalmente enclausurada, cercada apenas por poucas amigas recém-convertidas.

Enfim, chegou o dia em que, segundo a lei, Vispala deveria anunciar aquele que ela escolhia para seu esposo e rei, visto que, conforme já foi dito acima, ela mesma não poderia governar, mas tinha o direito de eleger um monarca dentre a juventude de alta nobreza.

O Conselho de Estado estava todo reunido quando Vispala chegou e com humilde dignidade ocupou o assento monárquico, anunciando que a única pessoa que ela considerava digna no mundo de suceder a seu querido e inolvidável avô era Supramati, o benfeitor nacional que devolvera a saúde e a vida para milhares de pessoas.

O embaraço dos presentes era evidente.

- Sua escolha, rainha, contraria a todas as leis – replicou o presidente do Conselho, recuperando-se do choque. – Você quer eleger para nosso rei uma pessoa que é, sem dúvida nenhuma, digna disso. Entretanto, sua origem é uma incógnita. É pertencente a uma raça totalmente diferente e desconhecida, o que poderá contaminar os seus descendentes com sangue talvez impuro, inferiorizando a sua antiga e gloriosa dinastia, da qual você é a última representante. Pense sobre isso, nossa amada rainha, e não decida nada sem uma reflexão amadurecida.

- Eu analisei tudo isso antes de vir para cá e a minha decisão é irrevogável – obtemperou firmemente Vispala. – Sei também que o Conselho poderá acatar ou não a minha opção. Suas conclusões podem até serem justas, ainda que, a meu ver, as inúmeras boas ações de Supramati sirvam de melhor exemplo para confirmar sua nobreza. Eu estou pronta para submeter-me à decisão do Conselho; mas, em caso de recusa, abro mão de todos os meus direitos hereditários ao trono e vou me retirar para a vida particular. O Conselho e o povo que escolham seu rei, segundo as suas leis e buscando o bem-estar da nação. Daqui a três dias vocês me darão a resposta.

Deixando os conselheiros em total perplexidade, Vispala saiu da sala e voltou aos seus aposentos.

Uma acalorada discussão tomou conta da sala. As opiniões divergiam; uns nem a menos quiseram ouvir a opção Supramati; outros recebiam perturbações em caso de recusa, levando em conta o amor que o povo tinha pela jovem rainha e a adoração pelo profeta que promovia as curas.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Os ânimos se acirravam. Os inimigos do mago brandiam que com a subida ao trono desse desconhecido “feiticeiro” iriam começar novos distúrbios religiosos, pois era evidente que ele iria querer restabelecer o antigo culto, recolocar o símbolo outrora rejeitado – a cruz – e exigir que se reverenciasse Deus esquecido, sem o qual se vivia otimamente graças às “sábias leis”.

Os opositores contra-argumentavam, dizendo que já havia muito anos seus ancestrais viveram com fé em Deus e os tempos eram melhores, as leis menos cruéis, mais justas, e que, de qualquer forma, segundo o vaticínio, a fé branca deveria renascer.

Para acalmar os ânimos exaltados, um conceituado dignatário propôs que fosse escolhido um candidato ao trono e que atendessem a todas as condições, pondo fim às alterações inúteis.

No início, tal proposta foi aceita unanimemente, mas, na hora de escolher, o espírito partidário, a ambição pessoal e as paixões se esquentaram a tal ponto entre aquela gente que crescera em meio a total egoísmo que ninguém acabou sendo escolhido.

Numa reunião cansativa, irritante e nervosa, convocada pela maioria dos votos, decidiu-se enfim enviar uma comitiva a Supramati com a proposta da rainha, abstendo-se da votação muitos dos que preferiram a opção pelo desconhecido em prejuízo aos seus pares cuja ascensão poderia afetar a sua própria vaidade.

Em vista dessa decisão, logo após as doze horas daquele mesmo dia, a comitiva, composta dos mais altos dignatários, partiu para a gruta.

Calmo e pensativo ouviu Supramati o exposto e só esboçou um sorriso quando começaram a lhe descrever todas as honrarias que por ele esperavam. Respondeu-lhes condignamente que a proposta era demais importante para que pudesse tomara decisão sem analisá-la e pediu à comitiva que esperasse até o dia seguinte por uma resposta definitiva.

Ao ficar sozinho, ordenou que os discípulos se retirassem para a gruta pequena, ajoelhou-se frente ao altar, mergulhando numa prece exaltada.

Todo seu espírito aspirava impetuosamente unir-se a seus membros e obter deles um conselho: deveria ele assumir tal responsabilidade?

Já fazia muito tempo que seu espírito purificado estava livre de qualquer sombra de ambição, mas, nesse instante, ele não sabia se a sua ascensão ao trono seria desejável e útil para a missão. Todo seu espírito ansiava por um conselho ou qualquer instrução visível de seus dirigentes.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Subitamente, a conhecida e querida voz de Ebramar soou em seus ouvidos, como se fosse uma remota e suave música:

- Vá adiante sem vacilar, valoroso filho da luz. Para alcançar seus objetivos você deverá aceitar a coroa do poder, dando lugar, talvez em seguida, ao martírio.

Supramati orou muito e quando se levantou estava calmo e decidido, sabendo o que tinha de fazer.

Ao alvorecer, Supramati juntou os seus discípulos e, anunciando que ao se tornar rei devia deixá-los, deu as últimas instruções.

Apertando as mãos de cada um de seus discípulos e fazendo longas preces, Supramati os abençoou e deu para cada um pequeno crucifixo de madeira.

- Em qualquer lugar que vocês meus amigos, venham a se estabelecer, ergam o símbolo da salvação e da eternidade em três dimensões: altura, largura e profundidade. Este sublime sinal, sinete do próprio Deus, a cruz, deve ficar nas portas de suas casas e em suas mãos. Com ela, vocês irão curar as doenças, expulsar os demônios, domar as tempestades e prevenir as catástrofes. Mas não se esqueçam de que a miraculosa força desta misteriosa arma funcionará apenas concorde com a fé e o amor de vocês a Deus; quanto mais forte for a fé, tanto mais terrível será a força da cruz.

Preguem e, principalmente, provem com as ações o seu amor a qualquer criatura, pois o amor elimina o ódio e a delinqüência, dignifica o homem e aumenta suas forças em centenas de vezes. Amem a Deus mais que tudo, e, em todo o ser vivo, amem a faísca divina que o anima.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO VI

Quando no dia seguinte a comitiva retornou. Supramati anunciou que havia concordado em aceitar o poder governamental que lhe conferiam, sendo, no mesmo instante, coberto de cumprimentos lisonjeiros e servis e manifestações de alegria dos dignatários presentes. Mal podiam eles desconfiar que o olhar perspicaz do mago lia seus corações hipócritas, seus pensamentos hostis e invejosos e as intenções traiçoeiras.

Porém, os belos e claros olhos de Supramati nada revelaram. Ele retribuiu amistosamente os cumprimentos, deixou que eles o vestissem num curto traje branco, bordado a ouro, e numa capa azul, colocando sobre sua cabeça uma grande coroa de ouro com incrustações de pedras preciosas. Feito isso, ele dirigiu-se ao palácio real.

Na parte superior da escada. Supramati era aguardado pela noiva. Abalada pelas emoções pelas quais passava. Vispala ergueu timidamente seus olhos cheios de lágrimas, fitando-o amorosamente. E quando ele com um sorriso afável pegou-lhe a mão, beijou-a e pronunciou algumas palavras carinhosas, seus olhos brilharam de alegria e radiante de felicidade ela dirigiu-se com ele para a sala do banquete.

O casamento foi marcado para seis semanas depois; no entanto as rédeas do governo foram passadas, de imediato, às mãos do novo rei; após presidir pela primeira vez a reunião do Conselho, Supramati retirou-se aos seus aposentos.

Para auxiliá-lo em seus serviços pessoais, Supramati convocou dois de seus discípulos – fato que lhe criou novos inimigos. Os cortesãos, achando que tais funções eram seus direitos inalienáveis, foram preteridos por “capricho” desse “forasteiro” que ousou preferir pessoas tão ignorantes e míseras como ele próprio.

Supramati sabia que seu ilusório reinado não seria longo. Assim, tratou de aproveitar o melhor possível o tempo que tinha para introduzir transformações e lançar

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

as bases da religião que fizesse o povo se voltar para o Criador, há tanto tempo renegado.

Graças às suas ações enérgicas conseguiu, enfim, revogar a revoltante lei que condenava os doentes à morte e, mais tarde, suprimir outros dispositivos legais menos importantes, porém igualmente cruéis e injustos.

A muito custo dissimulando o descontentamento, os dignatários ouviam esse homem, totalmente estranho falando-lhes de misericórdia, perdão, bondade para depois com a mão “ousada” – como eles diziam – derrubar o sistema sócio-político do Estado há muito tempo existente. Boas ou más... Todos tinham se habituado a essas leis e a maioria tinha interesse em sua manutenção.

O descontentamento das classes privilegiadas crescia com a arregimentação de novos adeptos. Supramati parecia não se dar conta do fato, prosseguindo em afã de transformações. Diariamente dedicando a Vispala algumas horas da noite, ele passava-lhe ensinamentos e desenvolvia-lhe a mente.

Já cônica de sua inferioridade em relação ao esposo eleito, a jovem rainha aspirava chegar ao nível do seu desenvolvimento intelectual. Ela suplicava para Supramati iluminá-la e incutir nela a doutrina por ele professada, e, naturalmente, não havia discípula mais dedicada, convicta e fervorosa que ela.

Entrementes, começaram a correr no meio do povo os mais vis e alarmantes rumores a respeito do novo rei. Em primeiro lugar, acusavam-no caluniosamente de bruxaria, com a ajuda da qual ele teria assassinado o velho rei e enfeitado a sua herdeira para usurpar o poder. A harpa, com o auxílio da qual Supramati promovia as curas, seria também uma arma de feitiçaria. Sem dúvida nenhuma, ele havia aparecido na condição de um perigoso agente dos “montanhese”, que tencionavam restabelecer com sua ajuda os velhos preconceitos e bruxarias, punidos com a morte. Os rumores tomaram tal intensidade que os amigos e Supramati acharam por bem alertar Vispala sobre uma revolta em processo de preparação.

Supramati estava trabalhando quando sua noiva, lívida e trêmula, entrou correndo no gabinete. Com voz engasgada, ela lhe transmitiu o que acabara de ouvir.

- Eu sei de tudo – disse com calma Supramati, fazendo-a sentar-se.
- Sabe... e não faz nada para evitar o perigo mortal que o aguardas?

Caindo de joelhos, ela estendeu-lhe as mãos e implorou:

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Fuja Supramati, esconda-se até que seus inimigos sejam eliminados. Eu saberei desmascarar e punir os miseráveis, e, depois que eles forem lançados ao fundo do abismo, voce poderá voltar desimpedido.

Supramati apressou-se em levantá-la e falou-lhe balançando a cabeça:

- Que belo exemplo eu daria em vez de por em prática os meus ensinamentos. E voce acredita realmente que eu seja um feiticeiro?

- Não, absolutamente! Mas voce tem tantos inimigos que o odeiam...

- Voce deveria entender que as grandes verdades que eu professo e que devem se enraizar em voces provocam a fúria dos habitantes do inferno, e aqui eles encontram infelizmente, instrumentos que servem para seus objetivos nas pessoas pervertidas, ainda que inconscientemente. Não seria digno de minha parte fugir do destino. Acalme-se, Vispala, eu nada temo: só poderá acontecer aquilo que terá de acontecer.

Triste e com maus presságios na alma, a jovem rainha retirou-se.

Encorajados com a aparente estupidez e inoperância de Supramati, os conspiradores tornaram-se mais ousados e enérgicos e, sentindo-se bastante fortes, decidiram fixar o dia do casamento real para a consecução de seu plano. Mas, apesar de todos os esforços, Supramati contava com muitos partidários entre a gente simples e, sobretudo, na classe trabalhadora. Os conspiradores decidiram misturar nas iguarias que seriam servidas na solenidade um narcótico muito forte. Assim, os defensores de Supramati iriam cair no sono e não atrapalhariam a execução do plano, e até que eles acordassem, dando-se conta do estaria acontecendo, seu amado profeta já não estaria entre os vivos.

Chegou finalmente, o dia do casamento. A cerimônia civil foi festejada com pompa e logo depois o casal percorreu em cortejo as ruas da cidade, animadamente ovacionado pelo povo que, em seguida, espalhou-se por diversos locais da cidade, onde foram preparadas diversões, comida e presentes. No palácio do rei já estava preparada uma mesa com duas cadeiras para os recém-casados e num jarro de ouro de fino acabamento foi posto um vinho caro e envelhecido.

Supramati estava tranqüilo, já a rainha aparentava tristeza e preocupação...

Assim que se sentaram, Supramati inclinou-se ao ouvido da jovem esposa e sussurrou:

- Não beba desse vinho, caso contrário voce entrará num sono perigoso.

- É veneno? – indagou ela assustada.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Não, é um soporífero muito forte – respondeu Supramati, fingindo beber e retribuindo os brindes dos convidados.

A festa estava em pleno apogeu. Aproveitando o barulho da música e das conversas, Supramati novamente se inclinou no ouvido da esposa e disse em tom carinhoso, mas firme:

- Junte toda a sua coragem, Vispala arme-se de sentimento de dignidade de mulher e rainha. Aproxima-se um momento difícil – ele apertou-lhe fortemente a mão. – Vão nos separar e a minha hora provavelmente, chegou...

- Então morrerei junto com voce! – Murmurou ela em voz baixa Vispala, tremendo como vara verde.

Supramati fez um sinal de desaprovação.

- Não, viva para manter e continuar com a minha missão. Lembre-se de mim com amor. Ainda que eu seja invisível, sempre responderei ao seu chamado...

Ele foi interrompido pelo barulho e gritos de fora e à sala adentrou uma numerosa multidão de homens armados, liderados pelo antigo pretendente à mão da princesa.

- Peguem esse bruxo que com sua torpe feitiçaria apoderou-se do trono, matou Nikhazadi e cegou o coração da rainha! – brandiu ele, apontando para Supramati em pé, agarrado com força por Vispala.

Formou-se na sala um barulho infernal. Os partidários de Supramati lançaram-se em sua defesa, travando uma luta em volta do pedestal real. Mas, como os revoltosos estavam em maior número e ainda encontraram na sala seus correligionários, saíram-se vitoriosos e o líder dos conspiradores subiu no pedestal.

Nesse ínterim, Supramati tirou a coroa de rei e disse calmamente:

- Para que toda essa luta? Eu não estou me defendendo.

- Isso não tem a menor importância. A questão agora não é essa ou aquela, mas sua defesa diante da Corte – argumentou o líder dos revoltosos, rindo.

Vispala soltou um grito abafado, pôs-se de joelhos e começou a implorar, em prantos, a soltura do esposo.

Supramati levantou-a rapidamente e disse em seu ouvido:

- Envergonhe-se de implorar a piedade...

Por uns instantes, sob a influencia da poderosa força do mago, Vispala pareceu acalmar-se e Supramati aproveitou o momento para beijá-la e abençoá-la.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Na hora de levarem o rei deposto, ela novamente agarrou-se a ele, mas foi separada bruscamente do esposo, perdeu os sentidos e foi retirada do local.

Uma corte Suprema provisória, composta dos inimigos mais fervorosos do profeta, reuniu-se às pressas no salão nobre do Conselho.

Postado em pé diante desse areópago, que efervescia de hostilidade e paixões, Supramati observava triste e pensativo as feições embrutecidas de seus invejosos juízes, que não haviam dado o necessário valor a um ser superior, jogado por destino à mercê deles.

Perplexo e desconfiado observava o presidente àquela névoa azulada que envolvia Supramati, porém, recompondo-se rapidamente, gritou ensandecido:

- Defenda-se, atrevido usurpador, das terríveis acusações que pesam contra voce. Usando de seus sortilégios, voce ousou restaurar em nosso planeta o símbolo da cruz, rejeitado há muitos séculos. Voce teve a coragem de conclamar Deus por nós renegado, cuja adoração é proibida sob pena de morte. Voce seduziu as multidões para contato criminoso com o mundo invisível, descortinou o véu que encobre as discórdias e outros mistérios funestos. Com sua música estranha e aromas venenosos, retirados do éter, voce encanta e seduz pessoas... a tal ponto, que acabou por seduzir o coração de nossa rainha... e ela elegeu voce para esposo e rei, um forasteiro de origem obscura. E agora, confesse antes de tudo, quem é voe pessoa de raça ignota e estranha. Onde voce nasceu? Quem são seus pais? Onde voce aprendeu essa ciência maléfica que utiliza para aniquilar-nos, pois não há dúvida de que sua doutrina provocará uma guerra interna.

Supramati ouviu quieto a maledicente acusação de seu juiz e, quando este silenciou, respondeu calmamente:

- Eu sou filho da luz. Meu Pai é também o Pai de voces. Eu fui gerado pela mesma faísca divina que deu vida a voces e os meus poderes sobrenaturais são a consequência da supremacia de um sábio sobre um ignorante. Uma pessoa cega e ignara é escrava das contingências e de todos os infortúnios que lhe sucedem. Um sábio prevê acontecimentos futuros e consegue prevenir suas consequências.

- Que sábio então é voce, que não pode prever os nossos intentos e suas consequências bastante duras? – ironizou, arreganhando os dentes um dos pseudojuízes.

- Engana-se Ragaddi. No mesmo dia em curei o seu único filho, eu já sabia que voce estava participando de uma reunião, onde se discutia minha morte. Quem de nós dois estava semeando a discórdia? Isso, contudo, não vem ao caso: estou aqui pela

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

vontade de meus mestres para semear entre vocês o amor e a fé. A luz com que eu iluminei as trevas já não se apagará mais. A minha missão está cumprida. Façam agora o que têm de fazer; quebrem as correntes que me amarram a este mundo. Este é o destino do profeta: marcar com o próprio sangue os ensinamentos por ele pregados.

- Você ficou bem mais dócil grande bruxo. Por que não se defende com sua bruxaria? Se você consegue transformar animais selvagens em cordeiros, porque, então, não utiliza os poderes de que dispõe? Ou será que lhe falta a harpa e todo o seu poder está exatamente naquele talismã.

- Não lhes é indiferente onde está o meu poder, uma vez que, de qualquer forma, eu não quero utilizá-lo? Repito, façam o que têm de fazer, matem o profeta para que seu sangue purifique essa ímpia atmosfera.

- Então, não vamos mais perder tempo para não atrapalhar a “purificação da atmosfera” – atalhou jocosamente o presidente, e proferiu a sentença: Supramati deveria ser crivado de flechas e em seguida, queimado.

- Al alvorecer, sua sentença será executada e quando o vento dispersar suas cinzas e nada sobrar de você, nós arrancaremos pela raiz todos os seus equívocos semeados – acrescentou ele com expressão de ódio mortal.

Com a mesma tranqüilidade, Supramati deixou que fosse acorrentado e levado a uma masmorra subterrânea onde ficou trancafiado.

Ao ficar sozinho, deitou-se sobre um monte de palhas, colocadas no canto. Como suas vestes luxuosas e festivas contrastavam com aquele cenário subterrâneo, lúgubre e bolorento!

Enquanto refletia, foi acometido por um estranho estado de ânimo.

Ele ouvira que a iniciação suprema exigia o sacrifício do adepto

Como prova da vitória sobre o corpo e si mesmo... Mas, sendo imortal, conseguiria ele morrer?

É certo que ele se encontrava num outro mundo, de outra composição química, onde a matéria original do planeta talvez não produzisse o efeito normal. No primeiro atentado contra sua vida, ele fora ferido e até sofrera com o ferimento, ainda que suas cicatrizes tivessem fechado com excepcional rapidez.

Em caso de morte ele ficaria separado carnalmente de seus mestres, como, por exemplo, de Ebramar e conseqüentemente seria privado da possibilidade de ir para um

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

novo planeta, para onde os seus irmãos iriam como legisladores... Onde então e de que forma ele aplicaria os conhecimentos por ele adquiridos?

Sem dúvida, por meio da ciência, os mestres poderiam juntar uma matéria nova em seu corpo astral, mas isso já seria algo inusitado, ou seja... o futuro estava incerto e o caminho nem sequer estava traçado nem claro...

Supramati ficou constrangido ao sentir certa angústia; um peso parecia oprimir-lhe o espírito, sua cabeça tonteou levemente. Pareceu-lhe que o ar se tornava escasso e, possuído por uma fraqueza repentina, recostou-se na parede. Nesse estado semiconsciente, ele ouviu vozes remotas:

Para que voce abandonou o refugio do Himalaia? Para onde o levou sua sede insaciável da perfeição? Buscando uma gloria imaginária e vã de se tornar um profeta, voce deverá agora morrer e ficar no meio do caminho. Os mestres por voce venerados enganaram-no simplesmente, empurrando-o para as provações que liquidarão com seu corpo, enquanto os frutos da recompensa serão colhidos por outros. E que fim horripilante espera o seu corpo perfeito e espiritualizado! O vento o dispersará em átomos que irão para no caos...

Arrepios perpassaram por todo o corpo de Supramati. De repente, ele se sentiu como se lhe atravessassem agulhas afiadas, causando-lhe uma terrível dor. Perto dele foi acesa uma fogueira, alastrando um calor insuportável, e as labaredas arrastavam-se em sua direção e lambiam-lhe os pés que estremeciam sob o fogo...

Uma voz chistosa murmurava-lhe no ouvido:

- Está sentindo como as flechas traspasam-lhe e as chamas devoram o seu corpo? Voce tem poderes de acalmar os elementos da natureza. Entretanto isso lhe foi negado... Veja voce não ousa utilizar seus conhecimentos para se defender! Que maldade! Há-há-há-há!...

Do horror diante dos sofrimentos inumanos que o dilaceravam, um suor gelado cobriu o corpo de Supramati; alguma coisa estremecia, rebatia-se e indignava-se dentro dele.

Com um olhar vago observou a fogueira que parecia estar desaparecendo sob um abismo que se abria. E acima da voragem, à semelhança de uma nuvem negra, drapejava o funesto cúmplice Sarmiel, o Dragão da dúvida, acompanhado por uma comitiva de monstros, gerados pelas trevas e que normalmente cercam os homens

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

escravizados pela carne. Lá rastejavam o asqueroso e o infame pavor, as degradantes fraquezas que paralizam os homens, e a angústia opressiva diante do desconhecido...

O Dragão junto ao limiar – sinal da dúvida – é um inimigo tenebroso. Espreitando as fraquezas carnis, ele se aproxima decidido, do filho da luz como um simples mortal. Do degrau inferior da escada da sombra de tudo que é existente – uma sombra fatídica tanto para um ser prodigioso, como para um homem comum.

Em todo momento difícil de desilusão e sofrimento, a voz diabólica murmura:

Fique sob a minha proteção. Eu lhe darei tudo e o libertarei dos conhecimentos e da consciência que o atormentam. Dispensarei diante de seus olhos os equívocos que o fazem perecer...

A fraqueza de Supramati aumentava cada vez mais. Dores insuportáveis dilaceravam-lhe o corpo e as idéias embaralhavam-se. Apesar de tudo, ele compreendeu o perigo e, pelo esforço estranho da vontade, sacudiu a fraqueza da desilusão que dele se apoderava e a repugnante dúvida a espreitar-lhe furtivamente, ressurgindo o poderoso e puro espírito. Sim, a dúvida mostrou-se uma terrível e covarde inimigo. Não foi à toa que os seus mentores o preveniram desse traiçoeiro e voraz pântano, dentro do qual ele poderia sucumbir, tornando inútil o trabalho em todos esses séculos.

- Meus mestres e dirigentes, não me abandonem – gritou ele fora de si, e, no mesmo instante, nas trevas do submundo resplandeceu uma cruz fulgurante.

Supramati ergue-se como que eletrizado. Uma pesada rocha parecia deslizar-lhe das costas e levantando o braço, ele ordenou:

- Afaste-se e desapareça, criatura do inferno! Pode tentar-me, mas não me aprisionar. Com fé e amor, eu entrego o meu destino nas mãos dos meus dirigentes e a alma ao meu Criador. Que se já feita à vontade dele!...

Ele deixou-se cair de joelhos e começou a rezar tão fervorosamente que não notara as correntes caindo-lhe dos braços e das pernas, logo desaparecendo qualquer tipo de dor; e a voragem sumiu entre as nuvens negras junto com os trovões da tempestade.

Subitamente, o subterrâneo iluminou-se de uma suave luz prateada e diante de Supramati apareceu o supervisor da irmandade do Graal. Suas vestes pareciam tecidas de diamantes, e o manto, que lhe caía dos ombros, perdia-se na escuridão feito uma névoa de prata. Nas mãos ele segurava o cálice, adornado com a cruz.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Nosso Senhor envia-lhe o seu sangue divino para fortificá-lo e ajudá-lo a levar a cabo a missão iniciada. Tome da fonte da vida eterna.

Feliz e repleto de fé e comoção. Supramati tomou do líquido purpúreo que se espalhou em corrente ígnea por suas veias, fornecendo-lhe forças e um sentimento de indizível tranqüilidade.

A visão desapareceu e ele começou a orar com tal entusiasmo,
Que o seu espírito foi arrebatado da Terra e se elevando às esferas da harmonia e paz...

A guarda armada que entrou no calabouço tirou Supramati de seu estado de êxtase, mas a luz ofuscante que envolvia o prisioneiro deixou todos em pânico.

O chefe da guarda ordenou vacilante, que Supramati o seguisse, enquanto que os seus comandados olhavam, assustados as correntes caídas no chão.

A despontante aurora envolvia o planeta com a alvacentas luz dormente. O prisioneiro foi levado a um pequeno pátio adjacente, cercado por altos muros. A porta atrás foi trancada. Mal ele deu alguns passos, da sombra destacou-se uma mulher, envolta num cobertor, e que se lançou, em prantos, de joelhos diante dele, agarrando-o.

Era Vispala. Supramati se ergueu e beijou-a, tentando consolá-la, feliz por vê-la mais uma vez.

- Deram-me a permissão de despedir-me de voce, mas eu não quero sobreviver a voce. Não tenho forças! É por demais terrível perdê-lo no momento em que nos unimos para sempre. Eu compreendo toda a minha insignificância diante de voce, mas para o amor não existe distância. Por mais que eu seja mísera, eu o amo mais que a vida...

As lágrimas sufocaram-na.

Supramati ergueu a sua cabecinha caída e a olhou carinhosamente nos seus olhos cheios de lágrimas.

- Voce está certa. O amor puro que eu lhe ensinei não conhece fronteiras e, espiritualmente, voce não poderá separar-se de mim, porque seu amor por mim nos uniu indissolúvelmente para todo o sempre. Esta união divina sempre levará até mim o seu pensamento e lhe trará a minha resposta; Pois, então, não me amargure nesta grandiosa hora com suas idéias criminosas de suicídio. Tal fato me afastaria ainda mais de voce. Pelo contrário, viva e honre a minha lembrança com atos de misericórdia, trabalho profícuo, difundindo ensinamentos, e toda alma perdida que for orientada por voce ao Criador será para mim um presente precioso.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Uma fé jubilosa brilhou nos belos olhos de Vispala.

- Eu vou viver Supramati, para tornar-me digna e aproximar-me de voce, um ser maravilhoso que Deus com sua graça, deu-me a oportunidade de conhecer e amar. Todo o resto de minha vida, eu dedicarei para difundir seus ensinamentos.

Ela abraçou Supramati e beijou-o, estremecendo no mesmo instante.

- seus lábios estão secos, meu querido, a sede o atormenta! Esses monstros não lhe deram nem água... Eu pressentia... Tome!

Ela tirou do bolso uma suculenta fruta vermelha e a deu a Supramati, que realmente estava com sede. Ele saboreou a fresca e aromática fruta; segurou por uns instantes, na palma de sua mão o caroço, grande como uma maçã. e em seguida, curvando-se, enterrou-o no solo.

- Para marcar este momento de minha gratidão pelo sentimento bondoso de sua intenção em fortalecer-me, eu vou deixar aqui uma árvore, cujos frutos servirão como fonte de saúde para pobres e deserdados. E agora reze comigo.

Ele estendeu as mãos sobre o local onde semeou o caroço e de seus dedos jorraram feixes de luzes multicores; das palmas das mãos começaram a desprender-se nuvens de vapor que caindo sobre a terra eram absorvidas pelo solo. Ele pareceu transformar-se. De seus olhos espargiam-se luzes ofuscantes e, de algum lugar, ouviu-se uma música surpreendentemente melodiosa.

Vispala ajoelhada e com o coração palpitando, olhava extasiada para o fenômeno que se passava diante dela. Ela sentiu a terra estremecer, partir-se e viu a primeira haste crescendo a olhos vistos, vindo a tornar-se uma impressionante árvore jamais vista.

Seu tronco alvo era fosforescente e translúcido, de forma que através de sua casca podia-se ver fluindo a seiva vermelha.

Supramati baixou os braços e dirigindo-se a Vispala disse-lhe:

- A árvore florescerá e dará frutos o ano todo. Eu a abasteci de benévolas propriedades medicinais e todo aquele que dela se aproximar com fé e amor nela encontrará a saúde do corpo e da alma. E agora, minha querida, adeus, ou melhor, até breve. Virão me buscar agora – disse Supramati, erguendo Vispala, infeliz e emocionada.

Ele a beijou abençoou e, tirando de si uma cruz, colocou-a no pescoço de Vispala.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Esta cruz lhe servirá de apoio e proteção. Lego para voce também a minha harpa que foi escondida por meus discípulos. Vocês a colocarão no primeiro templo que for erguido a Deus. Minhas idéias e a vontade estarão gravadas no instrumento, e suas cordas soarão, quando for necessário, produzindo somente os cânticos de paz, fortalecendo a todos, moral e fisicamente.

Ele foi interrompido pelo barulho da porta se abrindo com a chegada de uma escolta armada. Dois soldados levaram a rainha desmaiada, enquanto os outros escoltaram Supramati, calmo e feliz, como se fosse a uma festa, e não para ser executado.

Não longe de seu cativo, um pequeno grupo de discípulos e amigos leais aguardava no caminho para despedir-se de seu benfeitor. O chefe da escolta, cedendo às súplicas, deixou que eles se aproximassem do condenado. Supramati os beijou e abençoou um por um e em despedida disse em tom firme:

- Em vez de chorarem, contemplem a minha morte. Mais de um de vocês terão de marcar, provavelmente, com o próprio sangue a verdade por mim propagada. Preparem-se, pois, para suportar condignamente essa hora.

A troco de um cruel escárnio, a fogueira foi armada exatamente naquele local, diante da caverna, onde habitava Supramati. O meio pelo qual se faria a execução parecia sugerir que o próprio era mais forte do que o abismo fatal, do qual ele conseguira salvar milhares de pessoas. A correnteza agitada no fundo do precipício jamais bramara com tal intensidade nem espumara com tal fúria. Parecia que ela se apossara de ira contra a monstruosa injustiça que seria perpetrada pelos homens.

Supramati não ofereceu resistência quando foi amarrado ao poste. Seu semblante cintilava com profunda, tranqüila e exultante fé. Nada agora conseguia abalar a tranqüilidade de sua alma; fora vencido aquele terrível e asqueroso monstro – a dúvida – que se avizinha de qualquer pessoas prestes a morrer, constringendo e obscurecendo o sublime momento em que se resolve o enigma da vida. O mago, sem qualquer arrependimento, ia ao encontro da morte carnal para renascer na luz eterna.

Quando o fogo acendeu crepitando, sua alma encheu-se de prece jubilante, e à medida que ela ia ascendendo à morada da luz, ia desaparecendo e afastando-se do mundo visível. Ele não sentia as flechas perpassando-lhe o corpo nem o sangue jorrando dos ferimentos. Seu sangue tinha um aspecto claro e luminoso, e não denso e pesado tal como ele ocorre nas veias de homens comuns. O invisível abriu-se diante dele e entes

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

translúcidos cercaram Supramati, enquanto no ar saturado de suaves aromas, soava a música das esferas.

Subitamente, o céu cobriu-se de nuvens negras, um gigantesco raio ofuscante dissipou a escuridão, a terra tremeu e as pessoas precipitaram-se no chão. Uma estrela purpúrea partiu da fogueira e feito seta ascendeu às alturas, perdendo-se nas nuvens.

Mais tarde, verificou-se que no local, onde antigamente havia uma nascente mineral e um reservatório, a terra havia formado uma larga fenda, da qual justamente jorrou a corrente de água da cor de safira, como que salpicada de fagulhas fosforescentes.

Vispala, logo trazida do calabouço, logo recuperou os sentidos. Sem retornar ao palácio, cobriu o rosto com um véu e seguiu a procissão macabra. Encontrando no caminho um grupo de discípulos e amigos, Vispala deteve-os e implorou que eles insurgissem o povo para salvar o rei e benfeitor.

Por mais quimérica que fosse a esperança, todos os seus amigos – sobretudo dois deles – agarraram-se a essa possibilidade de salvar o mestre e lançaram-se a diferentes cantos da cidade. Entretanto, sob o efeito do elixir soporífero, a população dormia sem suspeitar que naquela hora seu amigo e protetor estava sendo levado para a terrível execução. O torpor, contudo, já começava a passar e a notícia sobre o acontecimento aturdiu e provocou na cidade uma ira furiosa.

Atendendo ao chamado da rainha, uns dirigiram-se às pressas para o penhasco, enquanto outros partiram para o ataque às casas dos membros do Conselho Monárquico – inimigos de Supramati – e acabaram por liquidá-los.

Era impossível descrever o desespero da multidão que ao chegar ao abismo constatou que tudo já estava acabado.

Os primeiros que chegaram com Vispala e Khaspati ainda puderam ver, por cerca de um minuto, o profeta envolto em chamas, o desencadeamento da tempestade, uma estrela ígnea partindo ao espaço e, por fim, uma forte corrente, vindo da gruta, levando da plataforma os últimos vestígios do torpe assassinato ali perpetrado.

No início a multidão ficou pasma, vindo a seguir um ímpeto de desespero furioso; as pessoas arrancavam os cabelos, rolavam na terra, ainda que seus gritos irados e gemidos fossem abafados com o bramir do furacão.

Mas, se a disposição dos adeptos de Supramati era tão latente, os inimigos do profeta, que se juntaram em número considerável, não estavam dispostos a permitir que

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

o povo os justificasse sumariamente. Travou-se uma luta sanguinária e Vispala teve muita dificuldade de evitar o pior. De joelhos na beirada do abismo ela orava, dando a impressão de nada ver ou ouvir.

- Rainha, tente acabar com essa carnificina, conseqüência das palavras do bruxo justificado – gritou um dos conselheiros.

- Foram vocês que iniciaram a discórdia, portanto são vocês que terão de acabar com ela – respondeu com desprezo a rainha.

Mas, voltando-se para Khaspati, perguntou se o mestre não o havia instruído, em caso de sua ausência, de que forma as paixões humanas poderiam ser acalmadas.

Khaspati pensou um pouco e disse:

- Vamos depressa à caverna. Lá se encontra escondida a harpa do mestre. Certa vez ele me disse que fazendo uma prece fervorosa e pronunciando-se algumas palavras em idioma estranho, as quais ele me ensinou, a harpa produziria sons, como se por ele tocados e que seriam ouvidos por todos, pois nessa harpa foram gravadas a sua voz e a música.

Rapidamente, usando de subterfúgios, eles alcançaram a margem oposta e subindo pela difícil escadaria em função da água escorrendo da gruta, vieram parar dentro da mesma; retirando do esconderijo a harpa de cristal, Khaspati e Vispala foram até a esplanada.

Do lado oposto, os combates continuavam, mas a tempestade já havia passado.

Após uma prece fervorosa, Khaspati levantou a harpa, pronunciando palavras misteriosas e uma nuvem azulada envolveu o instrumento. A impressão de Vispala é que ela via seres de contornos vagos e transparentes.

De repente, oh, milagre! As cordas soaram suavemente, acompanhando a voz aveludada e forte do mago em seu canto maravilhoso. À medida que o surpreendente canto progredia, as paixões exaltadas dos revoltosos iam se acalmando, a luta cessou e a multidão caiu perplexa de joelhos. Quando o canto cessou, o povo calmo e pensativo dirigiu-se à cidade, onde a narrativa sobre o ocorrido causou uma grande reação.

No dia seguinte, os membros do Conselho de Estado que conseguiram se salvar reuniram-se e pediram que Vispala indicasse um regente até que ela pudesse se tranquilizar e escolher um novo esposo e rei.

- Eu não quero governar. Meu infortúnio só irá terminar com a minha morte – respondeu ela decidida.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Não havia nada que pudesse convencê-la do contrário. Vispala retirou-se à caverna, onde habitava Supramati, e ali ergueu o primeiro templo à Divindade, como já tinha sido profetizado pelo velho sacerdote, o último cultor do santuário.

Sucedeu-se um período de revoltas. Os adeptos do ateísmo tentaram estabelecer a ordem antiga, mais “cômoda”, entretanto, os últimos acontecimentos exerceram um efeito positivo sobre a população.

A morte de Supramati produziu uma reação muito forte nas almas. O número dos seguidores da doutrina do profeta crescia a cada dia e para isso contribuía as maravilhosas curas feitas na gruta. Verificou-se ser milagrosa a água que jorrava da nascente e os devotos vinham em multidões de todos os lugares para ali buscarem ajuda ou ouvirem as pregações de Vispala e dos discípulos do mago venerado.

Alguns meses após a morte de Supramati foi reerguido o templo na floresta e logo depois muitos outros. A luta contra o ateísmo não acabou de vez, pois o mal havia se enraizado muito profundamente; no entanto, as bases haviam sido lançadas: um archote da fé foi aceso e o caminho a Deus foi reencontrado...

Amarrado ao poste da fogueira que deveria acabar com ele, Supramati não pensava sobre seu corpo, prestes a ser abandonado sem dó, nem sobre o fogo devastador. Sua alma, repleta de fé, amor e aspiração a Deus, mergulhava-se em êxtase.

Com uma impressão vaga de que seu corpo, derretendo num oceano de chamas, aliviava-se de um enorme peso, pareceu-lhe que ele foi erguido por uma forte rajada de vento e em sua volta giravam, carregando-o, cinzentos e irreconhecíveis seres.

Ainda com menor nitidez, ele sentia-se atravessar, voando em velocidade estonteante, as camadas de nuvens, indo cair num abismo insondável, perdendo a seguir os sentidos... Sons doces e excepcionalmente suaves despertaram-no.

Ele ainda não tinha dado conta do que lhe sucedera; ondas de harmonia embalavam e sustentavam-no, enquanto seu olhar exausto vagava pelo cenário conhecido do jazigo de Hermes, como sempre iluminado por uma luz azul-prateada.

Subitamente, a memória voltou-lhe e ele se sobre ergueu. Estava dentro do misterioso sarcófago, onde foi posto para cumprir sua missão. Rodeado por fochos de luz ofuscante, a cima de Supramati pairava o grandioso fundador primevo do mundo – Hermes Trimegisto.

Agora Supramati conseguia suportar aquela luz e olhar para o semblante maravilhoso do protetor do Egito Antigo.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

A visão radiante estendeu-lhe os braços, que pareciam urdidos de luz, e Supramati pôs-se de pé:

- Venha aos meus braços, meu querido discípulo, e aceite a recompensa por seu trabalho – pronunciou a voz melodiosa, mas como que abafada pela distância. – O primeiro facho de mago voce recebeu por ter vencido a “fera” interior; o segundo, por ter adquirido os conhecimentos, e o terceiro, por amor à humanidade e a Deus até a morte.

A mão transparente tocou a cabeça de Supramati e em sua testa, entre um facho de luz azulada e outra verde, brilhou uma terceira – uma luz púrpura de matiz dourado. Ele sentiu na testa um ósculo da visão e, em seguida, a imagem de Hermes dissipou-se na névoa azulada.

Uma corrente de forças vitais e energéticas tomou conta de Supramati, e ele, com o olhar de alegria radiante, examinou o jazigo.

E lá estavam reunidos os hierofantes, Ebramar, cavaleiros do Graal, e, entre eles, Dakhir, também com o olhar luminoso, também com três fachos de luz da coroa mística dos magos.

Supramati saltou rapidamente do sarcófago e atirou-se aos braços de Ebramar, o qual, com lágrimas nos olhos, apertou-o contra o peito.

- Querido filho da minha alma! Que momento de felicidade voce proporcionou a mim!

Logo depois, todos os presentes abraçaram e felicitaram Supramati. O encontro mais emocionante foi com Dakhir – seu fiel companheiro no espinhoso caminho da perfeição.

Quando a emoção inicial se acalmou, todos os presentes caíram de joelhos e numa prece fervorosa agradeceram ao Senhor por tantas graças recebidas.

Ao fim da breve oração, ambos os heróis do evento foram levados a uma sala onde estava preparada uma modesta comemoração.

A misteriosa habitação dos magos tinha, naquele dia, um aspecto de festa. Em todo lugar viam-se grinaldas, os discípulos enfeitaram o chão com pétalas de flores e durante o repasto belíssimas vozes de jovens adeptos alegraram as visitas com cantos.

Às mesas, conversavam animadamente. Pelo visto, os espíritos dessas extraordinárias pessoas estavam repletos de satisfação. Ebramar estava feliz e orgulhoso de ambos os filhos heróicos, frutos do seu conhecimento. Eles, por sua vez,

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

experimentavam um indescritível deleite ao sentirem que foram dignos das tarefas a eles incumbidas e cheios de amor e gratidão aos sábios e pacientes mentores que deles fizeram o que agora eram.

Após o almoço, Dakhir e Supramati souberam que Ebramar os levaria para ficar no Himalaia para descansarem num dos palácios de iniciação até que eles fossem chamados para cumprirem a última missão na Terra, já condenada à morte.

Dakhir e Supramati ajoelharam-se e agradeceram ao hierofante por tudo aquilo que adquiriram e aprenderam sob os seus auspícios.

Em seguida, eles se despediram dos hierofantes, de Siddarta e de todos os membros da irmandade.

Uma hora depois, uma nave espacial já os levava junto com Ebramar ao Himalaia para o descanso, até que, segundo o lema dos magos: Avante à luz... eles empreenderiam uma nova jornada.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO VII

O Himalaia esconde em suas entranhas rochosas inúmeros segredos surpreendentes. Lá, por centenas de quilômetros, feito uma teia, estende-se uma rede de galerias. Algumas delas dão em vales desconhecidos, com seus belos palácios de iniciação; umas dão acesso a templos e cidades subterrâneas; e outras, finalmente, levam a gigantescas grutas, onde, nos baús, nas gavetas das mesas e nas estantes estão arquivadas as coletâneas dos mais diversos escritos históricos. Qualquer uma delas teria girado a cabeça de um cientista moderno que tivesse a felicidade de poder dar uma olhadela no desconhecido sorvedouro do passado. Lá estão compilados os arquivos materiais do planeta, os mapas e a história dos continentes desaparecidos com os povos que neles habitavam. Tudo aquilo está redigido em peles de animais, papiros, folhas de palmeiras e em placas de barro ou de metal. Mas... nenhum pé profano jamais pisou o solo daqueles esconderijos enigmáticos, nenhum olhar indiscreto jamais pode vislumbrar as maravilhosas obras artísticas e a história da humanidade terrena ali coletadas...

No mundo subterrâneo reinava um movimento incomum. Ao principal e maior templo daquele surpreendente cidade subterrânea dirigiam-se silenciosamente numerosas procissões, Pelas galerias vinham, em pares, jovens mulheres em longas túnicas transparentes e sob capas verdes-claras, azuis-celestes, vermelhas, violetas e brancas. Suas cabeças eram enfeitadas por coroas de flores luminosas. Majestosas e em silêncio, iam chegando, subindo pela escadaria e adentrando uma ampla gruta com colunas, decorada com estátuas de deuses e deusas. O fundo da sala, em forma de semicírculo, era fechado por uma espécie de cortina metálica, pesada, porém flexível, e a seu lado havia dois largos degraus de pedra, onde se acomodavam as mulheres que acabavam de chegar.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Por diversos caminhos vinham novas e novas procissões. Entraram jovens em trajes orientais e turbantes de musselina; em seguida, serpenteou-se um longo cordão de cavaleiros em armaduras prateadas, elmos alados e largas capas brancas. Esses eram seguidos por mulheres da irmandade do Graal, e, no peito de cada uma, via-se, bordado a ouro, um cálice adornado por cruz. Logo após, apareceu o cortejo dos filhos de magos – de ambos os sexos – com pequenas harpas douradas e outros instrumentos musicais. Depois entraram mulheres magas de beleza realmente angelical, com vestes brancas e véus compridos, salpicados com que por pós de diamante.

Todos que entravam, perfazendo algumas milhares de pessoas, acomodavam-se em massa no templo e tão logo ocuparam seus lugares, da galeria aberta em frente da cortina, apareceu a procissão dos magos. Eles estavam envoltos por uma larga aura de cor dourada e o número de fachos sobre suas cabeças indicava o grau de iniciação alcançado. No peito de cada um brilhava uma estrela mágica.

Quando os representantes da grandiosa ciência se postaram em semicírculo diante da cortina abaixada, esta se abriu em duas partes expondo um estrado de alguns degraus, e todo o salão iluminou-se com uma suave luz azulada.

No estrado, presidia o areópago dos magos superiores; deles, principalmente de suas cabeças e até de suas vestes, irradiava-se uma luz ofuscante, mas uma névoa esbranquiçada cobria-lhes as feições. Aquele que se localizava no centro irradiava de sua frente seis fachos e dirigia o areópago.

À medida que a cortina se abria, ouviu-se uma música de indescritível harmonia e beleza. O mago-mor levantou-se e abençoou os presentes. Após a benção, todos, em coro, cantaram um hino e, em seguida, concentraram-se em uma breve oração. Era impossível ver-lhe as feições, mas a voz sonora e metálica chegava melodiosa e nitidamente até as últimas fileiras.

Meus irmãos e meus filhos! Une-vos, hoje, a chega do grande momento. Aproxima-se o fim do planeta que habitamos. Morre a nossa Terra, a mãe de todos, que nos alimentou e que foi a escola de nossos anos juvenis e na qual nos passamos difíceis provações na longa ascensão à luz.

Neste caso, a nossa Terra obedece somente a uma lei geral, pois tudo que nasce terá de morrer, e tendo servido de abrigo para bilhões de gerações humanas, o planeta está esgotado; seus nutrientes já acabaram e ela já não pode oferecer aos seus filhos ingratos nada mais que a sepultura.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Chamo a humanidade de ingrata e até de cega porque ela, impiedosamente, explorou a mãe que a sustenta, sugou a medula de seus ossos e acabou com o equilíbrio de forças que lhe forneciam vida; por fim, afrontou-a com crimes e desonestidade, cujas conseqüências são catástrofes caóticas que acabarão com ela bem antes do limite que ela poderia e deveria alcançar.

Esse momento que se aproxima de vera preocupar, sobretudo, a nós, imortais, que vivemos da vida do planeta. Teremos que abandonar a Terra, que nos serviu de berço, mas não será nosso túmulo. Romperemos com milhares de vínculos que nos atam a ela e procuraremos outro mundo para o nosso lar. Lá, meus irmãos, seremos imortais e tiraremos o invólucro que o nosso surpreendente destino ordenou que portássemos.

Entretanto, eu os chamei não só para anunciar a catástrofe que se aproxima, mas também para falar sobre a última missão que teremos de empreender nesta Terra moribunda, para o que pela derradeira vez, teremos de entrar em contato com os mortais. É de conhecimento de vocês que, presentemente foi encarnado um grande número de almas de tipo bem específico. São todos aqueles que por suas ações, exemplos e invencionices contribuíram para a devastação do planeta; são todos aqueles que rejeitaram, cometeram sacrilégios e combateram o Pai Celeste, destruíram os templos e profanaram os altares; são todos aqueles que, com seus sofismas e distorções da verdade, seduziram seus próximos, ensinando-os a desprezar a lei e a crença. Finalmente, são os dirigentes dos Estados, os quais, em vez de dignificar, purificar e disciplinar os povos bestificados, em vez de preservar e apoiar as leis de moralidade, que asseguram o equilíbrio entregaram aos estúpidos ou criminosos o poder de prejudicar, roubar dos pobres e barganhar a justiça e os interesses populares. A lei implacável do karma levou e juntou todos estes criminosos, que se venderam ao Satanás, no local de seus delitos, para que eles participem da catástrofe que eles prepararam. Nesse juízo final, previsto por profetas inspirados, eles serão obrigados a prestar contas por suas vítimas assassinada e degeneradas, pelo sangue derramado dos inocentes, que alimenta o inferno. Que castigo terrível será assistir a essa cena e sentir a agonia do mundo, ser testemunha de fenômenos terrificantes, anunciadores da catástrofe, quando o invisível será o visível e o pavor dominará até os mais corajosos! Que o seu destino se cumpra e o seu karma os alcance!

Mas entre as multidões criminosas, que será punida por seus atos, encontram-se almas escolhidas que resistiram contra as tentações que as cercavam, pronunciando-se

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

corajosamente pela verdade, suportando escárnios e perseguições dos malfeitores e, não obstante a hostilidade praticamente geral, desprezo e insultos, levam corajosamente a luz para a região das trevas.

A fé em Deus jamais se apagou em seus corações, jamais eles rejeitaram o Criador em busca de efêmeras vantagens terrenas, mesmo sendo menosprezados, abandonados e perseguidos. Vocês, magos, identificarão esses humildes trabalhadores de coração puro e espírito ardente, e lhes prepararão um lugar de honra no novo mundo, para onde estamos indo. É grandiosa a tarefa que lhes é incumbida neste importante momento. Vão, meus irmãos, irmãs e filhos. Propaguem a verdade, apóiem os fracos, consolem os sofredores, pois a misericórdia é o nosso dever e os conhecimentos lhes darão os meios poderosos para prestar esse auxílio. Mas sejam cuidadosos na escolha dos que irão ao mundo novo, onde nós deveremos semear a religião e os conhecimentos por nós mesmos adquiridos, bem como ensinar as leis divinas e estabelecer as leis humanas. Se acautelem de levar, quem quer que seja contaminado por crime ou abusos sanguinários, com o cérebro envenenado por hostilidade hereditária à Divindade e suas leis.

Essas instruções gerais são suficientes para traçar-lhes o caminho. Vão, então, cumprir com a missão difícil, mas sublime. Que o Criador os oriente, ensine e fortaleça!

O grande hierofante calou-se e durante alguns minutos reinou um silêncio profundo. Os belos e espiritualizados semblantes daqueles seres que viviam pode-se dizer, fora da realidade, estavam tristemente concentrados. Tudo o que lhes sobrou de humano sofria naquele momento da separação próxima daquela Terra, onde eles haviam nascido, e com a qual estavam unidos por milhares de difíceis e felizes lembranças no caminho da ascensão.

Pela última vez, ouviu-se a voz do hierofante:

Até logo irmãos e irmãs! Que cada um vá para o lugar que lhe foi indicado para sua atividade! Na grande hora, nós os encontraremos com as hostes que cada um trará consigo.

Ele abençoou os presentes. Todos entoaram uma prece, a cortina metálica fechou-se atrás do areópago dos magos e, em seguida, a multidão dispersou-se pelas galerias do labirinto subterrâneo.

* * *

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Nada mudou no belo vale, onde era o palácio de Ebramar. Como antes, lá estava o verde exuberante dos pomares, silenciosamente murmuravam os chafarizes e numerosas floreiras alegravam a vista e enchiam o ar de doces aromas.

No terraço, junto à mesa com escritos, estava sentado o sábio. Não estava trabalhando, mas envolto em pensamentos, apoiando a cabeça nas mãos.

Ebramar parecia mais belo que antes. A suave luz prateada que se irradiava dele envolvia a sua figura como se por uma leve névoa, enquanto em seus grandes olhos negros brilhava tal força e ardor que era difícil suportar-lhe o olhar.

Subitamente o rosto de Ebramar iluminou-se de um sorriso alegre e bondoso. Ele levantou-se e foi ao encontro de três pessoas que se aproximavam do terraço. Todos estavam em trajes brancos e longos de magos, na cabeça de dois brilhavam três fachos de luz, na do outro só havia um.

- Bem-vindos Dakhir e Supramati, meus queridos irmãos! – saudou Ebramar, beijando-os calorosamente.

Depois, abraçou carinhosamente o terceiro, abençoando-o.

- Narayana, filho pródigo, finalmente voce me proporcionou a felicidade, tornando-se ajuizado, aproveitando sensatamente o tempo e até merecendo o primeiro facho de nossa coroa imortal.

- Eu não estou menos feliz ao ouvir, finalmente um elogio seu. E voce, meu querido mestre, trabalhou mais ainda; tornou-se tão luminoso que para fitá-lo, da mesma forma que ao sol, são necessários óculos azuis ou vidro escuro – respondeu Narayana, visivelmente alegre e feliz.

Ebramar não conseguiu conter o riso.

- Incorrigível até no papel de mago. Posso imaginar que companhia original ele nos trará!

- Mulheres excepcionalmente lindas tentarei salvar da morte. Elas serão necessárias no novo planeta e voces sabem que sou mestre na arte de conquistar corações femininos.

- Estou vendo que voce não esqueceu esse ramo da ciência e vai nos proporcionar um surpreendente e raro espetáculo: um mago no papel de Salomão com seu harém – observou maliciosamente Dakhir.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Fazer o que? Mesmo no novo planeta, até o rei Salomão será útil – replicou cheio de bonomia, Narayana. – Mas, no presente momento, eu sou apenas um mago e estou feliz em estar com vocês – completou ele.

Todos se sentaram à mesa e iniciou-se uma animada e amigável conversa. Falou-se da iniciação de Narayana e este contou do seu trabalho, acrescentando depois:

- Bem chega de falar de mim. Eu ainda não os felicitei, meus queridos amigos, pelos terceiros fachos que adornam suas testas. Essas difíceis medalhas vocês ganharam durante a excursão aos planetas vizinhos? A viagem foi boa?

- De qualquer forma, bem elucidantes! – respondeu Supramati.

- E bem sensível – acresceu Dakhir.

Narayana desatou a rir.

- Gozador! Acho que foi até espetacular! Reconheça Supramati, você às vezes, achava que atravessar os limites da pior das provações era “coisa fácil”. Nivara me contou que aqueles miseráveis estavam prestes a queimá-lo vivo e você já estava na fogueira.

É verdade. Mas a fé não me abandonara nem no calabouço, nem na fogueira. Eu acreditava que a provação suprema, imposta para o mago pelos dirigentes, é a morte pelas convicções – respondeu Supramati sério e pensativo.

- Eu passei por momentos surpreendentes na fogueira – acrescentou ele. – Eu não quis apelar para qualquer encantamento que pudesse evitar o que iria acontecer e concentrei-me, apenas, numa prece ardente. Subitamente, senti uma agradável e refrescante brisa que me envolveu e não deixou que a fumaça encostasse-se ao meu rosto. Em seguida, fui iluminado por uma nuvem vermelha, como que salpicada de raios, enquanto a terra e o ar estremeciam com os estrondos de trovões. A fogueira se afastava dos meus pés e depois pareceu derreter e sumiu: e eu fui erguido por um furação e num turbilhão tépido levado ao espaço. Perdi os sentidos, recuperando-os já aqui, no meu lar.

- Há-há! Imagino o susto da coitada da multidão que ousou queimar um mago! E você Dakhir, parece que, também, quiseram liquidá-lo – afirmou Narayana.

- Bem. Eu também tive que travar uma luta cruenta com a sacerdotisa-mor de um templo satânico – muito bonita por sinal – e por sua ordem eu fui jogado no precipício.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Aposto que ela se apaixonou por voce e o perseguiu de ciúmes – observou Narayana, piscando maliciosamente. – E o que aconteceu a ela?

- Ela perdeu o juízo e se lançou no mesmo precipício, achando que eu havia perecido.

- Brr! Que paixão “infernai”! Mas, falando francamente, eu fico surpreso com a apatia dos iniciados de lá. O que eles pensavam ao verem seus visitantes, os magos da Terra, torturados e até prestes a serem mortos? E eles dormiam tranqüilos em vez de cuidar deles e de protegê-los da selvageria daqueles animais – indignou-se Narayana.

Ebramar, que ouvia em silêncio, sorriu.

- Modere sua ira, meu filho. Os iniciados, nossos vizinhos, não tem culpa nenhuma por perecerem ter dormido no ponto, enquanto torturavam e estavam prontos a executar Supramati e Dakhir. Não, eles agiram de comum acordo conosco, e os nossos dois magos durante essa provação – que reconheço ser difícil até para estes – deveriam necessariamente ficar sozinhos e merecer o terceiro facho de sua coroa. Assim sendo voce também deveria saber que os imortais não tem acesso à morte comum.

- E agora eles irão como eu, “descansar” placidamente e estudar a sociedade contemporânea – disse rindo Narayana.

- Acredito que esse descanso não seja longo e ainda menos prazer nos proporcionará aquele gente degenerada. Mas onde, mestre, nós podemos colher as informações sobre a situação atual da Terra, antes de pisarmos nela? – perguntou Supramati.

- Nivara pediu-lhe a honra de iniciá-los na vida moderna. A propósito, ele o adora, Supramati, e espera impaciente, um encontro com voce – respondeu Ebramar.

- Eu já o vi e inclusive tive uma breve conversa com ele; o que me relatou da sociedade atual é bem nojento. Posso até lhes passar algumas informações prévias – anunciou Narayana animado.

- Isso não deverá surpreendê-lo meu filho. Não se esqueça de que estamos na véspera do fim do mundo. É parecido com o fim de um grande reino que o inimigo passa a ferro e fogo, e tais catástrofes são sempre antecedidas e acompanhadas de vários horrores – observou Ebramar.

- Sim, sim, já por demais se desconjuntaram nossos queridos contemporâneos. Nivara contou-me como eles negaram a Deus. Não há mais lugar para o altar do Criador e o símbolo da expiação já não preserva a humanidade. Significa que não há mais

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

cristãos e a consequência deste estado de coisas é que todas as leis foram eliminadas, com exceção de uma – a lei do mais forte. Pela mesma razão, não há mais juizes nem prisões; qualquer delito ou ato cruel é tolerável e não é punido, pois eles são vistos como resultado da liberdade pessoal.

Guerras internas, vinganças cruéis, perseguições selvagens são fenômenos normais. O sangue jorra, mas ninguém se importa com isso. Só não se mexe com fortes e poderosos por medo de represálias.

- A que belo mundinho teremos de ir! Sobraram alguns Estados, Repúblicas ou Impérios ou algo assim? Existem artes e algum templo? – indagou Dakhir.

- Somente os templos de Satanás, nos quais o povo bestificado venera suas paixões e vícios. Quanto às artes, essas são cultivadas, pelo visto, em suas formas e a obscenidades que vai além dos limites do cinismo.

- A julgar pelo que voce diz, foram eliminados todos os lugares sagrados – estremeceu Supramati.

- Certamente! Acabaram com todos os lugares sagrados onde os profanadores conseguiram penetrar – observou Narayana. – Mas Nivara contou-me que ainda existem os arquicristão, embora em número bastante reduzido. Eles são perseguidos feito criminosos e se escondem, mas são inspirados por uma excepcional e jubilante força de espírito. São pessoas de fé inabalável e coragem heróica. Elas conseguiram preservar da profanação diversos ícones maravilhosos e os santuários excepcionalmente venerados, que foram escondidos em cavernas inacessíveis. O segredo desses locais isolados é inviolável; apenas os crentes de verdade têm acesso para ali orarem e renovarem suas forças junto ao foco de luz e calor divinos.

A propósito Nivara relatou-me um caso surpreendente em Lourdes. É um local venerado em função de muitos milagres que lá ocorrem e que provocou um excepcional ódio por parte dos asseclas do anticristo. Finalmente, foi decidido acabar com a gruta sagrada e a fonte, sendo a primeira explodida e a última aterrada.

Para perpetrar tal profanação, um verdadeiro exército de ímpios dirigiu-se ao local, mas, no caminho, o céu cobriu-se de nuvens escuras, o calor tornou-se escaldante e o ar densificou-se a tal ponto que era difícil respirar. Seguiu-se um terremoto e um furacão terrificante; da terra brotaram correntes de lava que encobriram todos os atacantes; e quando a tempestade se acalmou, todos viram que no local da antiga gruta havia um imenso lago e no meio dele erguia-se um solitário rochedo em forma de ilha.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

A água do lago ficou com sabor salgado e amargo, cheia de betume como no Mar Morto; o ar se tornou saturado de evaporações sulfúricas. Enfim, a área se transformou num deserto por todos evitado.

E eis que certa vez, uma jovem pastora descobriu no rochedo uma galeria natural que descia ao fundo do lago e levou-a à gruta da Virgem Santíssima, que escapou incólume de forma verdadeiramente inconcebível, como se tivesse si transferida para lá por mão benfazeja. A fonte milagrosa continuava, como antes, pura como cristal, e jorrava pela areia

Quando a notícia desse milagre se espalhou, os adeptos de Satanás quiseram tentar de novo acabar com o lugar sagrado, mas desistiram de sua intenção, pois vários deles ficaram asfixiados na galeria devido a gases venenosos.

Baixou o silêncio e Dakhir com Supramati mergulharam em pensamentos sombrios. Mas, Ebramar que os observava, para mudar o assunto, disse brincando:

- Bem meus filhos, não sonhem, por enquanto, sobre as delícias de sua excursão. Logo vocês verão as pessoas, as coisas, a terra exaurida, cuja fertilidade é mantida apenas artificialmente por eletricidade, o que levará, também, ao golpe derradeiro e mortal.

- A propósito do derradeiro golpe, será que voce não poderia nos mostrar a frota aérea que nos levará ao nosso novo lar? Tenho conhecimento que as naves estão sendo construídas por hierofantes e magos superiores e estou ansioso por vê-las – exclamou Narayana.

- A frota não está pronta totalmente, mas eu gostaria de convidá-los para verem aquilo que eu construí e que está quase pronto. Só temos de subir um pouco – respondeu Ebramar sorrindo.

Oh agradecemos, agradecemos! Vamos com voce até as esferas se for necessário! – exclamaram os três com tal entusiasmo que Ebramar desatou a rir.

- Vamos, amigos, eu lhes servirei um jantar na nossa nave de campanha.

Ele levou-os a um laboratório e abriu uma portinhola, artificialmente camuflada de tal forma que era impossível suspeitar de sua existência. O laboratório dava na montanha e através de um pequeno corredor eles entraram numa pequena sala, esculpida dentro da rocha, no teto da qual subia um tubo escuro e embaixo dela havia um elevador. Quando todos os quatro entraram nele, Ebramar acionou os mecanismos e a máquina, com velocidade estonteante, partiu para cima. O elevador parou na

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

plataforma de rochedo escarpado, onde se achava amarrado um barco espacial no qual os magos adentraram.

- Agora, disse Ebramar – nos vamos para onde nunca esteve um ser vivo ou mortal: a perdida e inacessível geleira.

Um minuto depois, o barco espacial estacionou numa imensa geleira, cercada por escuras e pontiagudas escarpas.

No meio desse vale, coberto de neve, como se afundado numa névoa alva, divisava-se um objeto comprido que brilhava sob a luz pálida do luar feito um cristal lapidado.

Olhando de perto, era uma imensa nave espacial de forma alongada, feita de um material fosforescente estranho e transparente, semelhante a um cristal. Na ponta da nave havia uma única entrada. Quando Ebramar acendeu as luzes, verificou-se que no seu interior era composto de três ambientes e numerosos camarotes, pequenos, mas confortáveis, de luxuoso acabamento.

Em cada camarote havia uma janela, feita do mesmo material que a nave, não muito fino. A janela podia ser fechada por uma Corina feita de um material tão flexível como o gás, mas impermeável como couro, o que foi demonstrado por Ebramar aos seus convidados. Em todos os lugares, nas salas e nas cabinas, havia suportes com largos vasos da mesma substância de cristal.

- Nos porões existem compartimentos para as necessárias provisões e coisas que os viajantes levarão consigo.

- E o que eles levarão consigo? – interessou-se Supramati.

- O que há de mais valioso, aquilo que está sendo preservado nos laboratórios, bibliotecas herméticas e nas obras de arte para efeito de amostra. Tudo isso deverá ser levado, pois será necessário para erguer novos palácios de ciência e iniciação.

- será que existe aparelhagem que possa levantar no ar todo esse peso colossal? – observou Supramati.

- Mais tarde eu lhe mostrarei, pois ainda não terminei a construção desses aparelhos que nos levarão, e voce poderá convencer-se de que eles são capazes de levantar e carregar um peso praticamente ilimitado.

Por enquanto, a relação de tudo que deverá ser levado em cada nave está pronta para que não se esqueça de alguma coisa indispensável ou não se carregue a mesma coisa duas ou três vezes. No momento devido, quando todos os viajantes estiverem

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

reunidos, esta porta se fechará hermeticamente e nós vamos respirar somente a essência original, que será acesa em todas as trípodes.

Assim conversando, eles entraram na nave, mas Dakhir pediu ainda mais explicações, enquanto Supramati parou para esperá-los e, baixando a cabeça mergulhou em tristes pensamentos. Tudo que lhe restava de “humano” e “terreno” agitou-se naquele minuto e ele sentiu o coração apertado por uma angústia indescritível... Pois, no momento em que ele atravessasse pela última vez aquele limiar e atrás dele se fechasse a porta da nave espacial, desmoronar-se-ia, sob os seus pés, aquele mundo em que ele havia nascido, desapareceria essa extraordinária obra do Criador, com o seu imenso e maravilhoso passado...

Nesse instante, ele sentiu no ombro uma mão e levantando a cabeça encontrou o olhar profundo de Ebramar, que com seu brilho luminoso penetrou nos seus olhos rendidos pela tristeza.

- Não encasquete Supramati, e chame para auxiliá-lo a sensatez. Você é oprimido pelo porvir, porque você vai presenciar o fim do mundo pela primeira vez.

Mas chegará o tempo em que, como uma andorinha, você voará facilmente de um mundo para outro, de esfera a esfera, e vai se acostumar a assistir à morte de um planeta, como por exemplo, a morte de uma célula num organismo qualquer.

Aquilo que lhe parece agora tão importante e comovente nada é no grandioso Tudo do universo.

Olhe – ele levantou a mão – para a Via-Láctea, onde se revolvem milhões de sóis com seus sistemas planetários. Os mundos pululam ali, feito poeira no raio solar; no entanto, em cada um desses átomos do espaço, nascem, vivem e morrem gerações humanas. Somente a nossa profunda ignorância, em todos os aspectos, e o egoísmo mesquinho ofuscam-nos.

Ficamos assustados e trememos, achando que acontecerá algo que possa revirar o universo. Na realidade não acontecerá nada disso: apenas se apagará um dos inúmeros átomos do grande infinito.

Supramati levantou a cabeça e admirou a abóbada celeste como que salpicada de ouro e brilhantes. Àquela altitude, o ar era excepcionalmente transparente e as estrelas, no azul-escuro do céu, luziam com brilho surpreendente.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Subitamente, de uma parte do céu, cintilou um feixe de faíscas que se espalhou como um foguete explodido. Por instantes, as faíscas brilharam como uma luz rubra redemoinharam e apagaram-se.

Um enigmático sorriso apareceu nos lábios de Ebramar.

- Por um acaso, Supramati, teria voce ouvido algum barulho ou estrondo? Sentiu alguma coisa, ao menos um movimento do ar? Não? No entanto, esse redemoinho faiscante indicou-nos o fim de um mundo, cuja existência nos presenciamos de longe.

Sim, meu filho, a grandiosidade e a insignificância são conceitos relativos; nós somos grandes perante nossos próprios olhos. Uma formiga, talvez também se considere “grande” acomodada no seu montículo aos pés de uma alta montanha e apenas compreenderá a sua nulidade no momento em que for subir ao topo da mesma. Assim somos nós – seres frágeis – poeirinha insignificante do espaço, apesar dos fachos dos magos que nos coroam. A única coisa de que a gente poderia se gabar, sem içar vermelho, é que somos apenas úteis abelhas na grande colméia do Eterno.

Supramati baixou a cabeça e cobriu os olhos com a mão. Ele compreendeu que também tinha se considerado grande e poderoso, quando na sua testa se acendeu o terceiro facho, mas as palavras de Ebramar ceifaram o orgulho do mago e o reduziram a nada. Nesse instante, ele sentiu-se insignificante, um ignorante digno de dó. Será que conseguiria ele um dia, as remotas e vagas alturas do conhecimento perfeito? A dúvida, a amargura e o desespero – três inimigos que ele sempre considerou vencidos – desabaram subitamente sobre ele.

- Cuidado, Supramati, e espante para longe tais fraquezas! Fique atento, pois o inimigo está próximo! – pronunciou com rigor Ebramar com sua voz sonora e, erguendo a mão sobre a cabeça de Supramati, aplicou-lhe um facho de luz prateada.

Supramati estremeceu, olhou em volta e viu uma figura negra que lhe apareceu por trás e que, em seguida, recuou e recostou-se na escarpa em anexo. Ali, aquela sombra negra pareceu densificar-se, iluminada por aura purpúrea, e, naquele fundo sanguinolento, desenhou-se nitidamente a alta figura de Sarmiel, que se fechou em suas negras asas dentadas: em seu semblante característico, desfigurado naquele minuto com uma nítida decepção, lia-se ódio, inveja e hostilidade infernal.

- Veja esse servo do caos até ousou aproximar-se de voce – disse Ebramar. – Afaste-se e desapareça, criatura do inferno, que se atreveu a declarar guerra ao Todo-Poderoso. O Eterno somente o tolera na qualidade de uma pedra experimental para

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

almas humanas, enquanto voce ousou tentar inclusive o Filho de Deus e agora espreita o puro cultor do Bem.

A figura de Sarmiel começou a derreter e, por fim, com silvo horripilante, desapareceu no redemoinho de fumaça, salpicada de chamas ígneas.

- Vê como o perigo ronda sempre próximo? O tentador diabólico espera por nosso menor descuido, e somente aquele que conseguir resistir diante dele poderá continuar a sua ascensão à luz. Os fracos, entretanto, são levados por ele ao abismo das trevas. Nunca duvide de si, Supramati, nem deprecie as virtudes de seu espírito. Por mais mísera que seja a elevação do homem, ele já está a meio-caminho da ascensão. Toda boa ação, toda oração e trabalho espiritual para o bem do próximo, toda boa intenção, o desejo de melhorar e vencer “o carnal” no homem serão os elos da corrente salvadora que o amar à Divindade e, ao mesmo tempo, aproximam todos os fracos e humildes em nossa associação; e esta luta pelo bem lhes dará o apoio e orientará esses seres na medida de suas forças espirituais.

Um poderá levantar somente uns quilos; um atleta levantará centenas, mas isso não têm importância: pois não se pode menosprezar nada. A cada um é dado o necessário, e se num determinado momento, faltarem-lhe forças, o próprio esforço e o mérito desse esforço têm o mesmo valor.

Voce pessoalmente Supramati, não tem motivos para a desesperança – acrescentou sério Ebramar. – A ambição é inerente a qualquer um, enquanto que a ambição nobre é um sentimento digno.

Diante de sua ambição abre-se um amplo campo de trabalho e ciência. Apoiado pela luz dos conhecimentos já adquiridos, voce subirá pela escada mágica que leva ao santuário do conhecimento perfeito. Com o tempo voce se tornará o gênio do planeta, o protetor de todo o sistema e governará sobre os caóticos elementos primários para deixá-los em harmonia e neles criar os mundos. Voce pesquisará e dirigirá as forças cósmicas: governará sobre as falanges dos espíritos superiores; sua mente será capaz de apreender e julgar: sua vontade disciplinada manterá o equilíbrio das esferas e voce se tornará um servo sensato da Sabedoria Suprema.

Como forma da derradeira provação, cabe-lhe, corajosamente transpor a última barreira que o separa de seu Criador para compreendê-lo, finalmente, em toda a Sua grandeza e infinita sapiência... Será que isso não é suficiente para satisfazer e avaliar os conhecimentos por voce adquiridos? Levante a cabeça, Supramati, e abra as suas asas

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

espirituais. Nunca olhe para baixo; lá é o abismo e nele o espreitam a dúvida e os equívocos. Olhe para as alturas luminosas e as suas asas o levarão ao infinito, onde reina a harmonia.

Supramati corou levemente, seus olhos brilharam e ele estendeu as mãos em direção a Ebramar.

- Agradeço-lhe querido mestre, jamais esquecerei este momento. Suas palavras fortaleceram-me e me fizeram compreender como sempre é próximo o terrível perigo que espreita até a alma de um mago preparado. Como deveremos estar sempre alerta quanto ao hábil e insistente inimigo que nos persegue!

Ebramar apertou-lhe a mão e disse em tom alegre:

- Chega de pensamentos sérios. Vamos entrar na nave espacial. Eu lhes prometi um jantar. Lembram?

Ele os levou a uma das salas, onde eles se sentaram à mesa. Ebramar tirou do armário um cesto com torradas, excepcionalmente leves, saborosas e muito nutritivas. Depois das torradas, ele serviu legumes, assados em massa de farinha e geléia de frutas que eles comeram tomando vinho.

Narayana voltou ao seu humor habitual de brejeirice, e todos, mais alegres, conversaram animados e calmos sobre a grande viagem.

- Seus pratos são bem aéreos e nada maus – disse ele rindo -, ainda que não se possam comparar a um jantar com javalis assados que eu, certa vez, comi no palácio do rei Richard: e com toda a certeza estes não seriam aprovados por nenhuma das belidades daquela época. Mas, para uma viagem tão longa, não se estocam javalis.

- Tirando o fato de que os javalis não existem mais – disse rindo Dakhir.

- Bem nos vamos achá-los em nosso novo lar. Eu prevejo que nós nos daremos bem lá. Assim que pousarmos, eu, imediatamente ponho para trabalhar todo o nosso pessoal que será salvo, confiscarei os rebanhos locais e construirei um palácio – decidi Narayana.

- Que belo pastor voce vai dar! Quanto a se dar bem, eu sei que voce não vai falhar! – Observou em tom levemente jocoso Ebramar.

- Ohm meu Deus! Temos que lhes dar alguma ocupação! Pois se todos vão partir somente para comes-e-bebes e para pairar em volta do novo planeta, cairão em pecado. Voce mesmo me disse centenas de vezes, que o ócio é a mãe de todos os pecados. É, uma vez que lá não haverá nem teatros, nem restaurantes, nem jornais e nem

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

divertimentos de alta roda, todos começarão a morrer de tédio e terão muito prazer em trabalhar.

- Claro. Estou vendo que voce vai ser um administrador exemplar, querido Narayana; e assim que dividirmos o planeta em nações, sem falta faremos de voce um rei.

- Agradeço Ebramar, e espero corresponder à sua confiança. E, assim, sobre mim se formará uma lenda, tal qual sobre Rama ou Hermes, de que eu fora um exemplo de sabedoria e conhecimento, e que sob meu cetro reinou o século de ouro – arrematou, brincando Narayana.

- Tudo isso são sonhos remotos – acrescentou ele, suspirando. Agora me preocupa o presente. Está chegando a hora de introduzirmo-nos na sociedade e eu nem sequer tenho a idéia de onde encomendar a roupa. Talvez não haja nem alfaiates e eu terei de costurar algo, porque nesta túnica, bonita para os magos, eu não me arriscarei a comparecer num salão.

- Acame-se, ainda há alfaiates e Nivara foi incumbido de cuidar da toaleta de voces e vesti-los de forma que ninguém suspeite de sua origem – tranqüilizou Ebramar.

- Espero que a dama do século XX que nos deixou uma descrição tão completa de nossas pessoas não tenha predito que nós iríamos aparecer com a chegada do fim do mundo. Ela têm o péssimo hábito de ser por demais precisa em seus vaticínios – disse Supramati.

- Em todo caso, é o nosso dever de cavaleiros verificar se ele não se reencarnará nesse momento crítico. Nesse caso, ela poderá descrever-nos como legisladores e gênios do novo planeta – acrescentou Dakhir.

Todos riram.

- Santo de casa não faz milagres. Assim, também, essa pobre dama. Pois, tivessem as pessoas acreditado nas suas profecias, teriam elas se corrigido e a humanidade não estaria agora na véspera do seu fim – observou Ebramar, levantando-se.

Eles saíram e quinze minutos depois estavam no gabinete de Ebramar.

Lá, eles eram aguardados por Nivara, que se lançou com entusiasmo para abraçar Supramati.

Supramati abraçou-o e agradeceu pelo carinho manifestado.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- É com alegria que eu vejo – acrescentou ele – que voce trabalhou espontaneamente e já deu um grande passo à frente.

Narayana prendeu, imediatamente, a atenção do jovem adepto e começou a indagá-lo sobre as vestimentas e os costumes modernos; e como Dakhir havia se sentado e ouvia com muita atenção a conversa, Ebramar levou Supramati ao seu laboratório.

Era uma ampla sala redonda com colunas, cheia de instrumentos estranhos de forma desconhecida.

Ebramar mostrou ao discípulo uma parte do equipamento que deveria levar ao espaço a nave com os emigrantes terrestres.

Após uma conversa animada, os sábios foram a uma sala escura em anexo, iluminada apenas por uma fraca luz azulada.

Esta sala, com um teto tão alto como o de uma catedral, também era de aspecto inusitado. No meio dela havia uma enorme mesa de ouro maciço e sobre ela encontrava-se um aparelho cuja visão deixava a cabeça tonta.

Diante dele parecia estar um enorme mecanismo de relógio; pequenos discos de cristal ou de metal e rodinhas brilhantes de diversos tamanhos giravam velozmente e espargiam faíscas multicolores.

Longos e finos como cabelos, ponteiros corriam pelos discos, e, dos compridos tubos, alargados nas extremidades, saíam fitas fosforescentes, que se desenrolavam em espiral, subiam e desapareciam na escuridão da abóbada. Tudo isso resfolegava, rangia e tremia, enquanto pequenos martelos tilintavam o ritmo feito sininhos. Nas bordas da mesa havia uma série de botões coloridos que se ligavam através de fios elétricos ao mecanismo.

- Voce já conhece parcialmente o mecanismo desse telégrafo, ainda que não o tenha visto em operação – disse Ebramar, mostrando ao seu discípulo os detalhes do aparelho e explicando o seu funcionamento.

- É com auxílio dessa máquina que nos mantemos contato com os santuários de iniciação dos planetas do nosso sistema e conversamos com os hierofantes dos mundos remotos.

O princípio de funcionamento é idêntico ao telégrafo sem fio; basta saber controlar as ondas vibratórias e captar a direção desejada. Todos os santuários do nosso

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

sistema se acham em permanente contato, pois uma mesma construção cósmica mantém entre nós o equilíbrio mútuo.

É totalmente desnecessário e até perigoso entregar este segredo às multidões. Se os profanos conhecessem os nossos recursos de comunicação com as humanidades vizinhas, por certo se tornariam valentes, sonhariam em conquistar os novos planetas e até inventariam apoderar-se de nossa frota espacial; em seguida, tomariam o nosso lugar na jornada – finalizou Ebramar sorrindo.

- Você está certo, mestre. Os amigos hierofantes tinham razões sólidas para cercar de segredo a sua ciência. As terríveis forças dos elementos da natureza em mãos despreparadas causam mais estragos do que bênçãos. A enormidade das descobertas, mal empregadas ou empregadas para o mal. Foi justamente o que contribuiu para a devastação do nosso planeta bem antes do prazo para ele estabelecido – disse suspirando Supramati.

- Diga-me mestre – acrescentou ele um minuto depois -, teremos nós a permissão de utilizar lá os nossos conhecimentos para arrumar a nossa vida parecida com a atual?

- Sem dúvida. Para o nosso trabalho e estudo devemos ter um abrigo calmo e confortável; mas nós, naturalmente, não abusaremos de nossa ciência e a envolveremos, como de hábito por um segredo impenetrável.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO VIII

Uma hora mais tarde Supramati conversava em seu quarto com Nivara, o qual abriu sobre a mesa uma grande cesta com roupas, colocando-as sobre o sofá.

- Está claro que voce quer me enfeitar pessoalmente, meu caro, Nivara. Francamente, a necessidade de trocar a minha túnica branca, leve e confortável, por esta ridícula roupa moderna é praticamente um castigo – observou Supramati.

- Sim, eu considero uma honra servi-lo e com prazer serei seu secretário, meu caro mestre, enquanto que o adepto mais novo, designado para voce, poderá ser o meu auxiliar – disse Nivara olhando-o, afavelmente, com seus olhos brilhantes e alegres. Supramati levantou-se e apertou-lhe a mão.

- Bem, vamos vestir a fantasia, Vejo que já abriu a sua loja – acrescentou, rindo.

- Primeiramente a malha de seda negra, a peça principal do vestuário, já que não se usam mais camisas. Não tema, a malha não vai desbotar, pois é de primeira qualidade; entretanto imaginei que voce poderia não se sentir bem vestindo negro e trouxe também uma malha de cor branca, muito fina, que não irá constrangê-lo.

- Agradeço voce antecipou-se ao meu desejo. Confesso que não me apraz esta “pele negra” – respondeu Supramati vestindo a malha.

E aqui estão as botas. Atualmente elas não são feitas de couro; os rebanhos de gado são muito raros para calçar toda a humanidade. Mas veja que ótima imitação, muito resistente e elegante.

Supramati calçou as botas e fechou o largo cinto de couro; Nivara fez um grande laço com o cachecol de seda em seu pescoço e passou-lhe um chapéu de abas longas, uma carteira e um relógio, preso a uma corrente de ouro e guardado no bolso da cintura. Em seguida, Nivara vestiu-o com uma sobrecasaca sem mangas, feita de um tecido negro, muito macio, fino e brilhante como cetim; o forro, bastante espesso, parecia veludo. Não possuía colarinho, nem punhos.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- E quanto aos meus cabelos? Será que o corte “ala girafe” já saiu de moda? – perguntou Supramati curioso.

- Oh! Há muito tempo. Agora usam cabelos soltos, sem preocupação com o cumprimento: somente os homens é que deixam os cabelos crescerem até os ombros. Seu corte estará de acordo com a moda.

Supramati foi até um grande espelho e mirou-se curioso, estranhando-se. A vestimenta não lhe agradou: tinha algo de excêntrico e impudente devido às suas linhas bem soltas. Mesmo assim, Supramati estava muito bem; a malha realçava a sua alta e esbelta figura, conquanto as espessas mechas de cabelo escuro lhe dessem um ar juvenil. É claro que nenhum simples mortal poderia desconfiar que aquele homem bonito e jovem, com olhar flamejante, era um mago de três fochos de luz, em cujos ombros repousavam tantos séculos. Entretanto, um observador mais atento, e, principalmente, mais sensível, perceberia que nas profundezas daqueles olhos claros se escondia algo que fazia daquele homem um ser totalmente diferente dos outros seres mortais.

Supramati estava experimentando o chapéu quando entraram Narayana e Dakhir vestidos como ele, acompanhados por Niebo e três jovens adeptos de escalão inferior, designados para serem secretários, ajudantes ou mensageiros dos magos. Narayana estava bem alegre. Exibia-se e fazia palhaçadas com a sua vestimenta extremamente apertada e os grandes olhos brilhavam com malícia e jactância. Ele apresentou os três adeptos a Supramati, explicando que cada um daqueles belos jovens tinha, no máximo, duzentos anos de idade.

- São ainda crianças. E agora, vamos despedir-nos rapidamente de Ebramar e partir. Precisamos apressar-nos para chegar à estação antes da partida do trem – disse ele.

- Então voltaram a utilizar as estradas de ferro?

- Não, Vossa Alteza – apressou-se em responder um dos jovens secretários. – Agora utilizamos os rapidíssimos e confortáveis trens aéreos.

Após se despedirem rápida e efusivamente de Ebramar, os magos e a sua corte tomaram o trem aéreo e logo adormeceram com o sono dos mortais.

Quando foram acordados, o dia já raiava. Mal acabaram de se lavar, o trem parou perto de um enorme e estranho edifício, feito inteiramente de metal e vidro. Era uma série de maciças torres quadrangulares, com alturas equivalentes à da torre Eiffel,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

separadas por grandes vãos. Em seu interior havia elevadores para viajantes e bagagem, restaurantes, bilheterias e outras modernidades, tudo funcionando automaticamente.

Os topos das torres eram interligados por uma enorme ponte metálica, que era um atracadouro junto ao qual, amarrado por pontes aéreas, balançava no ar algo parecido com uma enorme serpente.

De fato, o trem aéreo parecia uma serpente. Tinha-se a impressão de que a cabeça escancarava uma goela gigantesca em cujo interior rugia, soltando faíscas, um enorme aparelho elétrico; sob o ventre do mostro aéreo localizavam-se centenas de esferas e no dorso destacava-se uma espécie de asas móveis, transparentes.

Os nossos viajantes, liderados por Nivara, embarcaram no trem por meio de uma das pontes de acesso e examinaram-no rapidamente antes de ocuparem suas cabines.

O corredor que atravessava os vagões – se assim pudermos chamá-los – era suficientemente largo para instalar, em certas partes, prateleiras com livros e, em outras, bares.

As cabines pequenas, de dois ou quatro lugares, eram baratas. As mais caras possuíam dois cômodos: sala e dormitório, mais ou menos amplos. E foi uma dessas de dimensões maiores, que ocuparam Dakhir, Supramati e Narayana.

O local tinha todas as comodidades e luxo refinado.

No geral não está nada mal; Mas aconselho-os, amigos, a saírem para o corredor e darem uma olhada nas toaletes femininas – propôs Narayana, após examinar tudo com ar de especialista no assunto.

Dakhir e Supramati não conseguiram conter as gargalhadas e sugeriram que ele chamasse Nivara para servi-lhes de guia nesse passeio, mas Narayana não quis nem ouvi-los e arrastou todos quase a força,

Parando junto ao bar, eles viram aproximarem-se duas mulheres que, com a ajuda de uma máquina automática, encheram seus copos com um líquido gasoso, parecido com água gaseificada.

Eram jovens e bonitas, mas Supramati achou seus trajes indecentes e deselegantes.

Uma delas morena alta, de olhos negros usava uma malha rósea, dando a impressão de que ela estava nua, e por cima da malha vestia algo parecido com um quimono com largas mangas, feito de um tecido cor-de-rosa com bordados prateados e

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

forro branco. Sobre os cabelos negros, maravilhosamente penteados, havia uma boina de veludo cor-de-rosa com um fecho de brilhante.

A outra lourinha de porte médio vestia uma malha preta e um quimono, também negro com um forro azul. Uma boina azul com flores brancas cobria-lhe a cabeça.

Também não estava mal, sinceramente, um pouco exagerado – observou Narayana com leve ironia depois que as viajantes se afastaram.

- Pois é. Os vestidos antigos já não se usam mais – disse Nivara, quando todos voltaram à cabine.

Não me diga que também as velhas usam estas ridículas e asquerosas roupas? – perguntou Supramati sentando-se junto à janela.

- Que velhas? Já não existem mais velhas nem velhos; a ciência eliminou totalmente a velhice. Um dos últimos inventos tornou desnecessários os dentes artificiais. Assim que um dente cai, nasce outro em seu lugar...

- Da mesma forma funcionam os banhos elétricos, com diversos tipos de massagens que eliminam as rugas. Quanto aos cabelos, esses também são cultivados como grama e na cor preferida – explicou Nivara.

- Diabos! Estas pessoas estão em melhores condições do que nós. Eles aproveitam sua juventude eterna sem o fardo da imortalidade! – exclamou em gargalhadas Dakhir.

- Mas também há o reverso da medalha. Toda essa falsa mocidade artificial e ultra-intelectual é fraca, débil e nervosa, sujeita a graves doenças. De modo geral, esta é uma geração condenada – respondeu Nivara suspirando.

- Que pena! Tempos difíceis para a pobre humanidade! – observou Supramati. – E poderia ser diferente num mundo sem Deus, sem igreja, sem leis, sem verdade; num mundo onde reina somente o culto ao “animal”? Aliás, Nivara, Narayana descreveu-nos o milagre de Lourdes e disse que ainda restaram alguns cristãos, em outras palavras crentes. Serão muitos?

- Oh, não, são muito poucos. Os cristão formam uma seita muito pobre e perseguida. Eles vivem em lugares isolados, devastados por terremotos, em ilhas abandonadas ou em lugares subterrâneos; em outras palavras, praticamente em desertos, onde os “boas-vidas” da nossa época sequer ficariam um dia. Eles se estabelecem em lugares próximos aos antigos locais sagrados ou perto de esconderijos onde se guardam relíquias ou ícones milagrosos e muito venerados.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Nivara, poderia nos contar sobre outros locais sagrados que ainda sobraram além de Lourdes? – perguntou Dakhir.

- Conservou-se, graças a um milagre ainda maior que o de Lourdes, o templo do Santo Sepulcro. Deve descrever-lhes este evento extremamente interessante. Vocês sabem que um local sagrado que acumula durante centenas de anos emissões de preces provoca um profundo ódio nos satanistas. Essa fonte de luz e calor, que renovou e fortaleceu tantas almas, não lhes dava sossego; as conversões à fé em Deus que ali ocorriam deixavam-nos totalmente enlouquecidos. E uma dessas conversões, particularmente brilhante, aconteceu com um arrependido, justamente de suas próprias fileiras. Essa foi, diria, a gota d'água.

Na reunião dos chefes luciferianos com os descrentes tanto em Deus, como em Satanás, os últimos foram convencidos de que aquele ninho dos fantásticos estava contaminando as mentes com “obscurantismo”. Ficou decidido então por unanimidade, explodir o templo e o Sagrado Sepulcro, proferindo-se na reunião toda espécie de sacrilégios e blasfêmias, impossíveis de serem repetidas.

Resumindo o plano criminoso teve muitos partidários. Um exército armado de bombas e outros meios de destruição, entoando canções sacrílegas, à maneira dos cantos sagrados, avançou sobre Jerusalém.

À medida que se aproximavam do local, aumentava a excitação da turba bestificada. À frente da procissão era carregada a estátua de Bafomé, enquanto a “Rainha do Sabbat” executava uma dança despudorada. Isso porque, antes de destruir o local sagrado, eles pretendiam profaná-lo, realizando ali o seu “sabbat” satânico.

A notícia da aproximação dessa tropa satânica chegou a Jerusalém, deixando os crentes horrorizados e atônitos. Eles estavam reunidos, num número relativamente grande, preparando-se para comemorar a Páscoa, um costume secular. Todos sabiam perfeitamente por que os sacrílegos haviam escolhido, propositadamente, a santa noite para tomar e destruir o templo. Naquela época, o bispo de Jerusalém era um ancião de grande ascetismo, fervor religioso e coragem heróica.

O anúncio do perigo eminente não perturbou a coragem e a firmeza do seu espírito. Após passar a noite em preces junto ao sepulcro de Cristo, ele chamou os fiéis e, com discurso eloqüente, convenceu-os a não se acovardarem nem fugirem, defendendo o lugar sagrado na medida de suas forças e deixando o resto à vontade divina.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Suas palavras surtiram o efeito desejado e uma sensação de entusiasmo tomou conta dos devotos. Eles sabiam que pagariam com a vida pela fidelidade ao Salvador, mas seu entusiasmo não diminuía com isso. Ajoelhados e com velas acesas nas mãos, todos entoaram em coro o hino da ressurreição. Sua fé era tão ardente e o clamor a Deus, pedindo ajuda e apoio, era tão forte que a prece conjunta se elevou feito coluna de fogo e transformou-se numa nuvem radiante sobre o templo.

Todo o templo cintilava com luz astral, mas os fiéis, mergulhados em prece, não se davam conta disso; menos ainda os satanistas, que não perceberam a imensa força invisível que se concentrou sobre o lugar sagrado que eles tencionavam destruir,

Enfim, a horda diabólica chegou perto do templo e seus gritos e cantos indecentes já se ouviam de longe. Nesse momento, os fiéis entoaram “Cristo ressuscitou” e o casto bispo, empunhando o crucifixo e elevando os olhos para o céu, rezava com fé extasiada.

E, no instante em que a “Rainha do Sabbat” e a estátua de Bafomé iam entrando no pátio do templo, o céu pareceu incendiar-se, a terra tremeu e abriu-se, formando enormes fendas que expeliam chamas e fumaça. Dizem que foi algo horrível; os tremores subterrâneos, alternados com o rolar do trovão, foram uma coisa inédita. A armada satânica foi literalmente engolida pelo abismo, que se abriu abaixo dele: a montanha, sobre a qual estava Jerusalém parecia desmoronar.

O dia seguinte iluminou o horrível quadro da ira divina.

No local, onde se elevava a montanha com Jerusalém, surgiu um profundo vale, cercado de rochedos negros e desfiladeiros. A grande e exuberante cidade foi completamente destruída pelo terremoto, e os arredores, antes cheios de vegetação, reduzida a cinzas, transformaram-se num deserto inóspito e estéril.

Entretanto o mais interessante é que os rochedos, durante a catástrofe, formaram uma espécie de parede que salvaguardava e protegia a parte do templo onde se localizava o Santo Sepulcro; parecia que todo o templo havia descido junto com a terra, e, descontando pequenos estragos, ele parecia nada ter sofrido.

Os fiéis que estavam sem eu interior ficaram desacordados durante a catástrofe ao desfalecerem, como que asfixiados, voltando a si somente algumas horas depois.

Entre esses estava também o velho bispo que, nem bem recuperara as forças, rezou uma missa de ação de graças. A partir de então, naquele inóspito vale reúnem-se os cristãos remanescentes. Lá existem duas pequenas comunidades secretas, uma

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

masculina e outra feminina, que passam a vida em jejum e preces, sem se atreverem, entretanto, a sair do vale ou dos limites dos muros da igreja, visto o lugar ser evitado e temido pelos cultores de Lúcifer.

- Isso significa que o mal está profundamente enraizado, já que nem a evidente demonstração do poder e proteção Divina conseguiu converter os infiéis e não os levou ao arrependimento – observou Supramati, agradecendo a Nivara pela interessante narrativa.

Pela conversa que se seguiu, eles souberam que iam para Czargrado. Em seguida, Dakhir, alegando cansaço, retirou-se para o seu alojamento. Supramati, entretanto, que pretendia visitar todos os lugares onde habitavam os remanescentes fiéis a Deus, ficou mais algum tempo conversando com Nivara e Narayana sobre o passado e o futuro.

Todos os magos não alimentavam muitas esperanças, sabendo que a luta seria árdua e desgastante, pois os satanistas, convictos de sua impunidade, sequer desconfiavam do fim próximo do planeta. As recentes grandes descobertas suscitaram na humanidade um orgulho desmedido e os espíritos das trevas, ao apoderarem-se das massas, acenavam-lhes com as esperanças de maiores conquistas. No seu entender, a vida deveria ser uma festa total e infinita, não podendo ser estragada seja por velhice, seja por doença ou morte.

Ofuscado pelo próprio orgulho e pela louca sede dos prazeres, o rebanho humano usufruía as benesses à beira do abismo, sem suspeitar de que aqueles que o incitavam para a prática de delitos, blasfêmias e sacrilégios, passariam, antes do tempo, por colossais hecatombes que o fim do mundo lhes preparava. Quanta carne humana palpitante, quanto sangue fumegante, quanto fluido vital serviriam de repasto para as vis hienas do espaço que se alimentam de carniça.

Narayana fez uma observação a propósito e Nivara exclamou:

Ah, como somos felizes! Que recompensa de incalculável valor receberemos pelo nosso trabalho: a possibilidade de nos transferirmos para um novo mundo e conseguirmos um final feliz para a luz da esfera superior, em vez de suportarmos um terrível castigo e nos tornarmos presas dos vampiros do inferno!

- Sim – respondeu Supramati, - A misericórdia do Criador é feita a sua sabedoria e, para lhe demonstrarmos o quanto estamos agradecidos, devemos trabalhar bem e salvar os filhos de Cristo, ratificando a parábola sobre as sete virgens sábias e as sete

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

virgens néscias. Esta parábola se encaixa perfeitamente nos dias de hoje. As virgens sábias suportaram estoicamente as provações, seu amor a Deus não enfraqueceu, e elas resignadamente, esperaram o Juízo Final, enquanto que a fé e a prece, tal qual lamparinas sempre acesas, iluminam suas almas. Já as virgens néscias esqueceram-se de sua origem divina, renegaram seu Criador e foram envoltas pelas trevas; elas apagaram a chama celestial que conduz a Deus e ilumina o espinhoso caminho da ascensão. Pobres cegas! Que terrível castigo as espera, sem que alguma luz ilumine suas almas durante o terrível caos eminente – completou o mago, com tristeza.

A conversa prosseguiu por algum tempo sobre o mesmo tema, Narayana, sentindo que o compartimento estava abafado, lamentou que não fosse possível abrir a janela.

- No fim do trem, perto das máquinas, existe um pequeno balcão, coberto e eu posso levá-lo até lá – propôs Nivara.

Logos os três estavam no estreito corredor em frente a uma larga e escancarada janela, em cujo parapeito se encostaram.

Era necessário ter uma cabeça resistente para não sentir vertigens ao olhar para fora, pois até onde se podia enxergar nada se via além do céu e um oceano de nuvens que cobriam a Terra. Mas os imortais não conheciam o medo nem vertigens; tranqüilos e curiosos apreciavam a vista realmente empolgante que se abria diante deles.

Em todas as direções cruzavam-se naves e trens aéreos, parecendo imensos monstros serpenteando, agitando o ar com ruídos e apitos, e a multidão que se aglomerava no interior daquelas serpentes negras, amarelas ou verdes, entrega cegamente seu destino aos geniais mecanismos e à maioria dos mecânicos, como outrora se entregava à vontade divina.

- Que enorme passo deram as descobertas desde o tempo da nossa última excursão ao mundo! – admirou-se Supramati.

- Oh! O senhor ainda pouco viu dos inventos “milagrosos”. Pode-se dizer, com toda a certeza, que o homem submeteu e colocou a seu serviço todos os elementos da natureza. A mente está apurada, enquanto que a alma divina se acha subjugada e a carne comemora a vitória; ela é senhora de tudo; reduziu o trabalho ao mínimo, nivelou o senhorio ao servo e escravizou as forças da natureza – explicou Nivara.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Pois é. No momento em que eles forem comemorar considerando-se senhores dos elementos da natureza, a caldeira trincará e contra eles se levantarão os mesmos servos com os quais eles pretendiam controlar deus – observou ironicamente Narayana.

Após respirarem o ar fresco e frio, eles voltaram à cabine, retomando-se o assunto da permanência deles em Czargrado.

- E voce, Nivara, para onde gostaria que nos o mandássemos trabalhar? Não teria preferência por um país ou povo que voce quisesse salvar e proteger? – perguntou Supramati sorrindo.

- Não mestre, para mim a Terra toda é repugnante e os meus seres prediletos estarão melhor sob sua tutela. Por isso, meu único desejo é permanecer como seu discípulo e executivo – respondeu o jovem adepto, fitando-o com seus olhos brilhantes e gratos.

* * *

Czargrado ainda existia. Graças à sua localização inigualável, a cidade sobreviveu a todas as catástrofes que a atingiram durante os últimos séculos.

Obviamente estava mudada. Expandiu-se e adquiriu feições modernas. Mas o antigo palácio de Supramati ainda resistia de pé, milagrosamente conservado apesar da idade, servindo por séculos de refúgio, primeiramente à vítimas do terremoto, seguido de inundação que arrasou metade da cidade e, depois, como abrigo para viúvas e órfãos. Mais tarde, quando a beneficência começou a sair de moda cada vez mais, nele foi instalado um museu pornográfico que foi destruído por um incêndio alguns dias após a sua inauguração.

Passado algum tempo, o imóvel foi comprado por um estrangeiro que lá realizou as reformas necessárias, mas que raramente residia no palácio. Aos poucos, o ponto chique de diversão da cidade mudou de local e o antigo palácio de Supramati permaneceu isolado, sem chamar mais atenção. Os proprietários, aparentemente, não queriam alugar ou reconstruí-lo.

De repente, correu o boato de que o palácio foi comprado por um príncipe indiano chamado Supramati, o qual pelo visto, pretendia fixar ali a sua residência, pois o imóvel começou a sofrer obras de recuperação. Vieram alguns forasteiros, homens de tez escura, sob cuja supervisão foi feito um luxuoso mobiliário das dependências do

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

palácio e a recuperação dos jardins. Novamente funcionaram os chafarizes, as jardineiras cobriram-se de flores e, em meio à vegetação, apareceram estátuas. Resumindo, o velho palácio ressuscitou, enfeitou-se e seu luxo passou a despertar a curiosidade da massa ociosa e bem alimentada que se interessava somente pelos assuntos alheios.

Certo dia correu a notícia de que o proprietário havia chegado, sem ser notado, para grande decepção dos curiosos, num simples trem aéreo, acompanhado por um irmão e um primo; os boatos diziam que os três príncipes indianos eram jovens, de boa aparência e ricos – verdadeiros bilionários. Junto com eles vieram seus amigos e um séqüito, formado por administradores das imensas propriedades e por três secretários.

A multidão de basbaques ficou ainda mais decepcionada quando soube que os estrangeiros não apareciam em nenhum lugar nem saíam pelos muros do palácio, podendo ser vistos só quando saíam dos muros do palácio, podendo ser vistos só quando saíam para passear.

Realmente, os magos evitavam, por enquanto, aparecer na sociedade, esforçando-se no estudo da língua cosmopolita, da história, costumes e quadro geral da humanidade daquela época em que deveriam iniciar o cumprimento de sua difícil missão.

O panorama que se abria diante deles, tanto do passado como do presente, deixava muito a desejar. Em alguns séculos, que se escoaram imperceptivelmente em paralelo com a sua estranha e misteriosa vida, o mundo sofreu terríveis comoções e as revoluções geológicas alteraram consideravelmente a sua geografia em alguns lugares. As transformações políticas foram ainda mais horríveis e funestas, abalando até os alicerces da sociedade.

O mal, semeado generosamente e com requinte entre as massas humanas, por judeus e anticristos, trouxe seus frutos. Por todos os lugares se desencadeavam terríveis revoluções, solapando os costumes e arrastando tudo que ainda sobrava dos antigos preceitos que ditavam o modo de vida da humanidade. Essa devastadora crise gerou nova sociedade, que teria sido incompreensível e repulsiva para as gerações passadas.

As alegações de falso humanitarismo destruíram todas as punições e tornaram ociosa toda a instituição de direito, com toda sua montanha de leis flexíveis, obscuras para a massa. Tudo isso não era apenas a consequência da ilimitada e desenfreada “liberdade de consciência”, que aos poucos destronou qualquer noção de religião; já não

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

existiam nem cadeias, Deus, nem igrejas, onde eram pregadas as “desconfortáveis” leis para as massas. Ninguém reconhecia as obrigações mútuas e cada um vivia como bem entendia, fazendo sua própria autocrítica de acordo com seus instintos animais.

Já não existiam fronteiras, exércitos e nacionalidades; formou-se um único rebanho humano, dirigido por administrações municipais comunitárias que, aliás, possuíam pouca autoridade.

A população reduziu-se a um nível ameaçador, já que as mulheres se negavam a assumir as responsabilidades maternas e famílias com dois filhos era uma raridade;

As mudanças no modo de vida não eram menores. As invenções científicas e industriais transformaram, por fim, não só a aparência da superfície terrestre, mas também os costumes, caráter, necessidades, manias e o modo de vida do formigueiro humano, eliminando praticamente o trabalho individual. Já não havia trabalhadores, restando somente os especialistas, que recebiam enormes salários para trabalharem nas máquinas ou dirigirem naves espaciais.

Mas, com menos trabalho, aumentava o ócio, que, aos poucos, tornou-se uma instituição das massas. A máxima dos romanos do período da decadência “Pão e circo!” ressurgiu em proporções gigantescas; todos almejavam gozar a vida, sem freio ou descanso; e como este tipo de vida de orgias custava caro, lançava-se mão, abertamente, das mais descaradas falcatruas, sendo que, por um pouco de ouro, qualquer meio, indistintamente, era bom e legal.

É compreensível que em tal sociedade, consumida em vícios, vadiagem e “civilização” em franca decadência, qualquer esforço mental ficava difícil. As massas humanas eram de uma ignorância crassa que se escondia atrás de uma camada de suposta educação.

E – que estranha situação – talvez por foga da lei do atavismo, o secular trabalho intelectual desta humanidade em extinção por vezes se cristalizava e, dentre a multidão ignara e insolente, surgiam pessoas geniais, as quais realizavam descobertas magníficas e com isso provocavam verdadeiras revoluções. Contudo, infelizmente, essas cabeças prodigiosas eram dirigidas com precisão pelo espírito canhoto, e tudo por eles inventado propiciava, sobretudo, o aumento do poder maligno, a disseminação dos vícios, preguiça e sórdidas paixões.

O parasitismo, que servia de base a toda a organização social, alterou também o sistema de educação. Não havia escolas, a não ser as de primeiro grau e “cursos”

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

especializados nos quais a juventude se formava nas matérias escolhidas e ensinadas superficialmente; isso porque, por letargia, a maioria recusava-se a trabalhar intelectualmente e com seriedade.

Restaram somente algumas instituições onde se reuniam mentes seletas e dali surgiam grandes invenções, diabólicos, porém geniais cientistas ou especialistas dignos desse nome, que supervisionavam a construção e o funcionamento de máquinas complexas. Mas esses eram minoria e todos tinham um alto conceito em sua localidade. Já a multidão se divertia com as ciências, por esporte, e ficava satisfeita com o estudo superficial de conhecimentos básicos. Satisfazia-se com a língua internacional, com a qual podia dar a volta ao mundo e ser entendida de ponta a ponta, enquanto que aqueles que ainda estudavam lingüística eram motivo de risos e considerados retardados ou maníacos.

Junto com a queda do nível moral e intelectual, começou a decadência da arte e literatura. A primeira produzia somente péssimas imitações de antigas obras de arte, adaptando-as ao gosto cínico da época, e a segunda, ainda mais miserável, limitava-se à leitura de jornais com as últimas fofocas sobre os acontecimentos diários e escândalos picantes. Ninguém mais dispunha de tempo nem de vontade pra ler as grandes obras. As pessoas gracejavam, curtiam a vida e divertiam-se à beira do abismo. Era um verdadeiro idílio pastoral, faltando somente a inocência.

Para preencher a necessidade de diversão e encontrar um substituto para a antiga literatura e leitura apelava-se para teatros. Estes se multiplicaram tanto que cada rua tinha o seu. Os cinemas também proliferaram como nunca. E, como sempre, eles refletiam os costumes da época. Mas a verdadeira arte dramática desapareceu, estavam na moda somente as farsas grosseiras e “vaudevilles”, nos quais o cinismo era levado ao absurdo e representá-las não exigia nenhum esforço dos

Artistas, o que era primordial. O público rompia em gargalhadas, “matando” assim algumas horas – o que era também o primordial...

A vida transcorria em teatros, restaurantes ou templos satânicos, onde a franca depravação triunfava sobeja em incríveis orgias. Contaminadas pela gangrena da moral, as engenhosas mentes daquele tempo inventavam e procuravam paixões cada vez mais agudas pervertidas e enervantes. Delinquentes científicos dirigiam a humanidade. Forças malignas do ocultismo eram estudadas e aplicadas – onde somente o inferno o faria. As pessoas que perderam Deus, privadas do auxílio celeste do seu Criador,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

afundavam cada vez mais no mal, que os levava à morte. E então, às cegas, distraídas e desencaminhadas multidões de crias de Satanás dirigiam-se para os templos diabólicos.

E não pensem os leitores que o autor escreva isso sob a influência de algum pesadelo infernal. Se olharem de maneira crítica e fria em sua volta, perceberão claramente os embriões de todos os horrores que irão brotar profusamente no porvir. Arme-se de microscópio e bisturi, meu pensador consciente e imparcial, e sobre o verniz enganador da nossa “brilhante civilização” você encontrará os funestos embriões do fratricídio, ateísmo fanático e ócio – esse monstro que a sabedoria popular chamou apropriadamente, de “mãe de todos os vícios e pecados”.

A redução, a qualquer preço, da jornada de trabalho junto com o aumento de salários já não se tornaram palavras de ordem das massas e o objetivo dos homens em tentarem alcançá-los por todos os meios, lícitos ou não? A ociosidade que tomou conta da juventude e que se espalhou, feito uma epidemia de tifo, constituiu-se naquele solo fértil sobre o qual crescerá e florescerá o grande contestador. Este conduzirá as almas ao sofrimento, a uma longa expiação e à destruição do planeta.

Nosso mundo, enfim, é minúsculo. É somente um grão imperceptível de um todo – um átomo no infinito plano do Universo. Grande é somente a idéia do mal, que se manifesta em toda sua plenitude nessa célula contaminada do corpo celestial.

Esta história, aliás, não é nova. Antes e depois de nós, nos mundos extintos e nos do futuro, aconteceu, acontece e acontecerá a mesma tragédia infernal das almas desencaminhadas, enganadas, tragadas pela voragem do sofrimento contínuo, com a expiação tão dura e amarga quanto mais revoltante for o pecado.

A compreensão das antigas tradições ficou obscura ou perdeu-se ao longo dos séculos; esta, por exemplo, é a lenda sobre o pecado original, que possui um profundo e místico sentido: a tentação através da devassidão, o inferno que incute no homem a insubmissão, que lhe promete conhecimentos fáceis e ciência maldita que aniquila as almas banindo-as do paraíso, privando-as da ordem, paz e proteção divinas. E os homens, proscritos para um mundo de desgraças e sofrimentos, transformam-se em servidores do inferno, que os incita e atormenta ininterruptamente com desejos impuros e ensandecidos com ímpetos de praticar o mal sem trégua.

Para finalizar a descrição da sociedade na qual os magos terão de aparecer para cumprir sua difícil missão, resta sublinhar uma faceta, ainda que insignificante diante do quadro geral, mas que possui a sua curiosidade.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Quando explodiu a primeira das revoluções “niveladoras”, a plebe, conquistando o poder, satisfez sua cobiça secular e o ódio reprimido, arrasando tudo o que lhe parecia privilegio nato, posição social e até riqueza.

Entretanto, sendo a igualdade absoluta nada mais do que uma utopia inatingível, que nunca poderá ser realizada por nenhuma arqui-revolução, o mal amainou a tempestade política e a sociedade rapidamente se transformou, ressurgindo daí, mas com cara nova, um velho princípio: a vaidade.

Sem bem que já não existia mais a hierarquia serviçal com suas patentes e títulos honoríficos, com condecorações, nobreza ou quaisquer privilégios, mesmo assim – oh! Que cruel ironia - existiam títulos de nobreza.

Isso aconteceu da seguinte forma. Quando tudo se acalmou, ressurgiram os ricos e os pobres, e a vaidade apressou-se em compensar as antigas diferenciações, as luxuosas cruces e magníficas fitas de condecoração que antes adornavam com tanta graça os peitos e as abotoaduras das pessoas ilustres. Recuperar tudo aquilo era difícil e arriscado, mas restava ainda uma antiqüíssima distinção, esquecida e sem dono. Essa distinção podia ser usada sem menor perigo, devido ao fato de que a liberdade de escolher um nome era ilimitada, permitindo-se trocá-lo e alterá-lo a seu bel-prazer. Os descendentes de antigas famílias nobres foram os primeiros a se arriscar, voltando a ser condes e marqueses, surgindo depois tantos imitadores que nem no auge do feudalismo havia tantos “condes”, “príncipes” e “barões” como nesta sociedade democrática de diferentes calibres, onde qualquer um que tivesse vontade podia autonomear-se com um título de nobreza que não lhe dava nenhum direito, mas que soava muito bem...

Por várias vezes, um triste sorriso percorreu as faces de Dakhir e Supramati quando, ao estudarem os documentos, abriam-se diante deles quadros semelhantes aos que descrevemos resumidamente; já Narayana dava sonoras gargalhadas ao ler aos amigos os engraçadíssimos episódios do passado, sobretudo a história do renascimento dos títulos de nobreza.

- Pelo jeito, não vamos receber muitas honrarias, já que atualmente ser príncipe é tão comum quanto antigamente era ser carregador – acrescentou ele, enxugando as lágrimas de tanto rir.

Sem que os magos se mostrassem a ninguém, os curiosos imaginavam que eles tinham muitos conhecidos, entre os quais até conterrâneos, preferindo, assim, divertir-se

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

em sua companhia, visto que freqüentemente um grande número de veículos aéreos aterrissava nos fundos ou nos jardins do palácio e levantava vôo ao amanhecer.

Na realidade, de tempos em tempos, vinham os mago-missionários para discutir com os amigos os diversos detalhes do plano geral de ação, em diferentes partes do mundo sentenciado à morte.

No palácio de Supramati reunia-se uma seleta sociedade: homens de uma beleza sóbria, de olhar radiante e profundo, cujas cabeças inspiradas eram envolvidas por uma larga aura.

Certa noite, no quarto de trabalho de Supramati juntaram-se uns quinze magos e cerca de vinte jovens adeptos para estabelecerem definitivamente os locais de trabalho de cada um.

- Amigos, então está decidido que inicialmente vamos estudar o campo de batalha onde deveremos travar a luta, e visitar os locais sagrados onde se ocultam e vegetam os defensores da fé – disse Supramati.

- Certo – respondeu um dos magos. – Devemos inicialmente nos dirigir para os locais onde a sagrada comunhão ainda ata os homens à Divindade; nestes locais os magos se revelarão aos seus irmãos e juntos organizarão reuniões para pregarem a aproximação do fim do mundo e organizarem procissões, acompanhadas de cantos sagrados, cujos sons purificarão a atmosfera.

- A nossa tarefa é árdua, mas também será difícil para os que responderem ao nosso chamado e desejarem salvar-se – observou Dakhir. – Lá, onde o ateísmo e o culto a Satanás romperam qualquer contato com Deus, somente o sangue poderá estabelecer essa união. À semelhança dos primeiros cristãos, teremos de provar a nossa fé em Deus com martírios e através da fé fazê-los dignos de nos seguirem.

- Sim, esse caminho para a salvação, apesar da sua dificuldade, é inevitável. Somente aqueles que nunca renegaram Deus e não fraquejaram em sua fé, apesar de todas as provações, podem se livrar do martírio, isso se eles mesmos não quiserem aceitá-lo voluntariamente, para purificarem-se e alcançarem um nível superior – explicou Supramati.

- Oba! Os satanistas também terão muitos problemas e desgostos, assim que nós perturbarmos sua doce tranqüilidade – exclamou Narayana, com brilho nos olhos. – Já estou pressentindo o momento em que as vibrações da prece conjunta e os cantos

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

sagrados os atingirem tal qual veneno mortal, provocando convulsões, crises nervosas próximas da loucura e outras doenças psíquicas.

- Só que eles não morrerão disso – contestou um dos magos -, pois deverão suportar o terrível castigo dos últimos dias que anteciparão o fim do mundo, para cuja destruição eles contribuíram com seus delitos. Os mais fracos serão deixados aqui, visto que sua presença no novo mundo seria um germe da morte. Eles experimentaram da ciência maldita, criada pelos banidos do céu para contaminarem as almas, esqueceram que os filhos da Terra devem amar e respeitar sua mãe comum, que foi seu berço e será sua sepultura, sem profanar a sua sagrada ama de leite, com faz atualmente esta geração infernal que a povoa.

- Não permita Deus que alguém caia tão fundo e tropece, pois difícil e estreito é o caminho da ascensão, e o luminoso farol da sabedoria total, que acena com o descanso para o viajante cansado, brilha de longe por entre a névoa – disse Supramati. – E esta trilha tortuosa passa entre abismos onde estão de tocais muitas tentações. “Homo sum” somos seres humanos e sujeitos a diversas fraquezas da carne e do espírito; dentro de nós se escondem milhares de desejos insatisfeitos, todas as indignações do orgulho desenfreado e o único apoio do equilíbrio do sentido é a em si mesma.

Estou dizendo isto – acrescentou Supramati – para os jovens adeptos presentes. Eles devem rezar e concentra-se para que nenhuma fraqueza os perturbe naquele vendaval do mal para onde iremos.

Após o jantar de despedida, os magos, cavaleiros e adeptos despediram-se para iniciar sua ronda preliminar antes de se reunirem pela última vez no palácio do Graal.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



Capítulo IX

Dois dias depois, Dakhir viajou acompanhado de Narayana – que preferiu trabalhar com o primeiro -, enquanto que Nirvana ficou com Supramati. Seguindo o conselho do fiel secretário, Supramati resolveu inicialmente visitar a cidade para examinar, pessoalmente, as novas instituições e conhecer “in loco” o que aprendera por enquanto só na teoria. Eles decidiram dar esta primeira volta na cidade durante o dia por sentirem-se mais livres, não querendo ser incomodados pela multidão, pois naquele tempo de decadência as coisas estavam de cabeça para baixo.

O Satanás adora a escuridão e abomina a luz e por isso seus admiradores também passaram a viver à noite, sendo que a maioria da população dormia de dia e se divertia à noite. Como as saturnálias, “sabbats”, orgias e sacrifícios satânicos eram realizados, preferencialmente, à noite, todos os que podiam recolham-se para dormir ao amanhecer e levantavam-se ao pôr-do-sol. Os prédios mais altos da enorme capital tinham um relógio com um gigantesco galo negro, o qual com seu agudíssimo canto anunciava por todos os arredores a chegada da hora do encerramento das negras comemorações e o momento de descanso. O passeio pela cidade vazia e ruas com raros transeuntes deixou em Supramati uma triste impressão.

A forma dos prédios não tinha mudado; no entanto, o material de construção era diferente e, na maioria das vezes, era de vidro grosso e ferro. Utilizava-se vidro das mais diferentes cores, e, qualquer que fosse a casa, ela tinha a pretensão de parecer-se com um palácio.

Conforme já foi dito, havia uma enorme quantidade de teatros, que se destacavam por suas grandes dimensões: no frontispício, grupos ou pinturas alegóricas, asquerosamente indecentes, davam uma idéia dos espetáculos que eram apresentados naqueles palcos.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Havia também grande quantidade de templos satânicos e ídolos em homenagem a Lúcifer, Bafomé e outros príncipes das trevas. Os enormes templos imitavam, ostensivamente, a pesada e maciça arquitetura das construções babilônicas. Suas portas de bronze estavam escancaradas e em seu interior via-se uma imensa estátua de Satanás, cercada de castiçais com velas pretas; sobre inúmeros tripodes fumegavam ervas e essências, cujo forte aroma caustico era enervante, podendo ser sentido até na rua. Encontravam-se, ainda, as assim chamadas capelas, construídas provavelmente por troça, no estilo de capelas cristãs ou mesquitas muçulmanas, como seus finos minaretes ou torres góticas.

Obviamente, Supramati e Nivara não entraram em nenhum desses templos pagãos, mas, quando eles passavam ao lado de um deles, dentro do covil diabólico começou a soprar uma forte ventania, cujo bramir e ronco abafado se espalhou sob as abóbadas do recinto.

- Para conhecermos a vida real precisamos esperar pela noite – observou Nivara. – Assim poderemos ver, também, a nova raça de serviçais: animais humanizados – acrescentou com repugnância.

Com a chegada da noite, da alta torre começou a tocar um grande sino e no surdo som, que serviria para acordar as pessoas para a vida e atividade, havia algo de sombrio e triste.

Desta vez, em lugar do veículo aéreo, foi colocado à disposição de Supramati algo parecido com um automóvel, que Nivara dirigia com destreza por entre inúmeros veículos e pedestres que agora congestionavam as bem iluminadas ruas. Todas as casas pareciam iluminadas, em todas as torres havia enormes sóis elétricos que enchiam a cidade de luz. Em todo lugar, por ar e por terra, havia o vaivém da multidão; veículos com homens e mulheres cruzavam-se em todas as direções. Para seu espanto e repugnância, Supramati notou que a maioria das damas e cavaleiros era acompanhada de animais de tamanho inusitado, em geral pertencentes a espécies de feras selvagens, raras na época de sua última estada no mundo. Entretanto a aparência desses tigres, macacos, leopardos ou leões parecia alterada: a cabeça possuía algo de humano e a sua compleição denotava estranhas anomalias; todos eram particularmente ágeis e pareciam desempenhar o papel de criados.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Veja mestre, aqueles mutantes, meio-homens, meio-animais, são os criados atuais – observou Nivara. – Como os seus semelhantes não queriam mais serem serviçais, a humanidade prática criou aquilo para ser um tipo especial de criadagem.

Muitas espécies de animais serviram muito bem para essa adaptação. Estas criaturas – como já disse – meio-homens, meio-animais. São muito espertas, mas perigosas pela sua selvageria, ferocidade e raiva diabólica, apesar de serem mantidas sob severa submissão, o que não as impedia de buscar avidamente o amor humano. O ser humano possui a necessidade e o instinto de mandar e ser servido; mas quando ele inventou para seus semelhantes a total igualdade e liberdade, pensou em criar espécies de criaturas submissas que fossem inferiores a ele a ponto de temê-lo e suportar seus maus tratos, e ao mesmo tempo, suficientemente espertas para entendê-lo e servi-lo.

- Tem razão, Nivara. Para esta época satânica só faltava à espécie de seres inferiores – observou Supramati amargurado.

No dia seguinte, Nivara propôs a Supramati visitar um renomado cientista, especialista em avatares.

- O professor Chamanov transplanta as almas dos velhos ricos para os corpos de meninos, que ele fabrica por um processo químico. É muito interessante.

- É claro, mas por que ele transplanta velhos sátiros em corpos de crianças em vez de fazê-lo em corpos adultos? E será que ele transplanta também as velhas coquetes em corpos de meninas ou apenas sabe fazer meninos? – indagou Supramati curioso.

- Não, ele fabrica ambos os sexos. É um grande químico, Vou avisá-lo de nossa visita. Ele utiliza nos avatares os corpos infantis, pois se presume que esses corpos artificiais não vivam até a maturidade, caso não haja astral.

Poderemos visitá-lo até durante o dia, pois os clientes de Chamanov mal conseguem esperar até a noite para efetuar a “mudança”. Ele paga tão bem aos seus assistentes que estes concordam em sacrificar algumas horas do dia em prol da ciência.

Na tarde do mesmo dia, o veículo aéreo de Supramati aterrissou no jardim de um amplo palácio. Os visitantes foram conduzidos para uma sala de recepção, luxuosamente mobiliada, onde logo a seguir apareceu o professor para cumprimentar o príncipe indiano desejoso de visitar seu estabelecimento.

Chamanov era um homem de idade madura, ombros largos, forte, com uma grande cabeça e uma testa alta de pensador; os olhos eram bem afundados nas órbitas, mas o olhar era frio, cruel e diabólico. Transpirava muito orgulho e auto-estima.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Ele recebeu Supramati desmanchando-se em medidas e afirmações de imensa satisfação de tê-lo por visita.

- Fico contente, príncipe, com a possibilidade de mostrar-lhe neste momento um dos avatares de seu interesse. O cliente já está totalmente preparado e eu já vou iniciar a operação.

Nivara ficou na recepção, enquanto Supramati seguiu o professor. A sala de operações era ampla e equipada com diversos aparelhos; no centro havia duas mesas compridas e sobre uma delas encontrava-se um objeto coberto com lençol branco.

O professor pediu a Supramati para observar tudo por trás da cortina para não constranger o paciente e foi até a poltrona que ficava

Ao lado de uma mesa vazia. Lá estava sentando um homem, vestido num avental, e Supramati achou jamais ter visto em sua vida um ser tão repugnante.

Este, sem dúvida, era o moribundo, e, ainda por cima, um velho que a ciência conservou com a aparência jovem: mas a aproximação da morte estragou-lhe a aparência fictícia e criou algo horrível. Os cabelos negros e espessos caíram em diversas partes da cabeça formando regiões calvas, as faces do rosto afundaram e adquiriram uma cor terrosa.

Quando Chamanov se aproximou do velho nojento, este se endireitou com muito esforço e perguntou alarmado, agarrando o braço do cientista:

- Caro professor, o senhor vai começar a operação? Tem certeza de que vai dar certo?

- sem dúvida, duque, fazemos muitas operações e todas com sucesso.

- E o senhor escolheu para mim um corpo sadio e forte? O senhor sabe que o dinheiro para mim não é o problema e eu quero que o senhor me dê o melhor.

- Julgue o senhor mesmo as qualidades de sua “nova moradia” – disse o professor, retirando o lençol sobre o objeto da outra mesa.

Lá estava o corpo de um menino de 12-13 anos de idade; ele parecia sadio e forte, mas a extrema palidez, os olhos fechados e a total ausência de expressão no rosto, imóvel feito máscara, causavam uma estranha e opressiva impressão.

- Como o senhor vê – continuou Chamanov -, este corpo saiu muito bem feito, sem defeitos, forte e poderoso como um jovem carvalho. Depois de uns quatro anos, necessários para a assimilação e desenvolvimento do organismo, o senhor irá desfrutar novamente de uma vida longa e feliz. – Não tema, caro duque. Tenha coragem e beba

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

isto, é hora de começar. Quando o senhor acordar, terão desaparecido todas as suas dores atuais, tudo estará novo e a máquina começará a funcionar de modo absolutamente racional.

Ele pegou uma taça servida por um dos assistentes e estendeu-a ao moribundo, que a secou com avidez.

Após alguns minutos, ele adormeceu profundamente.

- Vamos ao trabalho – disse o professor, fazendo um sinal para Supramati aproximar-se.

Com a ajuda de seus assistentes, ele despiu o cliente e colocou-o sobre a mesa de operações, toda de cristal.

O corpo nu, parecendo um cadáver, foi coberto por uma campânula de vidro com alguns tubos que a ligavam a um dos aparelhos, e posto para funcionar. A campânula de vidro encheu-se de vapor, ocultando completamente o corpo.

- É um vapor especial e serve para abrir os poros e facilitar a saída do corpo etéreo – explicou o professor.

Depois de vinte minutos de banho de vapor, a campânula de vidro foi retirada, sendo colocado um grosso tubo de vidro em formato de U. Uma de suas extremidades foi colocada na boca do moribundo e a outra na boca do menino... Sobre o corpo do velho foram instalados alguns pequenos aparelhos elétricos que sacudiam e esvoaçavam à semelhança de asas de pássaros; os aparelhos eram ligados a um maior, que trabalhava ruidosamente, feito uma máquina a vapor. Em seguida, os dois corpos foram cobertos com tampas de vidro.

Tudo isso já durava cerca de três quartos de hora, quando, de repente, ouviu-se um estalido, o corpo do velho contorceu-se e de sua boca saiu uma nebulosa e azulada massa fosforescente, como uma gelatina, uma chama de vela que parecia refletir de dentro para fora. A massa vaporosa e esbranquiçada preencheu totalmente o tubo e, quando, a seguir, passou para a boca do menino, o tubo foi retirado rapidamente. O corpo do velho ficou com cor esverdeada e sua boca permaneceu aberta. Era sem dúvida um cadáver; cobriram-no com um lençol e levaram-no embora.

O professor que controlava a operação inclinou-se sobre o menino, cujo corpo tremia e se agitava como se tivesse levado um choque elétrico.

- Acredito que a operação foi um sucesso! – afirmou ele, satisfeito consigo.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Veja príncipe – acrescentou, dirigindo-se a Supramati -, como tudo é simples e como eram ignorantes os nossos antepassados que, para aliviar as dores e salvar uma vida, engoliam terríveis compostos ou ainda se sujeitavam a horríveis operações cirúrgicas, deitando-se sob bisturi. Não é mais confortável tomar um novo corpo? Isto é a mesma história que o ovo de Colombo.

- Os nossos antepassados não tiveram a sorte de ter um grande sábio como o senhor, professor, que fez esta sensacional descoberta.

- Agradeço príncipe, mas não posso tomar exclusivamente para mim a glória da descoberta; eu só consegui por definitivamente em prática os trabalhos de muitas gerações de cientistas.

- E quantos avatares deste tipo são realizados?

- Relativamente muitos. Tenho alunos que praticam as operações na maioria das grandes cidades; entretanto, elas custam caro e somente as pessoas muito ricas se permitem a isso.

- E quando seu cliente voltará a si? – perguntou Supramati.

- Normalmente eles são deixados inconscientes por três ou quatro horas, conforme as circunstâncias, mas vou verificar se é possível, para atender à sua curiosidade, obrigá-lo a dizer algumas palavras agora mesmo.

Ele retirou cuidadosamente o termômetro debaixo do braço do menino e auscultou o coração.

- A temperatura está normal e o coração bate regularmente. Isso significa que podemos arriscar – disse o professor, destampando um pequeno frasco e levando-o perto do nariz do menino.

Este estremeceu e, após um instante, abriu os olhos.

E então, duque, como se sente? – perguntou o professor sorrindo.

- Bem... Mas um pouco incômodo – respondeu uma voz fraca e os olhos fecharam-se novamente.

- Ele permanecerá por seis semanas na minha clínica para que eu possa acompanhar pessoalmente a total assimilação e o incondicional repouso antes de voltar para casa.

Sem suspeitar que estava tratando com um cientista, o professor deu a Supramati uma série de explicações.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Se quiser príncipe – acrescentou -, eu posso mostrar-lhe a última conquista da ciência, o nosso laboratório de recriação de seres humanos. O senhor verá que nós não só triunfamos sobre a morte, mas também podemos criar a vida. Resumindo, nós dispomos de tudo o que nossos antepassados, devido à crassa ignorância, atribuíam ao poder de seu Deus – Criador, o Senhor do universo. Ah-ah-ah! Já não precisamos mais deste Deus nem para morrer nem para viver, e também não impomos às mulheres estes terríveis sofrimentos.

Supramati agradeceu-lhe, dizendo que se interessava muito por aquelas maravilhosas descobertas e o feliz professor levou-o a outra parte do enorme estabelecimento.

Eles entraram numa ampla sala circular, sem janelas, mergulhada numa fraca e azulada penumbra. Lá havia longas fileiras de mesas, com estreitas passagens entre elas. Sobre cada mesa havia uma espécie de caixa comprida, coberta por lençol, e ligada por fios e tubos a grandes aparelhos elétricos, instalados em duas extremidades da sala.

- Os da esquerda lhe serão menos interessantes. Estes receptáculos contém somente embriões no primeiro estágio de fermentação e formação.

Veja que nós alcançamos a possibilidade de recriar o corpo humano graças a um amálgama químico dos princípios masculino e feminino. Isto ainda é o começo e a última palavra será dita quando nós conseguirmos extrair da atmosfera vital a “substância racional”. Mas estou convicto de que conseguiremos.

- O senhor está se referindo àquela substância que passou de um corpo para outro, estou certo? Será que a sua tão desenvolvida ciência ainda não encontrou a chave para a determinação da composição daquilo que o senhor de substância racional? – perguntou Supramati

- Infelizmente, ainda não. Só sabemos que esta substância é infinitamente diluída, diríamos fogo rarefeito, mas até hoje a substância estranha, permanece imperceptível e não pode ser pesquisada. E agora, príncipe veja isto.

Ele dirigiu-se a uma mesa da direita, retirou o lençol azul que cobria uma caixa de vidro escuro, girou um botão esmaltado e então Supramati notou um orifício ou uma janelinha circular na extremidade da caixa, através da qual o professor queria que Supramati olhasse.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Ele viu que o interior estava iluminado por uma espécie de luz azulada e, sobre um monte de substância gelatinosa, estava deitado o corpo de uma pequena criança, aparentemente bem formada e que parecia dormir.

Através de tubinhos de vidro, passava para o interior daquele corpinho uma leve névoa esbranquiçada, que o corpo parecia absorver; era, provavelmente, a alimentação artificial do bebê. A criança respirava bem, o organismo funcionava e a obra de arte química realmente era um sucesso.

- Os seus conhecimentos são grandes, acaso professor, mas falta algo à sua obra de arte...

- O que, por exemplo? Interrompeu animadamente o professor.

- Ela não tem alma.

- O senhor que dizer que lhe falta “substância racional”. Mas eu já lhe falei que o segredo de sua composição ainda nos escapa. Temporariamente utilizamos o método que acabei de mostrar. A situação torna-se ainda mais lastimável para mim, pelo fato de no ar pairarem “substâncias” semelhantes, despojadas do corpo material, cuja origem ignoramos...

- E o senhor não sabe a forma de atraí-las para estas formas humanas, que faz com tanta arte? Perguntou Supramati e em seu rosto surgiu um enigmático sorriso.

Neste ínterim, ele percebeu que nos cantos escuros da sala brilhavam os olhos das larvas, espantadas pela sua presença; seus corpos escuros serpenteavam na ávida expectativa de possuir um corpo daqueles.

- Não – Lamentou-se o professor -, não há como atraí-las, elas vêm por si só... são seres misteriosos. Eu também não consigo entender a razão de seu malefício, pois assim que entram no corpo recém-formado, este começa a decompor-se como se estivesse com gangrena, e em seguida... morre. Mas isso são pequenos detalhes. O importante é que a ciência está em vias de descobrir o segredo da criação do homem e nisso, sem dúvida, está a grande glória do nosso século – encerrou orgulhosamente o professor.

Supramati fitou pensativamente o “sacerdote da ciência”, dotado de um cérebro privilegiado, que conseguiu com seus conhecimentos resolver a difícil questão da criação do corpo humano ou animal, mas que não podia dar-lhes uma vida real. Este era o verdadeiro representante da sombria e fatal ciência do fim do mundo.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Professor, o senhor é um grande sábio e artista e, reconheço, faz jus a este nome. Entretanto, isso... esse “algo” que o senhor procura e não consegue achar é a alma humana e essa o senhor jamais poderá recriar, pois ela é uma obra de Deus, aquele Deus, que fora arrancado do coração dos homens. A alma é a chama divina, maravilhosa e indestrutível, que tornou o senhor um grande sábio, um corajoso e incansável pesquisador. É o espírito que anima seu cérebro e o torna mais receptivo ao aprendizado de tudo.

Perca as suas esperanças de conseguir um dia submeter à análise esta centelha divina, cuja composição química sempre lhe escapa. E nem a procure, pois seus segredos se resume na plenipotência de Deus. E por mais que a humanidade renegue os eu criador, Ele existe e nenhuma sentença infernal, nenhum sacrilégio ignóbil tirará dele uma infinitésima partícula sequer do seu poder absoluto.

O professor franziu o cenho e, por sua vez. Lançou um olhar perscrutador sobre a altiva figura dos eu interlocutor e para seus grandes e brilhantes olhos azuis, cujo olhar parecia oprimi-lo. Mas a enorme auto-estima superou esta impressão. Ele endireitou-se com altivez e respondeu, com desprezo mesclado de raiva:

- Príncipe, o senhor me surpreende; parece um homem esclarecido e mesmo assim acredita em Deus, ao qual atribui um poder ilimitado. Estas convicções absurdas serviam para os povos ignorantes dos séculos passados. Atualmente, quando cada um de nós pode competir com esse legendário Deus, tais idéias, o senhor me desculpe... São no mínimo engraçadas.

Os olhos de Supramati brilharam e a sua voz soou séria e rigorosa.

- Infeliz! O diabólico orgulho está levando-o ao abismo. O senhor ousa comparar-se ao Todo-Poderoso, que cria e controla o universo infinito! O senhor considera o seu pobre saber equivalente à onisciência e sabedoria de Deus. Pois aguarde! E quando a ira divina desencadear-se sobre esta humanidade criminosa, quando trovejarem à sua volta os elementos descontrolados, aí então o senhor compreenderá que, diante do Todo-Poderoso, o senhor é um mísero átomo ou uma partícula de pó que a tempestade levantará e levará embora. Pense e envergonhe-se desse seu orgulho ridículo e indigno de um sábio autêntico.

O professor empalideceu. A ira e a auto-estima afrontada lutavam dentro dele contra uma sensação estranha de uma repentina e indefinida conscientização de que a

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

pessoa diante dele representava uma força, cujas dimensões estavam além do seu entendimento.

- O senhor considera o meu saber desprezível – disse ele, após alguns instantes. – talvez o senhor, usando dos seus conhecimentos, possa colocar uma alma nesse corpo?

- Não posso. Eu, tal como o senhor, também não tenho o poder de criar uma alma. Eu ainda posso atrair um espírito do éter e obrigá-lo a animar este corpo, mas este espírito seria uma larva ou um espírito errante e sei que fazê-lo seria perigoso e sem propósito.

O senhor também poderia. Mas saberia o senhor dizer qual seria a duração dessa força vital, se ela possuiria tudo o que seria necessário para as ações do espírito e se possuiria, em sua composição química, tudo para que a assimilação do astral e da matéria fosse completa? Quanto a isso o senhor nada sabe.

O professor abaixou a cabeça. Ele – um pesquisador – sabia que ainda faltava muito para aperfeiçoar a sua obra e nesses muitos anos de trabalho concentrado ela não conseguiu nem capturar nem pesquisar essa misteriosa centelha psíquica que o indiano chamava de “fogo celestial”.

- Quem é o senhor, estranho, que possui uma fé absoluta em Deus, há muito esquecido por todos? – perguntou ele, após pensar por instantes.

- Sou um missionário dos últimos tempos, pois se aproxima a hora da destruição e a humanidade surda e cega está dançando sobre um vulcão que irá engoli-la.

O professor abaixou a cabeça e sorriu.

- Epa! O senhor é um profeta do fim do mundo? É uma estranha fantasia, príncipe, para um homem jovem, bonito e rico, e que, além disso, parece instruído.

- Mesmo que isso lhe pareça estranho, o fim do planeta está próximo. A própria humanidade antecipou este tempo, quebrando a harmonia e o equilíbrio dos elementos. As pessoas chegaram ao momento crucial e em sua arrogância levantaram a sua ímpia e sacrílega mão até contra o santuário de Deus.

Não vou negar que possuo conhecimentos. O Eterno arma com a força da ciência os servos submissos e fiéis, que sobem passo a passo a escada do aperfeiçoamento para a luz, e todo o conhecimento adquirido é utilizado somente pela vontade divina – respondeu Supramati, despedindo-se do cientista.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Esta visita deixou uma péssima impressão em Supramati, que se condoia de ver os equívocos em que havia caído uma mente tão notável. Ele recordava aqueça cabeça e a testa proeminente, característica de pensador, que não harmonizava com o olhar impiedoso e a cínica expressão animalesca que costuma existir em pessoas que varreram de sua alma o “ideal”, dando liberdade ao “animal” que se esconde no ser humano para dirigir suas ações...

Entretanto, este encontro também despertou em Supramati o desejo de saber como estava a saúde daquela estranha humanidade, saber que tipo de doenças a afligiam e como eram tratadas. Esta questão interessava sobretudo àquele que um dia era o médico Ralf Morgan.

Ao ser informado do seu desejo, Nivara sugeriu-lhe visitar um médico que gozava de alta notoriedade. Na sociedade, ele era considerado esquisitão e quase maníaco, pois estudava línguas antigas, Nivara, contudo via-o como um autêntico cientista. O médico, tendo sido previamente avisado da visita de Supramati, recebeu-o muito polidamente e levou-o diretamente para um grande terraço, anexo ao gabinete, decorado por plantas trepadeiras.

O doutor Rezanov era um homem ainda jovem, magro e de tez pálida, sério e calmo, com grandes e pensativos olhos que denotavam inteligência.

- Estou ao seu dispor, príncipe, e considerarei um prazer fornecer-lhe, na medida do possível, as informações que quiser – disse ele, quando ambos se instalaram nas confortáveis poltronas de bambu. – O que o senhor deseja saber especificamente?

- Ah! Muita coisa, doutor, e por isso temo abusar de sua amabilidade. Por exemplo: como o organismo humano suporta esta vida antinatural? Como assimila este excesso de eletricidade e outras substâncias que servem para os organismos fortes e saudáveis e não para pessoas bestificadas e com os nervos em frangalhos, como as que o senhor trata? Que tipo de doenças e epidemias provoca este estado de coisas? Como vocês as tratam? E a mortalidade, é alta?

- Tem razão, este é um assunto bastante amplo, alteza – respondeu sorrindo o doutor -, mas tentarei, inicialmente, transmitir-lhe o quadro geral e depois detalharei os pontos que mais lhe interessarem.

Devo dizer que, em geral, a higiene de um gigantesco passo à frente. O asseio tornou-se uma lei obrigatória e a eletricidade, com seus poderosos choques, destruiu os focos infecciosos. Desta forma desapareceram por completo as epidemias, como a peste

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

bubônica, a cólera, a tuberculose e outras tão letais nos tempos antigos. E mesmo assim, infelizmente, a humanidade não ficou nem mais forte nem mais imune e a raça atual que povoa a Terra é nervosa anormal e fraca.

Houve tal miscigenação étnica que hoje é praticamente impossível achar uma pessoa de raça pura para se poder determinar que tipo de pessoa ele é: se é alemão, italiano, árabe ou russo. Restaram somente as denominações das nacionalidades, mas já não existem diferenças raciais características.

Estou convencido de que semelhante amálgama de elementos tão diferentes é fatal para a humanidade; isso porque não só cada raça, mas cada povo possui suas particularidades psíquicas entre as demais, as quais, devido às freqüentes miscigenações, são perdidas e causam às vezes o aparecimento de seres muito estranhos e, por fim, levam a humanidade à extinção total.

Esta é a situação atual da sociedade, composta inteiramente de pessoas anormais, e o mal, cujo florescimento presenciamos agora, tem origens bem antigas. Veja, eu tive a paciência de estudar as línguas antigas, atualmente substituídas pela gíria internacional, e li as obras contemporâneas àquele passado remoto. O estudo demonstrou a profundidade das raízes da principal doença que nos aflige e que se chama “demência”. Imagine que ainda no século XX havia a tendência de explicar muitos sintomas como doenças do cérebro. Um cientista italiano daquela época, chamado Lombroso, considerava que todas as pessoas geniais são psiquicamente anormais e que todos os crimes são produtos de loucura. Mas o que naquele século era ou parecia ser somente um paradoxo, atualmente se transformou em triste realidade. E a população de todos os recantos do mundo é composta de loucos, de maior ou menor periculosidade.

O senhor me parece surpreso príncipe? Mas continuo a sustentar o meu ponto de vista. Eu também sou louco como os outros; em muitos aspectos, meu cérebro não é normal.

É extremamente curioso estudar o início da demência social, não considerada sequer uma terrível e perigosa epidemia psíquica e que se revelava de diferentes formas. Inicialmente surgiu uma especulação descontrolada, a corrida pelo ouro e a especulação no mercado de capitais, que enriqueciam ou empobreciam em poucos dias, e por vezes, em horas, abalando até as bases do sistema nervoso das pessoas. Os jogos de azar tinham o mesmo resultado. Depois, esta ânsia de novas sensações suscitou a loucura por todo tipo de esportes: bicicletas, automóveis, aviões, competições de velocidade, etc.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

À medida que aumentava a força do mal, surgiu a epidemia de assassinatos, suicídios, vícios antinaturais, orgias e loucuras eróticas. As revoluções com suas explosões cruéis e sangrentas, matanças sem motivo, hecatombes humanas, excitavam as paixões, e o espírito da destruição apoderou-se das massas. Foi declarada guerra ao Criador, profanaram-se seus templos, mataram seus cultores e tudo isso era feito sob a égide da suporta “liberdade”. Isso era realizado por hordas de dementes, que não assumiam. Muitos deles eram considerados pessoas inteligentes.

Infelizmente, entre as pessoas que permaneceram, sãs, não apareceu uma mão suficiente firme para estancar a gangrena. Deixaram-na desenvolver-se e ela apoderou-se do mundo. Com uma indiferença e apatia, para mim absolutamente incompreensível, a sociedade contemporânea permitiu estes fatos, assistindo a todos os atos antinaturais, e, além de não reprimi-los, não trancafiou aqueles loucos em hospícios, Resumindo, não tratou dos doentes por todos os meios possíveis para provocar neles uma reação salvadora. Desta maneira, surgiu, cresceu e disseminou-se pela face da Terra esta “grande neurose” fatal, tal qual o pior dos venenos, e ninguém reagiu energeticamente contra o frenesi da liberdade, orgia e negação.

A grande invasão dos amarelos provou certa reação, mas por pouco tempo; o mal estava profundamente enraizado e renasceu em seguida ainda mais forte. E novamente ficaram indiferentes todos aqueles que podiam e deviam influir. Esta psicose incendiou todo o mundo e queimou tudo de fio a pavio na escada social. Ninguém a combatia e todos se limitavam a olhar e admirar a grandiosa visão desta fúria descontrolada, sem vontade de refletir sobre o perigo e dando-lhes nomes soberbos e pomposos.

A sociedade atual surgiu como conseqüência disso tudo...

O professor calou-se, balançou a cabeça pensativo e suspirou profundamente.

- Lamento príncipe, por ter-me empolgado pelas minhas reflexões – desculpou-se, após um minuto de silêncio e enxugando a testa com a mão.

- Oh! É absolutamente natural que o senhor reflita. Tudo o que disse é por demasiado triste para não se pensar demoradamente – argumentou Supramati suspirando.

- Pois é para entender o presente eu estudei minuciosamente o passado dos povos e cheguei à seguinte questão: será que estamos no limite da existência da Terra, ou pelo menos, na véspera de alguma terrível catástrofe que irá alterar a aparência do

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

nosso mundo? A humanidade atual está, indubitavelmente, condenada à morte. São pessoas antinaturais, como plantas sem raízes, ou ainda, uma vegetação artificial cultivada para que floresça e, terminando o florescimento, seque por falta de seivas vitais.

Tudo em nossa volta indica caduquice. A terra, antes tão fértil, está se tornando cada vez mais estéril e depauperada e o deserto avança ao redor; o clima ficou tão alterado, tanque, às vezes, parece que as estações climáticas se misturaram; a mortandade cresce a níveis assustadores, a taxa de nascimentos continua a cair e está claro que não serão as pessoas fabricadas pelo doutor Chamanov que nos darão uma raça com físico e moral poderosos.

Com exceção de um número extremamente limitado de cientistas que ainda trabalham e gostam da ciência, todos os outros fogem do trabalho intelectual, nada querendo da vida além de prazeres e satisfação de suas luxúrias e instintos animais.

Por vezes, eu lamento amargamente pelo passado, com a sua crença em Deus Criador, com suas castas, amor à pátria, ambições e até, se quiserem, guerras, sangrentas, é claro, mas cheias de glórias e heroísmos. Naquela época a vida era melhor do que agora, sem guerras... E por quê? Porque foram inventadas armas terríveis e com tal poder de destruição que durante as últimas décadas destruíam-se com gélida impiedade, cidades inteiras com todo o seu conteúdo e até exércitos inteiros.

- Eu estou percebendo, doutor, que dentro do senhor está ressuscitando um firme princípio de atavismo – sorriu Supramati. – Aliás, eu estou inteiramente de acordo com o senhor: antigamente se vivia melhor. Mas agora, tenha a bondade de contar, que tipo de doenças provocou o estado atual da sociedade. O senhor diz que já não existe cólera, peste bubônica, difteria. O que temos em seu lugar?

- As doenças são sempre conseqüências das causas que as provocam. Antigamente, a cólera e a peste bubônica surgiam pela falta de higiene, por um lado, e pela inexistência de sua cura, por outro. Hoje, a constante excitação do sistema nervoso e o excesso de eletricidade provocam o adoecimento dos centros nervosos, letargia e debilidade geral do organismo.

Nós combatemos estas doenças, fazendo o doente adormecer artificialmente por algumas semanas ou até meses, despertando-o somente para se alimentar. Desta forma, prescrevendo um repouso incondicional, nós damos descanso a todas as funções do corpo e recuperamos as forças do doente. Os doentes também são mandados para as

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

montanhas, na região das neves, onde o ar ríspido e fresco os renova. Já os que sofrem de excesso de eletricidade são enterrados em terra fresca até o pescoço ou recebem banhos especiais. A medicina que existia nos séculos passados já não existe. Mas ainda é utilizada a homeopatia; depois, apelou-se para as plantas medicinais; os óleos vegetais também são muito usados em todas as doenças epidérmicas. Eis o resumo, príncipe, da situação física e moral da humanidade.

Para que ainda é necessária esta festiva turba “intelectual”, que gastou a sua energia nervosa, cansada de viver, com o cérebro em frangalhos e aparentemente destinada à extinção? Só o futuro dirá! Mas, repito, estou convencido de que estamos nos aproximando de algumas catástrofe.

Supramati olhou curioso para o semblante inteligente do jovem cientista, um dos últimos representantes da ciência desta Terra moribunda, coberta de destroços dos impérios caídos e templos derrubados, tomada pela esterilidade e pelo sombrio culto da escuridão e do mal, como um indicador da tendência humana.

Após conversarem sobre algumas questões de seu interesse, Supramati despediu-se. O ar da cidade oprimia-o e parecia-lhe infectado; somente em sua casa ele se sentiu bem.

Durante o jantar ele transmitiu a Nivara a sua conversa com o jovem médico e opinou que deveriam esforçar-se para salvar aquele trabalhador, que seria útil no novo mundo, já que em sua alma parecia estarem acesas algumas fagulhas do bem.

- Oh! Muitos ainda se converterão e se arrependerão quando chegarem os dias de horror, após a luz divina deixar de iluminar a Terra e os homens não terem nem com que se aquecer. É claro que então será tarde demais. Entretanto, mestre, tem razão, o doutor Rezanov merece ser convertido a tempo.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



Capítulo X

Após alguns dias, que foram gastos em passeios pela cidade e seus arredores ou dedicados a diversas visitas. Supramati decidiu visitar alguns locais sagrados remanescentes, entre os quais, primeiramente Jerusalém. O relato de Nivara sobre a estranha e maravilhosa catástrofe ocorrida naquele local despertou nele um vivo interesse.

Quando a nave espacial alçou o vôo sobre a capital, Supramati olhou pensativo e tristonho para a cidade, inundada pela luz elétrica. “Quando eu voltar para cá novamente e sobre o meu palácio brilhar a cruz fulgurante, delimitando o abrigo dos mago-missionários, então começará a dura e decisiva batalha da luz contra as trevas. Quantos triunfarão e quantos sucumbirão, só Deus sabe” – pensou ele, suspirando.

Jerusalém mudou muito. O monte onde certa vez Davi construiu sua cidade fortificada partiu-se ao meio em conseqüência do terremoto, e aquela parte onde ficava o Santo Sepulcro arriou, formando uma gigantesca depressão, em cujo interior agora ficava o velho santuário. Diversos destroços do solo acumularam-se em volta da rocha, formando uma espécie de muro de proteção do profundo vale, e lá, em volta do templo, enegrecido pelo tempo, localizava-se uma cidadezinha cristã. Não era grande e constituía-se de pobres casinhas de fiéis servos de Cristo, em meio a uma densa vegetação de ciprestes e figueiras.

Além dos limites do muro rochoso, a terra parecia abandonada e somente em alguns lugares ao longe se viam campos ou hortas com rala vegetação.

Esses lugares causavam uma indescritível tristeza. Os satanistas evitavam-nos devido aos péssimos episódios e se, eventualmente viam-se por lá, acabavam por sentir um mal-estar prolongado; além disso, um incompreensível medo interior afastava-os do local.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

As rochas que cercavam o vale estavam tão povoadas quanto a cidade. Em cada grande fenda, em cada minúscula caverna, vivia um ermitão, passando a vida em jejum e preces.

Em todos aqueles abrigos havia um crucifixo ou uma imagem do Salvador e uma lamparina acesa; os olhares de seus habitantes denotavam aquela fé ardorosa e infinita que movia montanhas.

Junto ao portão, formado naturalmente pelo desabamento de rochas que impediam qualquer outro acesso ao vale, havia um velho de guarda. Ele também servia de guia aos peregrinos estrangeiros que chegavam para rezar ou para fugir de perseguições.

Supramati e Nivara declinaram agradecendo seus serviços de guia e dirigiram-se ao templo. Infelizmente, nada havia restado da antiga grandiosidade e riqueza; sob as antigas abóbadas imperava uma escassa meia-luz e o traje dos sacerdotes era tão simples e pobre como os adornos da igreja. O ofício era realizado por um velho bispo, vestindo um traje de tecido branco. Desde há muito tempo as missas eram celebradas de maneira contínua. Dia e noite a fio os fiéis aguardavam na fila sua vez de assistirem ao santo ofício. A falta de lugar era um resultado da danificação de algumas partes do templo pelo desabamento da rocha, que acabou ruindo de vez, salvando-se apenas uma parte do templo onde ficava o Santo Sepulcro, que escapou ileso.

No intervalo, após a celebração da missa, Supramati aproximou-se do bispo e pediu permissão para conversarem a sós. Ambos dirigiram-se à cela do padre e conversaram longamente. À tarde do mesmo dia, uma estranha multidão encheu o templo. A população da cidade e dos rochedos reuniu-se ali a pedido do bispo.

Quando se abriram as portas do santuário, apareceu Supramati acompanhado do bispo. Pela primeira vez diante dos mortais, ele ostentava o traje de cavaleiro do Graal e a sua cabeça estava envolta em uma ampla aura.

O povo que enchia como uma massa compacta todos os cantos do templo caiu de joelhos, imaginando estar diante de um santo vindo do céu.

Quando por ordem do bispo, todos se levantaram, Supramati aproximou-se dos degraus do púlpito e começou a falar. Em palavras eloqüentes descreveu a situação do mundo, pintou o quadro de desgraças e as bestificação da humanidade, que, esquecendo a sua origem divina, deixou-se dominar pelo espírito do mal.

- E, agora irmãos – continuou -, estão chegando os tempos profetizados: o fim do mundo se aproxima. Nos terríveis minutos, de acordo com a profecia, o invisível se

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

tornará visível, um julgamento será feito e as ovelhas puras serão separadas das impuras, conforme está nas escrituras. Aqueles que nunca declinaram da fé e honraram a Deus, os que sempre permaneceram unidos pelo luminoso e invisível ele com seu Criador, receberão naquele minuto uma recompensa pela sua lealdade. Eles verão Jesus e os espíritos do planeta, que os iluminarão com a luz celestial, e ouvirão a rigorosa condenação das hordas diabólicas de sacrílegos e sedutores que cegaram e desencaminharam tantas almas, quebrando laços entre o Deus-Pai e seus filhos.

É claro que para o Eterno Todo-Poderoso seria fácil quebrar e aniquilar o espírito rebelde que se considera tão poderoso junto com suas hordas de partidários, mas o Senhor deu-lhes a liberdade de opção, pois o mal é obstáculo que testa o bem e a tentação do mal é o teste suprema para a alma. Vocês, irmãos, são considerados “fiéis” ao Senhor, pois preservaram a sua fé nele e foram os incansáveis guardiões do altar e de seus divinos sacramentos. Em suas almas, vocês mantêm acesa a chama sagrada que ilumina o tortuoso caminho dos homens ao seu Criador, e entoam o sacramentado hino da Ressurreição. Até o dia de hoje, vocês permaneceram firmes, suportando a pobreza e as perseguições destes tempos difíceis, quando Satanás hasteou sua bandeira sobre altares profanados e insolentemente ofendeu o Criador e suas leis. Agora irmãos, resta-lhes cumprir o último dever nesta Terra condenada à morte.

Vocês devem abandonar este abrigo onde realizam a suas preces e sacramentos para novamente aparecer entre as pessoas e combater o mal. Devem pregar a palavra de Deus e conchamar as pessoas para o arrependimento e as preces, dizer-lhes da aproximação da hora, quando não haverá mais tempo para a salvação. Devem ser corajosos e nada temer, nem a morte, pois irão lutar pela salvação das almas humanas, e cada alma salva será um tesouro de inestimável valor que vocês depositarão aos pés do Eterno. A responsabilidade que lhes cabe é sublime e difícil. O reino pecaminoso está findando; as hordas satânicas já tentaram e destruíram um número demasiado de almas; seus templos serão arrasados e purificados com o sangue que os mártires derramarão voluntariamente. Respondam-me, meus irmãos, vocês se consideram suficientemente fortes para travar este grandioso combate, sem recuar diante de nenhum sacrifício e contribuir para a vitória da luz divina sobre a escuridão do mal?

Enquanto Supramati falava, a multidão, aos poucos, ia ficando de joelhos, sem perder de vista o maravilhoso e inspirado rosto do orador, que, em seu traje alvo e com sua aura prateada sobre a cabeça, parecia-lhes um espírito das esferas. Quando ele se

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

calou, ouviu-se em resposta uma exclamação uníssona, todos estendendo as mãos em sua direção.

- Sim nós queremos lutar e colocar as nossas forças e a vida para salvar nossos irmãos!... Ajude-nos Senhor, a lutar pela glória do Seu Nome – ouviram-se centenas de vozes. Os rostos de todos transpiravam coragem e energia; uma fé ardente espelhava-se nos olhares e uma inesperada beleza interior parecia transfigurar a aparência de todos.

Com o encerramento da missa, todos os presentes comungaram, jurando lutar contra Satanás, sem recuar diante de qualquer perigo. Em seguida, Supramati falou novamente.

Irmãos e irmãs! Resta-me dizer-lhes que no momento em que no céu surgir uma cruz resplandecente, a gruta do Santo Sepulcro acender-se feito lume e os sinos começarem a tocar sozinhos, significará que chegou a hora de entrar em sagrado combate, armados de cruz e de sua inabalável fé. E até chegar este momento, rezem, preparem-se e juntem toda a força moral de que puderem dispor.

Encerrando a última prece, os fiéis se dispersaram, enquanto Supramati, Nivara e os sacerdotes reuniram-se na cela do bispo para discutir a situação de Jerusalém e de outras comunidades cristãs da Palestina. Nesta reunião, Supramati soube que nas montanhas, nos arredores do Sinai, formou-se uma verdadeira cidade subterrânea.

Um andarilho do deserto encontrará por acaso, grandes cavernas que formavam labirintos, logo ocupados por cristãos fugidos das perseguições. Lá eles erigiram igrejas, moradias, cemitérios e abriram novas passagens, cuidadosamente encobertas e conhecidas somente pelos fieis. Nesses inacessíveis abrigos eram guardadas as relíquias mais veneradas, ícones milagrosos e todos os santuários que conseguiram ser salvos da ira sacrílega dos satanistas. Lá vivia uma população incomum e asceta, imbuída de enérgica fé, que passava o tempo em jejum e ininterruptas preces. A região parecia dividir-se em duas camadas: na superfície imperava o furioso satanismo, enquanto que nos subterrâneos ouviam-se cânticos sagrados, celebravam-se missas e festas religiosas. Por um estranho capricho do destino, foi exatamente nas catacumbas que cresceu e adquiriu sua inabalável força a fé cristã; e agora ela novamente se preparava para ressurgir das profundezas das cavernas, tão límpida e forte como ao nascer, para receber um novo, porém último batismo, através do sangue dos mártires.

Isso tudo foi contado a Supramati pelos sacerdotes, lembrando um deles que alguns anos atrás, nas cavernas formou-se uma pequena comunidade feminina, cuja

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

prioresa era uma jovem moça, tão benevolente e devota, que foi escolhida para a função por unanimidade.

- Essa é uma criatura incomum – continuou o ancião. – Sua inteligência e força de caráter não condizem com a sua idade. Seus pais eram crentes e pertenciam a uma antiga família cristã, mas, infelizmente sucumbiram às tentações e caíram no satanismo. No entanto, Taíssa, contando na época com apenas 10 anos, permaneceu firme na fé e fugiu de casa. Sua fuga foi particularmente milagrosa. Diz-se que um anjo a havia conduzido para cá numa pequena e frágil canoa. A seu pedido, ela foi introduzida na comunidade que atualmente dirige. A sua enorme fé e a vida exemplar sempre encantaram e surpreenderam as colegas; além disso. Taíssa possui um espírito sagaz e tem visões. Ela está convencida, por exemplo, de que sua vida é uma provação suprema ou uma missão e parece estar sempre à procura de algo ou esperando alguém.

Ao ouvir o relato, Supramati sorriu. Ela sabia quem era aquela moça que, através das provações, sustentada por amor inabalável e fé consciente, abria o caminho em sua direção.

Em seguida a conversa mudou de assunto e concentrou-se na personalidade de um homem que preocupava demasiadamente os fiéis. Eles viam nele a encarnação do próprio mal e a mais perigosa das criaturas que já existiu na face da Terra.

Supramati já ouvira falar dele em Czargrado e convenceu-se de que a sua extrema influência sobre as mentes aumentava a cada dia. Entretanto, Supramati não conseguiu vê-lo, pois Shelom Iezodot – era esse o seu nome – residia então numa outra cidade e estava retornando de uma viagem de inspeção pelo mundo, pois se considerava o senhor do planeta. O seu poder ilimitado sobre as pessoas, sob todos os aspectos, praticamente, dava-lhe o direito de assim ser chamado. Interessado em ouvir opiniões a respeito desse homem, vindas de simples mortais, Supramati pediu que lhe contassem tudo o que se referia a ele.

A origem de Shelom Iezodot era misteriosa e já cercada de lendas e, dessas, a mais verossímil, era a que dizia ser ele um filho bastardo de um judeu bilionário que ao dotou e o fez seu herdeiro.

Ele próprio se autodenominava de “filho único de Satanás”, acrescentando zombeteiro parecer-se com Cristo, chamado de Filho de Deus. No mais, deixava que as pessoas falassem o que bem entendessem. Vindo da Ásia ainda moço, cheio de energia e diabolicamente belo, ele iniciou a sua escalada triunfal. Praticava “milagres”,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

transformava pedras em ouro, realizava curas milagrosas, desencadeava e acalmava tempestades, invocava demônios. Em outras palavras, ele parecia mandar na natureza e aparentemente possuía tesouros inesgotáveis, a julgar pela quantidade de ouro que jogava aos punhados no ar e distribuía para todos os que dele se aproximavam. Um dos sacerdotes, que havia visto Shelom, disse que o seu semblante tinha realmente algo de enfeitiçador e o seu olhar inegavelmente subjuguava e dominava.

- Então, irmão Supramati, já que voce diz que a derradeira hora esta chegando, não seria esse homem o profetizado “Anti-Cristo”? – indagou preocupado o ancião.

Supramati nada respondeu e despediu-se em seguida. Ele pretendia viajar para o Sinai ao amanhecer e visitar o mundo subterrâneo, que servia de abrigo ao exercito de Cristo.

Foi com grande inquietação que Supramati entrou nas galerias onde os cristãos perseguidos juntaram os seus valiosos tesouros e esconderam dos sacrílegos. O abrigo das mulheres, que viviam sós, estava totalmente separado do abrigo dos homens solteiros e possuía entradas independentes. As famílias ocupavam prédios especiais naquela enorme cidade subterrânea. Supramati e Nivara hospedaram-se na residência de uma família que lhes pediu que aceitasse a sua hospitalidade. O dono da casa – jovem e entusiasmado devoto – mostrou-lhes as cavernas.

Cheios de surpresas, eles admiráramos ambientes talhados pela própria natureza e as amplas igrejas, altas como catedrais, onde estavam guardados os tesouros espirituais salvos da destruição.

Uma mulher que tinha uma parente na comunidade dirigida por Taíssa ofereceu-se para conduzir Supramati até lá, visto ser ele um profeta que preconizava o fim do mundo. A entrada de Nivara não foi permitida. Devido aos boatos caluniadores, disseminados pelos satanistas sobre as mulheres cristãs, não era permitida a entrada de nenhum homem, e somente nas grandes festividades, em comemoração ao nascimento e morte de Cristo, permitia-se a entrada de um sacerdote octogenário para a celebração do ofício.

Através de galerias tortuosas, com celas de cada lado e cavernas de diversos tamanhos, Supramati penetrou junto com sua acompanhante na igreja da pequena comunidade onde se reuniam as freiras – se é que poderia chamá-las assim. Era uma grande caverna com paredes cobertas por estalactites e uma abóbada muito alta que se perdia na penumbra. Em seu interior, numa elevação de alguns degraus, estava erigido o

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

altar e sobre ele a estátua da Virgem Santíssima, em tamanho maior que um ser humano; em seus braços abertos Ela segurava o menino Jesus, como se o mostrasse aos fiéis; em sua volta agrupavam-se figuras de santos muito venerados nos tempos antigos. No altar, coberto por uma toalha de brocado prateado, havia um antigo cálice de ouro. De cada lado dos degraus enfileiravam-se vinte mulheres, trajadas de branco, com longos véus sobre a cabeça, que cantavam um hino a gloria da Virgem Santíssima e do Salvador.

Todas eram jovens e belas. O canto harmonioso de vozes jovens espalhava-se pelo templo como sons de órgãos. Contudo, a atenção de Supramati foi atraída para uma delas, também trajada de branco, com um véu transparente na cabeça; somente uma cruz de ouro que pendia do seu peito distinguia-a das outras. Ela estava genuflexa no último degrau, de mãos juntas e olhar pregado na imagem; sua voz maravilhosa, sonora, forte e aveludada sobressaía-se de todas as outras.

Era uma jovem de uns dezoito ou dezenove anos, tão frágil, branca e transparente, que parecia sem vida; os longos cabelos, loiros e ligeiramente ondulados, desciam até o chão e os grandes olhos azuis eram claros e límpidos como os de uma criança.

Terminada a oração, a acompanhante de Supramati aproximou-se da irmã e informou-a da chega do extraordinário visitante. Todos se apressaram em se aproximar dele, mas Taíssa, chegando a dois passos de Supramati, de repente, parou, estremeceu e arregalou os olhos ao fitar o mago. Num ímpeto caiu de joelhos, pôs as mãos sobre a cabeça e murmurou.

Eu o conheço. Voce é o enviado das forças superiores e aparece em minhas visões, mas... não consigo lembrar o seu nome...

Supramati colocou a mão sobre a sua cabeça, levantou-a e disse carinhosamente.

- Seu coração me reconheceu. Eu vim para dizer que a sua provação final está próxima. Ao enfrentá-la com dignidade e superada a última barreira, aí então lembrará o meu nome e o passado. Mas agora eu devo dizer algumas palavras para voce e suas companheiras.

Ele descreveu a situação do mundo, apontou os eu fim próximo e explicou que os fiéis teriam pela frente uma grande e decisiva luta, cuja finalidade era de arrancar das forças do mal, aquelas almas que ainda poderiam ser salvas.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Até agora irmãs, vocês preservaram suas almas da sordidez que as cercam – acrescentou. – Entretanto, é mais fácil preservar a pureza e a fé estando no retiro, longe de quaisquer tentações, do que no meio de pessoas devassas, sob a ameaça de infâmias, perseguições e, bem possível, até da própria vida. E é neste formigueiro, caras irmãs que eu espero ver o seu puro, forte e invencível exército, resgatando as almas das tramas diabólicas.

As irmãs repletas de fé e submissão juraram usar todas as forças para permanecerem à altura da vocação. Já Taíssa parecia transformada. A fé exaltada e a grande firmeza iluminaram-lhe o belíssimo rosto levemente ruborizado de excitação e os olhos azuis encaravam Supramati com uma expressão inexplicável.

- Eu enfrentarei a última provação, vencerei as dificuldades e Deus me apoiará e abrirá meus olhos espirituais – murmurou ela, e uma energia inusitada manifestou-se em sua voz.

Os olhos de Supramati flamejaram de alegria. Ao abençoar as moças, ele sugeriu que elas rezassem constantemente e retirou-se.

A visita às cavernas agradou muito a Supramati. O ar dali era bem diferente e lembrava o dos palácios do Himalaia. Ele se sentia bem e passava longo tempo nas grutas onde estavam guardados antigos talismãs da humanidade em martírio: relíquias de santos e ícones milagrosos, diante dos quais as pessoas expunham, por séculos, as puras inclinações da alma e obtinham graças incontáveis. E o poder dos grande e invisíveis benfeitores não enfraqueceu nem um pouco depois de expulsos dos luxuosos templos e obrigados a descerem às escuras galerias subterrâneas: eles continuaram a pedir ao Céu para que fossem perdoados os pecados e os crimes dos cegos, que se insurgiram contra o Poder Supremo controlador do Universo.

Supramati rezava por horas a fio, pedindo a esses espíritos elevados para que o apoiassem, inspirassem e lhe enviassem a compreensão para torná-lo um verdadeiro e submisso pregador da palavra “divina”.

Ele era um mago, formado no laboratório de seus mestres, armado de enorme saber; ele sabia governar sobre os elementos da natureza, compreender e dirigir os grandes motores cósmicos da máquina planetária, mas... durante o tempo dessa longa ascensão, ele foi completamente afastado do redemoinho humano e, ao conhecer o complicado mecanismo do infinito, desaprendeu a compreender aquele microcosmo, que se chama alma humana. Ele esqueceu aquilo que se esconde no coração humano: a

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

luta e a tempestade, a maré alta e a maré baixa, a queda e o queixume deste minúsculo e peçonhento inseto chamado “homem”. Individualmente, esta partícula racional nada representa com a sua mísera vaidade, orgulho, egoísmo e espírito rebelde; já aos bilhões, ela se revela como uma devastadora nuvem de gafanhotos que corrói o planeta, rodopiando e saltando entre o Céu e o abismo... E Supramati, numa prece fervorosa, pediu a todos os benfeitores aflitos, cuja grande misericórdia não se exauriu ao contato com as chagas humanas, para que o ensinassem a entender os pecadores, ser condescendente no seu julgamento e conduzi-los com amor ao Pai Celeste.

Os seus mentores transformaram o pobre Ralf Morgan num mago de três fachos de luz: com amor e paciência corrigiram, purificaram e inspiraram cada meandro de sua alma. Fizeram de um moralista aleijado, com sentidos brutalizados, um ser elevado, capaz de ver, sentir e entender o desconhecido. Chegou a hora de pagar esta dívida de amor, devolvendo aos mentores aqueles bens que lhe deram com tanta profusão. Em profunda submissão, o mago ficou genuflexo diante dos espíritos elevados cheios de piedade divina, que abriram mão do sossego de sua bem-aventurança pessoal e, voluntariamente acorrentaram-se à Terra, auscultando, incansavelmente todas as lágrimas e amarguras com que os aflitos vinham à sua presença, pedindo feito crianças, tudo de que a vida lhes privara: saúde, bens terrenos, perdão dos pecados e delitos.

- Ensinem-me, mestres supremos, a amá-los e a compreendê-los da forma como vocês amam e entendem estas criaturas criminosas que renegaram a Deus. Não me permitam esquecer que eu sou fraco e cego diante do segredo do coração humano, para que o orgulho do conhecimento nunca empane a minha visão espiritual e eu cumpra, condignamente, a difícil missão de levar a luz do Criador para aquelas gerações humanas que estarão sob a minha guarda no novo mundo.

E na escuridão das cavernas acendiam-se grandes focos de luz; os espíritos benfeitores vinham até o mago, olhando-o com amor e condescendência, ensinando-lhe a difícil arte de entender a alma e prometendo-lhe ajuda e apoio. Nesta atmosfera de luz e calor o corpo de Supramati enchia-se de novas forças. Todo o seu íntimo estremecia de amor sagrado à humanidade e a desordem moral desta parecia-lhe menos repelente apesar de seus vícios, crimes, cegueira e hostilidade fratricida. Através de toda aquela imundície, ele vislumbrava o brilho da “fagulha divina”, o sopro imortal do Criador, que nenhuma sordidez, conseguia aniquilar ou apagar e que espreitava em toda a sua

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

primitiva pureza, agitava-se até o coração cruel de Satanás. E esta dádiva do Céu jamais alguém conseguira tirar de um ser criado por Deus.

Após algumas semanas de vida em isolamento, preces e ascese, Supramati deixou a cidade subterrânea e, com as forças renovadas, regressou a Czargrado.

Desta vez ele apareceu na sociedade e os magníficos salões do seu palácio ficaram cheios dos mais elegantes, ricos e famosos representantes da sociedade. A multidão festiva, leviana e ignara, examinava com avara curiosidade os valiosos tesouros artísticos reunidos em grande quantidade naquela casa luxuosamente mobiliada, com muitos serviçais, o que já era absolutamente inusitado e incrível na época de “igualdade” geral, quando o serviços era feito por máquinas ou animais.

As mulheres estavam completamente caídas pelo encantador e belo homem, que se destacava de todos, Entretanto, apesar de toda a ousadia e despudor das damas “do fim do mundo”, alguma coisa no olhar severo e no sorriso enigmático de Supramati constrangia-as e mantinha-as a uma respeitável distância.

Mas, além do grande interesse que despertou a personalidade do encantador príncipe indiano, a cidade estava tomada de curiosidade e cheia de mexericos por ocasião do retorno à capital de Shelom Iezodot, acompanhado por uma numerosa e ilustre corte que ele sempre arrastava consigo.

No local do antigo templo de Santa Sofia, que mais tarde foi transformado em mesquita, o filho de Satanás construiu um enorme palácio, aproveitando ao máximo as velhas paredes. Parte do palácio, onde ficavam os restos da igreja, servia de aposentos privativos de Shelom Iezodot e Iskhet Zenumam – uma estranha mulher que nunca o abandonara e que despudoradamente se autodenominava mãe e esposa do rei do Universo. Nos anexos do prédio foram preparadas residências para a corte, sacerdotes satânicos, mulheres e outros monstros morais que participavam das incríveis orgias e repugnantes sacrilégios, divulgados em todos os lugares onde se estabelecia Shelom e seu asqueroso estado-maior. Tudo o que tinha sido venerado pelo velho mundo pagão e cristão foi emporcalhado e profanado por esses monstros dos últimos tempos.

As notícias, transmitidas avidamente, diziam como, um por um, os países iam se submetendo, voluntariamente, a Shelom Iezodot, visto ninguém possuir tantos bens terrenos como ele e distribuí-los com tanta magnanimidade. Em todas as casas onde estivera Supramati não se falou de outra coisa e, aliás, contavam quem em todas as regiões que se submetiam a ele, Shelom deixava seus sátrapas, cuja obrigação era

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

supervisionar o bem-estar da região, distribuindo ouro aos necessitados; promover festividades e orgias satânicas, e exterminar, onde quer que fosse tanto os fiéis como tudo que se referisse à antiga fé. Para auxiliar nesse trabalho tão útil, junto a cada sátrapa era indicado um conselho com um número ilimitado de membros. Entretanto, para conseguir receber o título de conselheiro deveriam ser realizados explicitamente, “sete pecados capitais”, pelo menos um assassinato e algum sacrilégio inédito e picante. A cidade de Czargrado, conforme se dizia, fora escolhida por Shelom como sua capital.

Chegou finalmente o dia em que o terrível e misterioso homem chegou à cidade. Ainda na véspera, a multidão exaltada começou a encher as ruas e com a chegada da noite surgiu, cercada pela frota área da corte, o iate negro, com incrustações de ouro e iluminado por uma brilhante luz vermelho-sangue. Era a nave que levava Shelom. Feito um espírito das trevas, ele desceu do espaço para instalar-se na capital escolhida.

A chegada de Shelom foi comemorada com procissões de satanistas e sacrifícios, massacre de algumas pessoas publicamente reconhecidas como fiéis, e orgias que superaram, por seu despudor e inauditos sacrilégios, tudo até então. Mas Shelom não se limitou às comemorações e condecorações; ele iniciou também as reformas econômicas, e a primeira delas causou uma satisfação geral. A população ficou isenta de pagar passagens de trens aéreos; em troca disso, foi estabelecido um pequeno imposto anual, que permitia a qualquer um viajar gratuitamente por todo o mundo.

“Isso porque – explicava em sua lei o novo patriarca da Terra, - não se podia cercear a liberdade das pessoas, obrigando a permanecerem num único lugar, pois elas podiam querer mudar-se para outros lugares e o transporte aéreo era de todos, assim como o próprio ar”.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



Capítulo XI

Duas semanas após sua chegada, encontramos Shelom sentado em seu aposento.

Era uma sala de proporções médias; as paredes forradas em tecido preto com desenhos em vermelho; os móveis eram de madeira preta, os encostos decorados com cabeça entalhada de bode e estofados em tecido vermelho de seda. Lamparinas elétricas vermelhas inundavam o quarto com a luz cor de sangue. Shelom estava sentado à mesa numa larga poltrona de espaldar alto, ouvindo atenciosamente o que lhe dizia um dos conselheiros, que, de pé e gesticulando muito, fazia um relatório com ardor inusitado. Uma estrela negra em seu pescoço apontava o grau elevado de sua hierarquia satânica. O czar do mal era um homem jovem, muito alto, e tão delgado, magro e flexível que os movimentos de seu físico, coberto de malha negra, lembravam uma serpente. As feições do rosto, ainda que fossem anguladas, eram regulares; os olhos – grandes, cinzentos, com forte matiz esverdeados, encimados por sobrancelhas que quase se juntavam no intercílio – fosforesciam de tal forma que pareciam ser os de uma fera selvagem.

Por trás dos lábios carnudos, vermelhos feito sangue, luziam afiados dentes brancos; os cabelos negros, densos e encaracolados e a barbicha acentuavam ainda mais a tez pálida e cinzenta do rosto.

Em resumo, ele poderia até ser chamado de belo, não refletisse a sua fisionomia todos os vícios e as aspirações ímpias e se o seu olhar não fosse tão gélido e ao mesmo tempo tão selvagem e cruel. Ao lado de Shelom, numa cadeira mais baixa, estava sentada uma mulher de beleza fascinante. A malha que a vestia, contornando as maravilhosas formas, deixava a descoberto o pescoço e os braços da alvura de marfim. Suas feições lembravam um camafeu antigo; grandes olhos negros e sombrios brilhavam por detrás dos cílios vastos, como se iluminados por uma luz interna; a pequena boca vermelha denotava volúpia; os elegantes cabelos negros, excepcionalmente densos, desciam abaixo dos joelhos; um aro largo de ouro, decorado

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

com a cabeça de bode com olhos de esmeraldas, sustentava-lhe a vasta cabeleira negra. A mulher era, no sentido literal da palavra, de beleza diabólica e a encarnação autêntica da sensualidade, como se criada para provocar as paixões e seduzir as pessoas para o sorvedouro, de onde ela mesma havia saído.

- E então, Madim, voce acha que o hindu é perigoso? – inquiriu Shelom, afagando a barbicha e olhando com um sorriso zombeteiro para o homem que acabara de lhe fazer o relatório.

- Sim, considero o meu dever chamar sua especial atenção para ele. Esse homem, provavelmente, saiu de uma toca secreta de antigos cristãos e está cercado por uma atmosfera tão nauseante que quando passa com seu secretário ao lado de nossos santuários, parece desabar uma tempestade. Sua casa está cheia de empregados, no entanto nenhum deles se interessou em conhecer os nossos nem participar de nossas cerimônias. Conforme eu já havia relatado, o príncipe Supramati aparece na sociedade e organiza recepções luxuosas, mas sabe-se que seu relacionamento com todos é muito discreto e o que é mais extraordinário: ele não tem nenhuma amante.

- Precisamos arrumar-lhe – zombou Shelom.

- Isso não será fácil – preocupou-se Madim. – Tanto mais, porque Maslot, nosso grande vidente e astrólogo, disse-me que essa pessoa juntamente com algumas outras, foi enviado por nossos inimigos e vai causar-nos aborrecimentos. Já me passaram a informação de que o hindu conversou com o doutor Chamanov, dizendo-lhe que o fim do mundo estaria próximo e que ocorreriam catástrofes medonhas, fome, terremotos e ninguém sabe o que mais.

Shelom desatou numa sonora gargalhada.

- Teremos de tira de Maslot o seu título de clarividente, pois ele está começando a ficar cego. E voce, Madim, que eu considerava mais inteligente! Será que voce acha que eu não sei o que devo fazer? Eu estou a caminho da revelação e domínio de uma substância misteriosa, ou sangue do planeta ou também o “elixir da vida”, como ela é chamada pelos desprezíveis egoístas que se escondem no Himalaia. Espertos era aquele que conseguir destruir-nos depois que nós tomarmos a essência primeva, que nos assegurará a vida planetária. De que forma vai haver fome, se a mesma substância produz em todos o lugar uma farta vegetação e abundância de todos os produtos? Bem, admitamos até que ocorra a catástrofe! Restar-me-á apenas um passo para entrar em contato com os mundos vizinhos, para onde nos mudaremos; e depois... deixe que a

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

velhota Terra desmorone com todos os seus tolos escondidos, sua fé idiota e toda sua “velharia”, cuidadosamente escondida por eles em grutas e galerias subterrâneas.

Shelom endireitou-se, seus olhos brilhavam e todo ele respirava de orgulho desmedido e consciência de seu poder. Madim e aquela mulher, juntamente com algumas pessoas que se encontravam na sala, contemplavam-no deslumbrados e cheios de medo supersticioso.

- A propósito numa coisa voce está certo – prosseguiu Shelom. – Será bom desarmar o príncipe Supramati e torná-lo inofensivo. Esta será a sua tarefa, Iskhet. Voce tentará e seduzirá esse homem que não conseguirá resistir a seus encantos.

Arrepios perpassaram o corpo da jovem mulher, e ela, assustada, fechou-se dentro da capa vermelha que estava em seus ombros.

- Senhor, sua ordem é cruel! Aquele homem deve possuir um imenso poder, já que só a sua aproximação provoca o tremor nos nossos santuários. Como, então, voce quer que eu me aproxime dele?

Um sorriso gelado e implacável estampou-se no semblante de Shelom.

- Isso já é com voce. Para isso que voce é Iskhet Zenyumam. A propósito, vou lhe facilitar a tarefa e organizarei um banquete em que ele vai estar presente. Acredito ser o bastante para voce atraí-lo a seus braços. Amanhã vou visitar Supramati. Providencie para que tudo esteja pronto – disse ele, dirigindo-se a Madim.

No dia seguinte, encontramos Supramati com Nivara no laboratório anexo à sala. O mago estava pálido e pensativo, mas ao encontrar o olhar um tanto preocupado de Nivara sorriu-lhe.

- E assim, voce está preocupado com a futura visita de Sua Excelência, o czar da blasfêmia. Eu também não posso admitir que isso me traga prazer. Mas, como o encontro é inevitável, temos de nos acostumar a isso. Por enquanto, vamos aproveitar que estamos no laboratório e façamos alguns preparativos para recebê-lo.

Instruído por Supramati. Nivara acionou um grande aparelho elétrico que começou a soltar longos feixes de luz, envolvendo-os e formando uma espécie de retícula. Pouco tempo depois, tudo se dissipou.

- Bem-vindo agora! Animou-se Nivara, parando a máquina. – É uma pena que ainda não chegou a hora de mostrarmos a esse monstro diabólico com quem ele está lidando. Não é recomendável para um adepto ficar feliz com a desgraça alheia, mas eu

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

não consigo me afastar do sentimento de uma profunda satisfação só de pensar sobre o castigo eminente que desabarà sobre esse ser miserável.

Supramati balançou a cabeça.

- Aquilo que os aguarda é tão horrível que devemos ser condescendentes e misericordiosos.

Uma hora depois, o quarto foi percorrido de repente por uma rajada de vento gélido e, de fora, ouviu-se um barulho apenas perceptível, obviamente, aos iniciados.

- A nossa visita está chegando. Eu mandei que o levassem ao salão azul – disse Supramati levantando-se. – Venha comigo, Nivara, ele também está com o seu secretário Madim. O resto de seu séquito será detido por nossos amigos junto ao portão – acrescentou ele, ao ver que os espíritos dos elementos da natureza, por ele comandados, haviam-se reunido e circundaram-no para protegê-lo.

De fato, à entrada do palácio iniciou-se uma batalha – invisível, é claro, para os olhos dos mortais – dos espíritos dos elementos contra as larvas, vampiros e outros seres sórdidos do inferno que compunham a comitiva de Shelom. O exército do mago, entretanto, saiu-se vitorioso e nenhum dos impuros conseguiu penetrar no palácio. Para quem olhava de fora, a batalha entre as partes beligerantes traduziu-se na formação de nuvens negras que cobriram o céu, no ar pesado e no ribombar surdo dos trovões. Quando Supramati entrou, o Salão Azul, que dava para o jardim, estava envolto num lusco-fusco alvacentos, e, através de uma grande janela, podia-se ver como os raios riscavam o céu e um vento escaldante alçava colunas de poeira.

Shelom esta sozinho, parado no meio da sala. Uma convulsão nervosa desfigurava-lhe o rosto de lividez cadavérica. Madim, por certo, ficara atrás da porta, assim Nivara, por modéstia, também se retirou da sala.

Os dois poderosos adversários ficaram a sós e entreolharam-se medindo um o outro. Eles conheciam a importância das perturbações atmosféricas. O olhar de Supramati continuava tranqüilo e translúcido como antes, enquanto que nos olhos esverdeados de Shelom brilhava ódio e inveja, como se todo o inferno dos sentimentos caóticos espregueasse de sua alma obscura. Como se por encanto, seu olhar não podia se desgrudar da alta e esbelta figura do mago, que parecia fulgir em maio à luz azulada que se concentrava acima de sua cabeça em forma de aura radiante.

Para uma leve mesura de Supramati, Shelom retribuiu inclinando a cabeça bem abaixo do usual, diga-se de passagem. Naquele ambiente do palácio, a luz parecia

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

esmagá-lo como um peso de chumbo e um gélido tremor percorria seu corpo. Não se deram as mãos, visto que o costume já fora abolido há muito tempo. Essa prática estava em voga na época em que as leis do ocultismo eram praticamente ignoradas e ninguém tinha consciência do poder do contato direto de duas forças opostas. Os satanistas conheciam essa lei e evitavam estender a mão aos infiéis.

- Saúdo-o, príncipe Supramati! Eu vim oferecer-lhe a paz – começou Shelom, um minuto depois. – Eu sei que vocês e seus irmãos abandonaram seu refúgio no Himalaia para virem combater-me. É óbvio, também, que neste mundo só há lugar para um. A Terra, com as suas delícias e riquezas, é a minha área, e vocês, aqui, não têm o que fazer, pois o seu reino “não é deste mundo”. O enfrentamento será terrível, pois, como é de seu conhecimento, o meu poder é idêntico ao de vocês. Da mesma forma como vocês, eu governo os elementos da natureza, conheço os segredos da cura e legiões de espíritos me são submissos. Eu ressuscito os mortos e transformo pedras em ouro. Mas, antes de iniciarmos esse combate decisivo, eu lhe proponho um negócio vantajoso. Vocês querem salvar as almas? Tudo bem, tudo bem! Diga-me, em quantas almas você avalia a sua permanência aqui e eu lhes darei de bom grado. Quer cinco mil... dez mil... cinquenta mil... Só que as peguem e vão embora. Não fiquem no meu caminho.

- Sua proposta é brilhante, mas inaceitável, pois não posso pegar as almas simplesmente. Elas é que terão de vir até mim. Somente um combate poderá purificá-las e libertá-las por completo, quando então elas poderão optar pelo bem ou pelo mal.

Os olhos de Shelom faiscaram de ira.

- Eu sei com o que vocês estão contando: com a milagrosa força da essência original que vocês “imortais”, consideram como sua propriedade exclusiva. Bem, então vocês estão equivocados, pois eu descobri o que vocês escondem com tanto zelo e farei mais milagres que vocês, raposas, depositários indignos das tradições, que privaram as pessoas deste tesouro. Diante de seus olhos, pode se dizer, vieram a perecer inúmeras gerações humanas; contudo, vocês nem se moveram, enquanto eu tenho dado a qualquer um a oportunidade de gozar da dádiva preciosa, a vida. Vocês vaticinaram o fim eminente do mundo, cuja destruição nada poderá impedir? Aqui estou eu! – Shelom endireitou-se soberbo e continuou. – Eu deterei a decomposição do planeta e cobrirei a Terra com vegetação e a fertilidade será inesgotável; as pessoas sempre sadias e jovens,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

dotadas de vida planetária, gozarão de todas as benesses e me endeusarão como seu benfeitor.

- Olhe lá, Shelom Iezodot, para que o remédio não se verifique pior que a enfermidade. Tome cuidado para que em vez de imperar sobre as leis cósmicas, estabelecidas por Deus, estas não se voltem contra voce.

Ao ouvir o nome do Eterno, um tremor de repugnância desfigurou o rosto de Shelom e num ímpeto de fúria ele gritou:

- Eu só conheço um senhor, às leis do qual me submeto: o Satanás, meu pai! A última palavra ainda não foi dita, ninguém sabe se triunfará este ou aquele...

- Louco ignorante e cego! – censurou Supramati. – Embriagado por seu ódio e vícios, voce esquece que o próprio Satanás, seja ele o que for, é também filho de Deus. Nenhuma revolta, nenhum vitupério ou ódio poderá retirar dele a essência de seu Pai; ela permanecerá nele até o fim dos séculos, pois o que foi criado por Deus é indestrutível, E voce é um indigno rebento da Divindade. Sob o invólucro de sordidez, crimes e rebelião, lá, no fundo de seu ser, agita-se a chama que lhe deu a vida. E essa chama é sagrada, ela é o sopro do Eterno do seu e de meu Pai, e essa faísca sagrada voce não tem condições de macular nem destruir.

Enquanto Supramati falava, Shelom dobrou-se, tomado de tremor nervoso. Sua figura dava aversão, seu rosto estava desfigurado e uma sanguinolenta baba apareceu em seus lábios. A tempestade lá fora parecia aumentar. Nas rajadas de vento parecia ouvirem-se queixumes e gemidos. Não estaria o inferno chorando pela sua impotência na luta contra a luz celestial!...

Subitamente Shelom endireitou-se e com os punhos cerrados ameaçou Supramati, que continuava tranqüilo e diáfano como antes.

- Pare com suas exortações, eremita do Himalaia; eu não vim aqui para ouvir os seus sermões. Voce não quis a paz, então vamos à luta e veremos quem haverá de ceder. Testaremos as nossas forças diante do povo e ele que decida a quem deverá pertencer o reinado.

- Não tenho a menor intenção de governar o mundo agonizante, mas tampouco tenho razões para recusar o seu desafio. Apenas o advirto de que voce não está suficientemente armado contra a catástrofe que voce acha que tem condições de evitar. Voce diz que possui a essência primeva? Está bem. Mas voce não sabe como empregá-

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

la, sendo assim, tenha cuidado. Caso contrário, repito mais uma vez, o remédio poderá se tornar pior que a enfermidade – recomendou calmamente Supramati.

- Não me preocupo com isso, eu respondo por meus atos. Entretanto, se voce aceita o meu “desafio”, como voce o chama, aceite também o meu convite, príncipe Supramati, e venha à festa que estou organizando.

Um sorriso enigmático perpassou os lábios de Supramati.

- Se voce, Shelom Iezodot, não teme a minha presença em sua casa, irei sem falta.

- E voce irá sozinho, como eu vim até a sua?

- Voce não veio com seu secretário Madim? Eu o estou vendo tremer de frio atrás da porta. Assim, eu também irei co o meu secretário Nivara.

- O qual eu vejo cheio de empáfia atrás da outra porta – refutou em tom zombeteiro Shelom. – Agradeço pelo prometido, príncipe. Estarei aguardando-os na festa e sem qualquer enfrentamento, cedo-lhe de presente algumas centenas de almas que voces poderão salvar a bel-prazer em seus refúgios confortáveis.

- Agradeço. Voce é muito condescendente, mas eu não tenho hábito de receber nada sem esforço, nem mesmo almas criminosas. Só tem valor aquilo, que vem do trabalho.

Shelom soltou uma risada seca.

- Como quiser. Por ora, ordene que os elementos se acalmem e diga aos seus empregados para pararem de lutar contra os meus, para que eu possa sair do seu palácio livremente e sem embaraços.

Supramati virou-se para a janela e, levantando a mão, desenhou no ar alguns sinais fosforescentes. Quase no mesmo instante, ouviu-se um barulho ensurdecedor, as rajadas de um vento forte varreram as negras nuvens plúmbeas, o céu abriu-se, vindo de longe, uma música surpreendentemente suave, e, atrás da grande janela juntaram-se seres leves e transparentes que oscilavam feito fluidos ao sabor do vento.

Um sorriso de felicidade infinita iluminou as belas faces do mago, enquanto Shelom cabisbaixo, pálido como cadáver, saiu feito um furacão do palácio em companhia de Madim. Uma angústia estranha apoderou-se do coração do czar do mal, tolhendo-lhe a respiração. Um sentimento opressivo de ódio, amargura e inveja dilacerava-o. De onde aparecera tal sentimento? Será que se remexia, obrigando-o a sofrer na carne o amaldiçoado “aquilo”, oculto no fundo do meu ser – aquela herança

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

divina do Pai Celeste, que não poderia ser destruída, e constringia o triunfo de Satanás ao reter a ascensão das almas à luz?...

Mal notando a saída de Shelom, o olhar exaltado de Supramati fixou-se numa visão maravilhosa. Bem longe, numa ampla auréola dourada, ele viu o reflexo de seu querido dirigente. Ebramar, e inspirando prazerosamente os aromas da luz pura, que o iluminavam em cascatas douradas, ele sentiu o calor vivificante das poderosas correntes do bem que iam sendo arrebatadas por sua alma, e um sentimento indescritível de felicidade e gratidão apoderou-se dele:

- Oh! Que deleite é tomar consciência da força do bem e da detenção da harmonia das esferas! A luta, os sofrimentos e o labor através dos séculos são recompensados, por milhares de anos, por este único minuto de felicidade indescritível! Avante, avante, sem parar, em direção à luz.

Após a saída de Shelom, Nivara entrou devagarzinho e parou ao ver o mestre e amigo numa profunda concentração. Jamais Supramati lhe pareceu tão belo e encantador como naquele momento de despreendimento exaltado. Ao ouvir as palavras por ele murmuradas, Nivara ajoelhou-se e com lágrimas nos olhos encostou aos lábios as mãos do mago. Supramati estremeceu e pôs afavelmente a mão sobre a cabeça do discípulo.

- É Nivara, nós estamos felizes, e infinita é a misericórdia do Criador, que nos deu a dádiva de contemplar e alcançar grandes segredos da criação. Que destino glorioso promete pela frente esta força do bem, adquirida através de nosso trabalho. No início teremos muita luta, mas eu espero arrancar do inimigo bem mais do que um milhar de almas; em seguida, será dada a nós a oportunidade de pregar a palavra de Deus e nos lançaremos as bases das leis do Senhor em um novo mundo. Avante, Avante, Nivara! O caminho para a meta do conhecimento total é muito longo, mas nós já sentimos as nossas asas. Temos de nos submeter à grandeza do infinito e sermos inabaláveis na fé; estas asas nos levarão de um degrau para outro na escala da perfeição. Não é grande o nosso mundo, menos importante ainda são os nossos atos, mas Deus, em sua misericórdia, avalia somente as dimensões de nosso esforço, julgando-nos com amor e medindo a nossa força e os conhecimentos adquiridos.

Supramati calou-se, e ambos, muito emocionados, voltaram ao laboratório.

No dia seguinte, trabalhando com seu discípulo no gabinete, Supramati indagou-o, inesperadamente:

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Será que voce, Nivara, está suficientemente preparado para enfrentar a festa de Shelom? Lá seremos tentados de todas as formas.

- Oh! Nada temo em sua companhia e, fora isso, ainda teremos a ajuda de Ebramar! – respondeu intrépido Nivara. – Voce já não me disse inúmeras vezes, querido mestre, que com um archote na mão não se teme nenhuma escuridão, pois a luz revela todas as armadilhas e ilumina todos os sorvedouros? Graças a seus ensinamentos e ao meu esforço pessoal, os meus olhos espirituais se abriram. Eu vejo o invisível e ouço a harmonia das esferas; os odores contagiosos dos vícios e os sentimentos mundanos me são repulsivos. Poderei eu, depois de tudo isso, ser vulnerável às tentações torpes?

- Bravo Nivara! Eu percebo que os seus olhos estão abertos de fato e que voce será cuidadoso. Mas, meu amigo, nunca subestime o inimigo por mais insignificante que ele possa parecer; ele poderá se tornar perigoso no exato momento em que nos adormecermos, embalados pela convicção de nossa invulnerabilidade. O melhor é acreditar que a sua blindagem possua defeitos, ficando em alerta para que nenhuma flecha atinja o lugar desprotegido.

Ao perceber um leve rubor do jovem adepto, Supramati acrescentou afavelmente:

- Não há porque corar. Eu sei que voce sempre permaneceu firme e assim os era. E como, provavelmente, Shelom vai querer “descansar” após sua visita, antes de organizar o belo banquete e preparar todas as ciladas em nossa homenagem, eu acho que teremos tempo de visitar Dakhir com Narayana. Nós lhe contaremos a respeito do ocorrido e do convite de Shelom e aproveitaremos a oportunidade para ver ali que estratégia eles desenvolveram para as suas ações e como estão indo os preparativos.

Algumas horas depois, a nave espacial de Supramati levava-os em direção a antiga Moscou, pois Dakhir e Narayana optaram pela Rússia e suas circunvizinhanças para o campo de seu trabalho.

Voando à velocidade estonteante, em algumas horas já podiam divisar abaixo deles uma imensa planície russa. Sempre de aspecto uniforme, adquiria ela, agora, uma visão bem monótona e lamentável. Os imensos campos arenosos e estéreis eram puro deserto; as grandes e verdejantes florestas desapareceram e entre os poucos lugares de vegetação rala e baixa já não se viam os verdes ou azuis zimbórios das igrejas com crucifixos dourados que outrora animavam a vastidão campesina. Próximo à cidade, a

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

perder de vista, estendiam-se imensas estufas, nas quais agora se concentrava toda a agricultura; entretanto o quadro geral era indescritivelmente cadavérico e monótono.

- E aqui outrora era a “Santa Rússia” – lamentou Supramati, suspirando e lançando um olhar penalizado para a cidade que sobrevoavam.

- Sim – respondeu Nivara ao lamento do mestre -, os crucifixos e as cúpulas já há muito tempo foram retirados e tudo que lembrava a religião dos ancestrais foi eliminado impiedosamente. Já não se ouvem mais os sinos que chamavam os fiéis para o ofício divino; sob as velhas abóbadas já não se entoam mais os cânticos sagrados; todo e qualquer sentimento religioso acabou... Mas nenhum outro lugar choca tanto como este aqui, pois o povo russo era outrora animado por fé ardorosa e comovente.

- Eu sei. Já estive aqui com Ebramar e observei as surpreendentes filas de devotos que se concentravam em diferentes locais sagrados. Pobres, vestidos em farrapos, só com um vintém no bolso, quando muito, vinham esses romeiros dos confins do país, extenuados pelo longo caminho e famintos, mas cheios de tal fé que todo o cansaço e os infortúnios eram esquecidos tão logo eles caíam aos pés das relíquias sagradas ou do ícone milagroso; e quando, então, ao acenderem uma vela fininha ou ao segurarem um pão eucarístico, tudo era uma verdadeira festa. Como era pura e forte a oração que se elevava do coração dessa gente deserdada! E quantas graças foram por eles recebidas daqueles a quem iam pedir! Purificados e revigorados, partiam eles, de novo, em sua penosa romaria terrestre.

- Mestre, será que existe um castigo bastante severo para aqueles diabólicos devassos que por fraqueza, leviandade, ambição ou perversão arrancaram desse povo a fé que o sustentava, romperam seus elos com a Divindade e transformaram as boas e piedosas pessoas em bandidos e apóstatas.

- Sim, eles assumiram uma penosa responsabilidade. Não foi à toa que Jesus Cristo dizia: “Ai daquele que provocar a sedução”, referindo-se ao que aconteceria àquele “que seduzisse uma daquelas crianças” – observou Supramati. – Contudo, eu estou surpreso. Como pôde decair tão rápido um povo profundamente piedoso e, se defender, abandonar tudo aquilo que adorou e venerou por séculos?

- Foi como uma gangrena moral. No entanto, houve casos de resistência. Um de nossos irmãos, que aqui se encontrava durante a última revolução, contou-me como destruíram o mosteiro “Trindade de Sérguiv”. A indignação tomou conta de todos; as pessoas ficaram possuídas de demência sacrílega de ódio a Deus. Igrejas foram

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

profanadas e incendiadas, sacerdotes foram mortos aqui e ali. Junto à igreja de Iversk, ocorreu uma luta sangüinária. O príncipe de uma família centenária russa saiu com a espada na mão em defesa de um antigo santuário, mas foi morto e o seu sangue espirrou sobre um ícone; os cadáveres ficaram amontoados por toda a capela. Que fim levou o ícone... ninguém sabe. Naquela época o perigo rondava o mosteiro constantemente, assim como os ícones que lá estavam. Os mais ciosos, preparando-se para morrer, rezavam dia e noite junto ao sepulcro do santo. Em Moscou, entretantes, a violência passou dos limites, e o nosso irmão nos disse que o que lá aconteceu ultrapassou o inimaginável. É claro que os patifes decidiram acabar também com o mosteiro, ainda que para isso não tivessem fixado o dia. Não tiveram, porém, tempo de executarem o seu plano torpe.

Certa noite desencadeou-se lá um temporal sem precedentes; os raios provocavam incêndios de dimensões inéditas; o granizo matava gente e animais; o furacão arrancava árvores junto com as raízes, destelhava as casas, derrubava as torres; e para cúmulo das desgraças, os rios transbordaram. A tempestade bravejou por vinte e quatro horas; pereceram milhares de pessoas e muitos perderam o juízo de medo. Quando enfim, o temporal passou, a cidade de Moscou e as circunvizinhanças pareciam palco de guerra sangüinária. As pessoas e objetos de peso eram alçados por vento e arremessados, feito palha, a distâncias incríveis. O velho mosteiro também se transformou em ruínas. O temporal concentrou-se sobre ele e os raios incendiaram-no; do poço, cavado por São Sérguiy, jorrou uma água espumosa que, juntamente com outras águas desmoronaram e em seu lugar a água trouxe montanhas de areia, sendo tudo amontoadado com cadáveres de monges e moradores vizinhos. Que destino teve o sepulcro do santo? Ninguém sabe; mas a relíquia havia sumido. Presume-se que os monges a haviam retirado por caminhos secretos. Ninguém se atreveu a pesquisar, pois um medo supersticioso espantava as pessoas para longe do local.

Supramati ouviu em silêncio a narrativa de Nivara e depois sentenciou:

- Malucos! Que inferno deve ferver em suas almas por eles terem se lançado com tal encarniçamento sobre tudo que lhes podia lembrar Deus. Será que essa turba cega que cobre a funesta Terra com crimes e discórdia, condenando-a à morte, imagina que com este átomo planetário terminam os domínios do Criador?...

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



Capítulo XII

Estamos Chegando, mestre. Veja, esta é Moscou, e lá, onde paira uma nuvem esbranquiçada sobre o prédio, vivem os nossos amigos – explicou animadamente Nivara.

Minutos após, a nave espacial parou junto a uma pequena torre e, mal os viajantes pisaram na plataforma, ouviu-se da escadaria a sonora voz de Narayana. Ele exclamou alegremente:

- Eles chegaram! Mas que bela idéia que vocês tiveram de nos visitar!

E, com a sua costumeira impetuosidade, abraçou Supramati e Nivara. Atrás dele apareceu Dakhir, que também os cumprimentou carolosamente, e, após as boas-vindas, todos se dirigiram ao refeitório onde Narayana começou de imediato, a preparar uma refeição.

- Sabem onde vocês estão agora? – perguntou ele, colocando na mesa uma jarra de prata com vinho e uma enorme cesta de frutas. – Vocês estão dentro do antigo Kremlin, ou melhor, do que sobrou dele. Quando ele virou propriedade nacional, foi leiloada e certo Goldenbliuk comprou o Grande Palácio e o transformou em residência, mobiliada para pessoas ricas que pudessem pagar uma verdadeira fortuna. O neto dele é o nosso senhorio, e como sou um apreciador de bons objetos antigos aluguei toda a casa para mim e Dakhir. De modo que as salas, que abrigaram grandes imperadores, agora abrigam modestamente dois príncipes indianos, “missionários do fim do mundo” – concluiu Narayana, com o seu fértil humor.

- Prezados amigos, previno-os de que a refeição é frugal, pois os gêneros alimentícios já não possuem o sabor e a suculência de outrora; somente o vinho é bom. Ele provém de nossas antigas adegas, onde Narayana guarda as assim chamadas reservas “inesgotáveis” – acrescentou Dakhir, rindo.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- É verdade, tudo perdeu o sabor, como se a mãe-terra quisesse que tivéssemos nojo dela para não lamentar a sua perda. Para que serve o dinheiro, se este já não tem o mesmo valor? A natureza parece ter endoidado; as mudanças de temperatura são insuportáveis; ora o frio polar, ora o calor tropical; e tudo aos saltos, sem intervalos. A primavera e o outono praticamente deixaram de existir; a passagem do verão para o inverno acontece com incrível velocidade. Acrescente-se a isso terríveis furacões, terremotos e miasmas venenosos que surgem do mar ou da terra, sufocando as pessoas. No reino vegetal também está tudo invertido. As plantações em estufa ficaram tão ruins que se tentou voltar à jardinagem ao ar livre, mas estas tentativas não tiveram êxito; ou tudo congela ou tudo queima, ou, então é devorado pelos vermes. Assim, já tivemos que tomar um vinho com gosto de cera e comer frutas sem sumo ou gosto que lembrasse as árvores; resumindo, porcaria igual a esta.

E ele pegou da cesta uma fruta e, raivosamente, jogou-a num canto da sala. A maçã abriu-se revelando uma polpa seca e murcha. Todos riram do exaltado estado de espírito do incorrigível comilão.

- Pois é. O Céu tem enviado avisos à humanidade criminosa – observou Dakhir -, mas, infelizmente, está não quer entendê-lo e permanece surda ao clamor das forças cósmicas que perderam seu equilíbrio.

- A Terra inteira é um deserto – disse Narayana.

- Você se esquece de um cantinho da nossa Terra moribunda que permaneceu como estava – contestou Supramati. – A Índia, o berço da humanidade, onde certo dia pousaram “os imortais”, vindos de outro mundo em extinção, grandes legisladores e introdutores da primeira época de luzes. Lá, eles ensinaram o abecedário das grandes leis aos povos inexperientes, leis que sustentavam a ordem social e moral, abrindo sabiamente a estes povos tanta luz quanto estes estavam em condições de assimilar. Lá, o seu espírito parece proteger os lugares, onde moravam e onde construíram o arquivo do mundo. E a desordem atmosférica e os miasmas venenosos, todo, enfim, foi afastado dos lugares onde a vontade desses “grandes espíritos” arde como fogo eterno e age como um escudo protetor daquele fantástico reino. Jamais um simples mortal, um infiel, que pudesse contar com seus sacrilégios macular aqueles vales alegres, conseguiu se aproximar dos palácios dos magos; nenhum olho curioso conseguiu vulgarizar os abrigos dos sábios, onde a própria natureza respira harmonia. E somente o último e definitivo golpe é que vai abraçá-los em fogo, invariavelmente puros e castos.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Você está certo, Supramati. Nos nossos mágicos palácios indianos ainda se vive bem; mas aqui é horrível, parece estarmos sob o jugo de um pesadelo. Figo gelado só de ver os outros passando frio; as pessoas daqui são dignas de dó. Uns vivem em constante torpor de orgias e crimes; outros vagueiam como lúgubres misantropos, sem encontrar a paz, como se tivessem perdido algo, em conseguir achá-lo – suspirou Narayana.

- É verdade. Eles perderam e procuram por sua antiga fé, seu Deus e os santos protetores, tudo aquilo que alimentava a sua alma. E agora, fartos dos vícios, sem apoio moral e sentido que ao seu redor está acontecendo algo de anormal, ficam apavorados e o futuro lhes parece um sombrio abismo – observou Dakhir.

- E eu calculo que são exatamente esses misantropos que serão os mais fáceis de serem atraídos pela nossa pregação – acrescentou Narayana, animado com a bebida e colocando mais vinho nos copos das visitas.

A conversa animou-se e Supramati contou sobre o seu encontro com Shelom, lembrando o seu desafio e o convite para o armistício.

- Ah! Então ele já percebeu que você é perigoso! – exclamou Dakhir.

- Exato. E até tentou me subornar, oferecendo mil almas só para que fossemos embora, mas eu declinei da oferta – e Supramati desatou a rir. – Contudo, a segunda oferta, um nobre duelo, eu aceitei, e nós vamos medir as nossas forças ocultas. Ele afirma que tudo o que eu posso fazer com o poder puro, recebido de Deus, ele poderá fazer através do poder diabólico.

- Epa! Suponho que deve haver certa diferença entre esses dois poderes. E quando vai acontecer esse magnífico duelo de poderes mágicos? Espero que você permita a minha presença e a de Dakhir.

- sem dúvida. Eu faço questão da presença de ambos. Obviamente, reunir-se-á uma grande multidão e eu pretendo começar a conversão a partir desse duelo. Mas, quando isso vai acontecer, ainda não sei. Acredito que será após o famigerado banquete, durante o qual eles esperam me enfraquecer ou matar.

- Ah! Que piada! Mas, de qualquer maneira, tome cuidado. Supramati! Se dentro de você sobrou algo do velho Adão, a senhora Iskhet conseguirá despertá-lo – exclamou Narayana, soltando uma gargalhada.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- O caso é o seguinte – acrescentou ele modesto -, a minha queda pelo belo sexo ainda não se extinguiu totalmente. Por isso eu fiz um pequeno reconhecimento para dar uma olhada na amiga do “anticristo” e convenci-me de que ela é perigosa.

- Vamos torcer para que eu resista aos seus encantos e que o velho Adão continue a dormir nas profundezas do meu íntimo – argumentou Supramati sorrindo.

À tarde, quando os magos se reuniram para conversar nos aposentos de Dakhir, Supramati disse, respirando profundamente:

- Sinto que por aqui há uma igreja.

- seu nariz não o enganou. Aqui realmente existe uma pequena capela, cuja entrada foi camuflada por alguns dos fiéis, mas nós a encontramos e abrimos. A entrada está atrás daquele bar - concordou Narayana, rindo.

Ele empurrou para o lado o pesado bar e atrás do mesmo surgiu uma porta que dava para uma pequena capela, cheia de diversos objetos sagrados. Eles acenderam as velas e sua luz iluminou as faces severas dos antigos ícones. Os magos ajoelharam-se e rezaram com fervor. Quando saíram e recolocaram o bar no lugar, Narayana contou que aquela entrada tinha sido tão bem camuflada que um simples mortal jamais a teria achado.

- Em geral – aditou ele -, esta vergonhosa época pela qual a Terra está passando gerou muitos fatos curiosos do nosso ponto de vista, é claro. Por exemplo, a catástrofe com Petersburgo, de cujos detalhes eu soube aqui.

Ah! Conte, conte. Eu sabia que a antiga capital já não existia mais. Só não conhecia os detalhes e, mesmo Noivara, provavelmente, nada sabe sobre isso, pois nunca me falou a respeito.

- É um prazer – aquiesceu Narayana. – Antes de tudo, devo lembrar que aqui, como em todo lugar onde restaram fiéis, existem locais subterrâneos, onde esses se escondem. Eu e Dakhir obviamente estivemos lá e conhecemos certo ancião que me contou o que vou transmitir-lhes agora. A catástrofe aconteceu logo após a derrubada do grande mosteiro “Trindade de Sérguiy”. Mas, muitos anos antes, o clima de Petersburgo ia ficando cada vez mais rigoroso a cada ano. As geleiras polares se aproximaram tanto que o norte da Suécia, Noruega e Rússia se tornaram inabitável. Bem, em Petersburgo ainda dava para sobreviver, ainda que o verão se tornasse cada vez mais curto e o inverno mais prolongado e frio. Então, o espírito criativo da humanidade inventou um paliativo: quarteirões inteiros foram cobertos por campânulas de vidro e aquecidos com

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

eletricidade. Resumindo: a muito custo conseguiam sobreviver. Entretanto, os sacrílegos e todos os vícios que sempre os acompanham aumentavam mais rápido do que o frio; como o governo de então usurpava tudo dos governados, foi promulgada uma lei mandando fechar e vender em leilão todas as igrejas. Apesar disso, ainda restaram, principalmente entre o povo, pessoas que preservaram os velhos costumes e a antiga fé. Assim, uma turma de empreendedores trapaceiros adquiriu, por atacado, todos os templos e começou a vender assinaturas com o direito a visitar igrejas, assistir missas e comungar, e os sacerdotes contratados pela firma celebravam os ofícios religiosos. Diziam os empreendedores: - “Porque não aproveitar a ignorância do povo?” Mas como as assinaturas custavam muito, e grande número dos pobres não podia arcar com isso, a população começou a perder o hábito de ir as igrejas e, finalmente, a empresa faliu. A raiva desses espertalhões foi algo indescritível e, como eles tinham muita influência junto ao governo, conseguiram que o mesmo aprovasse um decreto que, vejam só, deveria acabar de vez com todos os “velhos e estúpidos preconceitos”. Com essa finalidade, foi ordenado que fosse juntado tudo que se relacionasse com a antiga fé e queimado em praça pública.

Esqueci de contar que antes disso, quando ainda se mantinha alguma fé, foram comprados os restos mortais de São Nicolau, que estavam à venda em Bari pelos italianos. Essa relíquia foi colocada numa igreja, especialmente construída perto da cidade... E então, essas relíquias, assim como todos os outros santuários, foram condenados à fogueira. O dia para esse auto-de-fé foi adiado até a primavera, devido ao inverno particularmente rigoroso. Pela última vez o povo se indignou e seu coração tremeu ao pensar que seria destruído tudo o que fora venerado por seus antepassados juntamente com as relíquias, milagrosamente preservadas, de seus benfeitores e protetores. Entre a população começaram a surgir protestos, mas como os insurgentes eram uma minoria, ninguém lhes deu ouvidos e o Céu parecia surdo e cego a todos aqueles crimes, blasfêmias e sacrilégios. E para acabar de vez com toda aquela agitação “absurda” e “incômoda”, decidiram apressar o “auto-de-fé”.

Entretanto, a primavera atrasou-se e depois de alguns dias quentes, que degelaram parte da crosta de gelo que acorrentava o mar, o frio voltou novamente. E certa vez, à noite, desabou uma terrível tempestade. Com ruídos que pareciam tiros de canhão, o gelo partia-se e o vento furioso empurrava sobre a cidade ondas e grandes pedaços de gelo. A cidade foi inundada com incrível rapidez, mas a desgraça ainda não

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

estava completa. Naquela mesma terrível noite, um golpe vulcânico levantou levemente o fundo do Lago Ládoca; a água transbordou e as agitadas e espumantes ondas varreram tudo em seu caminho, e, precipitando-se feito larva, alcançaram Petersburgo, inundando-a.

O que aconteceu foi indescritível. Morreram de imediato algumas centenas de milhares de pessoas e, quando a água baixou, o resto da cidade ficou coberto por uma crosta de gelo que não derretia. Aquele mesmo golpe vulcânico que transbordou o Lago Ládoca trouxe as geleiras polares que se deslocaram ao longo da costa da Suécia e fecharam o mar Báltico. Hoje em dia, em todas aquelas localidades, o clima é pior que o dos esquimós e Petersburgo representa um quadro “sui-generis” da cidade de Pompéia sob o gelo, pois, como contam, quarteirões inteiros permaneceram intactos, com seus palácios e grandes edifícios. Dizem que antes da catástrofe surgiram profetas místicos, que andavam pelas ruas e anunciavam que a criminalidade havia esgotado toda a paciência dos Céus e que os sacrílegos, que ousaram querer queimar todas as relíquias sagradas junto com os outros santuários, morreriam antes de conseguirem realizar seus intentos. Tentando convencer os fiéis abandonarem a cidade condenada, muitos deles foram chamados de loucos perigosos, sendo sumariamente assassinados. Mas em seu lugar vinham surgindo outros, e os fiéis, profundamente impressionados, deixaram a cidade, enquanto que os livres-pensadores e os satanistas ficaram e morreram todos. Mais tarde, quando os elementos da natureza se acalmaram, alguns dos fiéis visitaram o local do desastre e acharam algumas igrejas e casas ainda intactas. Como a perseguição à fé ficava cada vez mais insistente e feroz, eles resolveram estabelecer-se definitivamente naquele local inabitável, e lá, aos poucos, formou-se uma pequena comunidade que vive no antigo mosteiro de Neva. Os crentes reúnem-se lá para rezar, enquanto que os satanistas fugiram da cidade arrasada e, graças a isso, o pequeno rebanho de Cristo vive lá em paz e segurança.

Este relato interessou tanto a Supramati e aos amigos que eles resolveram partir no dia seguinte para visitar os destroços de Petersburgo.

À medida que se aproximavam da cidade morta, o frio aumentava e o quadro da desolação causava profunda tristeza. Desembarcaram perto do mosteiro de Neva, onde ainda se notavam traços da atividade humana; uma trilha polvilhada com areia levava ao templo, de cuja entrada havia sido tirado o gelo, e das chaminés das residências saíam pequenas fumaças. Na entrada do templo ardiam dois barris de piche e dentro dele

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

estavam acesos pequenos fornos móveis. Desta maneira, a temperatura interna, em comparação com a de fora, era suficientemente quente e agradável. O santuário estava bem limpo e os estragos feitos pela inundação foram sanados na medida do possível.

Junto ao túmulo intacto do santo havia algumas velas acesas e cerca de quinze homens e mulheres. Ao término da leitura do evangelho, eles começaram a cantar e os magos juntaram-se aos fiéis.

Quando acabaram as orações, os viajantes apresentaram-se e foram carinhosamente aceitos como irmãos e levados á residência para se aquecer e alimentar. Nos quartos, antigamente habitados pelo metropolitano, haviam se instalado algumas famílias. Os outros membros da comunidade acomodaram-se em outros prédios. Lá estava quente; no grande forno ardia uma chama vivaz e as anfitriãs serviram aos visitantes vinho quente, pão e um prato de arroz.

Após a refeição, a conversa animou-se e Supramati perguntou sobre o tamanho da comunidade e da dificuldade de se viver naquele deserto gelado, entre os destroços e morte. Um sorriso de satisfação iluminou os rostos dos anfitriões.

- Oh, não! – responderam a uma só voz. – Aqui é tão bom e calmo, longe dos cruéis sacrílegos. O trabalho e a prece não deixam perceber o tempo passar e, além disso, temos naves espaciais que usamos para buscar provisões, combustível e outras coisas. E o frio, na verdade, ainda é suportável. Os que chegam para cá de outras cidades sentem muito frio, e alguns congelam de vez, por isso quase todos fogem daqui. Nós e os outros moradores não sofremos com o frio e estamos bem. Ninguém nos proíbe de celebrar ofícios; foi preservado um santuário, o qual veneramos, e gostamos de isolamento. Desistimos da vida mundana e nos consideramos mais felizes do que todos os milionários com seus palácios.

- Mas há previsões de uma grande fome, Como vocês irão sobreviver? – Questionou Dakhir curioso.

- A chama do Senhor arde dentro de nós e vai nos apoiar– replicou inabalável fé um dos anciãos.

Depois desta conversa os magos deliberaram entre si e, em seguida, Supramati perguntou se junto aos limites da comunidade não haveria algum jardim ou pedaço de terra qualquer que tivesse sido antes um jardim ou uma horta.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Como não? Restou ainda um lugar que foi o jardim do metropolitano, e mais além, atrás do mosteiro, havia antes algumas hortas, mas todas estão cobertas de gelo e neve.

A pedido dos visitantes, os magos foram levados para aquele local e os membros da comunidade viram-nos colocando em baldes com água o conteúdo de pequenos frascos que traziam consigo, regando copiosamente o solo. A seguir, os magos despediram-se dos hospitaleiros anfitriões, pretendendo na volta visitar a cidade morta.

A nave espacial passava em silêncio ao longo da rua que fora outrora a principal artéria da antiga capital. A visão era sombria e desoladora.

Em alguns lugares, o lixo e os destroços das casas desmoronadas acumulavam-se nas ruas, deixando-as intransitáveis. Outros prédios estavam destelhados e pareciam balançar; mas também havia esqueletos ou corpos aparentemente intactos, que pareciam fazer caretas sob a camada de gelo. Onde quer que fosse o quadro era quase o mesmo; os magos dirigiram sua nave para cima e, profundamente abalados, deixaram a cidade criminosa pela “ira divina”.

Uma agradável surpresa aguardava os ermitões da Pompéia glacial. À noite, após a despedida dos magos, a neve e o gelo que cobriam o jardim e as hortas, desapareceram sem deixar vestígios. Após alguns dias, começou a brotar uma farta e fresca vegetação e algumas semanas depois as árvores reviveram, esticando ao céu seus ramos viçosos, cobrindo-se em seguida com frutos. Por todo o lugar desabrocharam flores e nas hortas amadureciam legumes. Esse cantinho do paraíso vicejava, florescia e exalava aromas agradáveis apesar dos ventos gelados e do deserto glacial em sua volta. Sem acreditar no que viam, os habitantes deliciavam-se com a visão do milagre e, por dentro, começaram a acreditar que foram visitados por santos, ou talvez anjos, enviados do alto para diminuir seu fardo e recompensá-los pela fé em Deus.

A visita à cidade morta causou nos magos uma profunda impressão. Antes de deixar Moscou, Supramati desejou visitar as cavernas subterrâneas, onde se escondiam os fiéis. Certa noite, eles desceram até as galerias subterrâneas que se encontravam sob um dos antigos mosteiros. A população ali era pequena, porém diferente. Numa pequena capela estava sendo celebrada a missa da tarde, oficiada com seriedade e concentração por alguns velhos sacerdotes em trajes brancos. Debilitados pelo jejum e pela vida de ascetismo, seus rostos eram de palidez transparente e os olhos do mago captaram uma luz azulada que emanava deles e uma fulgente aura que envolvia suas

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

cabeças. Absorvida pela profunda prece, a multidão de fiéis ajoelhados também transpirava radiações puras, que como nuvem dourada, pairavam sob a abóbada. Todas as pessoas ali reunidas eram de “outro mundo”; suas almas abriam caminho para o Céu, no qual eles acreditavam. Os magos e Nivara ficaram de joelhos, fundindo-se em uma única prece com os fiéis e seus olhos vagavam perturbadamente por este abrigo de fé banida. Ao longo das paredes estavam os túmulos dos santos e cada um deles parecia um lume emitindo feixes de luz dourada.

No momento solene, quando o sacerdote saiu do altar trazendo a eucaristia, um profundo silêncio apoderou-se do ambiente. Subitamente, a caverna iluminou-se com uma fantástica luz e sob a abóbada soou um canto celestial – um poderoso cântico de fé – e no ar pairavam imagens claras e transparentes como uma névoa alva. Nesse instante, sobre o cálice envolto em feixes de luz ofuscante surgiu a cabeça de Cristo com a coroa de espinhos. O rosto Divino possuía uma expressão de profunda tristeza. Instantes depois, a visão começou a desvanecer-se e somente o cálice continuava a arder uma chama dourada que desapareceu em seguida para o interior do sagrado recipiente.

Uma fervorosa prece de agradecimento elevou-se dos corações dos magos e dos presentes; todos se sentiam felizes como nunca, por ainda restarem lugares na Terra onde o Senhor revelava a sua misericórdia e onde ainda não havia se rompido o contato entre o Criador e sua obra. Após a missa, os magos conheceram os fiéis e visitaram a cidade subterrânea. Narayana apresentou a Supramati o ancião, citado anteriormente, o qual convidou o mago à sua cela – um minúsculo quarto com uma mesa, cadeira, cama e uma imagem da Mãe de Deus.

Oferecendo ao visitante a única cadeira, ele começou a indagar de Supramati sobre o que estava acontecendo no mundo do qual ele se afastara totalmente. A aproximação do fim do mundo não o surpreendeu nem um pouco, e ele, por sua vez, contou que em Moscou aconteciam coisas estranhas, que indicavam que o Céu estava finalmente farto dos delitos praticados na terra pela humanidade decadente. Assim, um de seus parentes, que vivia na cidade, contou-lhe que na data em que outrora se comemorava a Páscoa, os demônios ficavam totalmente alucinados e entre os satanistas aconteciam muitos assassinatos suspeitos e casos de mortes repentinas. Alguns diziam que na noite de Páscoa ouviam-se gritos, lamentos e urros nos templos satânicos, e pelas ruas corriam manadas de asquerosos animais. Enquanto que nas antigas igrejas, ao contrário, ouvia-se o som de sinos que não mais existiam, sob as abóbadas soavam

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

cânticos, louvando a Ressurreição de Cristo, e do céu caíam milhares de fagulhas. Durante aqueles fenômenos celestiais, os satanistas ficavam completamente atordoados, escondiam-se e sofriam convulsões.

No dia seguinte, após a visita à cidade subterrânea, Supramati viajou, instruindo Dakhir e Narayana a visitá-lo após o banquete com Shelom.

- Vocês com certeza, encontrarão, na casa muitas coisas interessantes, pois a bela Iskhet pretende seduzir-me – brincou ele.

- Ainda bem que Olga nada sabe sobre as pretensões de tão perigosa concorrente. Isto poderia estragar toda a sua provação – observou maliciosamente Narayana.

Todos riram e, após apertarem de novo as mãos, separaram-se.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO XIII

Alguns dias após sua volta a Czargrado, Supramati recebeu o convite para ir, junto com Nivara, ao banquete no palácio de Shelom. O convite foi trazido pelo próprio Madim. No entanto, dessa vez o satanista não estava com aquele seu usual ar de autoconfiança: estava pálido e seu olhar casmurro denotava medo, desconfiança e ódio contido. Supramati recebeu-o amigavelmente e prometeu ir. No dia do banquete, bem antes da hora de saída à casa de Shelom, Supramati chamou Nivara ao laboratório e ambos tomaram um banho elétrico usual. A seguir, o mago abriu um baú metálico e colocou sobre a mesa diversos objetos retirados.

- Hoje vamos precisar de uma toailete bem especial – disse ele sorrindo e estendendo a Nivara uma malha azul fosforescente que o outro se apressou a vestir.

O tecido fino e extraordinariamente fofo aderiu-se ao seu corpo e, para surpresa de Nivara, parecia irradiar para o corpo um calor. Nas costas, no peito e também nos flancos havia inscrições a ouro de sinais cabalísticos e fórmulas. Por cima dessa malha Nivara vestiu um festivo traje azul comum, com cinto de prata, sobre o qual colocou um paletó de veludo, também azul, sem mangas, bordado a prata.

- Não se esqueça do bastão mágico e esconda no cinto este punhal; ele poderá ser útil. Esteja pronto para tudo, Nivara. E cuidado, porque tentarão nos liquidar por todos os meios: veneno, serpentes, prisão e vai se saber... Mas tudo isso não levará a nada. Pegue mais este anel mágico que poderá iluminar a mais escura das celas e abrir qualquer fechadura, por mais complexa que seja. Certamente voce sabe usá-lo.

- Sim mestre. Mas o que me intriga é como esse tal de Shelom, detentor de poder tão infernal, pode ignorar que nem veneno nem animal conseguem matar um “imortal”.

- Voce tem razão. Apesar do se grande poder maléfico, ele pouco sabe sobre o bem. O segredo da essência primitiva está cuidadosamente guardado e apesar de que ser desvendado, ele não conhece todas as propriedades e métodos de utilização dessa

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

substância misteriosa. De qualquer modo, se ele não tem esperança de me matar, então calcula me enfraquecer com o veneno ou através de tentação.

Enquanto conversavam, Supramati vestiu uma finíssima e brumosa malha que brilhava como se fosse urdida de diamantes, refletindo todas as cores do arco-íris. Nas costas, nos quadris e também nos braços e pernas, viam-se fórmulas e sinais cabalísticos flamejantes. No peito, bem no centro da estrela de mago, o cálice dos cavaleiros do Graal parecia arder encimado por uma cruz. A estranha vestimenta aderiu tão bem ao esguio corpo do mago quanto uma segunda pele. A seguir ele postou-se no centro de um grande e circular disco metálico, desenhado com sinais cabalísticos, e Nivara ajoelhou-se aos seus pés. Supramati traçou um círculo com a espada mágica, reverenciou todos os quatro lados e desenhou no ar símbolos luminescentes com a espada, recitando fórmulas para invocar os espíritos dos elementos. As ervas colocadas em três tripodes junto ao disco incendiaram-se subitamente e, por um instante, o laboratório encheu-se de fogo e fumaça. A cada movimento da espada aparecia uma multidão de seres nevoentos, de cores violeta, vermelha, esverdeada e azulada. Seus corpos não possuíam contornos definidos; viam-se nitidamente apenas as cabeças, os olhos brilhavam denotando inteligência e grande poder. Eles ficaram em volta do mago, formando quatro círculos concêntricos, parecendo anéis. Abaixo de todos estavam os de cor violeta, depois os esverdeados, seguindo-se os vermelhos e finalmente os espíritos aéreos azulados.

- Espíritos dos elementos sob meu comando, ordeno-lhes que me cerquem e me protejam, assim como meu discípulo – proferiu autoritariamente Supramati.

Ouviu-se um surdo ruído, como o do farfalhar das folhas das árvores, e as figuras nebulosas empalideceram e se derreteram no ar.

- Agora a nossa nobre guarda foi avisada e não nos abandonará – afirmou o mago, saindo do disco e prosseguindo com sua toalete.

Ele estava de branco. Vestia uma malha com um largo cinto de prata, incrustado de diamantes, um, sobretudo de veludo prateado, sem mangas, com abas bordadas com diamantes e uma gravata de uma espécie de renda que já não existia mais.

- Meu Deus! Como voce está bonito, mestre! – Admirou-se Nivara, fitando-o.

Supramati assentava o cabelo diante do espelho e não conseguiu conter o riso:

- Não se apaixone por mim no lugar da madame Iskhet. A visão de dois adeptos apaixonados seria mais curiosa do que o banquete de Shelom – gracejou ele,

A MORTE DO PLANETA J. W. ROCHESTER

continuando: - E agora, para concluirmos os preparativos, só nos resta beber a essência que irá decuplicar as nossas forças físicas e astrais.

Supramati tirou do armário uma caixa entalhada contendo dois frascos, um vermelho e outro azul, e duas taças, uma de prata e outra de ouro. Encheu a taça de prata com o conteúdo do frasco vermelho: um líquido vermelho, denso, fumegante e parecido com sangue fresco.

- Esta é para voce – e ofereceu a taça a Nivara que a esvaziou de um único gole.
– E esta é para mim. Encheu a outra taça com um líquido azulado e fosforescente.

- Ufa! Agora estou me sentindo capaz de arrancar um carvalho com raiz e tudo!
– exclamou Nivara, inspirando o ar profundamente.

- Em vez do carvalho, teste a sua força nisto – propôs Supramati, dando-lhe uma barra de ferro que retirou do canto da sala.

Sem nenhum esforço aparente, Nivara transformou-a numa espiral e comentou todo satisfeito.

- É nada mau, mas eu teria maior prazer em fazer uma espiral do próprio Shelom.

* * *

O palácio de Shelom estava magicamente iluminado. A grande praça frontal e as ruas adjacentes estavam apinhadas de gente que aguardava a chegada do príncipe indiano. O hall imenso, bem iluminado, também estava repleto de pessoas bem vestidas e curiosas. Com a aproximação do mago, a multidão abriu-se e, tomada de uma sensação incômoda, recuou instintivamente.

Supramati subiu calmo e altivo a larga escada coberta por uma passadeira e cercada de estátuas de sátiros e demônios. De repente, um bonito diabinho de mármore negro que, provavelmente, não estava bem apoiado no suporte, rolou escada abaixo e feriu alguns satanistas que se juntaram num grupo e cochichavam, acompanhando os adeptos com o olhar malévolos. Na entrada do grande salão, Shelom saudou o mago com mesura:

- Estávamos à sua espera, príncipe. Todos os convidados já chegaram – disse, respeitosamente, convidando-o a entrar e conduzindo-o diretamente a um patamar de alguns degraus no fundo da sala.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Lá estavam três poltronas douradas; no encosto de duas delas havia cabeças de bode, com olhos de rubi, que brilhavam como se tivessem vida, e na poltrona do meio, havia um pentagrama invertido. Junto a uma das poltronas estava Iskhet, e seus grandes e negros olhos examinavam a esguia figura branca do mago que se aproximava.

A estranha vestimenta da jovem mulher caia-lhe admiravelmente bem. Em lugar da malha, tão em moda naquele tempo, Iskhet vestia uma espécie de saia com pérolas negras e rubis, a qual descia até os pés, terminando numa larga franja confeccionada com as mesmas pedras. A cintura, fina e esguia, era cingida por um largo cinto cunhado a ouro e enfeitado de diamantes; do cinto saía um semi-corpete de gaze púrpura, recortado em forma de lua crescente, que descobria os seis levemente encobertos por pingentes de diamantes. No pescoço brilhava um colar de vários fios que descia em ângulo pelo centro do colo e juntava-se com o corpete. Os vastos cabelos de Iskhet estavam soltos e envolviam-na como uma capa de seda negro-azulada. Uma fina argola de ouro juntava as mechas rebeldes e sobre a testa destacava-se um pequeno morcego com as asas abertas – um milagre da arte mundial; o corpinho e as asas do morcego eram feitos de diamantes negros, pérolas cinza e filigranas, e os olhos – de rubis. A beleza demoníaca da jovem mulher, indubitavelmente, nunca esteve tão ofuscante – era a real encarnação da volúpia em sua forma mais sedutora. Quando Supramati a cumprimentou respeitosamente, seus olhos negros como a noite, brilharam num fogo abrasador e ela com um sorriso encantador acenou-lhes com a cabeça.

Supramati sentou-se e começou a examinar o salão, cuja mobília, iluminação e os magníficos e pesados cortinados, bordados a ouro, formavam um ambiente estranho e mágico. Em compensação, a multidão que ali se juntou, pela expressão bestificada dos rostos, indecência geral da raça decadente e inédita imoralidade das vestimentas, parecia repelente ao mago. Perto dele sentaram-se Nivara e Madim.

Ao sinal de Shelom teve início o primeiro número do espetáculo. Ouviu-se um canto estranho e selvagem e de duas entradas laterais apareceram grupos de dançarinos. Todos estavam nus, enfeitados somente por colares, cintos e diademas de pedras preciosas; as mulheres usavam largas echarpes de gaze e os homens seguravam leques de seda. A luxúria da dança que executavam estava além de qualquer imaginação. Um tremor de asco passou pelo corpo de Supramati, mas a sua vizinha causava-lhe uma sensação de dor ainda maior. Dizem que os opostos se atraem e neste caso, com em confirmação deste paradoxo, o máximo de virtude atraía o máximo de voluptuosidade.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Sem prestar atenção ao espetáculo, Iskhet devorava com os olhos o rosto tranqüilo e belo do mago e o seu perfume leve e suave embriagava-o. Ela sentia que jamais havia encontrado um ser tão atraente e, em comparação com ele, Shelom parecia repelente e sujo. Ela já não necessitava de nenhuma ordem para fazer uso de sua arte diabólica para seduzir aquele homem que lhe agradava como ninguém; o seu porte despertava nela todos os desejos impuros.

Supramati percebia a desordenada influência da tempestade de sentimentos animalescos que se desencadeava a seu lado, mas a límpida serenidade de seu rosto não revelava os seus pensamentos. Para ele era até divertido observar o temor de Iskhet, tentando esconder de Shelom a comparação que fazia entre ambos, receando, provavelmente, algum impiedoso castigo como consequência. O olhar soturno do terrível anfitrião passava por ele, tentando adivinhar a impressão que o convidado tinha do espetáculo e dos olhares ardentes da vizinha. As danças exaltaram os ânimos dos convidados; sussurros apaixonados, risos e gritos histéricos soavam de diferentes partes do salão, os rostos enrubesceram e os olhos brilharam.

Quando os dançarinos saíram, diante do patamar foi estendido um grande tapete e entrou um homem de meia-idade, vestido de negro, tendo sobre a cabeça um lenço comprido em forma de turbante. Parando no centro do tapete, dois homens colocaram diante dele um instrumento parecido com uma harpa de diferente fabricação. Ele começou a tocar, acompanhando uma estranha canção, com modulações vibrantes e estridentes como silvos cortando o ar. Aos poucos, tudo ficou envolto por uma névoa avermelhada. De chofre, ouviu-se um silvo, acompanhado de um estalido e, de todos os lados, surgiram serpentes de diferentes tamanhos, arrastando-se entre as fileiras dos convidados assustados. Mas as víboras não prestavam nenhuma atenção à confusão formada, dirigindo-se direto para o tapete, onde cercaram o músico e, levantando-se sobre a cauda, começaram uma característica e terrível dança; seus olhos brilhavam com luz fosforescente e das bocas abertas gotejava uma espuma esverdeada. A excitação dos répteis era excessiva, mas o vapor que pairava no ar condensou-se rapidamente e despejou sobre o tapete outra quantidade numerosa de cobras. As que apareceram primeiro, ao verem as recém-chegadas, enfureceram-se e atacaram-nas. Os corpos delgados enroscavam-se, suas línguas pontiagudas surgia e desapareciam. Nesse instante, aconteceu algo horripilante. As cabeças das cobras que apareceram do ar transformaram-se em cabeças humanas e começaram a assobiar a melodia dilacerante

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

que se fundia com o assobio estridente das cobras terrenas. A seguir alguns homens arrastaram até lá um rapaz e uma moça aterrorizados, jogando-os no monte de víboras. Os répteis se desenroscaram rapidamente e atacaram as presas ofertadas.

Neste momento, Supramati levantou a mão. Do seu anel mágico ao virar a pedra para cima, saíram feixes de fagulhas; e encantamentos curtos pronunciados com voz sonora, encobriram o ruído existente no salão. As víboras caíram por terra como se fulminadas por um raio, ficando imobilizadas por alguns instantes; ato contínuo, as duas espécies de répteis partiram em ataque ao estupefato feiticeiro, derrubaram-no e começaram a sugar-lhe o sangue; ao contrário das cobras terrenas, que se arrastaram para fora do tapete e se dirigiram para Supramati. À frente vinha uma enorme serpente de escamas esverdeada que, ao aproximar-se do patamar, se empinou sobre a cauda e colocou aos pés do mago uma reluzente pedra azulada que trazia na boca. Este fez com a mão um gesto amigável e, à meia-voz, pronunciou algumas palavras estranhas, aparentemente entendidas pelo animal que começou a se arrastar de volta, dando um assobio estrídulo. As outras cobras, como se estivessem obedecendo a este sinal, voltaram e dispersando-se para todos os lados, desapareceram. Neste ínterim, sobre o tapete surgiu um redemoinho de fumaça. Em seguida, um surdo ruído de vento ouviu-se no salão e tudo silenciou. No chão estava caído o cadáver do feiticeiro e as suas duas vítimas haviam desaparecido.

Tudo isso, que levaria muito tempo para descrever, aconteceu em poucos minutos e toda a massa de convidados emudeceu apavorada. O próprio anfitrião estava atônito e se sufocava de ódio; somente Iskhet olhava para Supramati com apaixonada admiração.

- Não fica bem, príncipe, alterar a ordem da casa de outrem com truques fora da programação – pronunciou Shelom, com voz rouca, um minuto após, com os olhos brilhando raivosamente.

- Desculpe, senhor Shelom, eu não me permitiria interromper isso, e todos os participantes do espetáculo fossem seus súditos; mas considero minha obrigação defender os membros do meu rebanho sempre e em qualquer lugar – refutou Supramati com a sua soberba tranqüilidade.

Shelom mordeu os lábios, mas, dominando-se, retrucou com desprezo:

- Sob este ponto de vista, voce tem razão, e por isso, príncipe, vamos continuar com a programação da festividade e ouvir o concerto que preparei em sua homenagem.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Enquanto dialogavam, o tapete e o cadáver tinham sido rapidamente removidos e o lugar foi ocupado por uma orquestra de sessenta músicos e vinte cantores. Os músicos traziam violinos, violoncelos e algumas flautas; todos eram repugnantes e seus rostos traziam as marcas de todos os vícios e paixões animais.

- Você está vendo diante de si uma orquestra arcaica, já que semelhantes instrumentos foram há muito tempo descartados pela nossa arte musical. Mas como vocês “imortais” contam os séculos como as pessoas contam os anos, pensei em agradá-los com um concerto à moda antiga – revelou Shelom e o seu frio e irônico olhar fixou-se nos olhos azuis do mago.

Este em sinal de concordância anuiu somente com um aceno de cabeça, pois, naquele momento, os cantores entoaram uma canção bacante, ao final da qual a orquestra iniciou a sua música realmente infernal. Soube-se que as cordas dos instrumentos foram feitas de intestinos humanos, mais exatamente de mulheres e crianças torturadas com a máxima crueldade até à morte. Até mesmo a inabalável e blindada alma de Supramati estremeceu ao ouvir os sons e deparar com a visão espiritual que se abriu diante dele. Lá, entre nuvens de névoa avermelhada, giravam em remoinho os corpos esguios das larvas e diversas criaturas, com olhos cobiçosos e lábios sangrentos, e, no meio deles, em impotente indignação, contorciam-se os corpos das vítimas martirizadas. A música infernal continuava, os sons gemiam, berravam e choravam. Nessas terríveis, mas expressivas melodias – executadas sem dúvida, por grandes artistas – ouvia-se toda a gama de sofrimentos humanos, desde a furiosa blasfêmia até o soturno desespero do impasse. Nivara tingiu-se de uma palidez cadavérica, da sua testa escorria suor e até o límpido e sereno olhar de Supramati ficou sombrio. Realmente, tudo o que estava acontecendo ficava cada vez mais repulsivo e revoltante. Os animais-servos serviram aos convidados taças cheias de sangue fresco. Também Shelom e Iskhet esvaziaram prazerosamente as taças com a bebida medonha, inspirando gulosamente os miasmas contaminados que enchiam o ar, e deixando-se penetrar pelos embriagantes aromas destinados a excitar os sentimentos eróticos. No salão, começou então a elevar-se um vapor avermelhado.

A manada humana, reunida naquele palácio, então enlouqueceu e o que ocorreu em seguida no meio dos presentes – foi indescritível... Os olhos ardentes de desejo animalesco também estavam voltados para o patamar. Supramati provocava desejos luxuriosos e os seres decadentes, que se sujeitavam a todas as formas de lascívia, não

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

entendiam como podia ele ficar impassível entre tantas tentações da carne – um homem bonito e além do mais jovem, a encarnação da força viril e de exuberante saúde. Também causava surpresa o fato de Iskhet e Shelom, que habitualmente participavam de todos os eventos da orgia, permaneciam apenas como espectadores. Mas para aquela turba, que ansiava por sangue e devassidão, não havia nenhum freio e, logo, um grupo de mulheres – sempre mais sequiosas tanto para o mal, como para o bem – abriu caminho até o patamar e, após um instante de hesitação, começou a galgar seus degraus com habilidade felina. Pouco havia de humano nos seus rostos inflamados, olhos ardentes e respiração ofegante. Uma das bacantes caiu como uma flecha aos pés de Shelom, começando a beijar seus joelhos, e outra se pôs a abraçá-lo.

Respirando com dificuldade nesta densa e contagiosa atmosfera e estremecendo de aversão, Supramati afundou-se na poltrona, olhando para o chão. As outras devassas já estavam prontas para se atirarem sobre ele, mas Iskhet levantou-se de um pulo, em sua mão surgiu um estilete e ela desferiu um golpe no peito de uma das mulheres, o que fez as outras debandarem. Sem dar qualquer atenção à sua vítima caída, esvaindo-se em sangue, Iskhet correu para Supramati, fora de si de paixão e ciúmes, enroscou-se nele como uma cobra e tentou encostar seus lábios nos dele. O mago não se moveu, mas, no mesmo instante, Iskhet foi repelida, parecendo ter sido atingida por um choque elétrico, caindo desfalecida nos degraus. Shelom levantou-se e proferindo repulsivos palavrões afastou violentamente as duas mulheres como se fossem cobras. Depois, debruçando-se sobre Iskhet, levou ao seu nariz um frasco que tirou do cinto. Com o rosto marmóreo, traços de camafeu e formas maravilhosas, ela parecia uma fantástica estátua.

Alguns minutos depois, ela começou a se mexer e gemeu baixinho. Shelom fez um sinal e algumas mulheres a levaram embora.

Houve um silêncio momentâneo. Sombrio, como uma nuvem de tempestade, Shelom ficou pensativo, apertando com a mão trêmula o cabo do punhal em seu cinto. No salão, a orgia continuava excitada pelos violinos da orquestra infernal.

Supramati procurou Nivara com os olhos e percebeu que ele mal conseguia se livrar das mulheres e homens que o cercavam, tentando obrigá-lo a beber uma taça de sangue e participar da orgia. Supramati concentrou-se; um raio de luz brilhou de seus olhos qual um foguete e voou em socorro do fiel discípulo, derrubando as pessoas semi-animalescas que assolavam Nivara. Shelom estremeceu de ódio e, se Supramati não

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

fosse “imortal e mago”, o olhar abrasador que lhe foi dirigido o teria derrubado mortalmente. Um instante após, Shelom levantou-se e avaliou, com voz rouca.

- Estou percebendo, príncipe, que a sua presença está perturbando a diversão dos meus convidados e, portanto, proponho que me acompanhe até a sala vizinha, onde poderemos conversar à vontade.

Supramati se levantou sem contestar. Eles passaram pelo meio da turba exasperada e entraram numa pequena sala preparada, aparentemente, para um jantar íntimo, pois a mesa estava posta somente para dez pessoas, mas com requinte de realeza: os pequenos bufês estavam cheios de frutas, doces e vinhos. Pelas amplas e entalhadas arcadas, via-se uma série de quartos com mesas postas para banquete com o qual deveria ser encerrada a festa, após o sacrifício a Satanás. Shelom levou Supramati até a poltrona, sentou-se em frente e estendeu-lhe uma travessa com carne assada.

- Agradeço – recusou Supramati -, não se esforce em regalar-me, Shelom. Os lábios de um mago não podem tocar o seu alimento impuro, assim como seus olhos não podem admirar a horrível orgia que voce preparou para mim. Eu poderia parar este espetáculo infame e destruir os seres imprestáveis que voce chama de convidados, mas não quero usar armas contra voce em sua própria casa. Além do mais, ainda não chegou a hora de nossa batalha. Aliás, não destrua Iskhet, sua horrível companheira; as tentativas dela de me possuir são inúteis e voce deveria saber que os voluptuosos e picantes atrativos femininos já não tem poder sobre mim. Eu só posso amar a beleza espiritual.

Shelom mediu-o com o olhar sombrio.

- Voce é um homem de carne e osso e as coisas humanas não lhe são alheias; voce deve sentir todas as fraquezas humanas. Como a beleza e o amor são impotentes diante de voce, se o seu sempre jovem organismo está cheio de vida e forças?...

Neste instante, chegou Madim trazendo numa pequena travessa uma taça de vinho que foi oferecida a Supramati. Este pegou a taça, mas, quando a colocou na mesa, o líquido começou a soltar fumaça, incendiou-se e queimou em chamas coloridas.

- Serviram-me veneno; portanto, prezado anfitrião, permita-me responder-lhe com as próprias palavras que acabou de proferir: “não fica bem oferecer veneno a um convidado e a tentativa de assassinato não constava do programa de seu convite”.

Shelom rugiu de fúria e seu rosto contorceu-se num espasmo. Instantaneamente, ouviu-se um leve ruído e a poltrona de Supramati começou a cair com velocidade

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

estonteante, deixando-o surpreso, pois não sabia se caía num abismo ou num poço. Quando a queda parou, Supramati deu-se conta de que estava numa ampla sala circular, fracamente iluminada por lâmpadas vermelhas. Mal ele se levantou da poltrona e esta voou celeremente de volta para cima. Ele não deu importância ao fato e examinou o ambiente.

No meio da sala havia somente um sofá, uma poltrona e uma mesa sobre a qual estava colocada uma grande bacia de prata com sangue; nas paredes, em doze nichos apareciam estátuas de demônios em poses indecorosas, enquanto que nos suportes queimavam ervas, exalando um odor cáustico e pesado que provocava um frenesi erótico. Por todos os cantos, viam-se caras repelentes de larvas materializadas, lisas, inchadas de sangue consumido, tomadas de paixão animalesca e prontas para atacarem o mago, somente sendo contidas pelos espíritos dos elementos. Estes, entretanto, estavam muito debilitados pelas emanções contagiosas da casa e, não obstante, lutavam bravamente. Supramati, aliás, também se defendia por conta própria. Com a sua poderosa vontade, que poderia deslocar rochas de granito, ele esvaziou prontamente os nichos jogando ao chão as estátuas que se quebraram em pedacinhos. Em seguida, da sua mão levantada surgiram labaredas de fogo que eliminaram o sangue na bacia e apagaram as trípodas com as ervas. Por fim, uma chuva de faíscas caiu sobre as larvas, fazendo-as gritar e gemer, e derreteu-as rapidamente. O sangue consumido saía de suas entranhas num vapor vermelho de cheiro nauseabundo.

Finalmente, elas desapareceram, como se houvessem entrado na parede, e, por alguns minutos, o subterrâneo ficou em completo silêncio. Mas Supramati sabia que isso era somente uma pequena trégua.

Uma porta oculta na parede abriu-se silenciosamente e surgiu Iskhet – a última tentação do mago. Estava nua e somente a exuberante juba de cabelos negros cobria-a como um manto. Ela parou a dois passos de Supramati, devorando-o com os olhos; seu corpo, de formas magníficas, tremia de paixão.

- Infeliz o que voce quer de mim? Tome cuidado ao se aproximar, pois a minha pura chama interior poderá queimar o seu corpo envenenado pro vícios – pronunciou severamente Supramati.

- O que eu quero? Eu quero voce. Voce é maravilhoso, como uma ilusão encantadora... Amo voce e o desejo tanto, como a nenhum outro homem na minha vida,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

e voce deve me pertencer! Jamais mortal algum resistiu aos meus encantos e voce não será o primeiro...

Ela abriu rapidamente um frasco que trazia na mão e derramou em volta de si o conteúdo. O ar pareceu incendiar-se e as paredes do subterrâneo estremeceram como numa explosão de dinamite. Os espíritos dos elementos, afetados pelo choque, empalideceram e sumiram pela ação dos miasmas venenosos, deixando Supramati desarmado.

Iskhet, que o observava com os olhos inflamados de paixão, aproveitando este momento, jogou-se sobre ele, abraçou-o e, num acesso de loucura, enfiou os dentes aguçados em sua mão. Neste instante, as larvas surgiram novamente e acudiram Iskhet, envolvendo Supramati e tentando derrubá-lo. Entretanto, eles subestimaram as forças do mago, que, com a velocidade de um relâmpago, concentrou a sua poderosa vontade e livrou-se rapidamente de todas as víboras, arremessadas para todos os lados. Levantando as mãos, Supramati pronunciou um encantamento, e Iskhet, que se agarrava a ele, foi levantada no ar e caiu sobre as lajotas.

Neste átimo, Supramati estava maravilhoso e terrível. Puro e límpido, o olhar luminoso, ele estava parado como um feixe de luz, pois de cada poro de seu corpo saía um fogo interior e nesta chama pura apareceram novamente os espíritos dos elementos que adquiriram forças renovadas, cercando-o novamente. Um ziguezague de fogo correu pelo subterrâneo e desabou sobre Iskhet que ainda jazia no chão.

- Criatura inútil – trovejou a voz de Supramati. – Como castigo pela sua ousadia, voce ficará cega e muda até o dia em que desejar por si própria ver a luz da verdade e do arrependimento. E nenhum senhor do inferno poderá lhe devolver a visão e a palavra.

Um instante depois, o ribombar do trovão sacudiu o prédio. Uma lufada de vento agitado passou pelo subterrâneo, levado pelos espírito dos elementos, Supramati elevou-se para a superfície, e após alguns minutos já estava em seu laboratório. Um pouco mais tarde chegou Nivara, descorado, com hematomas por todo o corpo e roupa rasgada, mas com ar triunfante.

- Oh, mestre! – Exclamou. – Agora já posso dizer que escapei do inferno. Só uma coisa me preocupa: parece-me que acabei com uns vinte satanistas; enfim, não calculei direito e os choques elétricos foram muito fortes.

- Voce agiu no seu direito de legítima defesa. Quem encosta-se a um aparelho elétrico deve agüentar as conseqüências. Mas não se preocupe, Shelom irá ressuscitá-

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

los. Já eu fiz algo mais cruel. Para castigar Iskhet, tirei-lhe a visão e a fala e nem Shelom conseguirá curá-la, pois ela ousou tocar em um mago. Mas chega de falar nisso. Precisamos tomar um banho rapidamente para limpar-nos e lavar as nossas roupas, pois estamos cheirando a carniça.

Uma hora mais tarde os dois adeptos se sentaram para um frugal jantar.

- Mestre, o que fazer com as duas vítimas salvas por voce? Apesar de estarem sem eu palácio, elas não são cristãs.

- Não, elas são indiferentes a qualquer credo. Entretanto, os acontecimentos de hoje certamente curaram-nas do satanismo e assim tentaremos convertê-las. Na grande batalha que se aproxima serão exatamente estes “indiferentes” os mais fáceis de converter. Como voce sabe, Shelom prepara um duelo ocultista comigo; lutas semelhantes acontecerão em todos os lugares, pois os satanistas começarão a desafiar os nossos irmãos e isso é muito bom. O orgulho dos filhos de satã força-os a esse combate ousado, no qual eles certamente serão derrotados. Nós contamos com esta derrota para realiza inúmeras conversões.

- Vai ser um espetáculo curioso! – obtemperou Nivara.

- Demasiado curioso e instrutivo. Todo o mal acumulado por séculos entrará na arena para testar o seu poder. E ai daqueles que pervertem a multidão e a empurram para o mal. Eles estarão todos reunidos aqui e o seu primeiro castigo será o aniquilamento total do seu orgulho diante do poder do Criador e a revelação de toda a fraqueza do seu suposto poder. Cegos! Eles imaginam que todo o interesse do universo está concentrado nesta partícula que vagueia entre bilhões de partículas semelhantes e gigantes planetários deste infinito, onde todos saúdam a glória e a sabedoria do Criador. Se eles pudessem perceber toda a sua insignificância e como são extremamente ridículas as suas tempestades numa gota d'água, então eles se sentiriam envergonhados e com pena de si próprios. Quem conduz os cegos à morte com suas ações é sempre algum dos “grandiosos” e famigerados sacrílegos e apóstatas de Deus, que numa raiva impotente lhe declara guerra e desfaz das suas leis. E este apóstata, cheio de orgulho, pretendendo ser mais sábio do que Deus e invejando a gloria de Cristo, será que ele, em algum momento, esteve em condições de opor-se às leis cósmicas? Poderia ele parar uma tempestade ou afastar a morte? E quando este rebelde, vencido pelo terrível e desconhecido poder, for colocado no leito da morte, seus lábios que pronunciaram tantas palavras sacrílegas se calarem por ordem divina, e seu corpo for nada mais do que

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

um pedaço de carne destinada à decomposição, aí então todos perceberão como era fraco, insignificante e lastimável tudo aquilo que eles consideravam “grandioso”.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO XIV

Assim que Shelom e Supramati deixaram o salão, o banquete tomou rapidamente um novo rumo.

Os sacerdotes satânicos entraram, trazendo um grupo de homens. Mulheres e crianças amarradas. Sob gritos histéricos da turba enfurecida, os prisioneiros foram arrastados até a estátua de Satanás, localizada no fundo do salão, e sangrados, recolhendo-se o seu sangue em enormes bacias metálicas. Quando Shelom retornou ao salão, sentando-se no trono, os sacerdotes satânicos principiaram a recitar encantamentos mágicos reunindo e materializando larvas de ambos os sexos para a orgia. Shelom, entretanto, não quis participar, pois há muito estava cansado de tudo que pudesse ser inventado pela mais desenfreada depravação. Com o olhar impiedoso e indiferente, ele observava as vítimas nos últimos estertores, vomitando maldições e ofensas; a dança infernal que se realizava diante dele também não o atraía. Ele somente se comprazia em esvaziar as taças de sangue servidas, sem conseguir matar a sede que o atormentava.

De repente, aconteceu algo inesperado. Um terrível trovão estremeceu o palácio, o suporte da estátua rachou e o ídolo caiu no chão com estrondo, esmagando os que estavam parados a seus pés. No mesmo instante, uma luz cegante brilhou como um raio e uma rajada de vento puro – corrente dos quatro elementos - passou pelo salão derrubando Shelom e os invocadores satânicos. Instantaneamente, todas as tochas se apagaram e de todos os lugares se ouviram rugidos, gemidos e gritos de desespero – as larvas atacaram a multidão, pois seus invocadores perderam temporariamente o poder sobre os monstros que conjuraram das trevas.

Shelom foi o primeiro a sair da estupefação. Levantou-se celeremente, espumando de ódio, recitou poderosíssimos encantamentos mágicos e, com seu poder incontestável, acudiram demônios a seu chamado e reacenderam o fogo. Depois, ele

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

espanou as larvas usando descargas elétricas e só então examinou o campo de batalha em que havia se transformado o salão. Muitas pessoas foram esfaqueadas e seus restos ensanguentados se espalhavam pelo piso; muitos dos sacerdotes luciferianos também foram mortos e jaziam no chão com profundas feridas no pescoço. Berrando, rugindo e aos empurrões, a turba assustada correu para a saída, mas o ameaçador chamado de Shelom deteve-os. Ele sufocava com o pensamento de que os convidados postos para correr pelo poder do mago, convencidos da sua derrota, tentavam salvar-se fugindo do palácio. Mal teve tempo de se recuperar para pronunciar um discurso condizente com a situação, quando no salão irromperam algumas mulheres junto com Madim – o horror estampava-se em seus rostos. Pálido e transtornado, Madim informou ao seu senhor que Iskhet fora encontrada desfalecida no subterrâneo, mas o mais terrível é que ela estava envolta por uma névoa azulada que não permitia a aproximação de ninguém.

- É o maldito fluído do mago – cochichou Madim.

Shelom ficou estarelecido por instantes, mas esforçando-se para recuperar o autodomínio, gritou roucamente:

- Sangue! Preciso de sangue para um banho!

Correram para os reservatórios, mas estes estavam vazios e o sangue recolhido das jarras não foi suficiente. Shelom saltitava de fúria, mas inesperadamente, ao ver perto dele um homem jovem e forte, agarrou o punhal e enfiou-o em sua garganta. Com o sangue que correu em abundância encheram alguns grandes recipientes, no entanto nada mais poderia conter a multidão em fuga. Sabia-se que em momentos de fúria, ninguém, nem mesmo o mais íntimo, estava a salvo do punhal de Shelom, e mesmo que o assassinato tivesse se tornado algo comum que não despertava a atenção de ninguém, cada um queria salvar a própria pele. Shelom não de importância ao rápido desaparecimento de seus convidados.

Acompanhado por Madim e pelos carregadores de sangue, ele desceu ao porão, onde Iskhet ainda jazia imóvel. Quando a molharam com sangue ainda quente, a névoa azulada desapareceu por completo e já se podia tocá-la. Assim, levaram-na aos seus aposentos. Shelom mandou preparar um banho, despejou na banheira alguns preparados de odor forte e lá deitou Iskhet, ainda paralisada. As mulheres saíram e Shelom ficou a sós com o secretário. O corpo de Iskhet estava cheio de queimaduras, e, estranhamente, duas faixas de luz branca cobriam como ataduras seus olhos e boca.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Eu lhe avisei e implorei para não desafiar o mago. Ele possui um terrível poder. Veja os ferimentos de Iskhet!

- Vou curá-la imediatamente – retrucou Shelom, com uma ponta de orgulho.

Madim balançou a cabeça.

- Você se esquece de que estas queimaduras não são comuns. Elas foram provocadas pelo fogo celestial que o ermitão do Himalaia possui.

Madim acertara. Nem encantamentos nem remédios mágicos ajudaram e, ao contrário, só aumentavam as feridas. Por fim, os gemidos e espasmos de Iskhet indicaram que ela voltava a si. Aprumando-se com esforço ela gesticulou indicando que queria escrever. Madim trouxe imediatamente lápis e papel e Iskhet, com a mão trêmula, rabiscou: “Ele me deixou cega e muda; não consigo ver e nem pronunciar uma palavra. Salve-me, Shelom; se você é tão poderoso quanto ele, devolva-me a visão e a fala”.

E acometida por novas convulsões, ela voltou a deitar-se.

* * *

A partir daquele dia, começou uma feroz batalha entre as forças do inferno e a vontade do mago. Shelom empregava em vão todos os seus esforços e conhecimentos, invocando poderosíssimos demônios e convocando os mais destacados sábios luminares do satanismo; todos os esforços se dissolviam contra a inquebrantável vontade de Supramati.

Desanimada, indiferente a tudo e sofrendo dores torturantes, Iskhet permanecia deitada, cada dia mais só. As visitas de Shelom à sua rainha ficavam cada vez mais raras; na presença dela, dominava-o uma estranha, obscura e antagônica irritação, além de torturante consciência da própria impotência. E como Iskhet não podia mais participar das festividades, sua beleza murchou, o seu corpo perdeu a flexibilidade e seu aposento, no silêncio mortal do quarto vazio, iluminado somente por uma lamparina vermelha diante da estátua de sataná, a alma de Iskhet passava por todas as fases de fúria impotente, indignação e desespero: ela começava a duvidar do poder absoluto de Shelom. O “outro” fechou os seus impudicos olhos e calou os lábios blasfemos e nem o próprio sataná conseguiu abri-los... Certa vez, pareceu-lhe ver que ao longe se agitava uma nuvem luminescente envolvendo a cabeça de Supramati, olhando-a com severidade

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

e tristeza. Ele castigou-a cruelmente; e, mesmo assim, a sua lembrança perseguia-a e aos poucos, em algum lugar do mais profundo do seu ser, algo começou a acordar, agitando-se como um passarinho contra as grades de sua gaiola. Quiçá fosse a herança do Céu, aquela indestrutível e divina realidade com a qual é criada a alma, e que cansada das trevas anseia por liberdade e luz, anseia por algo que é terrível e desconhecido para a criminosa criatura que passou toda a sua vida mergulhada na imundície moral.

Uma vez, à noite, quando Iskhet meditava sobre a própria vida passada em crimes e embriagada pela devassidão, sentiu pela primeira vez uma repugnância por este passado e, imediatamente, a escuridão que a envolvia iluminou-se por uma suave e azulada luz e neste fundo cegante delineou-se nítido o belo rosto do mago; seu olhar luminoso parecia cair sobre ela como um cálido e perfumado orvalho, aliviando a torturante dor. Admirando este quadro, a paciente distraiu-se e, quando a visão desapareceu, duas lágrimas quentes correram pelo magro rosto de Iskhet. Neste instante, pareceu-lhe que diante dela postou-se o demônio, cuja estátua enfeitava seus aposentos, e cujos olhos vigiavam a sua alma condenada. Agora, estes olhos vermelhos olhavam-na furiosa e maldosamente, mas... que estranho! – ela não sentia medo algum. A visão desapareceu após um cascalhar infernal do demônio derrotado.

Na medida em que Iskhet mergulhava cada vez mais fundo no seu mundo interior, ficavam menos suportáveis até as raras visitas de Shelom. Certa vez, quando serviram sangue fresco, ela rejeitou-o dizendo que este estava com gosto ruim e cheirava a podre; em troca pediu leite e frutas. As mulheres que a serviam, estupefatas e raivosas, queixaram-se a Shelom sobre as manhas dela, afirmando que o sangue servido era fresco, de criança recém-abatida. E que para elas era muito desagradável entrar nos aposentos da paciente, pois, depois do que aconteceu, lá freqüentemente havia um insuportável odor de flores ou de perfume que provocava náuseas. Shelom ouviu taciturno este relato e cerrou os punhos; em resposta, ordenou secamente que, se ela não queria sangue, que lhe dessem frutas e água. Mas, a partir deste dia, ele praticamente deixou de visitar a paciente e as antigas amigas abandonaram-na completamente. Não raro, por dias inteiros, não lhe davam comida e muitas vezes ela passa sede, mas Iskhet nada exigia e a ausência da sua corte satânica causava-lhe um indescritível bem-estar. Iskhet absorvia com calor crescente o silêncio e a meditação; explorando o seu ser interior, ela se questionava e não encontrava as respostas que tanto queria obter. Por

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

vezes, parecia-lhe ouvir uma doce e harmoniosa música inaudita, ou sentia um suave e revivificador aroma. Nestes momentos Iskhet se sentia triste e preocupada, todo o seu ser ansiava por algo que não entendia, mas que queria cada vez mais, e que lhe parecia um abrigo, um tranqüilo e pacífico porto seguro. Certa noite, quando novamente lhe afluíram tais pensamentos, ela teve a impressão de ter visto brilhar uma luz ofuscante e à pouca distância dela apareceu Supramati, como se fosse real. Em sua mão levantada fulgia aquele símbolo contra o qual tão ferozmente lutavam seus irmãos luciferianos: a cruz resplandecente. Ao vê-lo, Iskhet sentiu uma terrível dor; pareceu-lhe que seu corpo ardia e tudo nela estava se rompendo em pedaços. De repente, ela desceu da cama, caiu de joelhos e uma torrente de lágrimas inundou seu rosto.

- Oh! – Ouviu-se com sofreguidão do fundo de sua alma dilacerada. – Quem me poderá dizer onde está a verdade: nas trevas ou na luz?

O olhar luminoso do mago parecia denotar tristeza e compaixão.

- Volte para a luz com a qual voce foi concebida, faísca divina e sopro do Criador. Junto ao Pai Celestial aguarda-a somente a misericórdia e o perdão. Bata na porta sempre aberta do arrependimento e os puros servos do Criador se aproximarão de voce, e irão tirá-la da imundície, irão limpá-la da desonra e substituirão os seus andrajos por alvas vestimentas.

Iskhet ouvia encantada esta harmoniosa e indescritivelmente serena voz; seu som pareceu envolver-lhe o sofrido corpo com um bafejar vivificador. Entrementes, à sua volta, começava uma verdadeira tempestade. De todos os lugares surgiam seres repugnantes, monstros, semi-humanos, semi-animais, com a boca coberta por uma fétida espuma.

No ar ouviam-se rugidos, assobios e toda a turba cercaram Iskhet, ameaçando-a e pronta a atacá-la, mas sendo contida por uma força invisível. Ela parecia nada ver nem ouvir; toda a sua alma aconchegou-se à cruz que o mago lhe estendeu.

De repente, a porta se abriu ruidosamente e Shelom irrompeu no quarto como um furacão. Ele estava positivamente terrível, com o rosto distorcido e deformado pela ferocidade, espumando pela boca, os olhos injetados de sangue e rugindo feito animal.

- A! A desprezível renegada! Voce resolveu adorar aqui o ermitão do Himalaia, adorar aquele a quem deve amaldiçoar e pisotear. Sua infeliz e imprestável!... E nem pense fugir de mim. Por sua traição e blasfêmia contra Lúcifer, pagará com a vida...

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Ele sacou rapidamente o punhal, derrubo-a e feriu-a no peito. Em seguida, levantando Iskhet com a leveza de uma pena, ele levou-a até a janela, abriu a jogou Iskhet para fora, rindo diabolicamente e gritando:

- Isto é para voce! Esfrie na rua com os ossos quebrados e seja a primeira mártir do miserável hindu.

Mas, estranhamente, uma corrente de vento apanhou Iskhet no ar, sustentou-a e deitou-a no chão a certa distância do palácio. O sangue corria torrencialmente da ferida, mas Iskhet ainda estava viva; teve forças até para levantar e ténar andar às apalpadelas. Dando alguns passos cambaleantes ela apalpou uma parede e encostou-se na mesma.

- Maldito filho de Satanás! Vou abandoná-lo e começarei a adorar aquele a quem voce odeia e insulta – dizia ela por dentro.

Sentindo-se novamente fraca, ela ajoelhou-se e de sua sofrida alma irrompeu uma fervorosa prece ao Eterno.

- Deus, todo-poderoso, Cujos nome eu maldizia e Cujas leis profanava, perdoe meus pecados. E Voce Jesus, Filho celestial de Deus, compadeça-se de mim e me salve com a força da Sua cruz!...

As lágrimas caíam em torrentes pelo rosto e, de repente, alguém pegou na sua mão, ajudou-a a levantar-se e sustentou-a com cuidado. Iskhet pensou que estava morrendo. A ferida ardia em brasa e as forças a abandonavam; ela enfraquecida, mas não perdia a consciência. Um braço forte sustentava-a e praticamente a carregava levando-a rapidamente para algum lugar. Ela sentia que subia degraus e finalmente entraram num quarto cheio de um aroma vivificador. Seu guia parou e ouviu-se uma voz melódica que ela reconheceu imediatamente, mesmo tendo-a ouvido uma única vez.

- Voce quer renegar todas as suas ilusões, cortar ligações com o inferno, purificar a alma com prece de arrependimento e adorar a cruz, símbolo da eternidade e salvação?

Iskhet fez um esforço para responder, mas neste instante sentiu a sua língua destravar-se e exclamou alegremente.

- Sim eu quero! Eu quero.

Ela estendeu as mãos e, sentindo um apoio, encostou a cabeça. De repente, uma torrente de fogo passou por ela e abrindo bem os olhos ela entendeu que a sua visão tinha voltado. Ela estava parada aos pés de um grande crucifixo, e ao seu lado estava Supramati olhando-a feliz.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Cumprimento-a, filha querida – disse ele, pondo a mão sobre sua cabeça abaixada -, pois voce conseguiu de volta a sua alma. Voce adorou a Deus, seu Criador, e a Seu Filho Divino; a partir deste instante o Espírito Santo vai abençoar o seu caminho. Mais uma vez cumprimento-a, filha pródiga, com a volta ao lar paterno. E nós estamos imensamente felizes.

Lá fora, gemia, uivava e rugia em impotente fúria a matilha infernal que sofreu um grave revés; o poder do mago arrancou do meio do seu rebanho a sua rainha, principal sacerdotisa de Satanás, provando ao que se autodenomina “rei do inferno” que ele não é invencível.

Do pequeno grupo que estava no fundo da sala, aproximaram-se Nivara e uma jovem mulher de incomparável beleza, que trazia numa bandeja de ouro vestimentas brancas; era Edith, esposa de Dakhir.

Ela segurou amigavelmente Iskhet pela mão e com o auxílio de Nivara levou-a a uma sala contígua – uma capela no centro da qual havia um grande reservatório, construído ao nível do chão. Junto com outra mulher da comunidade, Edith conduziu Iskhet para um quarto anexo onde lavaram o sangue que a cobria, mas que já tinha estancado, e vestiram-na com uma camisola branca. Em seguida, levaram Iskhet de volta à capela, onde Edith e Nivara a ajudaram a entrar na piscina.

- Somos os seus padrinhos – disse Edith. – E agora, ajoelhe-se dentro da água para que sejam recitados os encantamentos sagrados e cortados seus laços com o inferno;

Então se aproximou Supramati, e com uma taça de ouro derramou água por três vezes sobre a cabeça de Iskhet. Depois estendeu as mãos e recitou palavras místicas que a introduziam na comunidade dos cristãos.

Em seguida acrescentou:

- Eu tiro de voce seu nome anterior, que servia de símbolo da desonra, a batizo com o puro e santo nome de Maria. Use-o com dignidade.

Mas a força pura, que descera sobre Iskhet, foi demasiada para o sofrido corpo da mulher, recém arrancada da própria cratera do inferno, e ela caiu desacordada. Nivara segurou-a e a levou para o quarto, onde Edith e outra irmã da comunidade cuidaram dela e untaram seu corpo com uma pomada que quase imediatamente reduziu as marcas de queimaduras e fechou o ferimento no peito. Pentearam seus bastos cabelos em tranças e, quando Iskhet voltou a si, vestiram-na com uma roupa branca trazida por

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Edith e levaram-na à capela onde Supramati orava fervorosamente. Iskhet ficou de joelhos diante do altar, e o mago, subindo os degraus, pegou a taça de ouro enfeitada por uma cruz e levou-a aos lábios da nova convertida.

- Tome e purifique-se com o sangue divino do Filho de Deus. Você experimentou do seu poder e misericórdia. Ele salvou a sua alma com um milagre e a partir deste momento recebe você no grupo de seus fiéis.

Em seguida ele pegou no altar um pequeno crucifixo pendurado numa corrente colocou-o no pescoço dela.

- Esta é a sua proteção contra os demônios que pretenderem atacá-la.

Ela a fez levantar-se e beijou-a na testa; Edith e Nivara repetiram o seu gesto e juntos passaram para a sala contígua, onde estava reunido um grupo de homens e mulheres que a receberam como uma nova irmã.

Iskhet ou Maria, como iriam chamá-la daí por diante, cumpria tudo obedientemente; mas a terrível comoção pela qual passara ainda a fazia tremer; por momentos, seus pensamentos atrapalharam-se e o triste olhar fixava-se em Supramati com expressão de medo e amor. Ele percebeu isso, tomou-a pela mão e colocou a na mão de Edith.

- Aceite a sua irmã espiritual, eu a faço responsável por ela; vigie-a e proteja-a dos inimigos que pode atacar-la.

- Esteja certo, irmão, eu a apoiarei. Irei velá-la e orar junto dela como uma mãe com seu recém-nascido. Mas agora ela precisa descansar; a irmã Maria está cansada física e espiritualmente.

No acampamento satânico o desaparecimento de Iskhet causou espanto: todos estavam convencidos de que Shelom a havia matado, mas ignoravam como e por que. Ao saberem do ocorrido pro Shelom e seus favoritos, foram tomados de uma indescritível fúria. Eles não somente haviam sofrido uma terrível derrota, como haviam perdido uma das principais partidárias – a “Rainha do Sabbat”, que era difícil de substituir. No começo, Shelom tentou trazer a fugitiva de volta; ele ardia de sede de vingança e Sá imaginava novas torturas como punição para a fugitiva. E, embora ele apelasse para a sua ciência, invocasse legiões de demônios e se esvaísse em encantamentos e feitiçarias, Iskhet

Permanecia desaparecida. Ela não saía dos muros do palácio de Supramati, proibido para a matilha de Shelom. Finalmente, um belo dia, a traidora desapareceu de

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Czargrado e quando Shelom conseguiu localizar seu rastro ela já estava em segurança na casa de Dakhir, para onde foi levada por Edith.

Mesmo fervendo de fúria impotente, Shelom decidiu adiar temporariamente a perseguição de sua vítima para guardar todas as suas forças para o terrível duelo ao qual desafiou Supramati. Agora ela sabia que a luta com o eremita do Himalaia seria terrível e perigosa; o resultado da luta era duvidoso até para ele, e mesmo entre seus mais ferrenhos defensores vislumbrava-se um medo aparente e dúvida quanto à vitória. Algumas vozes até pediam a Shelom para desistir e não se arriscar nesse enfrentamento, não tentar as terríveis forças do Céu; mas foi tudo em vão. Em sua vaidade satânica, Shelom estava surdo e cego; a sede de vingança e a esperança de humilhar o inimigo entorpeciam qualquer outro tipo de raciocínio. Ele queria provar a Supramati que o mal era o seu patrimônio e que nesta área ele era e continuaria a ser o senhor, quebrando qualquer reação. Além disso, ele contava com a atmosfera impregnada de miasmas maléficis, sangue e crimes; por outro lado, em vista da grande quantidade de luciferianos, havia para cada crente pelo menos um milhar de descrentes. Todos estes motivos, tomados como um todo deveriam consumir e destruir a luz, o que enfraqueceria o mago, ou talvez, até o paralisaria, ainda que fosse ajudado pelos irmãos himalaios, cujo número deveria ser bastante reduzido. Os adeptos de Shelom nunca antes o tinham visto tão sombrio, cruel e raivoso; seu ódio ao poderosíssimo oponente e a Deus, adorado pelo mesmo, tomou uma incrível dimensão e ele se preparava para o combate furiosa e energicamente. Convocou de todas as partes do mundo poderosíssimos magos negros, com os quais passava dias e noites invocando demônios e legiões de espíritos das sombras, e repassando os “milagres” que iria usar no duelo. E como, até então, conseguia realizar tudo facilmente, o orgulho e a certeza da vitória apoderaram-se dele cada vez mais, enchendo o seu coração com um triunfo cheio de ódio. Sua derrota só poderia acontecer por acaso. Por mais blasfêmias que ele proferisse, por mais crimes que cometesse e mergulhasse triunfalmente em quaisquer obscenidades – a terra não o engoliu, o vento não o varreu, a água não o afogou e o fogo do céu não o devorou. Positivamente, a Divindade permanecia muda. Ele, Shelom Iezodot, era e continuaria sendo o senhor invulnerável desta Terra condenada e os povos cairiam a seus pés, adorando-o como a um deus benfeitor, esbanjando bens.

Finalmente todos os dirigentes das regiões receberam ordens para anunciar em todos os cantos, através de anúncios, telefones e pro todos os meios disponíveis a data

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

em que Shelom Iezodot, filho de Satanás e senhor do mundo, iria medir forças num duelo de magia com o príncipe indiano Supramati, mago do Himalaia. Para este estranho torneio foram convidados cidadãos de todos os países, para que eles próprios pudessem constatar que o poder do inferno é igual e até superior ao poder Celestial. Os cientistas e os indiferentes foram especialmente convidados para este espetáculo, cujo programa era extremamente atraente e oferecia aos dois oponentes todas as possibilidades de mostrar seus poderes. Shelom propunha-se transformar pedras e areia em ouro, que depois seriam distribuídos aos presentes; ao seu comando deveriam crescer florescer e cobrir-se de frutos diversas árvores; ele ressuscitaria mortos e, por último, obrigaria o mago a adorar Lúcifer e a oferecer-lhe sacrifícios.

Como arena para este original espetáculo foi escolhido um grande campo fora da cidade, onde caberiam facilmente mais de duzentas mil pessoas. Foram construídas enormes arquibancadas, camarotes para autoridades e pessoas famosas, cientistas, dirigentes regionais e, principalmente, dois grandes camarotes para os adversários e seus amigos. Ao lado foram construídos gigantescos bufês para servir carne, frutas, doces e bebidas. O interesse do público foi enorme, e como os lugares eram distribuídos gratuitamente, faltaram muitos ingressos e lugares, acrescentaram-se onde fosse possível mais lugares e o número de interessados crescia cada vez mais. É evidente que todos queriam estar presentes num espetáculo tão peculiar, um esporte especial tipo “fim do mundo”, quando na arena iria medir forças o Céu e o Inferno. Supramati simplesmente aceitou o desafio, sem anunciar qualquer tipo de programação.

Ele se preparava em silêncio e em prece para este momento difícil, não quanto ao seu poder de fogo, mas pelo ambiente infectado onde deveria agir. Nivara estava excitadíssimo, não porque tivesse qualquer dúvida sobre a vitória do mestre. O que o irritava e o deixava indignado era a situação atual, que tornou possível tal torneio e desafio a Deus. Certa noite, alguns dias antes do grande evento, o mago jantava com seus discípulos e, bebericando vinho, olhou sorrindo para o rosto sombrio de Nivara tão entretido em seus pensamentos que não percebia o que se passava ao seu redor.

- Você parece uma nuvem de tempestade. O que o preocupa, meu amigo, - perguntou o mago amavelmente.

- Ah! Mestre, eu me pergunto se a turba ímpia tem alguma razão quando afirma que não existe nada, já que o Céu permanece silencioso, não importando o quão indignas forem as ofensas dirigidas a ele. Por que o poderoso exército celestial não se

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

apresenta em defesa de seus altares e da verdade? Por que permitiram a destruição da Terra, em vez de interceder e parar no seu início a sarabanda dos negadores de Deus, que pregam contra quaisquer leis da moral, contra qualquer sentimento de ideais e anunciando, por exemplo, que a verdadeira benfeitoria é não reagir ao mal, ou que a propriedade é roubo e mais uma centena de idênticos paradoxos absurdos, prejudiciais e até criminosos? E nós: Nós também vamos nos apresentar na arena para provar o nosso poder, enquanto o mundo está morrendo...

Supramati aprumou-se e observou severamente:

- Meu amigo, o nosso Senhor e Criador deu-nos a chave que abre a porta do Céu: ninguém tem culpa se os homens não querem pegá-la nem entender a lei Divina. Nada é dado sem luta; nós vemos isso em cada ser, mesmo nos mais minúsculos microorganismos; em todos os lugares enfrentam-se dois princípios. Jesus disse claramente; "... o reino do céu é tomado á força e os esforços utilizados têm a sua admiração". Ele também dizia: - "Pedi, e dar-se-vos-á; batei e abrir-se-vos-á". E explicava que a fé remove montanhas. A culpa do abandono da igreja e do enfraquecimento da fé recai sobre aqueles que, tendo sido iniciados aos serviços de Deus, deveriam estoicamente defender o altar, evitando a sua profanação. Eles, que executavam os grandes sacramentos e eram intermediários entre os homens e o Céu, tinham a obrigação de, por meio de fervorosas preces, invocar o poder celestial, exigir auxílio superior, atrair para si os crentes e numa jubilosa prece conjunta, pedir a ajuda das forças invisíveis para defender os santuários. Existem muitas evidências de que tais preces são ouvidas. Eu já não falo de Moisés, que invocou o fogo celestial sobre os ímpios e o fogo obedeceu a sua vontade; ele era iniciado dos templos egípcios, cuja ciência colossal ainda não foi desvendada. Mas até simples mortais conseguiram idênticos resultados durante as epidemias e inundações. Certa vez, uma avalanche de lava recuou diante de uma procissão que levava a imagem da Virgem Santíssima; o medo da morte provocou na multidão aquela poderosa lufada de fé que deu vida à prece coletiva e acionou as forças cósmicas. Milhares de curas milagrosas, em todos os tempos, foram a consequência deste mesmo motivo, assim como os apelos dos condenados inocentes, exigindo que os seus inimigos e perseguidores fossem levados para o julgamento Divino. O apaixonado apelo à Divindade é ouvido e o céu responde; é como o palito de fósforo que, uma vez esfregado na caixinha, provoca o fogo.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Quando no início do século XX começou a difundir-se, feito uma loucura contagiosa, a revolução e o anarquismo, derrubando a conjuntura social, a moralidade, suicídios, sacrilégios e outros fenômenos psicopatológicos de massa, ficou claro a todos que quisessem ver que havia algo de anormal, e que aquelas pessoas estavam tomadas pelas forças malignas que pululam no espaço. Os remédios conhecidos e testados estavam à mão: preces conjuntas, procissões, pregações, e neste caso não me refiro à conversa fiada ou altercações escolásticas, mas àquela palavra fervorosa e convicta que eletriza a multidão, invoca o fogo sagrado e cria os mártires e os heróis.

Voce sabe Nivara que a camada atmosférica mais baixa que cerca a Terra é povoada pelos que retornaram à dimensão invisível como espíritos, cujos crimes e maldades os impedem de subir ao nível superior devido a seu corpo astral pesado como chumbo, cheio de excreções carnavais. Não é por acaso que na prece ao Senhor, deixada por Cristo, está dito: “Livrai-nos do mal”. Todos estes espíritos maus estão tentando invadir o mundo e quanto maior o número deles a entrar no planeta, tanto mais se ampliará o venenoso contágio. Estas hordas selvagens enchem o ar e destroem tudo sem eu caminho para satisfação dos seus instintos animais e à procura de alimento: eles se alimentam de sangue e dos vapores densos, pesados e malcheirosos da devassidão, alcoolismo e todos os prazeres animais. Como se fossem venenosos vibriões, os vapores destes monstros do mundo invisível enchem o ar e os homens os respiram, sujeitando-se a uma epidemia fluídica.

A fé, a prece, a misericórdia e as boas ações são a guarda celestial que protege o mundo terreno da invasão dos inimigos do mundo invisível.

A lei é única. Da mesma maneira que a desinfecção material é feita com luz, sol e aromas próprios, também o contágio é prevenido com limpeza e boa alimentação. E é exatamente assim que a prece e a fé, fontes de luz e calor, purificam a atmosfera espiritual, e a saudável alimentação espiritual guarda a pureza da alma do contágio moral. Por este motivo, a ciência sobre a alma sempre foi desprezada e perseguida; enlamearam-na e cobriram-na de risos. Entretanto, esta ciência renegada jamais fez mal a alguém, pelo contrário, muito ensinou aos homens, iluminando a escuridão que os cercava e armando os vivos contra os perigosos e imperceptíveis inimigos, revelando a existência destas criaturas, que preferiam que jamais alguém soubesse de sua existência para poderem se locupletar, sem obstáculos, da humanidade cega e ignorante. Esta

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

grande e pura ciência que estuda o mundo invisível é uma terrível arma contra os espíritos do mal e já salvou uma infinidade de almas de suas garras traiçoeiras.

Concluindo, repito que a responsabilidade pelo ocorrido recai sobre a indiferença da Igreja e da sociedade, especialmente de crentes. A união faz a força, mas esta força não foi acionada e a invasão dos espíritos das trevas não foi rechaçada. Os homens não sabem e nem querem compreender a alavanca de poder colossal que vem a ser, para o mundo astral, o reflexo do fluído puro de uma fervorosa prece ou de um arroubo de vontade. E o incêndio que esse fluído provoca, queimando com o fogo purificador horríveis miasmas, inúmeras larvas, seres infames invisíveis, bacilos venenosos e muito lixo astral. O ar fica mais saudável e as pessoas readquirem a razão. Se nos hospícios, junto com as duchas, fossem utilizados encantamentos e introduzidas música sacra, séria e elevada, instituídas preces ininterruptas e a aplicação de água benta ou magnetizada, os resultados seriam surpreendentes. Mesmo agora se poderia reunir a pobre humanidade para um único ímpeto ao Céu e este responderia; pode ser que conseguíssemos salvar o planeta por algumas centenas de milhares de anos. Mas não! Os homens não farão isto e cumprir-se-á o destino da infeliz Terra – concluiu Supramati, suspirando.

Algumas horas mais tarde chegaram Dakhir, Narayana e Niebo para assistirem ao combate de seu amigo com Shelom. Ficou decidido que os três dias que restavam para aquele terrível duelo, eles passariam no laboratório, orando e guardando forças para a luta que seria o prelúdio dos futuros acontecimentos trágicos do fim do mundo.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO XV

A animação na cidade crescia e ao afluxo de curiosos era tanto que, quando já não havia mais lugares em terra, foi decidido utilizar o espaço aéreo, com naves pairando sobre a arena, proporcionando boa visão aos passageiros. Este espetáculo, excepcional pelo gênero e ainda inédito, prometia dar enorme satisfação e já ocorriam apostas nas quais a maioria, obviamente, apostava na vitória de Shelom. Era de inaudito atrevimento este indiano, absolutamente desconhecido, querer lutar com o mais poderoso homem da época, filho do próprio Lúcifer. Estava claro que o príncipe Supramati era um jovem muito bonito, imensamente rico e excêntrico ao ridículo. Entretanto, era idiotice supor que ele pudesse competir com uma pessoa tão extraordinária como Shelom Iezodot.

Finalmente chegou o dia decisivo e a própria natureza parecia colaborar. O tempo estava excelente e há muito tempo não se via o sol tão brilhante e o azul do céu tão maravilhoso.

O grande círculo que serviria de arena para a competição fora dividido ao meio por uma linha vermelha e os camarotes dos oponentes ficavam um em oposição ao outro.

Shelom Iezodot foi o primeiro a chegar, carregado no trono por famosíssimos magos negros e acompanhados por numerosa corte que lotou o camarote. Ao ocupar o seu lugar de destaque, ele lançou o olhar triunfante e orgulhoso sobre a incontável multidão. Pela primeira vez ele usava em público seu traje cerimonial de “grandes invocações”. Vestia uma malha negra e uma túnica curta feita de um material cinzento, com laivos metálicos, que, à distância, parecia feita de aço. No peito havia uma imagem de cabeça de bode com olhos de rubi e do cinto pendia uma espada mágica de cabo negro, inteiramente cravada de diamantes. Na cabeça usava uma larga faixa dourada com símbolos cabalísticos esmaltados, coroada por dois chifres maciços e retorcidos.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Sobre os ombros destacavam-se duas asas dentadas, feitas de um metal fino e maleável – um raro trabalho de arte – que estavam amarradas com fitas do mesmo material cinzento. O traje, lúgubre, mas original, combinava bem com a beleza demoníaca de Shelom, tendo impressionado a multidão que o saudava com muito barulho, enquanto os feiticeiros traçavam círculos no chão, preparavam trípodes com ervas e resina ou erigiam o altar onde Lúcifer deveria aparecer.

O Camarote do príncipe indiano permanecia vazio e a turba ficava cada vez mais impaciente. Alguém até gritou:

- Ele ficou com medo... Desistiu e fugiu!

Mal esta frase correu pela multidão, o camarote do mago se iluminou com uma suave, mas brilhante luz azulada, e junto a balaustrada, surgiram cinco homens vestidos de branco. De onde eles apareceram/ Ninguém os viu entrar e nenhum veículo terrestre ou aéreo havia se aproximado do camarote. Isto causou um grande espanto, provocou um profundo silêncio e os olhos dos presentes fixaram-se naquelas misteriosas pessoas – jovens, bonitos, com rostos sérios e olhos flamejantes. Quase imediatamente toda a atenção se concentrou em Supramati, que descia lentamente os degraus para a arena. Ele também usava pela primeira vez em público seu traje de mago: uma longa e alvíssima túnica, amarrada por um cinto de seda, e um turbante de musselina. O símbolo sobre seu peito brilhava com uma luz ofuscante e na mão trazia a espada mágica, cuja larga e brilhante lâmina parecia em chamas. A multidão olhava-o com involuntário respeito e jamais Supramati esteve tão belo e encantador como nesse instante, caminhando calma e dignamente. Seus grande e luminosos olhos brilhavam com aquela vontade poderosa ante a qual tudo parecia se submeter. A cesta distância do camarote parou, levantou a espada e traçou no ar um sinal fosforescente que, cintilando e silvando, cortou o ar feito um raio e desapareceu no espaço. Alguns instantes após, o profundo silêncio foi rompido pelo ribombar de um trovão como se aproximasse uma tempestade e no céu apareceu um enorme objeto incandescente voando em altíssima velocidade. Logo se pôde perceber que caía um meteorito de raras proporções.

A multidão ficou pasma de terror e até se ouviram gritos quando o bólido caiu na terra a alguns passos do mago, enterrando-se profundamente na terra. Supramati subiu calmamente sobre a pedra ainda incandescente e parou, apoiando-se sobre a empunhadura da espada mágica como se a espera de seu oponente.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Um rubor passageiro percorreu o rosto de Shelom. Ele levantou-se e em altos brados dirigiu-se à multidão, anunciando em poucas palavras que decidiu participar daquela competição com o mago indiano, que ousara desafiar o rei das trevas, para provar a todos o poderio dos eu pai, Lúcifer, e, portanto, estava convencido de sua vitória sobre o fanfarrão himalaio.

Indiferente a suas palavras, Supramati permaneceu impassível, Shelom desceu para a arena e iniciou suas invocações. As veias na sua testa incharam, as asas negras injetaram-se de rubor ígneo e a espada mágica cintilou no ar, traçando sinais cabalísticos. Nuvens negras juntaram-se, desceram ao chão e línguas de fogo lambiam o ar e a terra. Quando as nuvens se dissiparam, todos viram que a areia e as pedras, previamente preparadas, brilhavam ao sol feito ouro. Entre os espectadores ouviram-se gritos de admiração e a multidão devorava com os olhos os montes do cobiçado metal que os especialistas confirmaram na hora ser realmente puro. Shelom lançou um olhar triunfante para Supramati e com um gesto apontou-lhe para os montes de areia ali preparadas.

Supramati levantou sua espada, sua ponta acendeu-se em luz ofuscante, no ar surgiram sinais cabalísticos e uma chuva de faíscas caiu sobre as pedras e areia. Incendiadas imediatamente, estas refletiam todas as cores do arco-íris e, quando apagaram, também havia se transformado em ouro. Mas, no mesmo instante, da mão levantada de Supramati cintilou um relâmpago que caiu sobre os montes de ouro de Shelom. Estes se cobriram de uma fumaça negra, crepitaram e transformaram-se numa massa cinzenta que se desmanchou em cinzas.

- Tente destruir a minha obra como fiz com a sua – propôs calmamente Supramati.

Shelom e seus assessores vociferavam de ódio, mas apesar de todas as suas tentativas não conseguiram destruir o ouro do mago, que os especialistas reconheceram ser de extrema pureza, sem qualquer aditivo. Aliás, os magos negros rapidamente desistiram de suas tentativas, pois os fluídos que emanavam o ouro de Supramati os enfraqueciam e provocavam tonturas. Um rumor de espanto correu pelo público, mas os olhares ferozes de Shelom e o seu rosto deformado pela ira infernal amedrontaram os espectadores e a multidão emudeceu.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Voce é um feiticeiro mais forte do que eu imaginava, mas isto ainda é ninharia – zombou Shelom, medindo Supramati com um olhar hostil. E virando-se de costas, iniciou novos encantamentos.

Logo, da terra e do apareceu uma densa fumaça que, rodopiando velozmente em espiral, enrodilhou-se. Quando a fumaça se dissipou, todos viram claramente um tronco de árvore que emergia lentamente da terra, cobrindo-se de folhagens e frutas verdes que amadureciam rapidamente, assumindo uma coloração dourada. Os feiticeiros arrancavam os frutos e os arremessavam para a multidão, que satisfeita agradecia aos brados ao ver que eram laranjas de primeira qualidade.

Os olhares curiosos dirigiram-se agora para Supramati. Este levantou em silêncio a espada, girou-a sobre a cabeça e depois, reverenciando todos os quatro pontos cardeais, pronunciou fórmulas e traçou sinais que dominavam os elementos. Um instante depois a luz do dia transformou-se numa penumbra violeta através da qual mal se distinguiam os objetos. O vento levantou nuvens de poeira e relâmpagos cintilantes cotavam o céu, Toda a atmosfera parecia estalar e ferver com um surdo ribombar e diferentes aromas, por vezes cáusticos, por vezes suaves, que mudavam com a velocidade estonteante. No meio deste caos, destacava-se nitidamente na penumbra a alva figura do mago, cercada de feixes de faíscas. A turba estupefata emudeceu de espanto, mas quando se dissipou a penumbra violeta ouviram-se por todos os lados gritos de admiração. Numa grande área da arena, reservada para Supramati, verdejava um pequeno bosque de árvores frutíferas e arbustos cobertos de flores. Por entre a folhagem entreviam-se diversas frutas e uma grande macieira estava toda florida como se coberta por uma camada de neve.

- Tudo o que vêem aqui- dirigiu-se Supramati à multidão fascinada – é o trabalho da chama purificadora do éter. Enquanto aquilo – e apontou para a laranjeira de Shelom – é uma manifestação do diabo, que cria as coisas a partir dos dejetos do caos. Portanto, que desapareça e se desfaça a enganadora ilusão do inferno!

Ele estendeu a mão, virando o cabo cruciforme da sua espada na direção da obra do oponente. Imediatamente a cruz soltou uma chama que incendiou a árvore. As folhas enrolaram-se com estalo e os frutos arderam como bolas incandescente, tomando uma aparência esverdeada, expelindo uma fumaça amarela e malcheirosa. Em seguida, diante dos olhos dos espectadores, s laranjas transformaram-se em cobras que aos silvos desapareceram por dentro da terra. Quase ao mesmo tempo ouviram-se gritos na

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

multidão: os que comeram as laranjas caíram em convulsões e Niebo e Nivara acorreram imediatamente sem eu auxílio.

Com os olhos injetados de sangue e os braços cruzados no peito, Shelom mal podia conter a raiva. Espumando pela boca ele vociferava improperios, enquanto os magos e feiticeiros que o assessoravam tremiam de medo e estavam pálidos como sombras. Eles sabiam que se Shelom não resistisse ao poder do “feiticeiro” todos estariam arriscados a perecer de uma morte horrível. A excitação da multidão fascinada aumentava cada vez mais. Não havia dúvida de que o prestígio de Shelom estava abalado. O filho de Satanás sentiu isso e foi buscar auxílio na própria insolência. Endireitando-se orgulhosamente, ele gritou com voz rouca:

- O que aconteceu aqui nada prova. Isso é brincadeira de crianças. Eu quero ver se ele pode ressuscitar um morto, um morto de fato – rugiu ele.

E antes que as suas pretensões pudessem ser percebidas, Shelom correu para uma das tribunas, junto da qual se aglomerava o povo, agarrou uma encantadora jovem e golpeou-a no peito com seu punhal. A infeliz caiu sem um gemido, cobrindo de sangue o assassino e o chão da arena. Mas Shelom não deu importância ao fato. Ele levantou o corpo e o jogou sobre o tapete negro com símbolos cabalísticos, que havia sido rapidamente estendido por um dos feiticeiros. A seguir, arrancou a roupa do cadáver expondo o corpo nu à multidão estupefata, porém em geral habituada a espetáculos sangrentos e às crueldades arbitrarias de seu senhor. A excitação de Shelom chegou às raias da loucura; ele traçava com a espada sinais cabalísticos e com voz enfurecida gritava encantamentos. Seus auxiliares, sombrios e nitidamente deprimidos, cobriram neste ínterim o peito da morta com um tecido vermelho, queimando sobre ele ervas resinosas que expeliam densa fumaça cáustica, com tanta profusão que incomodava a todos, visto ter-se espalhado por toda a arena. A multidão começou a ficar terrivelmente perturbada, pois os aromas difundidos pelos feiticeiros provocavam insanidade erótica. E enquanto Shelom, totalmente enlouquecido, realizava sobre o defunto uma pérfida profanação, a multidão em volta certamente começaria uma orgia coletiva se os magos não tivessem agido rapidamente e derramando no chão alguns frascos de essências, cujo poderoso aroma absorveu o odor tóxico dos feiticeiros, restituindo desta maneira, certa calma. Quando os espectadores recuperaram totalmente a consciência, a ponto de conseguirem ver o espetáculo, acabaram vendo algo estranho e horrível. O corpo da jovem assassinada mexeu-se. Ergue-se e lançou para a multidão em

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

volta um olhar selvagem. Depois, pondo-se de pé com incrível leveza, a jovem correu até Shelom, caiu de joelhos e beijando suas mãos, exclamou num apaixonado ímpeto de agradecimento:

- Senhor da vida e da morte, eu lhe sou grata por ter-me devolvido a vida.

Triunfante, Shelom mostrou-a ao povo. Parte dos espectadores ovacionaram-no, mas muitos permaneceram em preocupado silêncio. Shelom não tomou conhecimento disso e disse com desprezo:

- Tragam ao indiano qualquer carniça para que ele possa mostrar o seu poder.

- Não me é necessário – respondeu Supramati em voz clara e sonora. E com a ponta da sua espada traçou no ar um círculo que voou e cercou a “ressuscitada”. – Eu quero provar ao povo aqui reunido que a vida que voce deu a este corpo é fictícia. Voce não devolveu a alma desta infeliz, mas introduziu em seu corpo uma daquelas ignóbeis criaturas do mundo invisível que são dominadas pela sua ciência das trevas. E quanto a voce, infeliz verme, animado somente com sangue e putrescência, saia deste corpo que não lhe pertence!

A ponta da espada de Supramati expeliu uma chama que com a velocidade do pensamento voou em direção à mulher e bateu-lhe no peito, exatamente no mesmo lugar do ferimento. Ouviu-se um lúgubre e dilacerante grito, a mulher caiu como se atingida por um raio e diante da multidão estupefata aconteceu algo terrível e asqueroso.

Da boca aberta do corpo saiu uma espécie de serpente, cuja cabeça, com olhos injetados de sangue, tinha algo de humano. Mal a asquerosa criatura saiu de dentro de sua vítima, ela atacou Shelom e instantaneamente se enrolou nele tentando sufocá-lo. Fosse Shelom um simples mortal, seus ossos teriam estalado imediatamente. Agora ele lutava contra um mostro que ele mesmo invocara das profundezas das trevas e, com a ajuda do poderoso feiticeiro Nadim, conseguiu dominá-lo. O corpo flexível da criatura enfraqueceu, caindo por terra, morto ou desfalecido. Enquanto se desenrolava esta cena, muitos dos feiticeiros rolavam no chão em convulsões. O corpo da falecida tomou novamente a aparência de cadáver. Erguido por uma força invisível, ele foi transportado para o outro lado da linha vermelha e depositado no chão a alguns passos de Supramati. Imediatamente aproximaram-se Niebo e Nivara e derramaram duas taças de um líquido prateado e faiscante sobre o corpo, ainda coberto por uma espumosa e pegajosa massa negra fétida. O líquido imediatamente começou a crepitar e chiar como água jogada sobre ferro em brasa; depois subiu um denso vapor que envolveu o cadáver por um

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

minuto. Quando a nuvem esbranquiçada se dissipou, o corpo readquiriu a brancura original, os traços do rosto adquiriram uma serena beleza. A espuma que a manchava desapareceu completamente e somente uma mancha vermelha indicava o lugar da ferida mortal. Então Supramati ajoelhou-se, segurou as duas mãos da falecida e levantando os olhos para o céu, proferiu com sentimento:

- Permita meu Pai Celeste, através do meu poder puro, que a alma banida deste corpo de modo criminoso e à força retorne para a sua moradia terrena. Senhor Jesus Cristo, apóie-me e me auxilie, fazendo seu servo digno de vencer o inferno. Ele inclinou-se sobre a falecida e disse imperiosamente: - retorne sopro divino, a esta nova vida, concedida novamente pelo Todo-Poderoso e se consagre ao louvor do seu nome e suas leis.

O corpo da jovem começou a tremer. Respirando profundamente, seus olhos se abriram e como se despertasse de um longo sono ela olhou em volta, misto de medo e estupefação. Nivara cobriu sua nudez com uma túnica branca de largas magas e ajudou-a a levantar-se.

- Adore seu Deus e beije o sagrado símbolo da eternidade e salvação – disse Supramati estendendo-lhe o cabo cruciforme da sua espada, que ela beijou respeitosa e piedosamente. - A agora, volte para os seus pais e diga-lhes que é preciso buscar a luz e não as trevas. Prove a sua gratidão ao Criador vivendo de acordo com as suas leis.

Cambaleante, mas feliz, a jovem correu para seus pais. Estes, plenos de felicidade, correram para ela cobrindo-a de lágrimas e carinhos.

Seria difícil descrever o que se passava na multidão. Os nervos das pessoas, debilitadas por depravação e anomalias, já não suportavam tantas emoções. O horripilante silêncio que permaneceu até aquele instante rompeu-se de repente. As pessoas gritava, riam, rugiam, choravam e, oscilando entre o medo e a dúvida, perguntavam se era realmente possível que Shelom Iezodot, o senhor do mundo, fosse um demônio, enquanto que o mago hindu, que os impressionara com a sua beleza e poder, era um enviado daquele antigo Deus há muito esquecido e renegado,

Calma e impassivelmente Supramati subiu novamente sobre a sua pedra, e olhou para o pálido e perdido Shelom, que ofegante tentava recuperar-se após a terrível luta. Minutos depois ouviu-se a voz sonora do mago.

- Eu lhe proponho Shelom Iezodot, iniciar o derradeiro ato do nosso duelo. O sol já está se pondo e os espectadores, assim como nós aguardam um desfecho.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Eu não imaginava que voce tinha tanta pressa em reverenciar Lúcifer e sua grandeza. Aguarde um pouco, enquanto eu faço os últimos preparativos – respondeu Shelom com um sorriso malévolos. E, virando-se entrou no seu camarim e que tinha um quarto privativo.

Supramati também aproveitou a pausa e, prevendo que esta seria bastante longa, subiu ao camarote para descansar conversando com os amigos. Nos fundos da parte da arena reservada a Shelom havia ruínas de uma antiga igreja destruída por satanistas; suas paredes desmoronadas e a torre do sino formavam uma grande escarpa. Os espectadores tinham ficado intrigados com o fato de aquelas ruínas não terem sido retiradas. Mas foi naquele lugar que erigiram o altar para Lúcifer: um bloco cúbico de mármore negro, rebaixado e maciço, sob o qual se elevava o que restou da abóbada da igreja. Aos poucos nuvens cinza-avermelhadas cobriram o céu e um vento forte levantou a areia da arena e agitou o verde do bosque criado pro Supramati. A escuridão aumentou rapidamente e ao longe ouviram trovões se aproximando. Sob a abóbada das ruínas cintilaram rubras línguas de fogo e, por fim, um brilho purpúreo e agourento iluminou a arena e as ruínas. Em alguns locais, em grandes bacias de bronze foi aceso alcatrão, cuja luz enfumaçada deu ao cenário um ar fantástico e arcaico. De repente ouviram-se berros, uivos e por detrás das pedras começaram a sair como sombras, hienas, tigres, leopardos e outros animais selvagens. De pêlo em riste e olhos brilhando de ódio ele se postaram em semicírculo diante da rocha negra, rugindo baixinho e agitando nervosamente as caudas. Vendo isso, Supramati levantou-se, ocupou novamente seu lugar no aerólito e desta vez foi seguido por quatro amigos que ficaram perto dele.

Logo apareceu Shelom Iezodot acompanhado de doze feiticeiros. Ele estava nu e trazia consigo, em vez da espada, um forçado em brasa. Os chifres sobre sua testa também pareciam estar em brasa. Enfileirando-se em ambos os lados junto à rocha negra, os doze feiticeiros caíram de bruços, Shelom permaneceu de pé diante da pedra onde deveria aparecer o seu terrível senhor, traçando com o tridente sinais cabalísticos e entoando uma estranha canção de notas agudas e dilacerantes; Aos poucos o canto mudou para um tempestuoso recitativo no qual ele relatava a Lúcifer todos os seus serviços realizados para o inferno, todos os crimes e sacrilégios, resumindo, todos o enorme trabalho executado pelos servidores das trevas objetivando o fim da humanidade. O desencaminhamento fora um sucesso, pois a humanidade foi subtraída

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

da fé e de qualquer apoio moral, atada às próprias paixões e caída aos pés de Lúcifer; e agora ele, Shelom Iezodot, seu fiel servo, exigia a recompensa. Com palavras sacrílegas, cheias de ódio, ele insistia que Lúcifer aparecesse e destruísse o hindu atrevido que ousara competir com ele e contar bravatas. Cada vez mais concentrado, espumando pela boca, ele insistia que Lúcifer o vingasse e destruísse o inimigo, mandando a terra engoli-lo e o fogo queimá-lo, privando-o antes do poder para depois alquebrá-lo e prostrá-lo a seus pés.

Um forte trovão explodiu como resposta a este terrível chamado, a terra tremeu e as ruínas iluminaram-se como um clarão. Sob a abóbada acenderam-se fogos multicolores e, de repente, sobre a rocha apareceu uma titânica e horrível figura. Sobre o fundo sanguíneo-ígneo delineava-se claramente a típica cabeça de agourenta beleza, cujo rosto possuía a marca de todos os crimes, paixões e sofrimentos espirituais... As enormes asas dentadas elevavam-se dos ombros e, em cima da testa, os chifres retorcidos, símbolo da besta-fera.

- Ajoelhe-se, maldito hindu, verme desprezível! Ajoelhe-se e reverencie o nosso e seu senhor, pois o seu poder não poderá afetá-lo – rugiu Shelom.

O espírito das trevas soltava redemoinhos de fumaça que o vento levava em direção ao mago. Supramati ao sentir o contato com os fluídos nocivos empalideceu, ficando da cor da própria túnica, mas nos seus olhos ardia como sempre a poderosa vontade e a sua voz ecoou serena e confiante:

- tenho um só Senhor a quem reverencio: Deus. E uma única arma: a minha fé e o símbolo da salvação, abençoado com o sangue do Filho de Deus.

E sacando de dentro da roupa a cruz dos magos, que emitia torrentes de luz ofuscante, ele correu em direção ao poderoso demônio, atravessando corajosamente a linha de demarcação. Enquanto ele falava, Dakhir e Narayana desembainharam as suas espadas e Niebo e Nivara empunhavam seus bastões mágicos apoiando o seu amigo com toda a força dos seus poderes. Supramati como se levado pelo vento, aproximou-se rapidamente do altar satânico e atacou ameaçador, com a cruz levantada sobre a cabeça:

- Para trás, demônio negativo, artífice do mal e desgraças. Desapareça, retorne ao abismo do qual saiu para a perdição da humanidade. Eu o esconjuro e firo com esta arma de luz! – trovejou a voz do mago, atacando corajosamente o espírito maligno.

De repente, o rosto do demônio empalideceu, um forte abalo fez a terra tremer e, no lugar onde se elevava o altar ímpio, a terra abriu-se formando uma grande rachadura,

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

profunda como um precipício, tragando Lúcifer. Supramati parou, deu um suspiro de alívio e com a cruz resplandecente traçou sobre ao abismo um sinal de redenção. Imediatamente, sobre o lugar do demônio destronado, brilhou no ar uma cruz luminosa de enormes proporções que iluminou com sua luz suave e azulada os mais longínquos arredores. Shelom e seus asseclas estavam estupefatos, pois tudo se passou com rapidez incrível. E quando brilhou a cruz fulgurante, os magos negros começaram a gritar e uivar, alguns caíram mortos e os outros fugiram. Shelom, apanhado por um forte vento foi jogado para longe da arena, local de sua terrível derrota...

Obviamente para as pessoas dos séculos passados, como por exemplo, do século XX, tais acontecimentos ao ar livre, em plena luz do dia e diante dos olhos de milhares de espectadores pareceriam inacreditáveis, mas a regra geral é esta: quanto mais se desenvolve o poder, maior é a sua manifestação. O mesmo aconteceu com o poder ocultista. Quanto maior poder adquiria o invisível, tanto mais freqüentemente e com maior intensidade ele revelava a sua presença. Infelizmente, o inferno manifestava mais; o Céu e o número de fiéis diminuía. Apáticos, indiferentes e desunidos, eles desperdiçavam a sua força e poder, enterravam os dons recebidos, enquanto o quartel-general das trevas, enérgica e ameaçadoramente, abria o seu caminho...

O que aconteceu ao público foi indescritível. A multidão, estarecida e quieta, assistiu ao aparecimento e desaparecimento do demônio. Entretanto, a visão da cruz teve o efeito da queda de um raio. Uns começaram a correr feito loucos, outros, profundamente abalados, olhavam para aquele símbolo tão profanado e há muito tempo esquecido, outrora adorado por seus ancestrais. Neste instante se ouviram no ar sons harmoniosos abafando a gritaria geral e agindo como um lenitivo aos nervos excitados dos presentes, mantendo-os nos lugares. Quando a estranha música acabou, Supramati começou a falar:

- Aproximem-se, filhos de Deus, e adorem ao seu Criador. Arrependam-se e retornem a fé esquecida. Vocês cegados pelo encantamento dos espíritos das trevas insultaram a Divindade. E o que ganharam com tantas maldades e sacrilégios? Vocês quebraram o equilíbrio das forças cósmicas que destruirão o planeta. Eu sou um missionário dos últimos dias e lhes digo: a hora do Juízo, anunciada pelos profetas, está mais próxima do que imaginam. E vocês, junto com a sua terra, estão condenados à morte da qual o inferno não poderá salvá-los. Aproveitem este curtíssimo adiamento, arrependam-se e purifiquem-se para escapar do terrível castigo. Reabram os templos

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

vazios, estes centros de oração e força coletiva, reergam o altar do Senhor, cantem os cantos sagrados, cujos sons afastarão as forças impuras. Exorcizem os demônios que se apoderaram de suas almas, destruíram e macularam seus corpos. Tudo morre e se transforma em sopro divino do Criador. Salvem, pois, esta fagulha celestial para que a mesma se eleve para a luz e não caia no abismo das trevas...

Quando Supramati se calou, uma inusitada agitação tomou conta de parte dos espectadores e, enquanto os devassos satanistas fugiam, sofrendo de dores dilacerantes e espumando pela boca, uma multidão de pessoas humildes, com alegria e lágrimas nos olhos de denotando medo supersticioso, aproximou-se e prostrou-se diante da cruz resplandecente – o adorado símbolo de outrora, sagrado talismã de seus ancestrais. Naqueles antigos tempos a felicidade em viver era maior; na Terra ainda existia a fé, quando o símbolo da salvação recebia o recém-nascido, purificava e separava-o dos inimigos invisíveis ou ficava sobre o túmulo, guardando o falecido dos ataques das criaturas impuras. E eis que esse símbolo, por tanto tempo perseguido, reergue-se diante deles, puro, resplandecente, visível para todos, e misericordiosamente chama para si a infeliz humanidade que, renegando Deus, entregou-se ao poder das forças obscuras e foi atada pelas mãos e pés. Tomados de um êxtase repentino, estas pessoas que desaprenderam a orar caíam de bruços, elevavam as mãos para a Cruz e com lágrimas nos olhos repetiam as palavras que os magos lhes ensinaram:

- “Tenha piedade de nós, Senhor, e perdoe os nossos crimes!”

Em resposta a este apelo, nos casos em que o suplicante desafogava toda a sua alma, aconteciam milagres: surdos voltavam a ouvir, mudos a falar e os paraplégicos a movimentar-se livremente.

Supramati, deixando a multidão adorando a Cruz, voltou para a sua parte da arena acompanhado pelos amigos e, quando se aproximava do camarote, viu perto da entrada uma dezena de pessoas cujas cabeças eram envoltas por largas auras. À frente estava Ebramar. Com os olhos úmidos de lágrimas, ele estendeu-lhe as mãos e disse, apertando-o contra o peito:

- Parabéns pela vitória, meu querido filho e discípulo!

Os outros magos também o abraçaram. A multidão ao ver o grupo de pessoas estranhas em trajes prateados e cercados de aura de luz tomou-os por santos descidos do Céu para aparecerem aos homens.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

- E agora, amigos, vamos passar uns dias no nosso abrigo do Himalaia, porque uma tempestade irá desabar. Os espíritos do caos, o exercito das trevas de Lúcifer pretendem vingar-se da derrota por meio da destruição.

Mais tarde uma nave espacial diferente, de construção desconhecida para os simples mortais, levou os magos, a uma velocidade estonteante, para um dos seus inacessíveis abrigos.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO XVI

A previsão de Ebramar logou e confirmou. No dia seguinte, desencadeou-se um terrível furacão jamais visto e durou por três dias seguidos, causando muitos estragos. Quando o temporal finalmente se acalmou, a terra estava devastada por centenas de milhas. Nos campos, tudo foi destruído opor um vento medonho ou derrubado pelo granizo; as estufas destruídas; as casas destelhadas e inúmeras pessoas esmagadas sob as ruínas dos prédios desmoronados. Dando seqüência a essa desgraça iniciou-se outra. Veio um calor tão escaldante que a terra rachou, a água secou nos lagos e rios e os peixes pereceram. As árvores que sobreviveram ao furacão ardiam, perdiam as folhas e pareciam postes queimados. Os animais domésticos morriam feito moscas; a fome crescia gradualmente e grassaram terríveis epidemias. Mesmo as pessoas mergulhadas em ouro, no interior de seus palácios, sucumbiam de inanição e sufocamento em razão de estar o ar impregnado de fumaça da turfa ardente. Esses fenômenos cósmicos eram por certo contagiantes, pois de todos os cantos chegavam notícias lastimosas sobre furacões e calor tropicais inéditos que transformavam a Terra em deserto.

Por uma estranha casualidade, somente o bosque criado por Supramati durante o seu duelo com Shelom resistiu facilmente à intempérie: a crua radiante flutuava tranqüila no ar, iluminando com luz misteriosa aquele pedacinho de terra; de suas entranhas jorrou uma nascente de água fria e cristalina. Aos poucos, todo o local foi cobrindo-se de árvores carregada de frutas, aonde multidões famintas vinham saciar sua sede e fome. Somente os satanistas evitavam o local sem se beneficiar do mesmo, justificando que a água lhes causava dores internas e as frutas eram indigestas.

O estado moral das pessoas não era menos lastimoso. Endoidecidos e famintos, em vão clamavam eles pela ajuda de Lúcifer, pois o inferno parecia surdo e mudo às suas súplicas. Ele lhes dera ouro para adquirir o que bem quisessem inclusive as almas divinas. Agora de posse de todos os bens, estes foram aniquilados e ultrajados; Deus foi

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

banido dos corações humanos e sobre os homens desabaram terríveis desgraças; sobrara para a humanidade criminosa apenas o ouro, o qual já não podia comprar nada para abastecer os celeiros e despensas; Tudo fora vendido pela humanidade ao demônio do ouro; riquezas naturais; seivas da terra; florestas verdejantes que sucumbiram sob o machado do negociante; petróleo, carvão mineral e eletricidade – tudo foi consumido sem a parcimônia precavida de um ricoço sensato, mas com a despreocupação demente de um esbanjador que não pensa nem no presente nem no futuro, e que com barbárie selvagem sacrifica os legados de seus ancestrais em prol dos deleites efêmeros do presente. Arruinados física e moralmente, as pessoas chegaram à beira do precipício que iria engolir o mundo – que bem poderia sobreviver por mais algum tempo, fértil e verdejante, servindo às inúmeras gerações de escola para o aprimoramento e a purificação... O descontentamento das massas começou a se revelar tanto mais veemente quanto perigoso, pois a turba depravada e desacostumada a obedecer não conhecia qualquer tipo de freio. O povo se juntava diante do palácio de Shelom, exigindo, insistente, aos gritos e ameaças, que ele pusesse termo ao calor escaldante e abrasamento da Terra.

- Voce é filho de Satanás, equivale a Deus e submete os elementos. Então, acabe com a seca, dê-nos pão e água. Ou, ameaçando-o com punhos cerrados, as pessoas gritavam desatinadas: - Não queremos mais seu ouro, queremos ar, pão e água. Prove que voce é poderoso, que não é farsante nem gabola, já que foi vencido pelo hindu. Foram voces, satanistas, que chamaram sobre nós a ira de Deus! – gritavam outros. – Lá, onde a cruz paira no ar, há uma grande fartura de frutos e água! Devolva-nos o antigo Deus, restitua-nos a fé anterior, caso contrário não sobrará pedra sobre pedra de seu palácio e nós destruiremos todos os seus templos.

A indignação crescia a cada dia; princípio de uma guerra interna já se podia sentir em vista da fome e sede terríveis que assolavam a Terra e os homens. Nas ruas ocorriam combates sangüinários; os rebeldes atacavam os satanistas onde quer que eles se encontrassem, armando-se de crucifixos de ferro ou madeira. Invadiam templos satânicos, demoliam altares e quebravam estátua de Lúcifer. Eram assassinatos ensandecidos, rebeliões, desespero; a turba enfurecida procurava por Shelom para aniquilá-lo, mas este parecia ter sumido, sem aparecer algures. As informações que chegavam de todas as partes davam conta de que o quadro de ódio e pobreza era geral, enquanto que a natureza imperturbável prosseguia em seu afã destruidor. O sol

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

queimava implacavelmente, iluminando o deserto estéril e os cadáveres em decomposição de homens e animais. Jamais o desprezo ao ouro tomou tais dimensões. De bom grado ele seria trocado aos punhados por uma caneca de água, um pedaço de pão e um sopro de ar fresco e puro. Pela primeira vez, provavelmente, o vil metal tornava-se morto e inútil nas mãos de seus proprietários.

O tumulto e o clamor dessa guerra fratricida, sem trégua ou misericórdia, não chegavam até Shelom, escondido no subterrâneo. Era uma sala ampla, mobiliada com luxo imperial: as paredes eram revestidas por um tecido vermelho bordado a ouro; os móveis eram de madeira preta com incrustações e o chão estava coberto com tapete macio como pele. Nu nicho fundo havia uma grande estátua de Lúcifer, indiferente aos sofrimentos e lutas provocadas por ele, a figura soturna do demônio sobressaía-se no ambiente e em seu semblante petrificado congelou-se um sorriso de escárnio. Diante da estátua, num candelabro de sete braços, ardiam velas negras de cera. No meio da sala havia uma mesa grande, sobre a qual estava um enorme jarro de vinho, uma taça e um antigo livro aberto.

Shelom estava sozinho. Sentado numa poltrona de espaldar alto, recostando a cabeça numa almofada vermelha, refletia brincado impacientemente com a adaga mágica, presa na cintura. Seu rosto estava sombrio, desfigurado pela fúria interior e orgulho ferido; depois de enfrentar o mago, ele sentia-se fraco e as forças voltavam por demais lentamente.

Tremia de ódio só de pensar que ele, Shelom, era obrigado a se esconder feito um ladrão daquelas pessoas que o veneravam como a uma divindade. Nas longas horas de solidão no subterrâneo, ele, repentinamente, era tomado de dúvida – essa força terrível, criada pelo inferno para sugerir às pessoas a descrença na existência de Deus, E este monstro que dilacera os corações humanos, estava agora em pé junto à poltrona de Shelom; sua cabeça de serpente inclinou-se até seu ouvido, os olhos esmeraldinos fixavam-no, cheios de mofa indescritível, e a voz diabólica murmurava: - Onde está o seu poder? O que voce pode fazer contras as leis que são mais fortes que o seu conhecimento?... O hindu e os próprios fatos provam, claramente, que no grande tudo, voce é uma criatura ínfima... Quem sabe?... Talvez o senhor a quem voce serve não se compare Àquele outro e voce jamais poderá vencer o Céu, pois sua causa talvez seja ignóbil...

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Um arrepio de rancor violento tomou conta dele ao pensar que talvez ele não passasse de um joguete nas mãos do cruel senhor que se inebriava com o sangue por ele derramado, abandonando-o naquela hora difícil, sem forças para sufocar a rebelião, uma ameaça direta a ele, visto as paixões desenfreadas não conhecerem fronteiras. Sua alma contorceu-se invadida pela sensação dolorosa de que o inferno não era tão poderoso quanto ele imaginava...

Mas Shelom era diferente daquela turba torpe e indecisa que desconhecia e nem queria acreditar seja no bem, seja no mal. Ele se aprumou e com a mão atirou para trás as madeixas de cabelo que haviam se grudado em sua testa suarenta.

“Caia fora, monstro covarde da dúvida. Voce não poderá vencer-me”, pensou ele. Secou avidamente a taça de vinho e depois bateu sobre uma campainha metálica. Ao seu chamado veio Madim.

- Eu quero chamar Lúcifer e exigir sua ajuda – bradou Shelom. – Está na hora de por um fim a todas essas desgraças. Ele deve ter meios para indicar-me a saída, revelando o prometido segredo da essência, a fonte da vida. A lei é uma só: “Peça e receberá, bata e a porta se abrirá”. Tanto faz a porta em que voce estiver batendo, a do Céu ou a do Inferno. Se voce sabe exigir, uma se abrirá em algum lugar.

Preocupado e absorto, Madim ajudou-o nos preparativos, iniciados imediatamente. Diante da estátua de Lúcifer, eles acenderam as trípodes com ervas resinosas, fizeram a defumação e apagaram as luzes. Agora somente as velas negras de cera e a chama fumegante das trípodes iluminavam a sala. Shelom pegou um tridente e ficou descalço, enquanto Madim postou-se de joelhos diante dele com um livro aberto em cima da cabeça. Com uma voz estrídula Shelom começou a ler fórmulas mágicas, fazendo sinais cabalísticos com tridente, que batia no chão em lugares específicos, e aumentando a velocidade da recitação de fórmulas. Logo toda a sala subterrânea se encheu de fumaça multicolorida que pareceu dissipar-se, dando lugar a uma verdadeira legião de diabos de todas as cores e tamanhos, que voavam em volta daquele que os invocara. No mesmo instante, no fundo negro do livro, desenharam-se em linhas ígneas alguns sinais cabalísticos e os capetas desapareceram como se varridos pelo vento; em seguida, retornaram trazendo com visível dificuldade, um grande punhal com diversos sinais cabalísticos que fosforesciam na lâmina negra. Shelom pegou a arma mágica e fez um sinal com o tridente: os diabinhos sumiram e as trípodes se apagaram. Com a voz

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

roufenha, ele ordenou que Madim acendesse as lâmpadas e ao examinar atenciosamente os sinais na lâmina, disse suspirando aliviado:

-E necessário preparar o sacrifício exigido por Lúcifer e, depois ele nos levará ao local onde jorra a essência primeva que recupera as forças da natureza.

Dois dias depois, encontramos Shelom longe de Czargrado, nas montanhas do Líbano. Uma ampla caverna subterrânea foi adaptada para invocações a pedido de Lúcifer. As tochas, enfiadas entre as pedras, fumegavam e com uma luz avermelhada iluminavam um quadro diabólico e repugnante. No meio da caverna, em três compridas e maciças barras de ferro estava suspenso um enorme caldeirão, cheio até as bordas com um líquido vermelho fumegante. Sob o caldeirão, numa lareira de tijolos estava o combustível – um amontoado de cadáveres, dispostos feito lenhas e impregnados com breu e outras substâncias resinosas. Um cheiro nauseante de carne queimada tomava conta da caverna e a fumaça espessa ia para o alto e lá desaparecia, saindo, provavelmente, através de fendas. Shelom e Madim, ambos nus, com ganchos de ferro nas mãos cuidavam do fogo, mas assim que o cozido nojento começou a ferver, eles largaram as ferramentas. Shelom peou a forquilha mágica e Madim, o livro negro, que ele colocou sobre a cabeça, ficando de joelhos diante de seu mestre. À medida que Shelom lia as fórmulas e desenhava sinais cabalísticos, uma miríade de pontos negros começou a surgir da fumaça, tomando a forma de uma legião de capetas. A caverna povoou-se de gemidos e gritos agônicos; a terra tremeu com uma forte explosão e do caldeirão surgiu à figura medonha do demônio, vencido por Supramati durante o duelo mágico. Uma crueldade infernal deformava-lhe sinistramente as belas feições; os olhos injetados de sangue cintilavam, e entre os lábios rubros brilhavam os dentes pontiagudos de uma fera. O ser medonho levantou-se e sua voz surda fez-se ouvir:

- Eu vim a seu chamado, Shelom Iezodot, e lhe darei meios de vencer a Terra de novo. Na primeira vez, eu lhe dei ouro, que perverteu o mundo; na segunda, aproveite-me da arte da impressão de livros, inventada por homens com o objetivo de trazer a luz, mas que em minhas mãos e nas mãos de meus servidores serviu para que os capetas negros percorressem o universo, espalhando a escuridão, devassidão e sacrilégios, penetrando com a mesma facilidade nos palácios e lares humildes, envenenando desde uma criança até um velho. Entrego-lhe, agora, a minha terceira dádiva: a vida eterna, a colheita sem labor, os prazeres sem limites nem doenças. Eu entrego em suas mãos a seiva, o sangue do planeta, e verei o que voce conseguirá fazer de tudo isso... Ao

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

recuperar o reino, crie fertilidade e pujança, torne-se igual a Deus... E agora, deixe que Madim tome conta do fogo e me siga.

Pulando lépido do caldeirão, ele dirigiu-se à fenda que se perdia nas profundezas da terra. O caminho era terrivelmente difícil, através de passagens estreitas que mal permitiam passar uma pessoa; mas com o seu temível acompanhante, Shelom nada receava. Destemido e incansável, rastejava pelas grutas, trepava ao longo dos abismos, galgava as escarpas, passava por dentro das cavernas com sufocantes vapores sulfúricos. Finalmente eles alcançaram uma ampla gruta, cheia de vapor prateado e luz ofuscante que se refletia em estalactites multicoloridas, dando-lhes um aspecto de um tecido bordado com pedras preciosas. No meio, jorrava o interior da terra, elevando-se por alguns metros, um fino jato dourado parecido com uma chama líquida, indo cair em seguida, num reservatório natural, onde o líquido parecia perder-se no fundo em filetes dourados.

- Eis aqui a fonte da vida! E eu que imaginava que nós teríamos de enfrentar os ermitãos do Himalaia, que zelosamente protegem os seus segredos; mas, pelo visto, eles estão mais preocupados em proteger a fonte principal ou, quem sabe, já desistiram de lutar – ridicularizou o demônio e acrescentou em tom zombeteiro: - Em todo caso, estamos aqui, a fonte da vida está em suas mãos e eu só tenho de abrir-lhe um caminho mais fácil para vir até aqui. Por enquanto, vamos levar aquele recipiente... Encha-o.

Ele apontou para Shelom uma depressão onde se encontrava um grande jarro de cristal e quando esse já estava cheio até as bordas, pegou-o e os dois se dirigiram à gruta das invocações. Quando lá chegaram, Lúcifer mostrou a seu discípulo o método de se utilizar da terrível substância e completou:

- Quando o líquido estiver pronto para o uso, ordene que os jardins e os campos sejam espargidos por ele, abasteça todos os governantes regionais para que em todos os lugares sejam feitas as irrigações. Convém ainda, que o ar seja pulverizado pelo líquido para sua purificação. O que temos por enquanto é suficiente, mas devemos achar uma forma mais fácil de pegar o elixir.

Indicando o melhor meio de levar à gruta a essência primeva, o terrível demônio se enfiou lentamente no caldeirão e pareceu dissipar-se dentro do sangue que lá fervia. Ficando novamente a sós com Madim, Shelom aprumou-se, orgulhoso com seu triunfo e raiva saciada.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- E então Madim? Voce é um grande idiota por ter ousado duvidar de mim e tremer diante do hindu! Entende agora que forças eu tenho na mão? Quando eu devolver a vida a este planeta, ao atrevido Supramati nada mais restará senão esconder-se com todos os seus eremitas nos redutos onde eles passam até hoje – exultou em tom de desprezo Shelom, espreguiçando seu corpo esguio, como de um gato.

- Oh! Voce é o autêntico senhor do universo e o seu poder não tem igual! – Exclamou Madim, jogando-se aos pés e respeitosamente beijando as mãos de seu nefasto soberano.

Algum tempo depois correu um boato que mais tarde chegou ao mundo inteiro; não tão rápido como antigamente, pois os telefones só funcionavam aqui e ali e o telegrafo sem fio pior ainda. As naves espaciais não conseguiam levantar vôo numa atmosfera densa e escaldante, voavam muito baixo e os desastres eram freqüentes. Apesar de tudo, tornou-se pública, com a rapidez possível, a informação de Shelom Iezodot, em tom ufanista, de que ele tinha o segredo de devolver ao planeta ar puro, água em abundância e a fertilidade de outrora. “Está de volta o século de ouro!” – anunciou ele, - “não haverá mais nem mortes nem doenças e todo o ser vivente agora na Terra que reconhecer o poder de Shelom, o filho de Satanás, será eterno, belo e sadio, gozando de todas as benesses terrenas”. Pouco depois, surgiu o anuncio que oferecia aos interessados provar do elixir da vida eterna, devendo comparecer, para tanto, na grande praça em frente ao palácio de Shelom no dia seguinte, quando então haveria a primeira distribuição.

Ao alvorecer como experiência, os detentores da essência primeva espargiram com ela o ar e... Realmente, a atmosfera ganhou uma coloração azulada, onde todos sentiram um frescor agradável. A multidão que viera de manhã e que encheu a praça e as ruas adjacentes logo sentiu a mudança na temperatura e concluiu admirada que as promessas de Shelom estavam sendo cumpridas. Diante do palácio, num tablado comprido, foi colocado um barril com u líquido rosa do que desprendia leves vapores, e uma quantidade enorme de copinhos cheios da bebida misteriosa. Com uma cobiça enlouquecida, a turba humana lançava-se junto ao tablado secando o conteúdo dos copos. Mas, ai, aconteceu Algo inesperado... Mal os primeiros haviam acabado de engolir a bebida ofertada, caíram mortos e os que vinham atrás recuaram apavorados. No primeiro instante, todos foram tomados de pânico, mas depois a multidão enfurecida começou a gritar:

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Ele quer nos envenenar para ficar livre de nós!

As pessoas ensandecidas lançaram-se contra Shelom e Madim com vistas a retalhá-los. Com muito custo conseguiram salvar a pele fugindo ao palácio, fechando atrás de si uma porta maciça. Então a multidão lançou-se sobre o pretense “veneno”, quebrou os copos e derrubou o barril. Devido ao contato com o líquido, em muitos apareceram queimaduras e feridas, o que aumentou a fúria ainda mais. Apesar de tudo, Shelom era temido e ninguém se atreveu a invadir o palácio. Amaldiçoando e soltando impropérios, a multidão dispersou-se, carregando seus mortos e feridos. Escondido atrás da cortina, Shelom observava através da janela o fim do espetáculo; pálido e desanimado, Madim estava ao seu lado. E quando, finalmente, Shelom virou-se sombrio e com cenho carregado, o secretário perguntou-lhe timidamente:

- Mestre, não será isso outra artimanha do maldito hindu?

- Bobagem, talvez a dose seja um pouco forte. Eu ainda não peguei o jeito de manipular a substância e nem tive tempo de estudá-la. E quanto líquido precioso destruiu aqueles malditos animais!... – Ele pensou um pouco e acrescentou: - Ainda é perigoso pegar alguém para ajudar, à noite, caro Madim, nós vamos fazer uma nova experiência. Vamos irrigar os jardins do palácio, alguns jardins públicos e, sobretudo, as árvores no bulevar que parecem postes queimados. Vamos ver como é que vai ficar.

Com a chegada da noite, armados de bombas pneumáticas – dessas que são utilizadas para a irrigação de ruas – e de grandes baldes de líquido pronto, eles foram ao jardim e regaram árvores, relvados e canteiros. À medida que os finos respingos caíam ao solo, subia um vapor avermelhado e ouvia-se um estranho crepitar da árvore seca. Depois eles irrigaram o jardim público vizinho, uma parte do bulevar, e o que sobrou do líquido jogaram, ao voltarem para casa, no lago do parque público praticamente seco. Embora a quantidade do líquido misterioso fosse muito pequena, em contato com a água provocou um fenômeno estranho para ambos os pesquisadores. Ouviu-se algo parecido com uma explosão, a água começou a ferver, a superfície agitou-se em ondas e o seu nível subiu, como se o fundo empurrasse a água para cima. Devido ao forte estrondo, os “pesquisadores” foram jogados para longe e, quando recuperados do susto, eles se convenceram de que o lago adquiriu a sua forma normal; acalmaram-se e retornaram ao palácio, surpresos e contentes, aguardando curiosos pelos resultados de seu trabalho. Estes se verificaram surpreendentes, além das expectativas mais promissoras. Em todo o lugar onde havia caído o líquido enigmático, em poucas horas surgiu uma vegetação

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

exuberante; as árvores do bulevar que eram secas cobriram-se de densas folhagens, formando copas verdejantes; o lago encheu-se de água e borbulhava com peixes; o ar tornou-se agradável e fresco, o calor sufocante deixou de existir.

Surpresa e fascínio extraordinários tomaram conta dos moradores; sobretudo deixou-os atônitos, a notícia, que correu tão rápido quanto um raio, de que permaneciam vivos justamente aqueles que se julgavam mortos. E não bastasse o fato de estarem vivos, aconteceu a eles uma verdadeira transformação. Todos rejuvenesceram e ficaram em perfeita saúde: os surdos ouviam, os cegos enxergavam, os surdos-mudos falavam e os paraplégicos andavam. Só continuaram mal os que ficaram queimados. A cidade era um só alvoroço.

Todos estavam amargamente arrependidos com o impensado ímpeto de raiva do dia anterior; enquanto os que não tiveram tempo de beber, desesperavam-se só de pensar que ainda ontem haviam destruído, irrefletidamente, tal quantidade de elixir renovador. Shelom era de fato um ser extraordinário, dotado de poder e conhecimentos sobrenaturais. Não seria ele então, então, um benfeitor da humanidade se, porventura, restabelecesse em todo o planeta a fertilidade, a fartura de tudo, a temperatura normal e o que é mais importante – curasse todas as doenças humanas e os preservasse da morte? Por que ele não poderia fazê-lo, se à vista de todos havia uma prova cabal de seu poderio? E, não obstante, ele foi magoado e até quiseram matá-lo. O que aconteceria se ele agora desse as costas aos ingratos, deixando-os entregues à própria sorte? E a turba leviana e exaltada que ainda ontem queria acabar com ele, novamente se dirigiu ao palácio de Shelom, mas desta vez para glorificá-lo, agradecer e reverenciá-lo. Aos gritos fortes o povo o conclamava; contudo ele os fez esperar por um longo tempo, e, quando finalmente apareceu no terraço tinha o rosto sombrio e o olhar gélido e severo.

Deve-se acrescentar que em todos os lugares onde, na véspera fora derramado o líquido do barril e dos copos, e onde a substância misteriosa entrou em contato com o solo, surgiu, durante a noite, uma estranha vegetação – um pequeno bosque de arbusto entrelaçados, à semelhança de cactos, com enormes folhas de uns vinte centímetros de espessura, cobertas de longos e afiados espinhos, como uma lâmina, cheias de grossas nervuras sanguíneas. Em alguns lugares, através da folhagem escura e troncos baixos, grossos de cor vermelho-pardo, viam-se pendendo bulbos florais em forma de melão, surpreendentemente parecidos com nacos de carne, levemente envoltos em névoa cinza

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

de matiz violeta. A força com que esses arbustos-monstros brotavam da terra quebrou ou arrancou, arremessando para bem longe, as placas de asfalto que revestiam as ruas.

Com o surgimento de Shelom no terraço, a multidão abriu os braços gritando: - “perdoe-nos, perdoe-nos...” Shelom de início passou-lhes um severo sermão, censurando-os pela ingratidão e estupidez por terem destruído o líquido precioso que poderia ter dado a vida eterna a milhares de pessoas; em seguida, apontando para o bosque espinhoso que ocupou a metade da praça, acrescentou:

- A essência por mi descoberta, como vêem, possui tanto poder que mesmo derramada criminosamente consegue dar a vida. A diferença é que, quando ela é manipulada sensatamente por uma mão experiente, provoca fertilidade e fartura, ao passo que se for derramada irracionalmente e sem medida, ela cria monstruosidade tal como essa aí, em frente de vocês.

A multidão assustada e quieta recuou bruscamente e novamente ouviram gritos, choros e súplicas de perdão. Shelom pareceu comover-se e em seu discurso anunciou que Lúcifer, o senhor misericordioso a quem ele servia, perdoava a seus súditos, afetados pela fome, sede e medo.

- Ele lhes perdoa seus sacrilégios – continuou Shelom – mas vocês deverão corrigir as suas faltas. Vão, então, reergam os templos de Satanás, acendam as trípodes e ofereçam-lhe em sacrifício os ímpios que se atreveram a insultar o seu nome e subestimar o seu poder. Já houve Deus que recompensasse seus leais servos com tantas dádivas como Satanás, que nada lhes poupa? Ele acabou com a morte, a fome e as doenças, e os que o veneram irão gozar de primavera eterna e colher sem plantar. Os infiéis, os que renegam Satanás, deverão ser eliminados até o último; não há lugar para eles entre nós. E sendo que eles não poderão beber a essência vital, permanecerão mortais vindos a perecer na fogueira... Ou melhor, na cruz. Já que eles veneram esse símbolo, vão gostar de morrer crucificados. Só precisamos atraí-los daquelas fendas e subterrâneos onde se escondem sem deixar escapar nenhum. E enquanto isso vamos aplicar-lhes a pena merecida; deixem que aquele. Ao qual eles oram, desça do céu para defendê-los e salvá-los.

O discurso provocou um imenso entusiasmo. Mas quando a multidão ia se dispersando para invadir os templos restantes, ocorreu um terrível e inesperado fato. Uma mulher de meia-idade que ia passando perto dos arbustos enroscou sua saia no espinho de uma folha. Para o espanto dos presentes, quando a folha endireitou-se,

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

agarrou e arremessou a mulher para o meio do bosque, feito uma pena. No mesmo instante, das folhas surgiram longos e delgados caules antes despercebidos, grossos como braços; em suas pontas havia curvos acúleos, feito uma mão com garras, Instantaneamente essa cordoalha viva envolveu e derrubou sua vítima, ocultando assim o final de um drama fatal, pois os gritos da infeliz haviam cessado. A multidão ficou estupefata, mas o engenhoso Shelom bradou em voz alta:

- Eis o lugar onde nós vamos lançar os veneradores da cruz; essa tortura equivale a uma fogueira e os ermitãos do Himalaia serão os primeiros a experimentar esse tipo de morte.

Algumas manifestações de apoio se ouviram em resposta, mas a impressão deixada pelo acontecimento era por demais deprimentes para ser retomado o entusiasmo; a multidão dispersou-se às pressas, tratando de abandonar a praça o quanto antes. Mas, a partir daquele dia, em todos os cantos da Terra iniciou-se uma atividade febril; Shelom enviava, ininterruptamente, grandes quantidades do líquido misterioso a todos os governantes regionais, sub cuja direção era feita a irrigação, trazendo efeitos surpreendentes. O mais impressionante era a rapidez com a qual surgia e se desenvolvia a vegetação; qualquer lugar que tocasse aquele extraordinário orvalho, o solo estéril transformava-se em jardins verdejantes, e, com tal rapidez, como se os anos contassem em dias. A agitação no meio dos cientistas era enorme; e, vão tentavam analisar a inédita substância; ela não se decompunha e os seus elementos continuavam incógnitos. Sem poderem conhecer a razão, restringiam-se a simples constatação dos fatos. E a Terra de fato se transformava em paraíso. A vegetação era exuberante, os rios encheram-se de água e peixe, em todo o lugar nasceram fontes de água, a velhice deixou de chegar e a população rejuvenescida e florescente parecia estar repleta de viço até então desconhecido.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO XVII

Aguardando pelo momento em que os inimigos os desafiarão para a última e grandiosa batalha, nossos amigos se retiraram para um dos palácios do Himalaia, o mesmo aonde, como vimos antes havia falecido Olga. Novamente Dakhir, Narayana e Supramati tornaram a morar sob o mesmo teto, e pela amplitude do palácio cada um poderia imaginar-se em sua própria casa e entregar-se, a sós, a seus afazeres e reflexões. Certa noite, Supramati se sentara sozinho no terraço, onde Olga costumava passar as horas angustiantes de seus últimos dias na Terra. As lembranças avolumavam-se diante dele e a imagem da encantadora mulher, que o amava com todo o ser, erguia-se viva em sua memória. Subitamente, a imagem da igreja do mosteiro cavernal no monte Sinai surgiu-lhe nitidamente e genuflecta, diante do altar, embevecida em fervorosa prece, estava a jovem priora da comunidade. Em seus pensamentos pairava a imagem de Supramati, tal como ela o encontrara em sua visita à gruta, e toda sua alma se entregava à prece: “Enviando Divino, revele-me quem é você e diga-me seu nome. Todo o seu ser se agitou quando o vi e fui ao seu encontro. Eu o conheço, venero e amo como a um enviado de Deus, mas quero saber o seu nome”...

Um sorriso perpassou o belo semblante do mago. Ele levantou a mão e de seus dedos delgados cintilou uma faixa de luz que parecia alcançar e envolver a jovem ajoelhada em prece; os olhos dela se fecharam e o corpo deixou-se cair sobre os degraus. Quase no mesmo instante, junto à adormecida, surgiu uma sombra clara e transparente que, com a velocidade do pensamento voou para o espaço e parou junto ao mago, densificou-se e tomou o aspecto humano. Era Olga em sua atual encarnação. Sua cabeça estava envolta numa aura dourada. Supramati levantou-se, pegou a mão da “visão” e a beijou. Os olhos dela se iluminaram de alegria indescritível.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

- Supramati! Agora eu sei o seu nome e o reconheço. Sua imagem sempre viveu, inconscientemente, em minha alma como um ideal inacessível. – murmurou em voz fraca, mas nítida.

- Você não me esqueceu, coração fiel, apesar de muitos séculos de nossa separação, das provações penosas e das novas formas que o seu espírito adquiriu? – Perguntou Supramati emocionado.

- Esquecê-lo? Seria isso possível? Não, não faça tais indagações tolas; diga-me, antes, se eu trabalhei o suficiente para permanecer junto a voce e ser sua discípula? Não existem provações nem sofrimentos que eu não possa assumir com alegria para merecer essa sublime recompensa. Mas talvez o meu amor a voce deverá purificar-se ainda mais?

- Não, minha querida, ame a mim como lhe sugere o seu coração, porque seu amor é puro como é pura a sua fé.

A hora de nossa reunificação está próxima, mas... Voce deverá suportar a última e difícil provação, vencendo o obstáculo que nos separa. Voce me deixou através da morte e através da morte devera retornar para mim.

Uma luz radiante de alegria iluminou os olhos claros de Olga e uma poderosa energia ressoou em sua voz.

- Não receie meu querido mestre. Não pense que eu vacilarei diante da morte, tanto mais agora que estou forte e purificada; pois mesmo antes, sendo ignorante, cega e um espírito indeciso, eu enfrentei a morte pela felicidade de tornar-se sua esposa. Não, Supramati, eu não irei fraquejar. Sem nada temer, eu propagarei a palavra divina, salvarei almas como exemplo da minha fé inabalável e da morte valorosa. Morrerá tão somente o corpo, que liberto voará ao seu encontro. Como lhe sou grata por ter me chamado! Sua aparição, sua palavra deram-me novas forças.

- Vá então minha fiel amiga, retorne ao seu invólucro corpóreo e esteja certa de que em todos os momentos difíceis que irá enfrentar eu estarei junto de voce.

- Eu sei disso, Supramati, voce será o meu escudo. Eis a arma que me fará invencível e diante da qual recuarão todas as forças do inferno – respondeu ela, levantando a mão que segurava uma reluzente cruz. E fazendo um sinal de despedida, a visão recuou, empalideceu e sumiu na névoa noturna.

Supramati deu alguns passos pelo terraço, recostou-se no corrimão, contemplando pensativamente o panorama mágico dos jardins mergulhados na luz

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

prateada do luar. Repentinamente ele foi tomado por um sentimento cruciante de piedade pela destruição antecipada da Terra, ainda tão bela. Sem poder dar-se conta do tempo que passou em suas reflexões, um leve som o despertou dos devaneios. Estremecendo ele virou-se rapidamente e exclamou alegremente, estendendo as mãos em direção de Ebramar.

- Mestre, como estou feliz em vê-lo! Acabei de pensar em voce. Ou será que voce ouviu o meu chamado?

- Justamente. Eu ouvi o seu lamento em razão do fim de nosso planeta e vim consolá-lo – respondeu Ebramar rindo.

- De fato! Estou sendo atormentado pela idéia de que a Terra a nossa Terra, deverá morrer. Diga-me, não haveria uma forma de salvá-la? Pois há tantos fluídos puros que se elevam, tantas mortes que serão voluntárias pela grandeza do ideal divino, e junte-se a isso a ajuda de nossa ciência... Não poderíamos tentar preservá-la? Eu sinto como se devesse morrer algo próximo e caro, enquanto estou sem fazer nada.

- Eu o entendo caro amigo – disse suspirando Ebramar. – Será que voce pensa que nós não sofremos ao imaginar que teremos de abandonar o nosso lar, onde nos tornamos o que somos agora? Somos impotentes, entretanto, diante das terríveis leis cósmicas que foram acionadas. Como voce irá parar a explosão de uma dinamite se o estopim já está aceso?... O caos embrenhou-se por tempo demais, aos poucos corrompendo e pervertendo as pessoas. Os servidores do Mal mantiveram essa derrocada e contribuíram com todos os meios para a destruição dos focos da fé, pureza e luz, que, de certa forma. Mantinham o equilíbrio. E, agora, o demente Shelom, distribuindo sem limite nem medida a essência primeva, transborda a taça da morte e acelera a catástrofe. Diante de tais circunstâncias, o que nós poderemos fazer?

- Voce está certo, mestre, a minha esperança era absurda e foi-me sugerida pela fraqueza, sentimento de medo diante de um novo mundo para onde teremos de ir, assumindo essa terrível responsabilidade.

- E verdade, a responsabilidade é enorme e ao mesmo tempo mais difícil em função de que nos deveremos trabalhar sozinhos, pois os nossos dirigentes estão se transferindo para um sistema superior. Mas, se a tarefa é grande, é grande, por conseqüência, a recompensa. Não será imensa a alegria de levar pelo caminho do Bem os povos nasciturnos, estabelecer leis sábias, que no decorrer dos infinitos séculos irão manter a harmonia ou dirigir a humanidade vacilante em seu caminho da ascensão? Foi

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

nos dada a oportunidade de criar os séculos de ouro, sermos cientistas e legisladores, czares lendários, que na memória popular serão lembrados como deuses, personificados em corpos humanos, czares das dinastias divinas. E, como última recompensa, nós nos libertaremos deste corpo putrescível para, purificados e límpidos, retornarmos à morada natal eterna. Ebramar animou-se. Os grandes olhos negros pareciam admirar no espaço uma visão resplandecente e os olhos de Supramati também faiscaram.

- E onde é que fica esse mundo no qual será representado o último ato de nossa extraordinária existência? Em que estado de desenvolvimento ele se acha agora, mestre?

- E um mundo de nosso sistema, invisível para os nossos olhos e bastante distante. Quanto ao nível de seu desenvolvimento, ele está completamente formado, pois lá existem, raças humanas, fauna e flora. Entretanto, tudo isso está concentrado em um só continente; a parte restante do planeta, não coberta por água, é formada de imensas planícies inóspitas, pobres em vegetação, com vulcões ativos e um reino intensamente profuso de animais de dimensões gigantescas. As raças humanas encontram-se no primeiro degrau de desenvolvimento intelectual e são, é claro, meio selvagem, mas constituem-se de um material bem adequado para ser trabalhado. No centro do continente habitado encontra-se o “paraíso terrestre”, o “reino do século de ouro”, o “Shangrilá”, que até o final dos séculos permanecerá na memória popular. E esse paraíso acha-se junto à principal fonte da matéria primordial, onde a natureza profusamente saciada com a essência vital já revelou essas riquezas de um novo mundo, concentrando recursos vegetais, minerais e animais. É lá que nos desceremos, buscaremos um lugar para nossos arquivos, ergueremos templos e palácios e de lá iremos governar o mundo a nós confiado. Não teremos a necessidade de beber mais o elixir vital, pois os nossos organismos já terão adquirido uma força vital extraordinária, nosso tempo de vida será longo, vida de patriarcas, e aqueles que nós levarmos serão os pioneiros da civilização, a quem nós indicaremos o caminho... Quer ir até o seu novo lar? – Perguntou sorrindo Ebramar, ao notar o interesse com que o ouvia Supramati. – Eu tenho de ir até lá e vim com a intenção de convidar voce, Dakhir e Narayana para me acompanharem.

Supramati revigorou-se como se estivesse eletrizado.

- Ah, como voce é bom mestre! Eu sonhava com isso, mas não ousava esperar tal graça! – Exclamou Supramati, apertando efusivamente a mão de seu dirigente.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Estou vendo, meu querido discípulo – disse rindo Ebramar, batendo-lhe no ombro -, que embora seja um mago com três fachos, o “velho Adão da curiosidade” ainda está vivo em voce. Olhe, não vá querer, sendo lá um simples turista, provar da maçã da “árvore de conhecimento do bem e do mal”.

Supramati riu também.

- Vamos avisar os nossos amigos. Arrumem suas coisas, vão até minha casa, e à noite, partimos para a excursão.

- Arrumar as coisas? Está brincando, mestre? Será que precisamos levar alguma coisa além de nós mesmos? E para que?

- Eu sugiro que cada um leve um saco de viagem com os objetos que queira guardar.

A notícia sobre a viagem ao local de suas futuras atividades entusiasmou Dakhir e Narayana, e eles rapidamente arrumaram seus pertences. Supramati e Dakhir pegaram um grande escrínio metálico com diversas lembranças e preciosidades mágicas, enquanto que a bagagem mais volumosa foi a de Narayana. Ele juntou numerosas jóias, verdadeiras maravilhas da arte de joalheria e incluiu até um monte de esplêndidas rendas “para as damas” – o que provocou um riso geral. Duas horas depois, todos se dirigiram à casa de Ebramar e ao entardecer subiram na plataforma da montanha, de onde outro dia tinham partido para inspecionar a gigantesca nave destinada à emigração da Terra moribunda. Com o mesmo formato, mas de tamanho reduzido, a nave espacial flutuava, amarrada à plataforma. Ebramar fez entrar seus discípulos, fechou hermeticamente a porta, depois mostrou a nave. Eles acomodaram a bagagem nas cabinas laterais do salão da aeronave, comprido, mas estreito. Sobre a mesa, que ficava no meio da sala, havia um jarro e um cesto de pães pequenos e escuros que derretiam na boca.

- Bebam ao sucesso de nossa viagem – propôs alegremente Ebramar, enchendo as taças, que os discípulos tomaram à sua saúde.

A seguir cada um comeu um pequeno pão e Ebramar disse-lhes para ocuparem três poltronas que se encontravam no salão. Cortando com descarga elétrica as amarras, Ebramar acionou as máquinas da nave, que começou a levantar vôo rapidamente.

- Agora fiquem quietos enquanto eu for dirigindo – disse Ebramar.

Os amigos recostaram-se quietos no espaldar de seus assentos, caindo, imediatamente num sono pesado. A alegre e sonora voz do mestre, finalmente, despertou-os:

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Bem, levantem-se dorminhocos! Faz dez dias que vocês estão roncando, e eu acho que já é suficiente.

Surpresos e embaraçados, os amigos levantaram-se.

- Meu Deus! Por que é que nos deixou dormindo tão desavergonhadamente, mestre? – censurou-o Supramati.

- Foi melhor assim, acalmem-se. Eu só brinquei e vocês não têm culpa nenhuma por terem dormido tão profundamente – respondeu Ebramar. – Reconheço, eu os fiz dormir de propósito, pois é a minha primeira viagem para lá e tive receio de que vocês, com a sua tagarelice, fossem me atrapalhar na manutenção do rumo desejado. Contudo, estamos nos aproximando do nosso objetivo. Venham perto das janelas.

Com a pressa compreensível, os três baixaram uma placa metálica que escondia um vidro grosso e olharam através da janela. A nave ia com tal velocidade estonteante que era difícil distinguir os objetos. Entretanto, seus olhos experientes conseguiram divisar abaixo deles uma superfície infinita de água, separada por imensas regiões cinzentas, ora seccionadas por gigantescas cordilheiras. Aos poucos a velocidade foi diminuindo, a nave desceu numa depressão coberta de vegetação e cercada por altas montanhas. Mais alguns minutos e a roda dianteira parou de girar lançando faíscas. Por fim, a aeronave parou com leve sacolejo. Ebramar abriu a porta e saltou lépido para o solo. Emocionados, os discípulos seguiram-no e, involuntariamente, todos caíram de joelhos. Após uma breve, mas arrebatadora oração, eles beijaram respeitosamente a terra dos eu novo lar, aquela terra virgem que pela vontade do Eterno lhes era confiada para nela serem introduzidas as suas leis. Somente depois, eles se levantaram e curiosos passaram a vista ao redor, Achavam-se num imenso platô, circunvizinho, por um lado, de altas montanhas e, de outro, de terraços que desciam até a planície coberta de vegetação exuberante. Da altitude em que se encontravam, divisava-se um fascinante panorama. Bem na linha do horizonte via-se uma faixa de água, quase imperceptível, e contornando lateralmente os vales escondia-se, até perder de vista, a massa escura de florestas. O próprio platô era um Oasis alegre. Um macio musgo cinza-azulado cobria a terra, feito um tapete; pelos seixos brancos da cor de marfim corria uma fonte cristalina, reverberando-se em matizes de safira. Das gigantescas árvores. Cobertas por exuberante folhagem verde-azulada caíam uma agradável sombra; e os desfiladeiros, a terra e os arbustos – tudo era decorado por maravilhosas flores de formas e cores jamais vistas. O ar era puro, transparente, saturado de oxigênio e agradáveis aromas; os passarinhos

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

cantavam nas folhagens e os raios solares iluminavam e aqueciam aquele quadro cheio de placidez total.

- Oh, Deus! Como aqui é bonito! – exclamou Dakhir fascinado.

- É de fato. Aqui se sente a plenitude das forças e a beleza virgem da terra jovem. Aqui é o “paraíso terrestre”, berço das civilizações futuras. A humanidade selvagem ainda não achou o caminho para cá; tudo aqui está do jeito como foi criado pela generosa natureza. E agora amigos, vamos desfazer a nossa bagagem e colocá-la em lugar seguro.

Imediatamente eles retiraram da nave os escrínios, cestos, diversos embrulhos e levaram tudo para o interior de uma gruta que Ebramar havia indicado nas imediações. Era um local amplo, de difícil acesso, iluminado, não se sabe de onde, por uma suave luz rosada, que rutilava magicamente nos estalactites da abóbada e das paredes. Ao lado havia uma segunda gruta, de tamanho menor, com menor luminosidade, reverberada por ametistas encravadas em cantos e cavidades. Ali eles deixaram os seus pertences. Supramati propôs que todos descessem até o vale, o que era bastante fácil graças ao fato de que o local era composto de terraços; a descida era em declive, formando uma gigantesca escadaria. À medida que os magos desciam, a natureza tornava-se cada vez mais exuberante e diversificada e, para um olho agudo e sutil, aquelas riquezas naturais não constituíam segredo, Ebramar chamou atenção dos acompanhantes para a abundância e diversidade dos metais preciosos, mármore e demais rochas.

- Vejam amigos, que fartura e beleza de materiais ocuparão o tempo e a mente dos nossos futuros pintores, em vez do ócio, depravação e sacrilégios. Aqui há com que preencher os gostos e habilidades.

Ao alcançarem a planície, eles viram que esta era um imenso platô no centro de uma grande cordilheira, cujos cumes pareciam eriçados; A riqueza da vegetação era surpreendente. As árvores vergavam sob o peso de frutas nunca vistas, flores desconhecidas exalavam um aroma estonteante e, em todos os lugares, entre as escarpas, gorgolejavam as cascatas e as fontes. Nascentes cristalinas serpenteavam esdruxulamente entre as árvores e desapareciam ao longe.

- Que lugar mágico! – Observou Supramati.

- É gostei! Vou construir aqui um palácio – exclamou Narayana – pois eu tenho de construir um ninho para minha futura família. Ebramar já se referiu a uma “dinastia

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

divina” neste mundo; então, é claro, vou me casar terei um filho. Será uma recompensa mínima pelo trabalho que tive para me tornar um mago.

- Você precisará de muito tempo para isso. Mas, não vem ao caso. Se você conseguiu o primeiro facho, talvez se torne algum dia, até um bom marido – observou Ebramar.

- Oh! Isto é mais difícil, mas, de qualquer forma, pode-se tentar – e Narayana fez uma careta. – As mulheres são muito ingratas e exigentes. Não sendo Nara, Supramati provavelmente não vai ceder-me Olga. E Nara? Oh! Ela é um demônio de ciúme em pessoa.

Um riso geral, incluindo o do próprio Narayana, seguiu-se ao gracejo do mais divertido dos magos.

- Fique tranquilo. Tenho certeza de que Nara não desejará para si a felicidade de ser sua esposa pela segunda vez – disse Ebramar, quando acabou o arroubo de animação. E acrescentou em tom sério: - espero que além de suas obrigações conjugais você assuma a nobre tarefa de dirigir e inspirar os artistas que, sob a sua direção, criarão a nova arte com as suas obras-primas. Você é o filho do povo em que se corporificou a arte perfeita; dessa forma, a você mais do que a ninguém, compete a missão de formar artistas e trabalhadores, principalmente aqueles que trouxemos para cá, arrancando-os do caos do ócio e da criminalidade, para ensinar-lhes as artes e preencher-lhes a longa vida com trabalho útil e nobre.

- Prometo-lhe caro mestre, dedicar todo o meu empenho a essa nobre causa – respondeu Narayana e em seus belos olhos negros acendeu uma chama enérgica. – Aqui, em algum abrigo secreto, vocês erguerão provavelmente os primeiros santuários.

- Sem dúvida – respondeu Ebramar. – Eu sei que nos censuram pelo fato de escondermos os santuários e nos chamam de egoístas por mantermos em segredo e acervo de nossa ciência. Mas, será que não agimos acertadamente ao ocultarmos dos mortais comuns os segredos perigosos? O lamentável e prematuro fim da nossa Terra, que pelas leis ocultas deveria existir por mais dois ciclos, não é uma prova de que os homens não conseguem utilizar sensatamente os elementos que caíram em suas mãos inexperientes? Somente os estúpidos podem “brincar” com os gigantes cósmicos e chamar, levianamente, a sua força dinâmica. Ao laboratório do Eterno somente têm acesso os cientista iluminados.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

A conversa continuou sobre o mesmo tema, quando Narayana disse estar morrendo de fome e sede e que o calor começava a ficar insuportável, Ebramar concordou com ele e levou os discípulos a uma gruta singular com porta natural, e janela totalmente entrelaçada por plantas trepadeiras; no interior, o teto e as paredes eram todas brancas, como se cobertas de neve. A temperatura do ambiente era bem refrescante. Narayana e Dakhir colheram, agilmente, as mais variadas frutas e Supramati com Ebramar foram à procura de mel que, segundo as palavras do último, deveria haver nas imediações. De fato, pouco tempo depois, eles trouxeram numa larga folha um pedaço recém-colhido de favo de mel, muito denso, da cor de rubi, mas muito gostoso, ainda que se distinguisse do mel terráqueo. Após um animado repasto, os magos retornaram ao platô onde estava estacionada a nave e iniciaram uma conversa sobre o futuro e os trabalhos que os aguardavam. A pedido dos discípulos, Ebramar concordou em pernoitar no local e partir ao amanhecer, Esta primeira noite no novo lar estava tranqüilo, o ar suave e perfumado, a abóbada celeste cintilava em milhares de estrelas. Nessa penumbra misteriosa divisavam-se vagamente os picos nevosos de altas montanhas e no vale pretejava o mar de imensas florestas – abrigo de povos nasciturnos que dormiam o sono dos leigos, não tendo provado do fruto venenoso do “bem” e do “mal”.

A conversa parou. Mergulhados na contemplação do magnífico panorama, envoltos pela imensa quietude da natureza, os magos refletiam sobre o passado e o futuro. De repente, chegaram até a sua audição apurada os sons do nível superior. Levantando-se rapidamente, eles viram como no azul-escuro da noite estrelada brilhou um facho largo de luz que ia se afastando do fundo, como se abrisse o céu. E surgiu, então, o gênio do planeta, envolto por feixes de luz ofuscante; a seu redor pairavam plêiades de espíritos, trabalhadores do espaço, e no ar fluíam sons de harmonia maravilhosa. Com uma das mãos o gênio apertava contra o peito uma cruz fulgurante e, na outra, ele tinha tamanha força de chama que iluminou o espaço até os seus confins mais extremos. E lá, nas profundezas incomensuráveis daquela exuberância de luz, cintilou, como uma chama infinita, o Santuário Supremo – a morada dos espíritos perfeitos, o último abrigo dos espíritos libertos de qualquer matéria. Lá haveria de ser vencida a última dúvida da pura faísca divina que retorna à casa do Pai. E junto àquele obstáculo

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Flamejante, desenhavam-se vagamente, à semelhança de nuvens de diamante, as formas dos sete misteriosos guardiões do grande enigma. Os magos prosternaram-se, entregando-se com toda a alma à contemplação do quadro de beleza celestial. E como se fosse um sopro da harmonia divina, ouviu-se a voz do gênio:

- Esse é o caminho de vocês, filhos da verdade, e a recompensa por todos os sofrimentos, por todas as vitórias sobre a carne. Filhos diligentes da ciência conservem em seus corações a fé inabalável e que a sua mente crie apenas a luz. Os arcanos do reconhecimento perfeito abriram-lhes as portas, trabalhadores obstinados, vencedores do mal; não receiem, no reino infinito do Eterno haverá sempre um trabalho para cada partícula de seu sopro...

A visão esvaeceu, a cúpula azul se fechou e a alma dos magos ardia de exaltação pelo inesquecível momento. Acalmando-se um pouco, Supramati pegou a mão de Ebramar e beijou-a:

- Oh, mestre, o que fez de nós, míseras e vacilantes criaturas, e que dívida de gratidão eterna recaí sobre nós. – Ebramar puxou-o para perto de si e abraçou-o.

- Tragam-me discípulos como vocês e a sua dívida será paga – respondeu ele sério. – E agora está na hora de pensarmos sobre o nosso retorno à coitada de nossa terra. Os nossos novos dirigentes abençoaram-nos para a derradeira batalha, e assim... Avante para a luz!

Uma hora depois, a porta atrás dos viajantes se fechou e a nave espacial com velocidade incrível dissipou as ondas da atmosfera. Os magos ocuparam novamente seus lugares nas poltronas, desta vez sem dormirem; em suas almas ainda permaneciam as lembranças vividas há pouco e cada um mergulhou sem eu pensamentos.

À semelhança dos quadros de um filme, as recordações de cada fase da estranha existência de Supramati passavam diante dele. Surpreendentemente vivaz, ergue-se em sua lembrança a sua modesta residência em Londres, onde o moribundo jovem médico Ralf Morgan, com angústia no coração, sofria ante a incógnita da morte. E o aparecimento repentino de um desconhecido transformou-o num príncipe hindu, Supramati imortal, ao qual cabia a necessidade fatídica de presenciar a morte do planeta. Ele se tornou não somente um imortal, mas também um iniciado, dotado de imenso conhecimento e poder, podendo migrar, feito um pássaro, de um planeta para outro. Um gíodo bruto transformou-se em pedra preciosa nas mãos de Ebramar; e, ainda assim, a simples idéia de quanto ele ainda tinha de aprender, do caminho que tinha de

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

percorrer para alcançar o limiar misterioso, atrás do qual se oculta o último enigma – ser ou não ser – fazia-o suar e ele passou a mão pela testa.

Narayana também estava profundamente abalado. Tudo que havia visto produziu uma reviravolta em sua alma apaixonada. Seu coração estava ávido em prosseguir no caminho da verdade; do fundo de sua alma afluiu um poderoso ímpeto em direção à luz, que transporta os homens para o supremo degrau do êxtase, elevando a sua vontade até o apogeu. Uma chama cintilou em seus olhos negros e ampla aura iluminou-lhe a cabeça. No olha de Ebramar, que o observava, surgiu uma expressão de alegria e amor. Narayana era seu “filho prodigo” e esse momento de arrebatamento puro, essa luz em sua testa era uma recompensa por longos séculos de paciência e trabalho dedicados para educar aquela alma rebelde.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO XVIII

Ao palácio do Santo Graal foram convocados todos os membros da ordem e jamais uma reunião de irmãos e irmãs fora tão numerosa porque, agora, pela última vez eles se reuniram naquele abrigo feérico, onde foram empatados tantos conhecimentos e trabalho, tanta luta moral e triunfos do espírito sobre o corpo. Ebramar e outros membros que já haviam alcançado os degraus hierárquicos superiores também estavam presentes. Celebrava-se o ofício divino num clima de profunda veneração e emoção. Os olhos de todos estavam úmidos quando os membros um a um, aproximavam-se do cálice e recebiam a bênção do superior da irmandade. Mais tarde foi feita uma reunião em que se discutiram as últimas decisões e foi fixado o prazo da partida final. Após o almoço e uma visita de despedida a todo o templo do Graal e suas áreas de serviço, os irmãos e as irmãs se retiraram aos locais que lhes foram estabelecidos para desenvolver sua atividade.

Assim, Supramati retornou a Czargrado, sem aparecer, entretanto, em nenhum lugar. Externamente o magnífico palácio parecia fechado e vazio; no seu interior, entretanto, o trabalho era árduo. Toda noite, no pátio ou nos jardins do palácio, desciam passageiros com pálidos rostos ascéticos e olhares que exprimiam poderosa fé exaltada. Agora, junto ao mago havia um quadro completo de jovens adeptos. Eram os ajudantes de Supramati que sob a direção de Nivara realizavam rondas em uma região preestabelecida, reuniam os fiéis e passavam-lhes o recado do grande missionário. Todos os que permaneciam leais a Cristo e que serviam a Deus saíam obedientes dos esconderijos e se dirigiam ao palácio do príncipe hindu, que servia de ponto de reunião. Enquanto os últimos guerreiros do bem cerravam suas fileiras e se preparavam por meio de jejum e orações contínuas para a grande batalha, em todo o mundo se desencadeava um inaudito bacanal. A transformação de terra estéreis em exuberantes jardins prosseguia com rapidez incrível. Parecia que o globo terrestre de fato se transformava num paraíso; a fartura de tudo era tão gritante que não correspondia à necessidades da

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

população, cujo número diminuiu bastante. Além disso, toda a natureza adquiriu certo caráter anormal: as frutas e os legumes de dimensões imensas e de cores mais vivas que antigamente tinham um gosto acre; o ar, ainda que agradável e quente, era pesado como na véspera de uma tempestade, e úmido como uma sauna. As pessoas eram acometidas por uma espécie de languidez e, não raro, por sonolência, como se estivessem sob o efeito de narcótico; por essa razão, nas festividades satânicas comparecia menos gente do que se esperava. Na verdade, a ignorância diabólica no uso da estranha substância já podia ser sentida, mas embevecido e cego pelo sucesso, Shelom nada temia e se divertia com esta terrível força, como com um brinquedo. Em todos os lugares, por sua ordem, eram erguidos templos satânicos, organizavam-se orgias e, com o auxílio da própria essência primeva, materializavam-se exércitos de larvas. Esses nojentos e perigosos seres, invocados do espaço invisível, participavam das festas e procissões. Entretanto, apesar de seu triunfo, Shelom não estava contente; um ódio secreto corroía-o todo. Ele não pode aceitar a perda de Iskhet, desaparecida sem deixar vestígios, e seus agentes não conseguiam encontrá-la. Ele era oprimido e atormentado pela conscientização de que o hindu ousara e conseguira arrancar praticamente de suas mãos a mulher do próprio âmago de seu poder. E de algum tempo para cá, mais uma circunstância nova começou a irritá-lo. A vegetação monstruosa que apareceu em frente de seu palácio no dia seguinte à distribuição do elixir da vida começou subitamente a murchar e secar, deixando Shelom possesso, pois ele gostava de assistir aos fiéis sendo devorados pela vegetação sanguinária. Para efeito de experiência, ele sentenciou a essa morte alguns suspeitos em anti-satanismo e ali lançou também alguns animais domésticos velhos ou doentes. Assim convencido do fim próximo de seu entretenimento, decidiu animar os arbusto com a matéria primeva. Mas qual não foi a sua surpresa e espanto, ao ver que mal algumas gotas da essência vital haviam atingido as folhas amareladas, estas entravam em combustão, feito uma fogueira. Dês minutos após, do pequeno bosque cheio de espinhos sobrava apenas um montículo de cinzas, logo espalhadas pelo vento. Shelom não tinha a menor dúvida de que aquilo fora uma nova artimanha do “hindu”. Seu ódio cresceu ainda mais, se tal ainda fosse possível.

Certa noite, após uma festança num remoto templo satânico, Shelom, com uma procissão suntuosa, voltava ao palácio. Sentado num trono móvel, cercado por uma multidão nua e desgrenhada que entoava uma canção alucinante e despudorada, Shelom contemplava cheio de satisfação, a multidão bestificada que se apinhava a seus pés.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Passando por uma rua, no fim da qual se podia ver o palácio de Supramati, a procissão parou atônita, pois um clarão de luz rubra parecia envolver a residência do mago. De repente, a luz densificou-se, subiu e no azul-escuro do céu, sobre o palácio resplandeceu um gigantesco crucifixo. Quando viram aquele símbolo invencível, os satanistas foram apoderados de terror; muitos caíram em convulsões, outros começaram a debandar. Os carregadores largaram o trono móvel e fugiram. Somente os mais chegados e leais correram em auxílio de Shelom, caído no chão. Levantaram-no e o levaram ao palácio, enquanto a multidão, com ódio mal contido, tratou de se dispersar rapidamente, escondendo-se cada um, feito cães, em suas tocas. Seria impossível descrever a fúria de Shelom. Espumando pela boca, agitando punhos cerrados, rugia dizendo se vingar e provar, mais uma vez, ao maldito hindu que ele ia se dar mal por ter provocado Shelom Iezodot.

Enquanto isso. No local do acontecimento, mal a multidão havia se dispersado, os portões do palácio ficaram escancarados, saindo de lá uma procissão. Em fileiras cerradas vinham os homens vestidos de branco, carregando crucifixos, velas acesas. Estandartes, turíbulos e ícones salvos, muito venerados. Atrás dos homens iam as mulheres, também de branco, em longos véus e com velas nas mãos. Em frente delas, carregando o estandarte com a imagem da Virgem Santíssima, ima uma mulher bem jovem, de beleza angelical. Nuvens de incenso ascendiam e o ar enchia-se de poderoso cântico melodioso. A procissão seguia diretamente à grande praça da cidade e, de lá, grupos maiores e menores se separavam da massa principal e se dirigiam para as ruas e praças menos importantes, inclusive para a praça que ficava em frente do palácio de Shelom. Mudos de assombro, os remanescentes da multidão e os raros pedestres olhavam apavorados para aquelas pessoas de rosto severo, cujos olhos ardiam de fé exaltada. Para qualquer lugar que fosse a procissão, altares eram erguidos, cruzes e ícones do Salvador colocados, e quando, com o levantar do sol, começaram a surgir os pedestres, que paravam curiosos e surpresos, iniciaram-se as pregações. Com a força que lhes era sugerida pela convicção inabalável, eles anunciaram a aproximação do fim do mundo, dizendo que os dias já estavam contados e que aquele que não quisesse perder a alma e o corpo, deveriam rejeitar o senhor das trevas e venerar o Deus único, Criador do Universo. Nos intervalos entre as pregações era lido o Evangelho e entoadas orações. Aos poucos, diante daqueles altares começaram a juntar-se multidões. Descrentes inveterados e convictos davam as costas com risos, ofendendo e

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

achincalhando os “trouxas” antediluvianos que vieram espalhar suas “idiotices”. Felizmente, e m sua opinião, o mundo já há muito tempo já se livrara daquele ridículo obscurantismo.

Muitos não obstante, ficavam intrigados e ouviam atentamente. Os infelizes nasceram e cresceram sem conhecer a Deus; jamais alguém lhes falou da misericórdia do Pai onipresente, da morada da alma, da força do bem. É verdade, existia uma lenda de que houve um tempo em que se venerava a Deus e aos Santos, ou seja, pessoas que por suas virtudes e vida exemplar foram merecedoras de graças especiais e utilizavam-nas entre os viventes para praticarem curas milagrosas, ou dando auxílio moral e minorando os sofrimentos. Mas tudo aquilo – ensinava-se – eram superstições, contos de fada, para enganar os trouxas e as pessoas crédulas. E eis que aparecem pessoas que anunciam corajosamente aquelas mesmas convicções de tempos antigos e dizem coisas inéditas. Aos poucos a multidão começou a se agitar; uns fugiam, outros se aproximavam, feitos mariposas à luz, examinando acanhados o severo e sofrido semblante de Cristo ou a dócil imagem da Virgem Santíssima, que parecia fitá-los com extraordinária bondade e misericórdia. Calafrios horripilantes perpassavam pelo corpo dos ouvintes, quando um velho com olhos cheios de convicção fervorosa e exaltados, ou uma mulher inspirada, repleta de enorme fé, dizia em voz alta:

- Abandonem suas casas e os bens perecíveis! Nada já lhes pertence, pois tudo será engolido por elementos desenfreados. Salvem suas almas. Busquem um abrigo aos pés de seu Criador.

Muitos dos que ouviam pareciam transpor o círculo mágico que os separava do mal e que acendia em suas almas obscurecidas a chama de renovação; eles caíam de joelhos ou se apinhavam junto aos altares, pedindo que lhes ensinassem a rezar. Estranho foi aquele dia. As procissões dos fiéis percorreram com as cruzes todas as ruas da cidade; os satanistas, sofrendo enjôos das defumações de incensos, fugiam furiosos, pedindo ajuda e conselhos junto aos seus sacerdotes ou iam levar relatórios a Shelom.

Entretanto, ninguém ousou atacar abertamente os adventícios; estes não eram os “pseudos-fiéis” de outrora, que, de forma desavergonhada, haviam feito concessões, esconderam-se, permitiram seu banimento, cedendo o caminho para os apóstatas e satanistas. Não, estes, com toda a sua fé destemida, sugeriam involuntariamente o respeito; sentia-se que ali havia uma força e nenhuma mão ousara levantar-se contra eles.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Shelom estava abalado e furioso com as notícias inesperadas sobre os acontecimentos, tanto em Czargrado como em todas as regiões que davam conta sobre o “ataque” dos cristãos, saídos de seus abrigos, que inundaram as cidades, pregando o fim do mundo e o arrependimento.

- Esses animais que saíram de suas tocas ou são loucos ou idiotas! Acharam o momento de propagar o fim do mundo! Será que estes palhaços desconhecem que temos a matéria primordial? Ou eles estão cegos e não enxergam que o planeta jamais experimentara tal bem-estar? A natureza lhe doa em profusão todos os bens terrenos, o clima é magnífico, a humanidade está em perfeita saúde, rica, feliz, e, não obstante, tudo isso deverá acabar? Por quê? Isso é um absurdo! Não desanimem meus leais amigos, deixem que esses idiotas digam asneiras. O próprio povo irá justicá-los!

- Mestre, em algumas poucas horas eles conseguiram seguidores – observou Madim, preocupado.

- Bem e daí? Se eles provocarem por demais as desordens, nós declararemos uma guerra, cairemos em cima deles e será uma bela oportunidade de eliminá-los de uma vez por todas. Agora, quando uma vida eterna e um bem-estar ilimitado aguardam por nós, é desejável que haja paz e tranqüilidade, ainda que seja de utilidade conhecer os covardes que renegaram a Deus e, sem dúvida, renegarão a Lúcifer. Devemos depurar o rebanho de todas as ovelhas imprestáveis e deixar que os hindus voltem às suas tocas inexpugnáveis no Himalaia. Nós os deixaremos em paz, pois eles nos são inofensivos.

- Então você ordena que seja dada, temporariamente, a esses idiotas, uma liberdade de ação e que eles não sejam presos? – perguntou Madim.

- Justamente. Mas, ao mesmo tempo, ordene que os governadores regionais vigiem esses imbecis e façam uma relação meticulosa de todos aqueles quês e corromperam e nos renegarem. Enquanto isso nós ficaremos em nossas fortalezas a salvo de suas expansões contagiosas.

- Oh! Quanto aos contágios fluídicos, o seu foco não está longe de seu palácio – troçou Madim. – Eu vi esses profetas e profetisas vindo para cá. Entre eles há uma mulher bela como um sonho, e ela, sem, dúvida, produzirá uma forte inquietação entre a nossa juventude, que se grudará nela feito moscas. Para falar a verdade, não me lembro de ter visto um ser tão encantador. Já a imaginou em lugar de Iskhet?

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Sem dúvida, caro Madim, quando chegar a hora. Eu farei dela a “Rainha do Sabbat” e suas grandes virtudes físicas assegurarão fidelidade a mim – respondeu rindo Shelom.

Algumas horas depois, ele se retirou co seu séqüito para uma das fortalezas satânicas, chamando para lá os mais renomados membros do luciferismo para o grande desafio e discussão de um plano detalhado, urdido por ele para a erradicação dos apóstatas. De acordo com a decisão do terrível líder do satanismo, aos missionários não seriam criados obstáculos para trabalhar.

Percorrendo incansavelmente as cidades e as regiões, eles conclamavam o povo para o arrependimento e oração, anunciando que as horas da vida na Terra já estavam contadas e somente as almas poderiam ser salvas. Entre as mais ferrenhas pregadoras estava Taíssa. Na maior praça da cidade fora erguido um altar tão grande que podia ser visto de todos os cantos. Em seus degraus estava a jovem pregadora e suas palavras eloqüentes e convincentes atraíram numerosos ouvintes. No início, os homens eram atraídos pela rara beleza da jovem, a que se somava a sua voz melodiosa e um olhar límpido e inocente; de sua própria beleza emanava pureza tão poderosa e clara que ela subjugava instintos animais. Mas Taíssa dirigia-se, sobretudo, às mulheres, falava-lhes dos eu papel de esposas e mães, do grandioso dever e da terrível responsabilidade que recaíam sobre elas. Nesse grande e difícil campo de batalha, a mulher havia decaído, seus delitos contribuíram muito para os cataclismos iminentes, carregavam muita culpa pela morte antecipada do mundo. A mulher deveria ser uma guardiã do lar, protetora do altar divino, uma mãe que educa seu filho, inculcando nele, no caminho da existência, a fé em deus, ensinando as obrigações humanas e civis. No momento em que uma mulher negligencia seu papel de mãe para tornar-se concubina ou até voltar-se com cinismo inaudito contra a natureza, renegando a maternidade, ela assina a sentença de morte da humanidade, sendo tudo engolido pela decadência física e moral. Os filhos insurgem-se contra os pais, os pais odeiam os filhos, o irmão parte contra irmão, a animosidade toma lugar do amor. E da forma como a mulher repele o berço, ela derruba o altar do lar e negligencia o sacramento nupcial, que sempre diferenciou da concubinagem. E os cônjuges tornam-se amantes, a mãe e a esposa – bacante, sacerdotisa da volúpia. Oh, é terrível o crime da mulher que, em vez de utilizar a sua influência para elevar e enobrecer o homem perverte-o e transforma-o num animal. Não raro Taíssa descrevia os quadros do passado, quando sob o amparo da cruz floresciam as famílias, cresciam

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

gênios e heróis populares. Ela recordava os tempos remotos quando as leis divinas impunham um freio às paixões humanas, quando se celebravam as comoventes festas, como Natal e Páscoa, que reuniam as pessoas em oração e que despertavam nos corações sentimentos de piedade, humildade e amor fraternal. Atualmente, pelo contrário, o mundo é dominado pela criminalidade, violência e devassidão, as leis desfeitas nada mais protegem e cada um fica à mercê do mais forte... Tais discursos produziam uma impressão profunda. Muitos homens e mulheres começavam a ruborizar diante da sua nudez despudorada, começavam a vestir roupas brancas com uma cruz vermelha no peito, vinham orar diante dos altares e suplicavam aos missionários que fossem orientados para deus. Era estranho ver como depois de uma oração fervorosa e borrifadas com água benta, as pessoas se transformavam totalmente; algo de bondoso e humilde emanava delas e nos olhos iluminados já não ardia a chama de animosidade, avareza e aspirações animais. Frequentemente, no coração dos ouvintes assomava-se uma irritação profunda que se expressava em conversas e brados: “Fora Lúcifer! Fora o anticristo Shelom Iezodot!” E a multidão irritada reunia-se ameaçadoramente em frente do palácio de Shelom gritando: “Devolva-nos a nossa antiga crença em justo e misericordioso Deus, o qual ordenara que cada um amasse o próximo e perdoasse as ofensas, pagasse o mal com o bem! Devolva-nos as alegrias familiares e as leis de nossos ancestrais”.

A mesma atividade intensa se desenvolvia em Moscou, outrora coração da Santa Rússia. Dakhir trabalhava com a tranqüilidade que lhe era característica; Narayana se arrebatava de trabalhar, seguindo sua natureza entusiástica. Dakhir pregava, promovia curas, purificava vindo a adquirir em pouco tempo uma aura misteriosa que incutia uma mistura de respeito, gratidão e medo supersticioso. Narayana estava presente em tudo; sob sua direção os servidores das igrejas destruídas abandonavam seus abrigos secretos e, em conjunto com outros fiéis, ocupavam os mais importantes lugares. Seu número era limitado, porém sua fé era imensa. Calmos e destemidos, eles se apossavam dos templos abandonados, transformados em museus ou profanados pelos satanistas, e purificavam-nos. Foram erguidos altares e instaladas cruzes, reacesos círios e lâmpadas. Sob abóbadas há muito tempo silenciosas ouviram-se cânticos sagrados e ascenderam-se nuvens de incenso. Narayana pregava nas praças seu discurso eloqüente e a personalidade surpreendentemente encantadora atraía grandes multidões; as pessoas, aturdidas, cativadas e convencidas por ele, seguiam-no à igreja e em suas almas

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

despertava o eco do passado. Sob as antiqüíssimas abóbadas dos templos, gravaram-se no decorrer de séculos, as exteriorizações invocatórias das orações elevadas e tal qual uma harpa de Zodo, que só aguarda um sopro de vento para soar, assim começou a falar a alma obscurecida do povo infortunado, outrora tão forte em fé, do qual foram tirados todos os bens terrenos e espirituais, inclusive sua compreensão de Deus, corrompendo-o sistematicamente com literatura suja e amoral. Os locais das pregações e as igrejas ficavam, como dissemos, cheios de gente; o atavismo despertava o passado, carregando como onda poderosa o ateísmo e os sacrilégios, instalando nas almas novas esperanças. Cheios de fé, amor e comoção contemplavam eles as imagens de Cristo, Virgem Santíssima, os santos protetores, aos quais veneraram por séculos inteiros, e os poderosos guardiães da Santa Rússia não ficaram surdos ao clamor assustado de seu povo, ao seu profundo e sincero arrependimento; Quando dos corações palpitantes e vulneráveis se ouvia a súplica: “Deus tenha piedade de nós e não nos abandone execrados!” – do éter surgiam correntes de fogo e luz, iluminando a multidão prostrada, e varrendo a sordidez trazida pelos crimes e obscenidades.

Como antes, na primeira missão, a ira de Deus ainda não se desencadeara. Dakhir encontrara apoio e colaboração em sua fiel companheira Edith. Agora ela era guiada não só pelo amor, mas também pelo conhecimento, adquirido pelo trabalho tenaz e vontade ardente de se elevar até o grau do grande mago que o destino lhe reservou para esposo. Ela foi morar com a filha em Moscou e assumiu a responsabilidade de cuidar da purificação e educação religiosa de mulheres que, retornando a Deus, deveriam ser preparadas para a prova de martírio. As recém-convertidas desconheciam, sem dúvida, que aquela terrível provação, suportada valorosamente, possibilitaria a elas abandonarem o planeta sentenciado à morte; e, desta forma, aquelas que julgava incapacitadas para tal excelso feito, ela tentava convencer de que, por nada deste mundo, tocasse o elixir da vida, distribuído pela mão generosa de Shelom, pois isso apenas aumentaria os seus sofrimentos no grande e derradeiro momento. De modo especial ela se apegou a Iskhet. Essa criatura jovem, pervertida desde seu berço e milagrosamente arrancada do inferno, incutia nela um profundo apego. Com paciência e amor, Edith guiava e ensinava Iskhet, surpreendendo-se como esta, transformada em Maria, sacudia de si todas as impurezas, florescendo como uma flor tirada de um porão escuro e colocada sob o sol. Não era muito difícil adivinhar que no cerne daquela metamorfose espreitava um profundo amor a Supramati, porém um sentimento

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

puramente terreno só poderia agravar a provação da jovem mulher. Edith buscava de todas as maneiras enobrecê-la, inculcar-lhe a idéia de qualquer sentimento carnal iria afastá-la do mago com um precipício intransponível, e que somente pelas virtudes, cumprimento de seu dever e uma vida útil e pura, ela poderia provar a Supramati seu amor e reconhecimento; Seus esforços não foram inúteis. À medida que Maria começou a entender a si própria e a Supramati, a paixão carnal deu lugar a uma adoração do ser superior que a arrancara do abismo.

Os casos de conversão tornaram-se mais freqüentes. A poderosa e exaltada fé dos tempos passados, com a força cada vez mais crescente. Despertava nos corações humanos; as pessoas largavam seu trabalho e afazeres, substituindo os locais dos prazeres pela igreja. Tal estado de coisas provocava uma imensa inquietação. Em todas as camadas da sociedade só se falava sobre o fim do mundo, procurando-se sofregamente no céu e na Terra evidências da terrível catástrofe, mas nada se notava; os raios solares inundavam o planeta, tudo florescia magnificamente, e, no meio da sociedade inquieta, começaram a se ouvir vozes irritadas exigindo o banimento dos “meio-loucos”, que vieram não se sabe de onde e confundiam as pessoas, restabelecendo o antigo “obscurantismo” e as velhas superstições tolas; outros apenas riam, dizendo que quando reina a liberdade individual e de pensamento, não se deve proibir as pessoas de serem tolas, se isso é de seu agrado. Entretanto, nos observatórios começou a se notar certa apreensão dos astrônomos; Os aparelhos indicavam que perto do globo terrestre começava a se formar uma larga faixa de fumaça tênue que aos poucos ia aumentando, formando ao redor do planeta um invólucro gasoso, invisível a olho desarmado, mas que dificultava a observação do firmamento estelar. Paralelamente, foi notado que às vezes naquela névoa surgiam cintilações ígneas que se moviam feito raios em ziguezague ou se enrolavam em espirais e desapareciam no espaço. As causas desses fenômenos estranhos ficavam sem explicação e os fatos não eram divulgados, temendo-se inquietar a população pelas profecias dos missionários do fim do mundo. No observatório de Moscou havia um jovem astrônomo de sobrenome Kalitin, famoso por algumas descobertas surpreendentes. Os fenômenos acima referidos deixaram-no muito impressionado; motivado pelo interesse científico ele começou a aperfeiçoar um instrumento por ele inventado, mantido sob segredo de todos. Quando finalmente ele utilizou seu aparelho, uma combinação de telescópio e microscópio ficou atônito e pela primeira vez na vida sentiu um pavor supersticioso. Toda a atmosfera era

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

uma tênue retícula ígnea que tremia e se agitava como se fosse impulsionada pelo vento, e, entre os grandes elos dessa estranha retícula, pairavam nuvens escuras, cujos contornos ainda que não nítidos, pareciam com as figuras fantásticas dos demônios, da forma como eram representados nos tempos antigos. O número dessas criaturas feéricas que voavam em todas as direções constituía uma legião. Convencido de que não estava sonhando e de que no espaço visível ocorria, sem dúvida nenhuma, algo estranho e sinistro, o cientista pensou muito e decidiu ir até o príncipe hindu que anunciava abertamente o fim do planeta. Se alguém no mundo sabia da verdade, esse alguém era ele.

Dakhir retornou da cidade à noite e estava se trocando para jantar com seus amigos, quando Niebo anunciou-lhe a chegada do cientista, cujo nome era conhecido por ser uma pessoa com muitos méritos científicos. Dakhir ordenou que ele fosse introduzido. O astrônomo era um homem jovem, magro, de estatura mediana, de rosto agradável e sério e uma larga testa de pensador. Para o olho perspicaz de um mago bastava lançar-lhe um olhar para entender que ele era uma pessoa honesta, bem menos depravada que os seus conterrâneos e que de fato dedicara suas forças e a vida em prol da ciência. Faltava em seu trabalho apenas a faísca viva – a fé.

- Em que lhe posso ser útil, senhor? – perguntou Dakhir, apontando ao visitante uma cadeira.

- Príncipe, eu vim lhe pedir para que me tire uma dúvida muito importante. Peço que perdoe minha ousadia, mas... Nas ruas ocorrem coisas estranhas e, pelo visto, também no céu. Dizem que o senhor é iniciado em magia superior e anuncia abertamente o fim do mundo. Assim eu lhe pediria que me dissesse com toda a franqueza se nós estamos na véspera de uma catástrofe. O fim do mundo já fora previsto há muito tempo, mas ninguém conhece a data exata. Se o senhor sabe mais coisas, diga-me. Se a catástrofe for parcial, talvez haja um meio de preveni-la e salvar-se. Seria, por certo, desagradável ter de largar as mais interessantes pesquisas que estou realizando. Mas veio-me à cabeça: será que o demente do Shelom não afetou alguma força desconhecida, desencadeando o fogo dos gases atmosféricos, levando a uma catástrofe inevitável? Essa personalidade enigmática se intitula filho de Satanás, em quem eu não acredito. Estou convicto de que existem leis com que devemos lidar com cuidado, e, Shelom, sendo um vaidoso iletrado, talvez tenha mexido em seu equilíbrio.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Dakhir fitou com olhar perscrutador o rosto inteligente do cientista e respondeu sério:

- O senhor tem razão, professor. Os fenômenos que foram observados pelo senhor, o invólucro gasoso, as cintilações ígneas e as legiões de criaturas obscuras, tudo isso é prelúdio de uma catástrofe final e não parcial. Estamos na véspera do fim do mundo e isso é inevitável em função da situação atual das forças cósmicas. É uma grande pena que o planeta, que deveria ainda existir por muito tempo, servindo de escola para aperfeiçoamento de uma infinidade de gerações, tenha um fim tão horrível em consequência de abusos inéditos, mas... não há o que fazer.

O cientista empalideceu.

- Príncipe, o senhor diz que a situação é séria e inevitável e, no entanto, o senhor permanece calmo?

- E por que não deveria estar? Há muito tempo nós estamos nos preparando para este grande momento, enquanto que a humanidade, em sua vaidosa cegueira, dança à beira do abismo, sem dar ouvidos aos profetas e até aos avisos da natureza. E vocês, cientistas, também são orgulhosos com seus conhecimentos imediatos, não conseguiram prever a catástrofe nem compreender que vocês são simples átomos em comparação com as grandes forças do Universo, e que, para o equilíbrio do mundo, é necessário um punhado de grãos do bem para opor ao mal. Esse equilíbrio foi quebrado e os desenfreados e devastadores elementos desabarão sobre o globo terrestre, causando-lhe o fim.

Como se tomado por uma vertigem, o astrônomo agarrou-se involuntariamente ao braço da poltrona; mas sua debilidade perdurou menos de um segundo e ele levantou-se tranqüilo.

- Estou firmemente convicto e leio em seus olhos que o senhor e outros reclusos do Himalaia não irão perecer, preparando para si um meio de salvação. Salvem-me também. Sou uma pessoa boa e poderei ainda ser útil.

- O senhor acha que é tão fácil? - perguntou sorrindo Dakhir. – Lá, para onde nós vamos, precisaremos de gente humilde e crente em Deus.

- Um cientista autêntico está sempre pronto a desistir de seus equívocos quando os compreende. Diga-me as condições da salvação, prove-me que eu, além da matéria, possuo uma alma imortal, convença-me de que sou simplesmente um escolar inocente

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

na escada de conhecimento e eu reneguei humildemente os meus equívocos e me renderei diante da ciência suprema.

- O senhor deseja saber se possui alma? Ou por outra, existiriam os espíritos? Quem vocês acham que são os seres obscuros que vocês invocam em seus templos satânicos?

- Eu não sou um satanista, sou indiferente. O que se refere aos seres de que o senhor fala, eu os considero pensamentos animados dos invocadores, pois diferentes experiências provaram que o pensamento humano cria formas vivas. Por exemplo: um poeta cria os heróis de seu poema ou um artista, as figuras do seu quadro, animados pela concentração de seus pensamentos, dando-lhes uma vida real, ainda que temporária. É bem natural que os invocadores dos demônios criem os demônios, e, uma vez que a quantidade de pensamentos humanos é incomensurável, o espaço está repleto de diferentes personalidades que nós podemos ver e invocar, mas não podemos verificar a sua existência temporária.

- Eu lhe darei a prova que deseja – disse Dakhir, levantando-se e pondo a mão sobre o ombro do visitante. – Nestes grandiosos dias, quando tem início a agonia do mundo, uma inteligência pura e audaz tem direito de ser convencida da verdade. Siga-me ao meu laboratório.

Perto de uma janela aberta achava-se um aparelho desconhecido ao cientista. Dakhir pôs a visita diante do aparelho, disse-lhe para aproximar o olho no orifício circular, fechado por uma lâmina, e depois lhe cobriu a cabeça com um pano escuro. Acionando molas, ele apertou diversos botões elétricos. Pouco depois, sob o pano que se mexia, ouviu-se um grito abafado.

- Não se mexa, disse autoritário Dakhir.

Quinze minutos depois, a cabeça do professor apareceu por baixo do pano. Ele estava lívido feito cadáver e recostou-se na parede para não cair.

- Meu Deus! – Murmurou ele – A atmosfera está no caminho da decomposição. Eu não entendo os elementos por mim desconhecidos que lá aparecem. Então é assim o verdadeiro mundo visível! Eu não podia imaginar nada semelhante! – Acrescentou ele pouco depois fechando os olhos e apertando a cabeça com as mãos.

- Vê, professor – sorriu enigmaticamente Dakhir -, os nossos conhecimentos são maiores que os seus e nós possuímos aparelhos mais aperfeiçoados. Mas não desanime, na escada infinita do conhecimento nós também somos ignorantes. Somente num

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

sentido nós somos superiores a vocês. É que nós temos consciência de nossa insignificância e nada descartamos irrefletidamente, ou seja, não gritamos que tal coisa é impossível só porque não a entendemos. Agora vamos, eu lhe mostrarei que o senhor tem mais alguma coisa além da matéria.

Ele levou o professor até um grande aparelho de parede, colocou-lhe a mão sobre a cabeça e começou a pronunciar a meia-voz, fórmulas numa língua desconhecida. À medida que ele falava, começou a surgir uma névoa rubra que se concentrou no peito e na cabeça do cientista. Em seguida a nuvem vermelha deslizou para o lado, ficando a uma distância de um metro, ligada ao corpo por uma luminosa faixa vermelha. Pouco depois, amassa nevoenta se densificou, alargou-se e tomou a forma exata do professor, com a única diferença de que a figura astral parecia mais viva, enquanto que o corpo azulado de olhos vítreos parecia um cadáver. Colocando as mãos nos ombros de uma e outra figura, Dakhir disse:

- Está vendo, o senhor é apenas um pedaço da matéria; esse, do lado esquerdo, é o seu invólucro carnal, temporariamente abandonado pelo princípio vital, tendo adquirido a forma de um cadáver; o dublê do corpo é a sua individualidade, aquilo que pensa, trabalha, e é o corpo astral. E lá, em seu dublê de éter, aquele algo azulado com matizes dourados de chama, aquilo que se agita entre o coração e o cérebro é a sua alma, faísca indestrutível, ainda obscurecida por muitos fluídos imperfeitos, mas que por meio do trabalho e provações poderá se purificar. Chegando o dia em que a chama divina pura, libertando-se de todas as amarras materiais, comparecerá ante o altar do Criador.

Veja professor, o senhor é uma grande obra de arte saída das mãos do Criador, do Pai infinitamente bondoso, que lhe legou uma partícula de seu sopro divino e deu-lhe a oportunidade de compreender e alcançar tudo.

Dakhir tirou a mão e o dublê astral com a velocidade de um raio, reentrou no corpo, mas, provavelmente, o professor havia sofrido uma vertigem, pois cambaleou e teria caído se não fosse amparado pro Dakhir, que o ajudou a sentar-se na poltrona. Um minuto depois, ele endireitou o corpo e murmurou, agarrando com as mãos a cabeça:

- Neste minuto eu soube mais que durante todos esses anos de trabalho intenso na escuridão.

- Sim – retrucou Dakhir – todos os que trabalham na escuridão não querem saber que o foco de luz está tão próximo deles. Ela está dentro de nós mesmos, é só querer

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

chamar por ele. A chama interna deve ser acesa pela contemplação e trabalho de reflexão. Ela iluminará a nossa aura e nos dirá o que nós não sabemos. Todas as riquezas do conhecimento estão dentro de nós, se quisermos utilizá-las. Todas as molas do trabalho intelectual se encontram em nosso sistema nervoso. Só devemos saber controlar esses mecanismos complexos.

- Eu quero estudar tudo isso! – exclamou com entusiasmo o professor, levantando-se. Porém, subitamente, baixou a cabeça e acrescentou em tom triste: - Mas, talvez, já seja tarde iniciar. O fim está próximo e eu morrerei esquecendo este grandioso momento; quando a verdadeira luz iluminar as trevas de minhas pesquisas, perecerei feito um cego, um átomo rude que se considera “grande” e não tinha condições de entender as gigantescas forças que o cercavam. Só uma coisa que não me seja negada: antes de morrer, diga-me quem é o senhor, ensine-me a adorar aquele que o senhor adora. E quem dispõe dos destinos da humanidade?

- Sua pergunta é boa e sensata – respondeu sorrindo Dakhir. – Quem sou eu? Dou o profeta do final dos tempos. Agora veja – ele deu um passo para trás e foi subitamente iluminado por uma espécie de corrente de luz, que parecia irradiar-se de sua cabeça e corpo. Envolto em uma aura azulada. Como se transformado numa visão resplandecente, com a coroa de três fachos de luz, Dakhir ficou postado diante do professor aturdido. – O senhor vê diante de si um simples mortal que, através do trabalho, adquiriu uma força astral. Qualquer um que queira se esforçar poderá alcançar um estado semelhante, concentrar em si mesma a chama do éter e utilizar-se inteligentemente dela. E eis a quem venero – com gesto autoritário ele levantou a mão e pronunciou algumas palavras em uma língua estranha. No mesmo instante no ar acendeu-se um cálice de ouro com uma cruz encimada por coroa de espinhos. – Isto é a fé no símbolo enigmático da eternidade, cujo centro é Deus, um Ser indescritível e inconcebível, a idéia do qual resplandece em todo o Universo por Ele criado. A coroa de espinhos são os sofrimentos, através dos quais a alma se purifica e se eleva pelos degraus do aperfeiçoamento infinito. No grande esforço dessa ascensão nada se perde, não há nada inútil, tudo serve para a espiritualização e salvação de nossos irmãos pela humanidade.

Como se movido por uma força superior, o cientista caiu de joelhos e, pela primeira vez na vida, seus lábios pronunciaram, num ímpeto de fé e comoção:

- perdoe-me, Pai Celeste, e tenha piedade de mim.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Logo que ele se levantou, a visão desapareceu, o mago também, e diante dele estava Dakhir, em seus trajes sociais nos quais ele era conhecido. O professor olhava para ele com um misto de medo e curiosidade, e disse vacilante:

- Não entendo o que houve comigo! Parece que um pesadíssimo fardo me caiu dos ombros e o meu cérebro trabalha com uma incrível velocidade, os quadros de pensamento voam, uns após outros com rapidez e facilidade jamais experimentadas; enquanto que antes eu trabalhava com muito esforço.

- O senhor ficou aliviado da negação preconceituosa, da descrença e da idéia preconcebida que escondia do senhor o invisível, escravizando seus pensamentos.

- Eu deixei de ser descrente e quero trabalhar de olhos abertos. Como faço para segui-lo?

- Para seguir-me deve-se morrer voluntariamente e depois ressuscitar! – Observou sorrindo Dakhir, lançando um olhar perscrutador no professor.

- O sentido de suas palavras é-me obscuro – respondeu o cientista, balançando tristemente a cabeça. - Contudo, a minha fé é tão forte que eu aceito, sem discutir, tudo o que o senhor mandar-me fazer. Não retornarei mais ao observatório, pois sei agora que sou um ignorante e os trabalhos futuros são inúteis em vista da aproximação da catástrofe. Pela mesma razão, não tenho que me ocupar com a salvação de bens terrenos e, sendo assim, suplico-lhe deixar-me ficar aqui para morrer junto com o senhor.

- Senhor tem medo da morte?

- Não respondeu com firmeza o jovem cientista. – Dê-me uma taça com veneno e eu o tomarei como prova de que eu sou capaz até de morrer para alcançar pelo menos um degrau superior.

- E não lhe ocorre sequer uma dúvida quanto ao fato de que se o planeta não vier a morrer o senhor fará um sacrifício inútil, privando-se da vida que poderia ser longa num corpo forte e sadio?

- Não tenho a menor dúvida quanto ao fim inevitável do planeta e estou plenamente convicto de que o senhor me dará o apoio e me ajudará quanto ao meu estado espiritual.

- Sem dúvida – respondeu Dakhir, aproximando-se de um armário e tirando de lá dois frascos, um grande e um pequeno. Enchendo pela metade uma taça de cristal, ele verteu algumas gotas do frasco pequeno; o líquido efervesceu e adquiriu uma cor

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

rosada. – Aqui dentro está a morte e a ressurreição. Aquele que tomar o líquido sem uma sombra de temor salvará a alma e se elevará à luz em vez de fenecer nas trevas. Ele estendeu a taça a Kalitin, enquanto este olhava para ele pálido e concentrado.

Mesmo assim, ele pegou decididamente a taça e observou:

- Se não me engano, eu li em algum lugar que os cristãos, ao morrerem, diziam: “Senhor Jesus, entrego em suas mãos a minha alma”!

Dakhir fez um sinal de anuência. Então o professor repetiu com deferência a frase, persignou-se e, sem piscar um olho, tomou o líquido de um só gole. Um segundo ainda ele ficou de pé, envolto em chama que parecia sair de seu corpo, e em seguida caiu fulminado. Dakhir apoiou, depois levou o corpo sem vida para o sofá e cobriu-o com cuidado com uma coberta vermelha.

- Alma valorosa, você irá atrás de nós, pois em você estão lançados os princípios de um mago – pronunciou ele, olhando com amor para Kalitin estendido.

Trancando em seguida a essência e a taça, Dakhir foi para a sala, onde o aguardava um modesto almoço em companhia de seus familiares e amigos. Dakhir amava apaixonadamente a vida em família com suas puras e tranqüilas alegrias, mas durante a sua estranha existência de muitos séculos, absorvida por constante trabalho intelectual, ele estava sempre só. Por esta razão, os poucos anos passados com Edith em Czargrado pareciam-lhe um oásis no meio da rigorosa, difícil e solitária vida de asceta. Seu amor se concentrou todo em sua filha. A criança despertava nele os sentimentos de um simples mortal, servindo de elo vivo com a humanidade. Urjane crescia lentamente como todos os filhos dos mortais; sob a sombra do santuário, sob a vigilância de Ebramar e das mulheres iluminadas, florescia essa estranha flor humana, vindo a desabrochar em toda a sua beleza virgem. Realmente, Urjane era linda como um sonho. Ela parecia com Dakhir: tinha tez pálida e cabelos enrolados negros, mas a esbelteza aérea do porte alto e os grandes olhos azuis lembravam a mãe. Seus olhos exprimiam uma profunda e sonhadora contemplatividade, característica de todos os seres enigmáticos que vivem de certa forma, fora do mundo.

Sob a vigilância de Edith, Urjane tomou sob seus cuidados toda a casa, que logo adquiriu um aspecto aconchegante. Narayana que, apesar do facho de mago, sempre gostava de comer, disse certa vez que até um iluminado de sete fachos é um pobre coitado se não tiver uma dona de casa como ela, pois até um corpo inúmeras vezes espiritualizado era dotado de um estomago. Dakhir e Edith riram muito da troça original

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

do mago, surpreendendo-se que mesmo após tantos séculos de luta e vicissitudes a sua alma conservou traços puramente humanos e uma capacidade inesgotável de usufruir prazeres. Feliz com o elogio quanto a seus conhecimentos culinários, Urjane, a partir daquele dia – para a diversão dos pais – caprichava no requinte da mesa, mais que modesta, inventando para seu amigo, tio Narayana, os mais deliciosos pratos.

Quando Dakhir entrou na sala de jantar, Edith ainda não tinha chegado e os amigos estavam sentados à mesa, ocupados, pelo visto com uma conversa muito interessante. Narayana falava calorosamente de alguma coisa, ilustrando suas palavras com desenhos numa grande folha de papel branco. Enrubescida de emoção, Urjane ouvia, os olhos brilhando de curiosidade. Ao ver o pai, ela se jogou em seus braços.

- Ah! Se você soubesse quanta coisa interessante me contou o tio de sua vida passada!

- É? – Sorriu Dakhir.

- Por exemplo, o confronto de bigas no Vizâncio durante a guerra entre os “verdes e azuis”, quando ele esse saiu vencedor; depois o torneio durante as cruzadas do qual ele participou. Deus! Que tempos interessantes eram aqueles; nem melhores do que os de hoje.

- E você lamenta por não ter vivido naquela época? – perguntou Dakhir sentando-se.

- Não, o tio prometeu-me as mesmas diversões no novo planeta e como eu gosto muito do seu palácio no Himalaia, para onde eu fui uma vez com a mamãe e o nosso mestre Ebramar, ele me deu a sua palavra de construir um igualzinho no novo mundo. Em volta dele, quer fundar uma cidade, dando-lhe, em minha homenagem, o nome de “Urjane” – concluiu alegremente a jovem, satisfeita consigo.

- Estou vendo que a atividade colonizadora e civilizadora de Narayana será útil e diversificada – observou Dakhir com sorriso levemente zombeteiro, olhando maliciosamente para o amigo de séculos. Com isso, visivelmente constrangeu-o, pois nos grandes olhos de Narayana brilhou uma expressão de satisfação e embaraço. Mas a conversa foi interrompida com a chegada de Edith com Iskhet, Niebo e Nivara.

O secretário de Supramati trouxe uma mensagem e contou que as perseguições, provavelmente seriam retomadas em breve em todos os lugares, visto que em Czargrado seriam presos alguns fiéis, e Madim, à frente de um bando, atacaria a jovem pregadora Taíssa, encarcerando-a no palácio de Shelom.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

- Vocês conhecem aquele espírito encarnado! O mestre, sem dúvida irá protegê-la, mas, mesmo assim, será uma provação difícil e terrível que irá custar-lhe sem dúvida, a vida – acrescentou Nivara.

Iskhet, que o ouvia atentamente, pensou profundo e, levantando-se inesperadamente, aproximou-se de Dakhir.

- Mestre, deixe-me voltar a Czargrado. No palácio eu conheço todos os recantos e esconderijos. Eu ajudarei na fuga da moça de que fala Nivara, e também de todos os prisioneiros, sob a orientação do mestre.

- A sua vontade de ser útil é elogiável, minha filha. Mas, você já parou para pensar que perigos a aguardam ao decidir entrar no palácio de Shelom ou no templo satânico? Você poderá novamente cair em mãos do miserável – observou Dakhir, olhando perscrutadamente para ela.

- Eu espero que o meu conhecimento do local vá me salvar; mas, ainda que Shelom consiga me pegar, será torturado apenas o meu corpo, pois a minha alma já se libertou para sempre dele. Não temo nem morte nem tortura, ainda mais pelo fato de que os meus sofrimentos seriam justos e uma expiação merecida pelos antigos delitos – redarguiu ela, e em seus belos olhos negros brilhou uma chama enérgica e exaltada.

Todos olharam para ela com amor e Dakhir pôs a mão em sua cabeça abaixada.

- Que seja como você quer. Nivara a deixará em Czargrado. A casa de Supramati servirá para você de abrigo seguro e você agirá segundo os seus conselhos.

Iskhet parecia feliz com a autorização obtida e algumas horas depois o avião de Nivara levou-a de Moscou.

**A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER**



CAPÍTULO XIX

Conforme já se descreveu, Shelom Iezodot refugiou-se com seus comparsas numa fortaleza satânica. Ali levando uma vida de orgias. Diariamente, de todos os cantos chegavam notícias sobre os êxitos dos cristãos e o aumento alarmante do número de desertores, mas Shelom levava tudo na brincadeira, respondendo com desprezo às observações dos conselheiros e amigos.

- Deixem-nos! Quanto mais desertores, maior a nossa chance de acabar com eles de uma só vez. Vocês sabem o nosso senhor gosta do cheiro de sangue e carne frita. Os gritos e gemidos desses canalhas, que pagarão com a própria pele por todas as baixezas, serão uma música agradável para seus ouvidos.

A invocação do poderoso demônio pareceu confirmar a opinião de Shelom. O espírito das trevas deu uma resposta evasiva e o líder dos satanistas continuou sua vida devassa. Entretanto, a desordem no meio do povo aumentou a tal ponto, e as baixas do partido de satanistas foram de tal monta. Que por fim Shelom se alarmou e achou que havia chegado à hora de agir energicamente. Ele começou pela invocação solene de Lúcifer e assumiu o papel de supremo sacerdote na celebração do culto satânico. O príncipe do inferno veio ao chamado e quando inquirido por Shelom para indicar aos seus leais servidores o programa das ações, respondeu com uma caustica gargalhada, secundada feita um eco, por milhares de vozes, Shelom estremeceu sem entender... Por que essa risada do terrível líder das forças obscuras? Seria ela de felicidade ou escárnio? Quando cessou a alegria funesta, o demônio ordenou que fossem seguidas suas nas grandes praças de todas as cidades, e diante de cada imagem sua fosse armada uma fogueira e queimados todos aqueles que se negassem a trazer sacrifícios e a venerar Satanás. Os sacrifícios seriam repetidos três vezes ao dia, e feito isso, Lúcifer concordaria em apoiar seus leais seguidores. Shelom decidiu agir imediatamente e, na mesma, dirigiu-se a Czargrado com toda a sua corte. A cada governante regional foi

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

enviado um despacho com a ordem expressa de iniciar sem protelação, a perseguição aos fiéis a mando do próprio Lúcifer.

Durante toda a noite, em todos os templos satânicos reinou uma grande agitação e, ao alvorecer, do palácio de Shelom partiu uma caravana bem convincente. Uma estátua de Satanás ia sendo carregada solenemente, e, liderando a procissão ia Shelom rodeado por conselheiros e principais sacerdotes dos templos satânicos. Quando a procissão alcançou a praça principal, esta já estava tomada pelo povo. Em volta do altar, erguido e decorado com uma cruz, havia uma imensa multidão de mulheres, homens e crianças prostados de joelhos. Todos já haviam encoberto a sua nudez com túnicas brancas e, com lágrimas nos olhos, ouviam a pregação de uma mulher, parada num degrau para ser mais bem vista.

Era Taíssa, que atraía as massas com suas palavras arrebatadoras e fé ardente. A beleza fascinante da jovem acentuava-se ainda mais naquele momento, quando sua alma fremia exteriorizada em voz harmônica e olhar inspirado. As pregas suaves da túnica branca contornavam sua figura esbelta e, no calor da pregação, o véu que lhe cobria a cabeça caíra de seus ombros e a vasta cabeleira envolveu-a como aura dourada. Shelom parou imóvel e seus olhos cobiçosos fixaram a jovem pregadora, que parecia flutuar, feito uma visão radiante, acima da multidão.

- Madim! – murmurou ele, apertando a mão de seu comparsa - eis a mulher que eu quero possuir. Se você tem amor à vida, trate de prendê-la e levá-la para mim.

- Sua ordem será cumprida – respondeu Madim com sorriso cínico. – Era dela que eu lhe falei aquela vez, dizendo que ela bem que mereceria substituir Iskhet! Não estava certo? Há-há!

- Não sei se ela substituirá Iskhet, mas que será minha e morrerá sob as minhas carícias... Isso é certo! – respondeu Shelom continuando o caminho.

Entre os que estavam presentes na praça, ocorreu um pânico com o aparecimento da procissão satânica. Gritando e empurrando uns aos outros, a multidão dispersou-se pelos cantos. Só uma parte conseguiu se salvar, o resto foi afastado para trás pelos asseclas de Lúcifer que ocuparam todas as ruas adjacentes. A cruz foi imediatamente derrubada e sobre a mesa do altar foi colocada a estátua do espírito das trevas, diante da qual os satanistas começaram a armar uma imensa fogueira. No meio do corre-corre, Madim, ajudado por alguns homens, agarrou Taíssa que, que foi amarrada e levada ao palácio de Shelom. Mas a jovem pregadora era por demais amada e conhecida para que

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

seu desaparecimento não fosse notado. A notícia sobre o fato chegou rápido até Nivara que, preocupado, apressou-se em transmiti-la a Supramati. Este o ouviu calmamente.

- Meu leal amigo, preocupa-o a notícia de que ela está em poder de Shelom, visto ser de seu conhecimento o segredo que me une a ela. Você sabe que Taíssa é Olga. Acalme-se, sem dúvida eu a protegerei com a minha força astral; além do mais, a sua própria fé lhe servirá de escudo e Shelom jamais conseguirá maculá-la. E se ele sentenciá-la à morte, isso será a grande prova de martírio que lhe falta para elevar-se até mim. Não tenho poderes para livrá-la disso, mas o seu amor é tão forte, seu ânimo é tão poderoso, que ela praticamente não sentirá o horror da morte.

Taíssa foi trancafiada numa das salas subterrâneas do palácio de Shelom. Era um quarto redondo, mobiliado com luxo sombrio, pois tanto os cortinados como as tapeçarias e móveis eram negros; a Lâmpada do teto jorrava uma luz vermelho-sanguíneo. A jovem prisioneira tinha sido jogada, fortemente amarrada, num largo sofá de camurça preta e estava sem crucifixo e sem roupa. Naquele fundo negro, seu corpo virgem e branco parecia uma estátua de mármore; sua ondulada cabeleira dourada esparramava-se pelo piso em mosaico. Vergonha e medo tomavam conta de seu coração; orando fervorosamente, ela repetia com fé e comoção: “Deus, Todo-Poderoso, protetor dos fracos e inocentes, guarde-me, me salva da violência do impuro, não permita que ele me macule! Deixe-me morrer glorificando Seu Santíssimo nome”. Por vezes, ela estremeia como se acometida por acesso de febre devido ao frio subterrâneo e ar tóxico.

Subitamente se ouviu um barulho, seguido de um leve tilintar a semelhança do som produzido por sino; seu rosto foi bafejado por um sopro de ar tépido e aromático. Minutos depois, mãos invisíveis cortaram as cordas que a amarravam, enxugaram seu rosto com pano molhado, cheirando a aroma, e vestiram-na numa túnica fina de linho. Taíssa levantou-se, olhando alegre e assustada para uma nuvem branca que pairava diante dela, se densificando rapidamente. No alto e esbelto um homem de branco que Taíssa reconheceu imediatamente à Supramati caindo de joelhos.

- Mestre! Você veio para libertar-me! – Murmurou ele, estendendo-lhe as mãos.

- Não, não para libertar, minha filha, mas para reconfortá-la e animá-la. Eis a cruz em lugar daquela que lhe tiraram. Pegue esta taça de vinho, um pedaço de pão e uma caneca de água benta. Estas provisões você receberá de mim diariamente. Não toque aqui em nada; em nenhum alimento contaminado pelo hálito satânico – ele pôs a

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

mão sobre sua cabeça e ela sentiu todo o seu poder perpassado por uma corrente de calor benéfico. – Agora eu posso deixa- minha criança. Você está preparada. Seja valorosa e firme: a hora da recompensa está próxima.

Uma nuvem azulada envolveu a figura do mago e ele desapareceu. Taíssa tomou o vinho, comeu o pão e sentiu-se mais forte. Depois, ajoelhou-se no mesmo local onde aparecera Supramati e onde parecia ainda brilhar uma luz azulada. Mergulhada em prece ardente ela não sentia o tempo passar e só um brusco barulho do relógio batendo a meia-noite tirou-a do devaneio. Uma súbita angústia apoderou-se de Taíssa. De todos os lados do quarto, levemente iluminado, ouvia-se um barulho estranho, sons de garras arranhando, respiração ofegante. Quando ela decidiu olhar em volta, estremeceu de pavor, de todos os cantos escuros surgiam, arrastando-se em sua direção, seres horripilantes, semi-homens, semi-animais. Que ela jamais tinha visto. Suas caras cadavéricas, desfigurada por toda sorte de paixões, eram medonhas; os olhos ardentes penetravam Taíssa, e mãos em forma de garras estendiam-se a ela na tentativa de agarrá-la. Taíssa recuou até à parede, onde acabara de se desenhar a imagem de uma cruz radiante, e recostou-se apertando ao peito o crucifixo fulgurante, trazido pelo mago. A choldra nojenta recuou. O fedor que invadia o subterrâneo pressionava seu peito e tonteava-lhe a cabeça; não obstante Taíssa não perdia a coragem e rezava com todo fervor... Passada talvez uma hora, a porta em sua frente abriu-se silenciosamente e nos eu limiar surgiu Shelom, parado, imóvel cerca de um minuto, ele devorava com os olhos a jovem; trancando a porta atrás de si, ele se aproximou e disse em voz surda:

- Largue essa cruz, Taíssa. Ela impede que eu me aproxime. Não vim como inimigo; eu a amo como jamais amei uma mulher e você será minha, pois é esse o meu destino e jamais alguém conseguiu se opor a ele. Não gostaria de recorrer a violência. Você tem o meu amor a seu alcance. Eu lhe ofereço todos os prazeres e riquezas terrenas. Compartilhe comigo o trono do mundo. E agora, repito, largue essa cruz que me impede de apertá-la ao meu coração. Louco de paixão.

Taíssa nada respondeu; Caindo de joelhos e levantando a cruz feito um escudo ela continuou orando. Shelom ficou possesso. As radiações azuladas emitidas pela cruz provocavam dores insuportáveis por todo o seu corpo, mas a paixão animalesca era mais forte que a dor. Com fúria crescente ele tornava a exigir que Taíssa largasse a cruz. E, como esta continuasse calada, ele tirou um estilete e se preparou para lançar-se sobre ela, a fim de arrancar de suas mãos o símbolo odioso, com risco de feri-la. Mas o

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

estilete subitamente voou para o chão, arrancado por uma força invisível e Shelom acabou caindo; Louco de raiva, levantou-se de um pulo e uma cena repulsiva teve início. O mostro arremessava-se sobre Taíssa tentando agarrá-la, e quando achava que já ia dominar sua vítima, com as mãos tocando a túnica de linho, entre eles surgia um obstáculo invisível, empurrando-o e derrubando-o no chão. Ele rodopiava e, convulsão, espumando pela boca, proferia terríveis improperios, chamava pela ajuda dos demônios; estes vinham, brilhando em cor amarela, vermelha e verde, mas desapareciam imediatamente. Por fim totalmente exausto com essa luta inédita. Shelom rastejou-se para a saída, onde os seus lacaios o levantaram, levaram-no aos seus aposentos e ele dormiu.

Ao ficar sozinha, Taíssa agradeceu a Deus que a salvara milagrosamente das mãos do demônio e sentou-se exausta no sofá. No mesmo instante diante dela apareceu uma sombra clara e uma voz remota pronunciou:

- Durma sem medo. Você está sendo guardada!

Repleta de fé e gratidão, Taíssa acomodou-se no sofá e dormiu um sono profundo. Quando despertou, ela viu sobre a mesa a taça de vinho e o pedaço de pão prometidos; Ao recuperar as forças, começou a rezar. O tempo passava languidamente. Taíssa ouviu o relógio batendo, porém não se dava conta se era dia ou noite. Não veio ninguém, nenhum barulho quebrou o silêncio reinante. De repente, junto ao nicho que ficava perto dela, ouviu-se o crepitar de uma mola e surgiu um vulto escuro envolto em uma capa: descobrindo-se, Taíssa reconheceu Iskhet.

- Rápido! Pegue esta capa e mi siga. Eu vim para libertá-la e vou tirá-la daqui através de um caminho secreto – disse ela apressada.

- Irmã Maria, você teve a coragem de vir até aqui, direto à boca do leão? Se ele encontrá-la, você pagará com a vida.

- Não temo a morte e, visto o fim do mundo estar próximo, de qualquer forma terei de morrer. O martírio me salvará a alma e você rezará por mim, pois é imaculada e o fétido sopro do “maldito” não tocará em você. Rápido! Vamos!

Ela envolveu Taíssa numa capa escura, cobriu-lhe a cabeça com capuz e quando ambas já estavam perto do nicho, a porta subitamente se abriu, entrando Shelom em companhia de algumas pessoas.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Vejam, há dois ratos em vez de um! – exclamou ele. De um salto ficou junto às mulheres e arrancou a capa de uma delas. Taíssa correu para a parede onde novamente surgiu a cruz radiante.

- Iskhet? – Soltou Shelom, dando uma gargalhada sarcástica. – Bem, eu não tinha perdido as esperanças de encontrá-la, minha encantadora esposa; E eu a pego em flagrante aqui, quando você ia raptar a minha pombinha celeste? Há-há-há! Não serão ciúmes, bela “Rainha do Sabbat”? De qualquer forma, sua nova fé deixou-a mais bonita ainda e eu juro por Satanás que vale a pena pegá-la de volta para a converter à crença anterior.

Taíssa estremeceu, sentindo uma raiva infernal soar na voz de Shelom e brilhar em seus olhos. O que acontecerá a infeliz que arriscou a sua vida e liberdade para salvá-la?... Mas, a ex-Iskhet não se intimidou bem um pouco; ela era realmente bela e fulgia com uma beleza totalmente diferente. A pureza e a harmonia adquiridas transformaram seus traços e o seu rosto pálido e magro espiritualizou-se. Vestindo uma túnica comum, cabelos vastos trançados, ela parecia mais alta e mais esbelta que antes. Com a fala de Shelom. Seus grandes olhos negros faiscaram; medindo seu terrível inimigo com um olhar de desprezo, ela apertou ao peito a cruz e disse calmamente:

- Equívoco seu, Shelom Iezodot! Jamais você me pegará, pois não tem mais poderes sobre mim e o inferno já não tem a menor importância. No máximo você poderá tirar-me a vida, pois a alma pertence a Deus.

- Só a vida! Entretanto, minha cara existe muitos métodos de se tirar uma vida e, entre esses. Há os mais desagradáveis, como por exemplo, ser queimada viva – redargüiu Shelom com gargalhada maldosa. – Por enquanto vamos acomodá-la num lugar seguro e veremos se a fome, a sede e outras delícias não afarão mais sensata. Felizmente, não faltam meios de dissuasão e eles quebram pessoas bem mais fortes do que você – acrescentou ele com desprezo, fazendo um sinal a dois homens para que a levassem.

Iskhet recuou rapidamente e levantou a cruz sobre a cabeça.

- Eu vou sozinha, não se encostem a mim! – Disse ela aproximando-se de Taíssa. Esta a beijou e murmurou nos ouvidos:

- Seja firme, Maria, você será apoiada!

Iskhet se despediu e saiu apressada em companhia de dois luciferianos. Shelom e Taíssa ficaram a sós.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Desta vez o terrível feiticeiro apareceu armado de toda a sua ciência negra. Sem se chegar a ela, ele cercou-a de pequenas trípodes, nas quais em pouco tempo começaram a arder ervas e pós, espalhando odores sufocantes. Ao mesmo tempo, ele começou a pronunciar invocações, e, ao seu chamado, do espaço saíram seres asquerosos, formando um semicírculo, que, lenta, mas, firmemente, aproximavam-se de Taíssa. Eles gritavam e se contorciam diante da cruz fulgurante, como se açoitados, mas continuavam a rastejar para frente. O coração de Taíssa quase se partia de pavor, mas ela enfrentava corajosamente o medo e sua fé não enfraquecia. Somente quando as medonhas caras dos demônios se aproximaram mais perto e as mãos com garras iam agarrá-la, ela, subitamente, pensou em Supramati e de seus lábios soltou um chamado sôfrego!

- Mestre, venha me ajudar!

No mesmo instante, do éter surgiu uma nuvem clara que envolveu a jovem numa espécie de glóbulo transparente e a corja infernal, arremessada para trás como se por uma forte rajada de vento, juntou-se rugindo atrás de Shelom. Inutilmente ele agitou a sua espada mágica, desenhou sinais e pronunciou poderosíssimas fórmulas. As faíscas que partiam de sua espada ricocheteavam no glóbulo luminoso, como se ele fosse de bronze, e algumas delas vieram a acertar o próprio Shelom, causando-lhe queimaduras e ferimentos doloridos. Tal resistência, aliada à derrota de sua força mágica. Deixaram-no furioso e feriram o seu amor próprio. Rugindo feito uma fera e espumando pela boca, todo ensangüentado, partiu ele desesperado sobre o glóbulo luminescente, mas trombou com a barreira intangível e espatifou-se em convulsões no chão. Quando ele se levantou, algum tempo depois, pálido feito cadáver e tremendo com todo o corpo, dirigiu-se à saída e parando na porta virou-se, agitando os punhos cerrados, gritando em voz rouca:

- Sórdida criatura, joguete do maldito hindu, você não perde por esperar! Eu me vingarei e lhe idealizarei uma morte que até o inferno irá estremecer!...

Iskhet também foi trancafiada numa cela subterrânea, porém essa era vazia. Um monte de palha servia-lhe de leito; no meio do recinto havia uma mesa de pedra, repleta de pratos com comida, cestos e garrafas de vinho. Apesar da fome e sede, a jovem mulher não tocou em nenhuma iguaria, convencida de que tudo aquilo está misturado com perigosas drogas que poderiam até matá-la. A terrível fome e sede começaram a martimizá-la com a visão da comida preparada e o vinho aromático. Mas Iskhet resistia

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

valorosamente, tentando sôfrega buscar apoio na prece. Na inexistência de relógio e devido à semi-escuridão do ambiente, ela não conseguiu se dar conta de quanto tempo passara presa, mas, sentindo-se enfraquecida, deitou-se e fechou os olhos, tentando concentra-se para continuar a prece, pedindo a morte como forma de libertação. De repente, ela ouviu um leve barulho e uma voz conhecida que chama por ela.

- Irmão Maria!

Pondo-se de pé rapidamente e muda de surpresa, ela viu Nivara, o bondoso e corajoso discípulo de Supramati, que estava diante dela com um cesto nas mãos, sorrindo.

- Aqui estão as provisões, irmã Maria. Fortaleça-se e esconda os restos. Tenha fé, esperança e reze. Estamos pensando em você e logo você ficará livre – disse ele carinhosamente, desaparecendo da mesma forma que havia aparecido.

Pelas cidades e povoados foi instituída uma verdadeira caça aos fiéis; Bandos armados faziam buscas pelas ruas e caminhos, detendo aqueles que eram considerados “convertidos”, levando-os às prisões e depois para o sacrifício de Satanás. Em todos os lugares ocorriam cenas chocantes, gritos e gemidos pairavam no ar. Pessoas eram torturadas e mortas nas prisões e diante das fogueiras para obrigar aos infelizes a trazer sacrifícios ao demônio, Como a carne é impotente, somente os espíritos muito fortes enfrentavam a morte tranqüila e destemidamente, resistindo às torturas com o heroísmo de mártires. A humanidade parecia estar enlouquecida; ruas pareciam campos de batalha o tempo pareceu deslocar-se para trás, e os carrascos de Shelom bem que poderiam dar aulas de crueldade aos carrascos de Diocleciano ou Nero. Ressurgiam até os métodos arcaicos de tortura; homens e mulheres, enlouquecidos de tanto sofrimento, urravam sob os açoites e tenazes de ferro, maldizendo os demônios e em desespero chamando por Deus e Cristo. Alguns fraquejaram e acabaram trazendo sacrifícios a satanás, outros permaneceram firmes e, quando, com o cair da tarde, era acesa uma enorme fogueira, eles eram arrastados para ela sob os aplausos e gritos selvagens da turba bestificada. Entre os não muitos que subiam na fogueira tranqüilos e com fé inabalável, havia sempre um sacerdote e quando os sentenciados com os olhos brilhando de exaltação prostavam-se de joelhos e de todos os lados começava crepitar o fogo, os sacerdotes incógnitos oferecia a esses uma grande taça, fazendo-os tomar um gole do líquido fulgurante.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Nuvens de fumaça escondiam dos espectadores o que vinha depois. Apenas um fato estranho, que, no entanto se repetia diariamente, começou a provocar preocupação e curiosidade. Toda vez que a fogueira era acesa, desencadeava-se uma tempestade, ribombavam os trovões, o vento espalhava as chamas e ao céu se levantavam colunas de densa fumaça negra, que virava uma espécie de parede. O fogo devorava tudo e ninguém jamais conseguiu encontrar um osso sequer de algum mártir...

Já há muitos dias que a temperatura se tornava cada vez menos agradável; o ar estava pesado, denso e saturado por um aroma caustico que dificultava a respiração. Através do céu cinzento já não penetrava mais nenhum raio solar e algo de funesto pairava naquela penumbra

Pálida. Qual não foi, então, o pavor de todos quando pela manhã não veio o amanhecer; os relógios apontavam meio-dia, no entanto a escuridão não só não havia se dissipado como se tornava mais acentuada. Uma abóbada negra parecia ter descido sobre a Terra. No firmamento não se via sequer uma estrela; as lâmpadas elétricas que iluminavam a escuridão tremeluziam estranhamente, reverberando cores ou vermelhas, ora amarelas, ora arroxeadas, Que pena é capaz de descrever o pânico ensandecido da população? As pessoas largavam o trabalho e abandonavam as casas; as multidões em transe se juntavam nas ruas, olhando perplexas para o céu da cor de guache e respirando com dificuldade no denso ar pesado. Ninguém tinha visto nada igual: isso não pressagiava coisa boa. Não seria aquilo um aviso funesto da catástrofe prevista por profetas e cristãos? A certeza da aproximação do perigo inevitável fez com que o coração de todos disparasse desesperado. Milhares de vozes bramiam como ondas do mar enfurecido e o instinto de preservação dizia às pessoas para buscarem abrigo, onde fosse possível. Uns corriam aos observatórios astronômicos, outros, ao palácio de Shelom. Ele, filho do Satanás, conseguiria evitar o perigo. Outros tantos foram aos templos satânicos, que pareciam ainda mais terrificantes em sua negritude na penumbra pálida. Entretanto, uma parte significativa de homens e mulheres correu para o palácio do príncipe indiano, e a multidão desnordeada parou perplexa diante da residência de Supramati; todos os portões estavam escancarados. Quando os mais corajosos entraram no interior do palácio, viram que a magnífica habitação estava vazia e tudo se encontrava aberto. Na enorme sala, iluminada por uma surpreendente luz azulada, via-se uma grande cruz preta e nela o Cristo crucificado com a coroa de espinhos na cabeça; em seu semblante divino gravou-se uma expressão de tristeza e autêntica compaixão;

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

feixes de luz envolviam a cabeça do Salvador. Mudos de amargura e medo, a turba olhava para aquele, o qual eles negaram, o qual afrontaram, cujo nome ultrajaram, cujos preceitos sagrados renegaram. Então era isso que lhes deixou o grande hindu – a imagem do Redentor, filho de Deus, o qual, crucificado, orava pelos seus verdugos! O príncipe e todos os habitantes do palácio haviam desaparecido como desapareceram em todos os lugares os pregadores e os altares, sobre os quais fulguravam os crucifixos e onde o incenso ascendia em nuvens. Aos gritos, gemidos e soluções prostraram-se de joelhos a multidão; olhares perdidos procuravam pela ajuda do ser divino; os pálidos e transtornados rostos denotavam pavor diante da iminência do momento terrível.

Nos templos satânicos ocorriam cenas estranhas e medonhas. As multidões ali reunidas traziam sacrifícios e invocavam os demônios, obtendo em resposta risos de escárnio; o inferno enchia-se de gargalhadas horripilantes em resposta a essa humanidade cega e criminosa, que ele acariciou e seduziu e, por fim, entregou em sacrifício às forças cósmicas. Nesse ínterim, na natureza ocorreu um novo fenômeno. A profunda escuridão deu lugar a uma luz violeta-escura, que feito uma mortalha vestiu a Terra condenada, sua vegetação exuberante, edificações grandiosas e as multidões barulhentas que corriam desordenadas para todos os lados.

Vindos para pedir ajuda e conselho ao seu terrível senhor, os satanistas se comprimiam no palácio de Shelom. Na praça, em frente, a multidão vociferava enlouquecida, exigindo que o filho de Satanás lhe devolvesse a luz e purificasse a atmosfera. Pálido e sombrio, em pé ao lado da janela aberta, Shelom contemplava com olhar sinistro o céu violeta, inspirando pesadamente o ar denso saturado de aroma cáustico desconhecido e que lhe girava a cabeça. Decidindo algo rapidamente, ele se virou em direção do trêmulo e pálido Madim.

- Ordene que sejam levados imediatamente para a fogueira todos os presos que restaram inclusive Iskhet e Taíssa, e anuncie ao povo que se dirijam todos ao local da execução. Eu vou ao templo principal fazer um sacrifício ao pai e pedir-lhe ajuda e conselho.

Madim correu para cumprir a ordem e fez um pronunciamento ao povo. Parte dos presentes se espalhou; uns foram ao local onde estava armada uma grande fogueira, outros se dirigiram ao templo principal, para onde iria Shelom, mas a maioria nem se moveu, continuando a gritar e a fazer ameaças.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

A notícia de que o príncipe hindu havia sumido e o palácio estava vazio espalhou-se e provocou pânico nacional. Se o grande mago tinha ido embora, significava, então, que o perigo era inevitável e terrível – diziam. Milhares de opções e pressuposições eram manifestadas com relação ao local onde o hindu poderia ter-se escondido.

Uma hora depois, uma triste procissão passou pelas ruas da cidade. À frente dos sentenciados vinham Iskhet e Taíssa, com cruces no peito. Em vista de que em certos locais as luzes haviam se apagado e não se conseguia acende-las, os homens armados que acompanhavam a procissão levavam archotes, e a luz que deles se irradiava também adquiria uma estranha tonalidade violeta. Imprimindo a todos os objetos iluminados um aspecto sombrio. Os sentenciados iam para a execução calmos e corajosos, entoando um hino sagrado. Na praça se comprimia uma massa popular, desordenada e preocupada. Ao alcançarem a enorme fogueira, os condenados abraçaram-se uns aos outros e começaram a subir um após outro, no tablado. Quando estava chegando a vez de Taíssa e Iskhet, Madim, em companhia de alguns homens, abriu o caminho e disse que o senhor ordenara que Taíssa fosse levada ao templo. Sem protestar, as duas se abraçaram efusivamente e Iskhet subiu na fogueira. Nesse ínterim, Madim amarrou Taíssa e levou-a embora. Quando as chamas tremularam crepitando e nuvens de fumaça esconderam da multidão os condenados, que genuflexos continuavam a entoar orações, surgiu, subitamente no meio deles um homem de branco, com uma taça de ouro na mão. Era Nivara.

- Irmãos e irmãs! – o proferiu. – Para livrá-los da morte torturante no fogo, os nossos mentores enviam-lhes uma bebida que lhes tirará a vida. Ele aproximou-se de Iskhet e estendeu-lhe a taça. – Tome um gole, eu a segurarei – disse Nivara.

- Já, meu irmão. Uma vez aqui sou a mais criminosa, peço-lhe que me dê um beijo fraterno como prova de que você não me despreza. Diga ao mestre que eu lhe agradeço e o abençôo pela salvação de minha alma e lhe suplico para não me abandonar no espaço.

- Lhe prometo em nome dele – respondeu Nivara beijando a jovem, que tomou da taça, caindo a seguir fulminada.

Ao passar rapidamente por todos os condenados, eles beberam avidamente o líquido e caíram mortos tal como Iskhet, Como ocorria freqüentemente durante as execuções em massa, desabou-se então uma tempestade, trovões rolaram surdamente

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

sem relâmpagos e só de tempos em tempos bafejavam rajadas de vento. A fumaça que se levantava era tão densa que parecia apagar o fogo e atrás dessa espécie de cortina desceu sobre o local uma nave espacial. Em poucos instantes os corpos das vítimas foram carregados e a nave, feito um pássaro, alçou vôo para as alturas, desaparecendo a seguir.

No templo principal de Lúcifer, aos pés da gigantesca estátua do rei do inferno estava Shelom, cercado de sacerdotes satânicos e de multidão assustada que buscava ajuda e salvação junto ao tenebroso bruxo. Shelom preparava-se para um grande sacrifício e tudo em volta exalava o cheiro fétido e sufocante das ervas resinosas que ardiam nas trípodas. Shelom estava completamente nu; seus cabelos foram amarrados com uma fita vermelha contendo inscrições cabalísticas. Numa das mãos ele segurava o tridente satânico e na outra um cumprido punhal de ponta afiada. Observando os preparativos, vez ou outra ele olhava impacientemente em direção à porta por onde deveria ser trazida Taíssa. Mesmo o perigo mortal que ameaçava a Terra não podia sufocar-lhe a paixão carnal que tinha pela jovem, e a simples recordação de suas inúteis tentativas em possuí-la arrepiava seus pelos. Em seu delírio, tentava ele imaginar que tipo de tortura ele poderia idealizar para obrigar a imprestável criatura sofrer o mais possível

Antes de ser entregue em sacrifício a Satanás, irrigando com seu sangue os degraus da ara. A todos os presentes foram distribuídas velas negras, e um canto selvagem e dissonante ouviu-se sob a abóbada com o surgimento de Madim arrastando Taíssa, amarrada, nua e sem a cruz no peito. Mas os longos cabelos soltos cobriam como um manto a sua nudez e a cabeça era envolta por uma larga aura clara. A jovem estava tranqüila, seu destemido olhar fixou com indiferença e desprezo o servidor do Mal que a devorava com os olhos ardentes de paixão.

- Pela última vez lhe pergunto, criatura teimosa, se você quer voluntariamente, reverenciar Lúcifer e trazer-lhe em sacrifício a sua inocência? – gritou em vos rouca Shelom.

- Não. A minha alma pertence a Deus e com o corpo acontecerá o que for de sua sagrada vontade. Mate-me rápido, anticristo, para que eu não possa mais ver essa gentalha que o cerca e para que meu sangue possa purificar esse lugar impuro – respondeu Taíssa valorosamente.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Antes disso você pertencerá a mim! – respondeu Shelom com gargalhada nefasta e lançou-se sobre ela, derrubando-a no chão e, em seguida, agarrando-a pelos cabelos e arrastando-a junto à estátua.

- Jesus Cristo, salve-me! – Deixou escapar Taíssa e no mesmo instante, Shelom, como se golpeado por um chicote, saltou para trás largando sua vítima. Uma fúria ensandecida apossou-se dele. Com o rosto transfigurado por convulsões, olhos injetados de sangue e soltando espuma pela boca, lançou-se ele de novo sobre Taíssa.

- Morra e cale monstro do Céu! – Urrou Shelom, enterrando até o cabo o seu punhal no peito da jovem, que caiu sem soltar um gemido.

Do ferimento de onde Shelom arrancou a arma, jorrou em chafariz um sangue da cor de rubi, e os presentes, pasmos de assombro, viram como o líquido acendeu-se no ar como fogo de artifício e em seguida cobriu em véu ígneo o cadáver. Ao mesmo tempo, sob as abóbadas assistiu-se a um espetáculo surpreendente. Taíssa ficou flutuando no ar, cercada por seres transparentes que, com jatos de fogo, cortavam os últimos fios que a uniam com a matéria. Depois os espíritos dos elementos suspenderam a jovem, e, feito uma nuvem empurrada pelo vento, a visão fulgurante desapareceu com rapidez de meteoro, enquanto que o templo foi tomado pelos sons harmônicos do canto das esferas, fazendo com que os satanistas presentes cambaleassem e gemessem de dor. Shelom, caído no chão de joelhos, parecia sufocar. Quando o pânico acabou, todos viram que do corpo de Taíssa só havia sobrado um pouco de cinza, logo depois dispersado no ar em partículas invisíveis; a estátua de basalto de Lúcifer estava trincada de ponta a ponta.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER



CAPÍTULO XX

Nas montanhas do Himalaia, dentro do palácio de Supramati, a atividade era intensa: lá se preparavam para o último repasto fraterno geral na Terra condenada.

De todos os santuários do mundo, das grutas do Santo Graal, dos jazigos misteriosos da pirâmide, vinham se juntando os filhos da luz para tomarem seus lugares nas naves espaciais que deveriam transportá-los para o campo de sua futura atividade. No ar já flutuava a gigantesca e enigmática frota aérea. Os jovens adeptos, em trajes brancos, arrancaram buques de flores em seus jardins exuberantes para enfeitarem as portas e as mesas arrumadas em amplas salas e decoradas por objetos de estilo desconhecido, monumentos arcaicos do mundo que também já se extinguiu e que viera para nesta terra, já moribunda, trazidos pelos primeiros legisladores. Destacava-se, principalmente, a mesa dos magos superiores. A toalha de mesa bordada com fios de prata tinha uma barra decorada com pedras preciosas, representando flores, frutas, aves e insetos nunca vistos na Terra. O trabalho era uma obra de arte sem igual, que só poderia ser feito pelas mãos dos imortais que viviam fora do tempo. Nesse reduto seletivo da ciência, aquela penumbra que envolvia toda a Terra, aqui dava lugar a um pálido lusco-fusco, lembrando o luar, que envolvia com cortina de mistério a mágica paisagem com toda a sua vegetação viçosa e seus chafarizes.

A gruta, onde anteriormente fora colocado o corpo de Olga estava novamente aberta. Ao longo da alameda que levavam a ela, ficaram perfilados os filhos dos magos em túnicas brancas; de dentro da gruta cintilavam raios de luz ofuscante. O espetáculo em seu interior era admirável. Ali se reuniram sem exceção todos os antigos magos, juntamente com a irmandade do Graal; de um lado postaram-se os homens, de outro as mulheres, belas como visões celestiais. No centro havia um reservatório oval largo, bastante profundo, feito de um metal prateado, cheio de um líquido estranho parecendo mercúrio que se agitava e reverberava em cores de arco-íris. Junto ao reservatório, num

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

disco de ouro, estava Ebramar em vestimentas sagradas e ao lado dele, em semicírculo, postaram-se seis magos que à semelhança de Ebramar, estavam coroados com cinco fachos de luz ofuscante e com insígnias fulgurantes no peito, conferidas em função de sua alta dignidade. Nos degraus do nicho onde se estendia o corpo de Olga, estava Supramati em trajes de cavaleiro do Graal, e abaixo do degrau, como dois guardas de honra, Dakhir e Narayana. A colcha que cobria a falecida foi retirada e apesar dos séculos que passaram, o corpo tinha a aparência de uma mulher adormecida; apenas a palidez marmórea e uma expressão estranha em seu belo rosto apontavam que ali estava um cadáver. Tudo era um profundo silêncio. Assim que Ebramar levantou sua espada, ouviu-se um majestoso canto, indescritivelmente suave. Instantes depois, chegou a todos o som de um barulho surdo, como se ondas revoltas batessem em rochas, e sob as abóbadas, cercadas por transparentes grupos de espíritos dos elementos, surgiu uma imensa chama, envolta por uma névoa drapejante de prata. Como se atraída por força superior, a chama concentrou-se na ponta da espada de Ebramar. No mesmo instante, Supramati levantou o corpo de Olga e o mergulhou no reservatório. O líquido que o enchia efervesceu, agitou-se em espuma prateada e, em seguida, com extraordinária rapidez, pareceu absorver-se no corpo inânime. Ebramar baixou a espada e a chama agitada desapareceu nos lábios semi-abertos do cadáver. Com o olhar faiscante e elevando as mãos, o mago pronunciou com voz autoritária:

- Pelo poder a mim conferido, como mago de quinto grau, ordeno-lhe, corpo de carne, juntar-se a esta chama purificada e renovadora e retornar a uma vida longa e gloriosa, que você, alma de Olga, mereceu com sua aspiração á verdade.

À medida que ele falava, o corpo da jovem estremecia, perdendo pelo visto, sua letargia; depois, ao redor de sua cabecinha clara formou-se um largo fulgor dourado, os grandes olhos se abriram e examinaram vagamente os presentes, mas, ao verem Supramati, acenderam em amor infinito. Ele, neste ínterim, suspendeu-a do reservatório, colocou-a de pé e afastou-se, sendo a ressuscitada cercada por mulheres da irmandade do Graal. Nara foi a primeira a beijá-la, depois a ajudou a trocar as antigas vestimentas por uma túnica de tecido brilhante, como se salpicado por pó de brilhantes, pendurou-lhe no pescoço uma cruz de diamantes, encimada por um cálice e sobre a cabeça colocou uma coroa de flores luminescentes. Quando as mulheres que a cercavam se afastaram. Olga que ficou sozinha, emocionada e com olhos abaixados, estava realmente bela como uma visão celestial. Seu rosto espiritualizado refletia embaraço e

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

felicidade, os cabelos soltos cobriam-na como se por manto dourado, e sobre a cabeça abaixada luzia sua coroa de mártir. Quando a ela se aproximou Ebramar, sorrindo afavelmente, ela pôs-se de joelhos e pegando a sua mão, encostou-a aos lábios. Ebramar levantou-a apressadamente, beijou, cumprimentou e abençoou; em seguida pôs a sua mão na mão de Supramati e disse com voz metálica e sonora:

- Foi através da morte que ela se privou de você e através da morte ela o recuperou. A custo de longos esforços, de penosas provações, ela alcançou o grau de pureza que lhe permitirá ser e permanecer unida a você por longo tempo. Devolvo-lhe a sua fiel companheira.

Olga levantou a cabeça e, preocupada, olhou para Supramati, que lhe respondeu com um olhar cheio de profundo e ardente amor. E quando ele a atraiu junto a si e a beijou, o rosto de Olga iluminou-se com expressão de indescritível felicidade.

- Agora, Olga, olhe aqui Airavana. Ele também quer beijá-la – disse Supramati apontando para um belo jovem que se aproximou admirando-os alegremente.

- Airavana! Eu o deixei quando ainda era bem pequeno e agora o nosso pequerrucho é um homem! – Exclamou Olga, examinando-o emocionada pela felicidade e orgulho maternal. Ela abraçou calorosamente o filho, cobrindo-o de beijos.

Os magos admiravam sorridentes as emocionantes cenas. Olga notara isso e com as mãos em prece disse impulsionada pela gratidão:

- Oh, maravilhosos mentores! Permitam-me agradecer-lhes pelo apoio que me deram durante o meu trabalho de purificação O que significam os sofrimentos suportados, angústia da separação, a vida repleta de provações e mortificação da carne, comparados a este minuto da felicidade sobre-humana, do instante límpido de amor, quando se sente nitidamente toda a grandiosa importância do triunfo do espírito sobre a carne? Gloria ao Criador, cuja benção, transforma as repelentes e insignificantes lagartas em resplandecentes borboletas, capazes de compreender e amá-lo.

- Qualquer trabalho, minha filha, carrega em si a recompensa, e não há alegria mais pura do que o momento de conscientização das provações suportadas – replicou Ebramar, aproximando-se. – E agora, cumprimento-a mais uma vez e desejo um feliz ingresso em nossa irmandade como membro oficial e dou-lhe um beijo fraterno.

Depois de beijar também Supramati, aproximaram-se deles em fila todos os membros reunidos. Com especial carinho abraçaram-nos Nara, Edith, Dakhir e Narayana.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

Após os cumprimentos, todos saíram da gruta e se dirigiram ao palácio, onde estava preparada a refeição da despedida, o último banquete na pátria agonizante, da qual eles se separariam para sempre; O almoço passou em silêncio. Os rostos de todos estavam sérios e pensativos; em todos estava estampado o peso trágico do passado e a enormidade do trabalho que teriam pelo futuro. Ao término do modesto almoço, todos os magos saíram para a enorme praça em frente do palácio, onde se reuniram todos os fiéis salvos pelos missionários e trazidos para o local para que fosse organizado o seu envio sob o controle dos jovens adeptos e magos de graus inferiores. Pálidos feitos cadáveres, em túnicas brancas, eles se comprimiam inquietos uns aos outros. Na primeira fila estava o jovem astrônomo convertido por Dakhir. O mago supremo entrou no meio da multidão e dirigiu-lhes um discurso, explicando que a firmeza da fé salvaria-os da morte, mas que eles deveriam dedicar a vida preservada para o bem e para o trabalho útil.

- Na nova Terra, onde vocês serão humildes pioneiros do progresso, nenhum navegador irá abalar com fantasias e sofismas a sua fé, e nem os deterão em seu afã de purificação. E agora, meus filhos, elevem suas últimas orações na terra e nós oraremos também com vocês.

Todos caíram de joelhos e os adeptos entoaram um hino e leram uma oração, repetida pela multidão, que chorava convulsionadamente. Abençoando a multidão prostrada, os magos se retiraram, permanecendo apenas os adeptos e os discípulos que controlavam o embarque nas naves. Os viajantes foram distribuídos em grupos. Do alto começaram a serem abaixadas, alternadamente, colunas aéreas pelas quais os viajantes subiam. Alguns, de tão apavorados, não conseguiam andar, sendo carregados e mal a nave ficava cheia, o responsável pelo embarque oferecia aos passageiros uma taça de vinho fortificante que os fazia, quase imediatamente, cair num sono que se prolongaria por toda a viagem.

Olga e Supramati foram aos seus antigos aposentos. Pela primeira vez depois da separação que durará séculos, eles se achavam sozinhos e, saindo ao terraço com vista para o jardim, contemplavam pensativamente a paisagem de beleza mágica, apesar de uma luz estranha que a envolvia: suas almas estavam repletas de harmonia serena.

- E assim, nós nos unimos para sempre, minha querida, e eu leio em seus lábios que você está totalmente feliz – disse Supramati sorrindo e apertando-a junto a si.

A MORTE DO PLANETA **J. W. ROCHESTER**

- Sim, Supramati, minha felicidade é total a partir do instante que eu notei em seus olhos que você não se arrependeu de que era eu, e não Nara, a sua companheira. Ela é tão superior a mim!

- Nara pertence a Ebramar – respondeu Supramati sorrindo e balançando a cabeça; - Ela é criação dele; foi ele que formou a sua alma. Feito um sábio e bom jardineiro, ele trabalhou por séculos para levar até o florescimento completo essa flor, ministrando-lhe conhecimentos e elevando-a até ele, sendo justo, então, ser recompensado por isso. Nara permanece minha fiel amiga por ter feito muita coisa para mim. Ela abriu os olhos cegos de Ralf Morgan: graças ao meu amor a ela, subi pelos degraus do conhecimento e o amor fez com que eu a seguisse dentro do labirinto das ciências ocultas e, por fim, o desejo de me tornar digno dela deu-me força e obstinação necessárias em nosso difícil trabalho. O mesmo sentimento de amor que se agitava no âmago de seu ser impulsionava Nara a seguir Ebramar, da mesma forma que você Olga, trabalhou e sofreu por amor a mim.

Tudo é mantido e unido pelo amor – um fio de ouro de força e calor que atrai e torna mais fácil passar pelas dificuldades de provações, pela exaustão devido ao trabalho espiritual, ajudando a ascender a íngreme e estreita escada do conhecimento perfeito. Só Deus único, por sua infinita misericórdia, poderia prover as suas criaturas de alma imortal e dessa gigantesca força que já arde com chama divina num inseto ou numa ave com amor paternal, obrigando o seu pequenino e imperfeito coração a bater. Aquele que é dotado de amor em sua concepção sublime e pura mantém aceso um foco de luz na escuridão e um foco de calor no frio. Aqueles que são desprovidos dessa chama sagrada, aqueles que não sabem amar, são renegados e o seu fardo é duas vezes mais pesado: a escuridão anuvia-lhes o caminho, eles estão sozinhos, eles tropeçam sem a mão do seu guia, de seu coração não emana nada mais que animosidade ou revolta e eles mesmos se condenam a uma dura expiação. Chegou o grande momento, Olga: nós estamos passando as últimas horas na Terra, nosso antigo berço; logo, embarcaremos na nave espacial que nos levará para um mundo onde, finalmente, aliviaremos a carga do corpo.

- Irei com você aonde você for e lá será o meu lar e felicidade – respondeu Olga, apoiando a cabeça no ombro de Supramati. – E nós vamos conseguir ver a catástrofe?

- Sim, de longe, através de um vidro óptico da nave.

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

Reinou um minuto de silêncio. De repente, Olga endireitou-se e perguntou com visível preocupação:

- Supramati, e que fim levaram as minhas mascotes: o elefante branco e seu pifaupledonte? Você me disse que a eles teria sido dada a essência primeva, então eles estariam vivos? Não é cruel deixá-los aqui para a morte tenebrosa?

- Acalme-se – Supramati sorriu. – Nossos fiéis amigos nos seguirão, só que adormecidos e num estado em que seu peso não seja sentido. Em novo lugar eles serão despertados e virão cumprimentar a sua dona e depois... – Ele começou a rir – alguns milhões de anos mais tarde, acharão os fósseis do animal “desconhecido”, representante de uma espécie completamente desaparecida. Agora vamos querida. Você terá de suportar a última provação - ele levou-a junto da mesa que ficava ao lado do sofá e, pegando uma taça de cristal, estendeu-a a Olga. – Aceite de minhas mãos a taça da vida, que fará de você a minha companheira até o fim da minha vida carnal.

- É o elixir vital? - Perguntou Olga e, ao sinal positivo do esposo, tomou-o de um gole.

Ocorreu o esperado e Supramati acomodou Olga sobre o sofá, cobrindo-a com uma coberta de seda. Em seguida, afastando-se até o corrimão, mergulhou em pensamentos. Enquanto Olga dormia o último sono na Terra moribunda que lhe deu a última oferenda – uma vida praticamente imortal – em todo o palácio o trabalho era febril. Pessoas com rostos de bronze arrumavam apressadamente em sacos estranhos de material fosforescente e elástico, objetos arcaicos preciosos, usados no último banquete fraterno dos magos. Toda essa bagagem foi colocada em grandes naves espaciais sem janelas, destinadas para o transporte dos arquivos terrenos, bagagem, passageiros e que tinham apenas uma cabina na proa para os mecânicos e seus ajudantes. Quando o último volume foi embarcado, os trabalhadores prostraram-se, beijaram o solo e entoaram uma triste e lastimosa canção; seus corpos fortes tremiam em convulsões de tristeza no minuto do adeus final. Com tez carregada e olhos abaixados, eles subiram nas naves de transporte, as entradas se fecharam hermeticamente, e todas as naves se alinharam aguardando as naves dos magos.

Algumas horas depois, num grande prado do parque reuniram-se todos os sábios em trajes solenes: os hierofantes das pirâmides, os cavaleiros do Graal, os magos do Himalaia – ou seja, todos os filhos da luz eterna e da Sabedoria. Com pensamentos concentrados, todos caíram de joelhos e entoaram um magnífico hino que estremeceu a

A MORTE DO PLANETA

J. W. ROCHESTER

atmosfera. No mesmo instante ouviu-se um som estranho, como o repique de um sino poderoso e harmônico, que fez tremer cada fibra do organismo. Subitamente, a densa escuridão se agitou e se abriu em duas, deixando antever uma abertura aos raios do sol. Mais uma vez o majestoso e triunfante astro-rei apareceu em todo o seu esplendor, cobrindo de luz os rostos inspirados da multidão genuflexa e seus raios fulgiram nas túnicas alvas, véus de diamantes, panóplias de prata. Ouviu-se um grito de admiração, e o Hierofante Supremo exclamou levantando as mãos:

- Astro divino, portador do calor e da vida, misericordioso Rá, você veio para despedir-se de seus leias servos!

Felizes e enlevados, olhavam todos para aquele amigo tanto de ricos como de pobres, que vertia inesgotavelmente os seus benéficos raios sobre a Terra condenada à morte, como se de fato fosse despedir-se de seus filhos e com raios luminosos, pela última vez em sinal de adeus, iluminando o areópago dos sábios. Em seguida o sol empalideceu, a escuridão ficou ainda mais acentuada e o grande gerador de vida sumiu para sempre da Terra... Um profundo silêncio durou cerca de um minuto. Por fim, todos se levantaram e se dirigiram para as naves. À frente da procissão iam os magos de hierarquia superior carregando cruzes e cálices. Na nave de Ebramar ficaram os seus amigos, discípulos e todos aqueles que lhe eram íntimos. A entrada foi hermeticamente fechada, os aparelhos foram ligados, fornecendo um ar habitual puro de aroma vivificante. Numa sala alongada no centro da nave havia um reservatório com um líquido prateado e, de lá, emanava uma névoa azulada, espalhando-se por toda aquela nave estranha, produzindo uma impressão de ser um vento refrescante. Todos se dispersaram pelas cabines preestabelecidas, mas aceitando o convite de Ebramar, Supramati com Olga e dois filhos, Dakhir com a família e Narayana se reuniram em sua cabine, mais espaçosa. Na parede externa havia um orifício bastante grande, fechado por um grosso vidro convexo de composição especial que permitia enxergar a longas distâncias. Junto a uma espécie de telescópio, Ebramar com os amigos fixaram o olhar no já longínquo planeta, outrora berço deles. Ali continuava a desprender uma fumaça negra que aos poucos ia tomando a forma de uma larga película que se desenrolava e se afastava no espaço.

- Aproxima-se o minuto final. Vejam como se desenrolam os clichês astrais indo parar nos arquivos do Universo – disse em voz baixa Ebramar, apertando a mão de Nara, que chorando copiosamente lhe colocara a cabeça sobre o ombro.

A MORTE DO PLANETA
J. W. ROCHESTER

Os olhos de todos estavam úmidos e os corações apertados, enquanto os olhares permaneciam fixos no pequeno mundículo moribundo, agora envolto por uma aura sanguínea, feito clarão, que paulatinamente ia empalidecendo devido ao afastamento. As naves prosseguiram seu vôo à velocidade vertiginosa, feito um bando de estrelas cadentes, a misteriosa frota prateada cortava a atmosfera, desaparecendo no infinito, levando o passado de um mundo e o futuro de outro...

O final da série está no romance “Os Legisladores”.